

AULAS DO ANO DE 1992

Aulas de janeiro e fevereiro de 1992.

INDICE DO BLOCO DE AULAS DOS MESES: JANEIRO E FEVEREIRO/92

Aula: 76 - 11/01/92

Assunto: " O problema da retificação da data, local e o horário de nascimento ".

Exemplo: Mario Ferreira dos Santos

Aula: 77 - 11/01/92

Assunto:

1-) " Algumas recomendações sobre os estudos biográficos "

Exemplo: Napoleão Bonaparte

2-) " Como conduzir os estudos em se tratando de escritores"

Exemplos:

Graciliano Ramos

Balzac

Alessandro Manzoni " Os noivos "

Euclides da Cunha

Flaubert

Joseph Conrad

3-) " A importância da literatura na astrocaraterologia "

Aula: 78 - 12/01/92

1) Os processos: Seleção (Sol) e generalização (Saturno)

Exemplo: Fernando Pessoa.

2) Considerações sobre a Programação Neurolinguística.

Aula: 79 - 08/02/92

1) Análise astrocaraterológica a partir do mapa e posterior cruzamento com a biografia.

Aula 80 - 09/02/92

1) Dicas para o estudo biográfico.

2) Considerações a respeito da vida pessoal atual dos indivíduos e possíveis neuroses.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 76 - 10/01/92

" O problema da retificação da data, local e o horário do nascimento "

Vocês estudando a biografia e captando os traços de cárater do sujeito, é o processo normal de chegarem ao horóscopo dele. Aliás, este é o único meio correto, e bem confiável, de acerto de hora. Os outros métodos são todos puramente conjecturais. Para que os outros métodos de acerto de hora estivessem certos, eles pressuporiam ter uma técnica desse nosso tipo (astrocaracterologia).

Como é que você poderia, pelos acontecimentos da vida reconstituir o mapa, se você já não tem uma referência de qual é a estrutura constante a que ele se refere?

Se você não sabe em qual casa está o planeta, você não pode acertar a hora de jeito nenhum. Então, localizar os planetas nas casas seria o passo preliminar, e isto só pode ser feito por essas constantes (estrutura e traços de cárater).

Aluno: -- Este processo da astrologia, de acertar a hora pelos acontecimentos. ele só tem referência num mapa...

Olavo: --Claro! Já dizia Ptolomeu: "Os trânsitos só tem sentido em relação ao mapa natal"

Por isso mesmo não tem jeito de você fazer uma acerto de hora direto dos trânsitos. Precisa primeiro ter uma hipótese sobre a posição dos planetas nas casas e daí, você confirma pelos acontecimentos.

Os astrólogos, no geral, vão pelo chute, eles acham esta hipótese sem confirma-la.

Vocês já podem ter esta hipótese, mais ou menos, fundamentada. Mesmo assim, uma vez que vocês tenham essa hipótese, a segunda parte do acerto de hora, que são os trânsitos, não é muito correta. Qualquer trânsito pode produzir milhares de acontecimentos diferentes, mas a seleção destes acontecimentos só pode ser explicada (ou referida) pelo próprio mapa natal. De qualquer modo o problema vai ser sempre o mesmo: "cárater e o mapa natal"

Os acontecimentos estão diretamente referidos ao indivíduo, a não ser através do seu horóscopo de nascimento, é a tradição astrológica que diz isto.

O problema não é você achar o horário pelos trânsitos, mas você, pelas constantes, achar o cárater, e do cárater você acha o horóscopo.

Exemplo: Recentemente tentamos achar o horário de nascimento do Mario Ferreira dos Santos. Fizemos uma lista de acontecimentos e de cálculos no computador. Chegamos à várias hipóteses diferentes, todas elas, igualmente justificadas. Pela astrocaracterologia só existia uma hipótese. Não importa o que tenha acontecido, não importa os trânsitos, eu finquei o pé nesse negócio. Passado algum tempo, nós descobrimos um horóscopo dele, calculado em vida, pela D.Emma de Mascheville. A posição dos planetas nas casas era aquela que eu tinha chegado pela astrocaracterologia.

Quando o astrólogo faz acerto pelo trânsito ele está pulando uma etapa. Ele está pressupondo conhecer o horóscopo de nascimento. Não é possível acertar o horóscopo pelos acontecimentos.

Aluno: --Isto teria que ser uma coisa dupla: Se você pode conhecer o horóscopo pelos acontecimentos, então, pelo horóscopo você pode prever os acontecimentos....

Olavo: --Claro! Do mesmo jeito que é incerto o acerto de hora pelos acontecimentos, é incerto os acontecimentos pelo mapa natal. A não ser que você conheça muito bem o cárater e as condições da situação. Juntando o cárater e a situação: Se o cárater é o que é, então, o comportamento pode ser previsível. Então, se o comportamento pode ser previsível até certo ponto, a reação do indivíduo, sobre os acontecimentos (trânsitos), pode ser previsível.

O acontecimento em si não pode provar nada. Pois, todo o acontecimento envolve várias pessoas cuja participação, no acontecimento, são de importância desigual. Todas essas pessoas tem horóscopo.

Exemplo: O meu falecido sogro estava esperando ser nomeado à um alto cargo público. Exatamente no dia em que o nome dele estava na agenda do Presidente da República para assinar, a lista dos nomes da nomeação, foi o dia em que o Presidente Getúlio Vargas se suicidou.

Eu pergunto: Esse acontecimento deve constar no horóscopo do meu sogro ou no de Getúlio Vargas? Nos dois? Ou deve constar no horóscopo de todos os outros que estavam esperando ser nomeados no mesmo dia?

É óbvio. Não é possível que toda essa gente tivesse o mesmo aspecto nos seus mapas num mesmo momento.

Agora, se nós perguntássemos assim: Como é que esse indivíduo reagiu a isto? Ele deu risada? Meteu uma bala na cabeça? Isto aí é que tem que haver com o caráter dele (com o seu horóscopo de nascimento). A ação do indivíduo, a ação que ele faz sobre um outro, ela não determina a reação deste outro indivíduo.

Exemplo: Um sujeito bate em outro. O quê que o outro vai fazer? Vai bater nele também? Vai xingar? Vai chorar? Vai sair correndo? Vai pedir ajuda?

Existe um leque de possibilidades de reação. Então, o sujeito da ação só pode fazer a sua parte, ele não pode fazer a parte do outro. Basta isto, para que você veja que esse negócio de trânsitos, progressões e etc..., isto é muito relativo. É um método conjectural que é uma espécie de jôgo entre o cérebro humano e o acaso, onde as vezes você acerta ou você perde.

É um exercício conjectural, de imaginação, que não leva a nada. Mas dizer que isto aí pode ter base científica, faz-me rir. Não pode mesmo!

Este acerto só pode acontecer se o sujeito, por uma questão de vaidade, com poucos indícios chutar a coisa certa.

Por quê que uns conseguem fazer isto e outros não? Isto depende da prática, da sensibilidade...., mas é evidente que esse procedimento não é científico. Pois cientificamente ao invés de você acertar com poucos indícios, você, deveria acertar com o máximo de indícios. O astrólogo procura acertar sabendo o mínimo.

Esse negócio de trânsitos foi uma coisa criada a fim de impressionar a opinião pública.

Exemplo: Uma vez uma senhora foi consultar um astrólogo por causa de seu filho, que estava desempregado e com problemas. O astrólogo pegou o mapa, olhou e disse: --Esse cara não pode estar desempregado, pois ele morreu com 4 anos de idade.

De fato a mãe, na hora de pegar o horóscopo, pegou o horóscopo errado. Ela pegou o horóscopo de um outro filho, dela, que tinha morrido com 4 anos de idade.

Então, o astrólogo que faz isto, ele simplesmente se envalidece. Mas qual é a margem em que ele se baseia? É uma margem pequena. É uma espécie de golpe de sorte. O máximo que ele poderia dizer, é que esse sujeito tem uma grande probabilidade de ter morrido aos 4 anos de idade.

Onde você não tem controle da margem de acerto, você não tem ciência alguma.

Esse controle, de margem de acerto, é exatamente o quê vocês estão fazendo.

Exemplo: Vamos supor que você não soubesse nem o ano em que o sujeito nasceu. Mas você, pela análise astrocaráterológica, você chegasse a conclusão de que o sujeito tem um caráter X ou Y, e portanto os planetas têm que estar em tais ou quais casas. Você folheando uma efemeríde ou consultando um computador, você vê, pelos cálculos, em que dia eles podem ter formado essa configuração. Ex: Saturno na X e Júpiter na I, para que isso fosse possível, seria necessário haver uma quadratura Saturno/Júpiter. Isso aí

não se forma todo dia. Então, você tendo apenas a localização, teórica, dos planetas nas casas, você acabaria achando o dia pois a hora você já achou pela astrocarakterologia. Este é o único método fundamentado. Todos os astrólogos quando raciocinam sobre o acerto da hora, eles estão pressupondo que eles já conhecem o cárater daquela pessoa. Exemplo: " Mario Ferreira dos Santos"

No caso do Mário Ferreira, o traço mais proeminente no qual me base-ei para fazer o acerto de hora:

Se você ler os escritos dele, verá:

1-) É um sujeito que nunca duvida sobre o que está falando. Ele fala as coisas com uma certeza absoluta. Isto é um traço de Sol na casa IX. Então, você já sabendo a data em que ele nasceu, e localizando o Sol na casa IX, automaticamente, você já saberá a posição dos outros planetas.

Outro traço notável:

2-) A nitidez, o rigor com que ele tomava posição nas coisa: Inteiramente a favor ou inteiramente contra.

Isto é um traço de Marte na casa VII.

3-) As realizações e a curva da vida dele foi totalmente imprevista. Foi um sujeito que nunca planejou a própria vida. Tudo na vida do Mário Ferreira foi decidido pelo acaso.

Isto é um traço característico de Saturno na casa XI.

Aluno: -- E no caso de o sujeito ter nascido de uma cesariana , como é que ficaria o mapa dele?

Olavo: -- Essa questão não faz parte da Astrocarakterologia, mas sim da teoria astrológica pura. Este caso terá que ser investigado depois de concluída nossa parte. Isso é um casuísmo, e nenhuma ciência pode ser feita a partir de casuismos. Se vocês estudarem o texto que dei no mês passado: "Investigações Lógicas" do Edmund Hursserl, verão que, com base nesse texto, essa questão (cesariana) jamais deveria ter sido levantada.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 77 - 11/01/92

" Algumas recomendações sobre os estudos biográficos "

No caso dos estudos biográficos você só vai trabalhar com material já preparado pelos pesquisadores diretos. Esse é o tempo que vai ser poupadão.

Exemplo: Para você fazer uma biografia, vamos supor, do Fernando Pessoa levaria uns vinte anos. Mas para você conhecer toda a bibliografia, do Fernando Pessoa, levaria uns três ou quatro anos. Em 3 ou 4 anos dá para você se familiarizar com o sujeito como se ele fosse seu parente, e daí você completa o estudo monográfico sobre aquele caso. Mas você precisa ter muito interesse senão não vai dar.

Imagine o quanto esse estudo, de um outro ser humano, vai repercutir sobre você. A sua inteligência e o seu auto-conhecimento vão ser potencializados, nesse ínterim, você vai crescer também.

Se um estudo é feito apenas no sentido de satisfazer a exigência formal do professor é uma coisa, mas se o estudo é feito com o objetivo de, realmente, fazer você crescer é outra coisa.

Na verdade todo e qualquer estudo deveria ser assim, mas não é, ele acaba virando um simulacro, uma brincadeira... Então, se o sujeito está acostumado com essa brincadeira não venha, tentar, me enquadrar nessa norma: --Ah! Será que seu ler só duas biografias dá para quebrar o galho?

Eu poderia me comportar como, se fosse, um professor de colégio ou de universidade e dizer: --Dá, se você atender o requisito mínimo tá bom.

Esse requisito mínimo só se torna possível na medida em que você está tentando atender a exigência de um outro, e onde você não tem suas exigências pessoais.

Exemplo: Se para eu passar num exame eu preciso ler só dois livros e passo. Eu estou plenamente satisfeito com aquela exigência porque eu não formulei mais nenhuma. Se eu nada exijo de mim no conhecimento daquilo, então, certamente eu não sou um conhecedor do assunto. Para ser um conhecedor é preciso em primeiro lugar ter interesse.

Se é para só passar num exame leia apenas dois livros, mas se é para você, realmente, conhecer o assunto leia vinte ou trezentos livros.

Aquela área de estudo tem que ser tornar uma paixão, uma verdadeira obsessão.... No caso, esse seu biografado deve se tornar uma paixão sua, um enigma. Aquela é a primeira pessoa a qual você, realmente, deu atenção. Pare para pensar nisto:

Você não quer ser compreendido? Ou você quer que as pessoas vejam projetivamente só o que elas inventam sobre você?

Todo mundo quer ser compreendido. Então, pelo menos uma vez na vida você tem que compreender um indivíduo para, depois, querer ser compreendido. Você tem que entender que a vida humana é uma troca de incompreensões. Quando há acerto é um milagre da harmonia pré-estabelecida, porque se dependesse da comunicação humana, seria um desastre.

O seu biografado deve se transformar num problema para você. Você deverá buscar a coerência, a unidade da personalidade dele, como você busca a unidade da sua própria personalidade.

Exemplo: Quantos anos levou o Dr . Lipot Szondi pensando no Cain? E na diferença de Cain e Abel, porque que um é mau e o outro é bom? O quê é esse mal?

Isto vira uma verdadeira obsessão, ele passa a vida interia pensando nesse esquema: Cain e Moises.

Essa dedicação de se dar à um problema, é isso aí que vai fazer você um conhecedor do assunto.

Com esse trabalho é que você começa a desenvolver uma opinião que é sua, você a fez. A verdadeira liberdade de opinião é a de você criar sua própria opinião. Você responder por ela em todas as suas etapas e, você saber de onde você tirou a sua opinião.

No caso da psicologia destes personagens: Fernando Pessoa, Arthur Koestler, D. Pedro e etc... Neste aspecto psicológico, vocês devem ser aqueles que mais conheçam isto. A psicologia do seu personagem você deve conhecer melhor do que ninguém. Você deve ser um verdadeiro especialista.

No caso da quantidade de leituras biográficas que vocês deverão fazer: o problema que está na sua mão é que decide o quanto de informação que você precisa para resolve-lo.

Exemplo: " Napoleão Bonaparte "

No caso de Napoleão Bonaparte. Se eu estudo a vida de Napoleão, acabo vendo que Napoleão tinha uma séria dúvida sobre a consistência real do mundo exterior. O mundo exterior para ele parecia elástico e, ele não sabia onde começava e aonde terminava. Então, ele ia entrando e mexendo, no real, para ver até quando o real admitia a sua interferência. Ele provocava o mundo para ver o que o mundo respondia, e foi assim que ele virou Imperador. Ele tinha uma curiosidade de sua ação no real sobre este aspecto. Eu me pergunto:

Essa curiosidade surge:

- a) De uma disposição hereditária. (camada 2)
- b) De uma influência recebida (alguém colocou esta questão na mente dele). (camada 3)
- c) Ou é uma curiosidade que existia no meio ambiente, proveniente de algum evento na vida dele. (camada 4) Essa pergunta é characteristicamente astrocharacterológica. Desde o momento em que eu a formulei, cabe a mim procurar a resposta.

O problema não é sobre o volume de livros que eu vou ter que ler, mas se eu vou encontrar as repostas que me interessa (só você é que pode saber o quanto de livros que tem que ler). Eu posso ler sobre Napoleão vinte anos, e essa pergunta continuar sem resposta.

Nesse caso de Napoleão procurando na sua vida:

a) Você não vê nenhuma influência filosófica que possa ter colocado essa pergunta à ele. As influências filosóficas predominantes, que chegaram até ele, eram de tipo racionalista (o mundo da mecânica Newtoniana perfeitamente definido). Napoleão nunca recebeu influências de uma filosofia idealista, que pudesse despertar nele essa dúvida da existência do mundo exterior.

b) No caso da sua hereditariedade e dos seus antepassados, encontramos um sólido realismo terra-a-terra. A mãe dele era uma pessoa bem pé-no-chão.

Embora, Napoleão, visse o mundo como uma coisa plástica, ele não era um sujeito hesitante. Sua dúvida, sobre a consistência do mundo, não era devolvida à ele sob uma forma de hesitação: " se o mundo é todo nebuloso e plástico não dá para decidir o quê fazer" (Napoleão sempre sabia o quê queria, o que ele não sabia é como o mundo ia responder).

Com todos esse dados, eu chego a conclusão de que isso não é:

- a) Hereditário. (camada 2)
- b) Cultural. (camada 3)
- c) Não parece ter sido determinado por nenhum evento que possa ter marcado, isso aí, para ele. (camada 4)

Então, isso aqui deve ser um traço astrocharacterológico, e vejo que ele tinha Saturno na casa IX (o sujeito pensa muito e permanece sempre inconclusivo). Tudo leva a crer que

isso é um traço astrocharacterológico mesmo. Particularmente se você comparar: Saturno na casa IX com Júpiter na casa I.

Isso vai dar um traço de auto-confiança (o indivíduo não se questiona a si mesmo), mas ele questiona o mundo. Esse indivíduo não tem convicções firmes (ele está sempre mais ou menos em dúvida). As convicções não são firmes, mas ele é firme.

Qual é a resultante de comportamento que isso pode dar?

Ele age decisivamente sem saber no quê vai dar. Ele é decidido na ação, mas é nebuloso quanto as consequências. Isso aí é a definição, mesma, do comportamento de Napoleão Bonaparte.

Quantos anos eu não precisei pensar sobre essa figura? Como ela deve ter me parecido enigmática, carente de explicação e cheia de mistério. Nesse sentido você precisa amar o seu personagem. Ama-lo, como você ama uma questão: (esse problema é meu e, eu é que tenho que resolver).

"Como conduzir os estudos em se tratando de escritores"

Exemplo: "Graciliano Ramos"

No caso de Graciliano Ramos, você não vai entender se não sacar um pouco: O quê que era o restante do Movimento Literário Nordestino na época, para ver o quê Graciliano tinha de singular.

Você tem que ler Jorge Amado, José Lins do Rego e, evidentemente, a obra inteira do Graciliano Ramos. Daí você vê o que são as constantes da intelectualidade brasileira naquele momento e lugar, para depois você pegar uma diferença específica.

Joel: --O fato de ele ter muito interesse em Eça de Queiroz pode te-lo influenciado?

Olavo: -- De fato no começo de sua carreira ele gostava muito de Eça de Queiroz, mas vemos que depois, no fim da vida, ele assumiu uma posição crítica contra ele. Se você ler o primeiro romance de Graciliano: "Caetés" verá que ele é totalmente calcado em Eça de Queiroz e, portanto não é considerado uma obra característica dele.

De "Caetés" para "São Bernardo" houve a introdução de um elemento, houve uma mudança radical de orientação.

Em que consistiu essa mudança, e ela foi determinada pelo quê?

Você fica meses estudando isso aí e vê que isso não é caracterológico, foi uma influência externa:

Graciliano leu e meditou sobre as críticas que Machado de Assis fez aos romances de Eça de Queiroz, particularmente ao, "Primo Basílio". Ele chegou a conclusão que Machado de Assis tinha razão, e que o negócio era outro. Ele chegou a conclusão de que você não podia fazer um romance inteiro só com personagens medíocres. Nos personagens medíocres não existe tensão entre o que há de profundo no indivíduo e, o quê há de superficial na coletividade. Então, ao invés de aumentar a visão horizontal da sociedade, ele precisava aprofundar um personagem, em particular, e torná-lo mais complexo e contraditório. É o quê ele faz em "São Bernardo".

Depois que você resolveu este problema você vê, que astrocharacterologicamente isso não serviu para nada. Isso não é resultante de um traço de caráter, mas sim de um aprendizado do sujeito.

Joel: -- Eu percebi nos romances uma constante de descrever uma paisagem concreta material... Olavo: --Isso aí se deve a falta de prática sua. É falta de uma referência literária mais extensa. Todas as descrições dele são sumárias: duas ou três linhas e, às vezes uma palavra. Então, você diz que são descrições extensas quando, na verdade, são intensas. Se você examinar vai ver que o número de traços físicos, que ele coloca, é quase nada. O elemento descritivo está ausente. Mas você percebe que está ausente, quando você compara com outros escritores nos quais, isto, está presente.

Exemplo: Se você ler Balzac. Balzac leva umas quinze páginas para descrever a cidade, as pedras, a casa, a escada, a porta, o corrimão.... Então, este aqui é um escritor pictórico, visual.

Você lendo Graciliano Ramos pode achar que ele descreveu muitas paisagens, mas foi você que completou o elemento visual, então, é você que é visual.

Um outro escritor não visual é Machado de Assis, a descrição dele não tem importância. Mas para um leitor de hoje como, ele lendo Machado de Assis, tem toda uma visão do Rio de Janeiro como era naquela época, então, ele tem uma imagem falsa do escritor dizendo que ele é descritivo. Mas isso é porque ele nunca viu um escritor descritivo.

Exemplo: O romance "Os Noivos" de Alessandro Manzoni começa assim:

Capítulo I

" O ramo do lago de Como, que se estende para o sul, entre duas cordilheiras, recortado em enseadas e golfos, segundo a linha sinuosa das montanhas, assume de súbito aspecto de rio, entre um promontório à direita e uma larga ribanceira à esquerda.

Dir-se-ia que a ponte, entre as duas margens, está ali para tornar mais visível essa mudança, para assinalar o ponto terminal do lago e a nascente do rio Adda. Logo depois, divergindo novamente, as praias permitem que as águas se espreguicem, espraiando-se noutra série de golfos e de enseadas. A ribanceira , formada pelo sedimento de três rios, desce apoiada em dois montes contíguos: o monte de São Marinho e o "Resegone", denominação dialetal, originada pelos múltiplos cocurutos, enfileirados à maneira de dentes de serra, que o distinguem dos outros picos da extensa cadeia....."

Este aí é um exemplo de escritor descritivo e, toda esta paisagem, na sua presença física extensiva, é extremamente importante.

Exemplo: Um outro escritor visual: Euclides da Cunha. Como é que o sujeito leva umas cem páginas para descrever a paisagem. Não tem um elemento humano, nenhuma ação humana, mas só o quê ele viu. Ele ficou observando: a terra, a floresta, a caatinga etc.... Esse sujeito é visual mesmo. Para Euclides da Cunha o mundo físico tinha uma existência intensa, rica e dentro, do mundo físico, você tem a ação humana.

Para Graciliano Ramos o mundo exterior não existe, só existe o mundo da alma humana e das relações humanas, particularmente, as relações de classe com todas as suas tensões. Esse é o mundo dele. Ele não se interessa por esse mundo físico, mas no entanto ele é muito sensível à significação que a paisagem pode ter dentro do seu organismo (alterações corporais), o quê se passa no organismo dele e no organismo do outro: Se o sujeito está com prisão de ventre, está suando, com febre, está bem alimentado ou mal alimentado....

O mundo físico dele é um mundo de sensações internas, um mundo de sensações fisiológicas. Esse mundo de sensações fisiológicas está presente em sua obra, mas você precisa fazer comparações com outros escritores.

Exemplo: Flaubert é um escritor que retrata o mundo fisiológico e o mundo externo. Ele tem os dois: cinestético e visual.

Joseph Conrad é um escritor cujo elemento físico é interno, está completamente ausente na sua obra. Seus personagens não tem físico (fisiologia), eles só têm a alma moral e o drama moral (ético). Esse problema ético poderia se passar em qualquer tipo físico: Gordo, magro, doente, saudável etc...

Temos que fazer uma espécie de resençamento na obra do escritor estudado: A quantidade de imagens plásticas, fisiológicas etc..., o mundo que o sujeito retrata (aquilo que ele intuiu ou imaginou).

" A importância da literatura na Astrocarácterologia "

Se supõe que um indivíduo com trinta anos tenha lido os principais escritores brasileiros: José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Machado de Assis, José Geraldo Vieira e tantos outros.

É muito comum nos Estados Unidos ou na Inglaterra, quando um sujeito cita um personagem de Shakespeare dizendo: fulano é um Otelo... etc. Todo mundo sabe do que se trata, aquilo já está arraigado na alma. Mas e no Brasil? Quantos personagens a gente pode usar, num diálogo, como moeda corrente, seguro de ser compreendido?

Talvez personagens de novela, mas só quando a novela está em cartaz porque depois o pessoal esquece.

Só o fato de você nem dispor de uma galeria de personagens típicos, se nós vamos conversar de caracterologia, é muito mais fácil falar disto num outro país, pois aqui, você não tem os tipos à disposição.

Exemplo: Assim como tem o ciumento clássico "Otelo", nós temos o tipo do nosso ciumento "Dom Casmurro".

Em "Otelo" nós temos o ciúme que odeia, que faz você se voltar contra o outro (Otelo mata Desdemona).

Em "Dom Casmurro" nós temos o ciúme que se volta contra si, um ciúme insidioso, que vai entrando devargazinho, em forma de uma dúvida atróz (Bentinho até o final não tem certeza da traição de Capitu). Aqui dá para se perceber um elemento cognitivo muito importante.

Vocês precisam criar essa galeria de tipos através destas leituras, é preciso que isso se torne parte de sua alma. Em caracterologia os tipos literários tem que ser moeda corrente. Sem esta tipologia ficcional, não adianta querer fazer uma tipologia racional.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 78 - 12/01/92

Os processos:

" Seleção" (sol) e "Generalização" (saturno)

A posição planetária define a forma do traço, e não o conteúdo.

Exemplo: Fernando Pessoa

Um interesse pelo mistério, pelo quê está latente é um traço de casa VIII. Interesse por assuntos ou causas misteriosas qualquer pessoa pode ter, enquanto isto é um conteúdo de consciência, mas se isso for a forma, da mente do sujeito, ele vai ver tudo sob este aspecto e, essa é que é a diferença. Então, um sujeito que tenha o sol na casa III, ou na casa IV, ou seja lá aonde for, poderá se interessar por este assunto.

Vocês tem que aprender a distinguir a forma da intuição do seu conteúdo.

As pessoas diferem, no seu esquema cognitivo, por duas coisas:

a) Pela generalização que elas operam.

b) Pela seleção de objetos.

As coisas que nós generalizamos e transformamos em regras gerais, são diferentes em cada caso.

As experiências que para mim são irrelevantes, para você se transformam em regra geral.

Exemplo: O sujeito acha que ele é feio e, que por isso, não atrai as mulheres. Bastou uma mulher olhar feio para ele, e ele generalizou (virou uma regra).

Um outro sujeito que se acha bonito, mas que talvez não seja. Se a mulher o recusa, ele acha que ela é uma idiota, e que perdeu uma grande oportunidade. Aquilo passa, e ele esquece. Esse é o processo da generalização.

Outro processo é o de "Seleção": Uma pessoa repara numa coisa, e a outra não repara. O dado nem chegou a entrar na consciência, então, não pode ser generalizado.

Esses dois processos que segundo toda a psicologia cognitiva, hoje, definem as diferenças individuais de percepção, eles correspondem exatamente a "Saturno" e o "Sol".

Aonde você tem "saturno" (você generaliza) e, onde você tem o "Sol" (você tem o princípio da sua seleção, ou seja, vai olhar tudo por ali).

Exemplo: No caso do indivíduo com o Sol na casa II, ele procure olhar, sempre, as coisas no sentido de obter uma descrição objetiva do dado, para ele só existe o objeto. Tudo se passa, para ele, como só existisse a natureza (tudo é mundo). O quê não quer dizer, que num momento qualquer, ele não possa olhar, subjetivamente, as coisas, exclusivamente pelo reflexo que teve dentro dele (como faria um sujeito com o sol na casa IV). Mas ele só fará isto, movido por algum motivo específico do momento. tão logo passe isto, ele voltará ao seu modo habitual de olhar as coisas.

O processo de você conhecer o esquema cognitivo do outro, é você procurar ver:

Como o indivíduo normalmente (habitualmente) seleciona e generaliza.

Na maior parte dos casos, o próprio indivíduo não está, absolutamente, consciente dos seus princípios de seleção e generalização. Para ele só existe: o quê ele captou e o quê ele generalizou. Para ele, aquilo não é um esquema dele, mas sim o mundo mesmo. Aquilo é um esquema somente para você. Por isso, na astrocaraterologia, é essencial você estudar o mapa do outro e, nunca o seu.

Você pode perceber o esquema cognitivo e, portanto as limitações cognitivas de um outro. O seu esquema cognitivo, só depois de muita prática, é que você percebe que, também, tem um. Mas isso só será percebido em comparação com outro esquema cognitivo.

No indivíduo, procure ver quais são os princípios:

- 1) Seleção. Por onde ele olha, predominantemente, quando nós o deixamos à vontade. (quando ele não é premido por uma situação externa)
- 2) Generalização. Quais tipos de experiência se tornam padrões, de interpretação, da realidade como um todo.

Você tem que olhar o indivíduo desde muito de cima, como se você o abarcasse. É claro que isso só com um treinamento. Num dado momento eu capto o seu esquema cognitivo. Isso deveria se tornar uma prática sua. Cada pessoa que você cruzar, você deve tentar apreender o esquema cognitivo, dela, através dessas duas perguntas:

- 1) O quê você seleciona? (seleção)
- 2) O quê você generaliza? (generalização).

Não podemos nos esquecer que: qualquer esquema cognitivo é adaptável ao real.

Existe também um terceiro fator: "a distorção", que resulta dos outros fatores anteriores (seleção, generalização).

"Distorção"

Se um indivíduo está dentro de uma situação a qual, objetivamente, está definida por tais ou quais fatores e, no entanto ele seleciona e generaliza outros, ele está distorcendo a situação.

Na aula isto acontece frequentemente:

Se o professor fala, sob o ponto de vista, da formação de uma ciência, e o indivíduo, que está assistindo a aula, está interessado, sob o ponto de vista, num auto-conhecimento, ele vai dar uma ênfase pessoal naquilo que não tem. Isto é um exemplo de distorção. Você interpreta a situação segundo padrões que não são, os que definem e causam essa situação, mas que refletem um interesse constante seu. Quando você faz isso, sem perceber que está fazendo, é um desastre, é uma incomunicação total.

Nós não podemos levar em conta o fator da distorção; a distorção é sómente um efeito. O pessoal da "programação neurolinguística", acredita que a distorção, ela é em si mesma, um processo cognitivo. Eu acho isso inteiramente absurdo. A distorção é um defeito. Se eu tivesse um orgão cognitivo que só desse defeito, eu estaria liquidado.

A distorção é um defeito da "seleção" e da "generalização", quando não coincidem com a hierarquia e com o significado da situação.

Exemplo: Saiu um artigo no jornal sobre a credibilidade dos médicos:

O povo de São Paulo, maciçamente, pensa que numa consulta médica, o médico só está pensando em dinheiro.

A consulta é um serviço profissional e remunerado, então, ela tem os dois lados: O serviço profissional e a remuneração.

Exemplo: Vamos supor que eu sou um médico. Você chega no meu consultório com bicho-de-pé. Quer você pague quer você não pague, o diagnóstico é o mesmo e, teoricamente o tratamento deveria ser o mesmo. O fator econômico não pode alterar o fator patológico e terapêutico, pois são áreas diferentes.

Uma consulta médica está definida: 1) Pelo fato de ser uma consulta médica. 2) Pelo fato de ser remunerada.

Um médico particular ou do governo, teoricamente, os dois tem que dar o mesmo diagnóstico, e portanto o mesmo tratamento. Eles não podem variar, pois isso não depende das leis da economia. Isso depende das leis da Patologia e Terapêutica.

O quê acontece se o fundamento, na consulta, passa a ser o remunerado e não a consulta (diagnóstico)?

A hierarquia de atenção mudou completamente. Se o médico está trabalhando, fundamentalmente, pelos resultados financeiros, e presta mais atenção neles do que no serviço, propriamente dito, ele inverteu a hierarquia.

O quê acontece se, no entanto, o sujeito vai num médico e, o médico ,embora querendo remuneração, como todo mundo, está de fato prestando atenção no serviço, mas o cliente acredita que ele não está? Isto aí estabelece um princípio de seleção das ações dele.

Se eu acho que o médico não está prestando atenção nenhuma, então, para quê que eu vou descrever, exatamente, os sintomas? Se é para ser enganado, ele vai ser enganado de um jeito ou de outro....

A própria exposição dos sintomas já não seria confiável neste caso. (se você não confia no médico, então, mais provavelmente você esconde os sintomas do que os diz).

Do lado subjetivo existe a seleção e, do lado objetivo existe a hierarquia das causas e intensões. Quando o princípio de seleção corresponde com a hierarquia da situação, então, o sujeito está vendo objetivamente.

Exemplo: Em toda a relação humana você observa que:

A hierarquia de causas e intenções de uma das pessoas envolvidas, não corresponde com a hierarquia e seleção de outra. Daí resulta a atribuição falsa de motivos.

Em todos esses casos a distorção só surge de um resultado de uma relação cognitiva (sujeito e objeto).

A relação objetiva, real, é aquela aonde as hierarquias coincidem quer dizer: eu presto ,fundamentalmente, atenção naquilo que você está, fundamentalmente, querendo comunicar.

Você precisa criar o hábito de observar as pessoas, sobretudo, nas ocasiões de distorção, é que o princípio seletivo do sujeito se torna mais evidente para o observador.

Exemplo: Se você presta atenção, fundamentalmente, no aspecto sentimental das situações. Acontece que, na situação, o quê está em jôgo é, efetivamente, o lado sentimental.

Como é que você vai saber se o indivíduo conseguiu a percepção adequada, por isso ser um traço caracterológico dele, ou, simplesmente, porque a situação assim o exigiu. Então, quando o cara acerta, nós não sabemos porque ele acertou.

É no êrro sistemático (repetido), que você vai ver uma certa tendência a distorção. Quando você vê qual é a distorção, você capta, claramente, a seleção e a generalização.

O quê resta é você perceber se este princípio, de seleção e generalização , que o levou a distorcer, é:

- a) Hereditário. (camada 2)
- b) Cultural. (camada 3)
- c) Biográfico. (camada 4)

Se você vê que não é nenhum dos três fatores, então, é caracterológico. E sendo caracterológico, pode ser, facilmente, remetido à uma posição planetária em particular.

Os astrólogos erram porque eles querem explicar, astrologicamente, os princípios de seleção e generalização, que são, puramente, aprendidos ou hereditários.

O território que a astrocarterologia vai pegar, é um território que está muito escondido. Escondido para o próprio indivíduo, mas cuja existência nós podemos demonstrar, por seus efeitos no comportamento.

Exemplo: Vamos pegar um sujeito que tem Saturno na casa 4 ou Saturno na casa 7.

1) Se ele tiver Saturno na casa 4. Ele sempre faz, independentemente do que aconteça, generalizações sobre situação de proteção ou desproteção dele mesmo. Portanto, se ele generalizou assim, ele julgará as futuras situações segundo esse padrão.

2) Se ele tiver Saturno na casa 7. Ele sempre, inevitavelmente, vai generalizar para saber, se ele estava certo e o outro errado ou, se o outro estava certo e ele errado. Se ele generalizou assim, ele verá assim as situações seguintes.

Em todas as situações onde não haja: nem o problema de proteção e desproteção em jôgo e, nem o problema do certo e errado em jôgo. Situações que não se definam por estas pautas, é que você verá que a distorção, cognitiva do sujeito, vai saltar aos olhos.

Aluno: -- Ele vai, sempre, querer puxar para o tema dele...

Olavo: -- Aí é que ele vai ser um chato para os outros. Agora precisamos investigar, se houve esta distorção porque a familia dele toda é assim (traço hereditário) ou, ele é assim porque ele estudou no colégio do jesuítas, que obrigavam à todo mundo ser assim (traço cultural).

Se a situação for, realmente, típica de casa IV ou casa VII, e ele generalizar com base nisto, então, ele não está sendo levado pelo seu traço de caráter, mas pela natureza da situação mesma. Essa situação pode coincidir com o seu traço de caráter que a situação me exibe, então, eu estou vendo objetivamente. Acontece que além de ver as coisas, desse modo, nas situações que o exigem, eu vejo nas outras também.

" Considerações sobre a programação neurolinguística "

Na programação neurolinguística (P.N.L), que parte da teoria do Kant, existe um êrro. Ela acredita assim:

" O homem só enxerga aquilo que é comproporcionado à sua forma. Portanto ele nunca enxerga o "real" "

Prestem bem atenção! Isto é um êrro crasso. A fórmula é o seguinte:

Eu só enxergo aquilo que é comproporcionado à minha forma. Portanto eu só enxergo os aspectos que o real oferece e, que tenha essa mesma forma. Porém, o real, objetivamente, tem essa forma também. E os outros aspectos do real? Eu não os percebo habitualmente, eu tenho que perceber por correção. Eu tenho que corrigir a minha visão conforme os outros aspectos. Eu tenho o meu princípio seletivo patente e, tenho que ter os outros aspectos de modo latente.

Eu não posso ter um tipo de racionalidade, se eu não tivesse a racionalidade geral.

Raciocinando como o velho Kant ou como a P.N.L nós chegamos ao seguinte ponto:

Se eu percebo as coisas só de acordo com a minha forma, e portanto não percebo o real. Quer dizer que o real é homogêneo e, eu é que sou heterogêneo. Só o sujeito tem forma. Ele implanta nesse real a sua própria forma. Isso é falso.

O real também é heterogêneo, o real também tem formas. Essas formas, podem coincidir ou não com a minha forma.

Exemplo: O parafuso e a porca. O parafuso só se ajusta na porca, porque a porca é um parafuso invertido.

Essa estória de que nós nunca percebemos o real é falsa. Eu percebo, do real, um aspecto que me é comproporcional, os outros eu percebo de modo latente. Sempre me resta a possibilidade de estar atualizando isso.

O pessoal da P.N.L diz assim:

"Não existe acontecimentos bons ou maus, só existem interpretações de acontecimentos".

Essa é a conclusão que eles tiram desse Kantismo de botequim.

Exemplo: Vamos supor que um sujeito é atropelado por uma moto- niveladora. O acontecimento em si não é benéfico nem maléfico, é conforme ele interpreta. Mas acontece que ele não pode mais interpretar por estar morto.

Existem certos acontecimentos que são benéficos ou maléficos para um determinado indivíduo, objetivamente. É aquela máxima do Chico Buarque:

" Antes rico com saúde do que pobre e doente "

Não tem programação neurolinguística que possa mudar isto.

Se não existe acontecimento nem benéfico nem maléfico, então, para quê você buscar o sucesso?

O pessoal da P.N.L vai ensinar a você como obter o sucesso. Para você obter o sucesso, você precisa acreditar que não existe, nem sucesso, nem fracasso.

Se o sucesso não existe, para quê que eu vou busca-lo?

Eu tenho o fracasso e interpreto como sucesso, e fico feliz pra caramba. Perco toda a minha grana, e interpreto isso como uma forma original de riqueza.

Estão entendendo a gravidade desse negócio?

Exemplo: Tem um autor famoso da P.N.L que expõe a seguinte situação:

Numa praia estão dois garotos. De repente vem uma onda que derruba e submerge os dois garotos. Eles se esforçam para sair da água, e chegam na praia. Ao chegar na praia, um garoto está chorando e o outro garoto está sorrindo.

A mesma coisa aconteceu para os dois, então, isto aí. ele oferece como prova de que não existe a objetividade do acontecimento. Só existe a interpretação, você pode interpretar qualquer coisa de qualquer modo.

Isto é errado. A primeira forma de interpretação que o sujeito deu à situação, foi a sua reação.

A reação que você oferece à um fato, é como você o interpretou. Neste sentido os dois garotos interpretaram igualzinho. Os dois nadaram para escapar da água. Os dois perceberam que havia perigo, e os dois reagiram da mesma forma (nadaram). O acontecimento significou a mesma coisa para os dois.

Posteriormente lembrando o passado, cada um reage de maneira diferente a um passado, que já não está mais acontecendo. A situação de perigo já passou. A interpretação que cada um deu após a situação é que foi diferente. Aí já entrou um dado da memória/imaginação:

Enquanto um garoto podia estar dando graças a Deus por ter escapado daquela situação, o outro garoto podia estar maldizendo a Deus por te-lo posto naquela situação.

Houve uma interpretação de um dado da memória.

Você só interpreta de modo diferente a um outro, um acontecimento que esteja, posteriormente, na sua imaginação.

O sujeito faz o que quizer com o dado de memória. Ele pode interpretar, posteriormente, a situação de qualquer jeito, partindo do dado de memória.

" Recapitulando "

Segundo Kant:

Cada um capta o mundo de acordo com a forma. De modo geral a humanidade só capta as coisas segundo a forma cognitiva humana. Kant define pelas categorias do entendimento (lógica transcendental) e pelas categorias da percepção (estética transcendental).

Se a humanidade vê de acordo com a forma humana, então, Joãozinho vê de acordo com a forma "joanina", Joaquim vê de acordo com a forma "Joaquina" e assim por diante.

Tudo isto está muito certo, mas pergunto eu:

a) Por quê que sempre que João olha pelo lado de João, ele vê um aspecto que corresponde à forma de João ?

b) Por quê que Joaquim quando olha pelo lado de Joaquim, pega sempre um aspecto que corresponde, exatamente, à forma de Joaquim?

Será que a realidade mesma não tem, de fato, todas essas formas?

Será que ela é homogênea?

Será que ela é inerte e nada acontece, nós é que estamos projetando? Isso é inteiramente absurdo. A prova disto eu já dei no famoso exemplo: " O sapo, a águia e o homem "

Cada ser, não sómente, tem a sua própria forma de captar, mas tem a sua própria forma de emitir. Você tem uma perspectiva de emissão da parte do objeto.

O sujeito é limitado à sua própria forma, não sómente, no conhecer, mas também no agir (emitir). Qualquer objeto é assim.

O mundo é um jôgo de perspectivas. Ele não é um jogo de projeções a esmo. O mundo não é uma tela branca aonde você projeta o quê você quiser. Ele é uma multidão de telas, cada uma com a sua forma, cada uma admite uma projeção, a qual pode ser certa ou errada.

Qualquer fato tem o seu perfil e a sua forma, e o sujeito, para quem o fato acontece, também tem o seu perfil e a sua forma. Na relação cognitiva (sujeito/objeto) isso pode coincidir (perfil e forma) em mais ou em menos.

Existe muitas maneiras de você acertar o real objetivo, e muitas maneiras de você errar. Você pode, de fato, interpretar as coisas de muitas maneiras, mas não de todas. Aonde está este limite? Em você?

Parcialmente sim, mas também está no objeto. Nem todo objeto admite qualquer projeção.

Exemplo: Não há ninguém que possa transformar num prazer, "erótico", uma martelada na cabeça. As vítimas do Marquês de Sade que o digam. Essa sensação não pode ser interpretada como um prazer, "erótico" , em hipótese alguma.

O limite da projeção surge na resistência do real. É a famosa lei do Dilthey: " Resistir é existir"

Aquilo que te resiste e que não se comporta do jeito que você quer, é porque existe mesmo.

O pessoal da programação neurolinguística, partindo de bases reais, chega à um negócio fictício. Isso envolve, não só, uma psicologia falsa, mas envolve uma ética falsa.

Voltando a Seleção (sol) e a generalização (Saturno).

1-) Captar o sistema cognitivo do sujeito, definindo as suas regras de " seleção e generalização ".

2-) Descrita essas regras, tentar eliminar os fatores causais: a) Hereditário.

b) Cultural.

c) Biográfico.

Não precisa tentar eliminar totalmente, deve-se obedecer à certos critérios quanto ao peso desses três fatores.

Exemplo: Um sujeito com Saturno na casa IV. Ele está, colocado, num meio onde a família é tudo e, mamãe morreu e papai o abandonou.

Aí complicou o negócio. Eventos desse tipo são, frequentemente, causa de loucura. Porque o princípio seletivo e generalizador do sujeito, é também o princípio da distorção.

Quando a distorção vem confirmada pelos eventos objetivos, ela se cristaliza. Ela recebe uma importância maior e se torna mais decisiva (domina o indivíduo todo).

Se um evento traumático confirma aquela predisposição (seleção/generalização), ela cristaliza e se torna dominante. Como em Szondi: "O palco do destino não gira mais"

O sujeito projeta aquele padrão em todas as situações, e não consegue sair disto nunca mais. Consolida num realismo ingênuo permanentemente.

Nestes casos o padrão cognitivo do sujeito é muito fácil de definir.

Se você arrumar um sujeito que está maluco e que ,o tipo de demência do sujeito não corresponda, rigorosamente, às suas posições planetárias, de uma forma literal, eu te dou um doce. O quê o sujeito vê é a transcrição do seu horóscopo, como se aquilo fosse a realidade mesma. O seu esquema cognitivo passa a ser o próprio mundo. (ele descreve ele mesmo). O sujeito fica funcionando em circuito fechado.

Isso é uma lei inexorável. Já dizia São Tomaz de Aquino:

"As posições planetárias influem muito mais, diretamente, sob um sujeito que está louco. "

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 79 - 08/02/92

Hoje nós vamos fazer, a partir do mapa, uma análise, astrocarakterológica, de um personagem desconhecido. Feita esta análise, eu vou dar alguns dados biográficos e, por último vou revelar o nome para nós verificarmos se a nossa análise está correta.

Vamos analisar o seguinte mapa:

- 1-) Sol na casa X.
- 2-) Lua na casa IX.
- 3-) Venus na casa IX.
- 4-) Marte na casa II.
- 5-) Júpiter na casa XII.
- 3-) Saturno na casa III.

Vamos começar com a dupla: Sol/Saturno.

1) Sol na casa X:

- a) Percepção imediata da hierarquia de poder (quem manda e quem obedece).
- b) Sabe qual é o seu lugar na sociedade.
- c) Sabe se impor socialmente.
- d) Quando criança existe uma adequação, prematura, ao ambiente adulto.

2-) Saturno na casa III:

- a) Existe a consciência da falta de relação entre o som e o sentido.
- b) Um estranhamento da linguagem gerando, uma relação complexa com a linguagem. (uma relação artificiosa)
- c) O quê está sendo falado não corresponde, exatamente, à experiência vivida, e o indivíduo sabe disso. (consciência da mentira).
- d) A atitude que o indivíduo tem com relação ao aprendizado não é normal.

Vamos passar para a dupla: Júpiter/Marte.

3-) Júpiter na casa XII:

- a) O indivíduo acredita que tem a capacidade de atuar para além do que ele enxerga. (os dados desconhecidos)
- b) Quanto mais distante estiver do campo de atuação, não enxergando os dados da situação, será melhor para ele, pois, mais seguro se sentirá para agir.
- c) Tem uma ação mágica (produz efeitos que ele nem mesmo entende).
- d) Tem uma crença, consciente ou inconsciente, numa proteção invisível. O indivíduo possui um mágico pressentimento.

4-) Marte na casa II:

- a) Reagirá, prontamente, à tudo aquilo que ameace o fato consumado.
- b) Reação imediata aos estímulos sensoriais.
- c) O indivíduo será: um aquisitor de bens ou um dilapidador de bens. Às vezes as duas coisas ao mesmo tempo, ou alternadamente.
- d) A sua ação de mudar o mundo material em torno, seja para defendê-lo ou alterá-lo, é muito intensa.

Passemos a dupla: Lua/Venus

5-) Lua na casa IX:

- a) Necessidade de crer em muitas coisas.

6-) Venus na casa IX:

- a) Capacidade, mesmo que ele não acredite nessas coisas, de imaginar que acredita nelas.

Essa dupla vai resultar no seguinte:

" Uma certeza afetivamente e imaginativamente fundamentada "

O indivíduo tem uma intensa necessidade de crer em alguma coisa, e crê que a coisa é do jeito que ele imagina (Lua/Venus na casa IX) . Ao mesmo tempo, se ele começa a raciocinar com base nessas crenças, ele se enroscará, e aí entrará a dúvida (Saturno na casa III). Resultado, pode haver:

a) Um conflito, grave, da necessidade e capacidade imaginativa, intensa, de uma crença, e de outro lado, um pensamento crítico. (aquilo que a imaginação afirma, a razão nega)

b) Uma inibição de um dos dois fatores: Racional/Afetivo.

c) Uma dificuldade em expressar, em palavras, as suas crenças.

d) Pode colocar esses dois fatores, afetivo/Racional, em planos diferentes.

Vamos juntar tudo ,o que nós falamos, a respeito desse mapa.

O indivíduo tem:

Percepção imediata da sociedade em que está e, portanto da hierarquia de poder (quem manda e quem obedece). Sabe se posicionar perante à essa hierarquia e sociedade, portanto sabe se impor socialmente.

Quando criança existe uma adaptação, prematura, ao ambiente adulto (esse ambiente adulto aparece como o mundo natural dele).

Existe, no indivíduo, a consciência da falta de relação entre o som e o sentido. Há um estranhamento da linguagem, uma relação complexa com a linguagem (uma relação artificiosa). O indivíduo sabe que, o quê está sendo falado não corresponde, exatamente, à experiência vivida (consciência da mentira).

A atitude, que o indivíduo tem, com relação ao aprendizado não é normal.

O indivíduo acredita que tem a capacidade de atuar para além do que ele mesmo enxerga (os dados desconhecidos).

Quanto mais distante estiver do campo de atuação, não exergando os dados da situação, melhor para ele, pois, mais seguro se sentirá para agir.

Tem uma ação mágica (produz efeitos que ele nem mesmo entende). Possui um mágico pressentimento.

O indivíduo tem uma crença, consciente ou inconscientemente, numa proteção invisível. O indivíduo reagirá, prontamente, à tudo aquilo que ameace o fato consumado, e também aos estímulos sensoriais.

Ele será um aquisitor de bens ou, um dilapidador de bens. As vezes as duas coisas ao mesmo tempo ou, alternadamente.(É como se ele quizesse comprar sem gastar nenhum dinheiro). A sua ação de mudar o mundo material em torno, seja para defendê-lo ou para alterá-lo, é intensa.

O indivíduo tem a necessidade de crer em muitas coisas, e a capacidade de imaginar que acredita nelas. Tem uma certeza afetivamente e imaginativamente fundamentada.

Agora eu vou dar alguns dados biográficos desse indivíduo:

É um indivíduo que teve as melhores oportunidades na vida. Pelo meio social, sem que ele fizesse nada, lhe foi dado o acesso à um grande poder.

Não demonstrou, jamais, o sinal de ter alguma neurose ao contrário, foi um primor de saúde. Deste modo podemos interpretar os dados do mapa positivamente.

a) o meio social favoreceu.

b) teve acesso ao poder

c) foi um homem saudável.

Esses três dados, são suficientes para você excluir um monte de hipóteses do desenvolvimento desse indivíduo.

Podemos refazer esse retrato, excluindo todos os desenvolvimentos negativos, neuróticos etc...

O retrato vai ficar assim:

Júpiter na casa XII, não se desenvolveu no sentido de uma megalomania idiota, mas num pressentimento real.

Venus/Lua na casa IX, não se desenvolveu no sentido de acreditar em bobagens, mas simplesmente de ter um apêgo às suas crenças, que não o atrapalhavam.

Saturno na casa III, não se desenvolveu no sentido de criar um sujeito incapaz de aprender (intelectualmente inibido), mas sim no sentido de que o sujeito, de alguma maneira, achou um "modos vivendi" com esta coisa. Mesmo assim, neste caso, a atitude desse sujeito com relação a linguagem, ao aprendizado e a cultura, sempre vai ser um pouco esquisita. (em relação ao seu meio social ou, em relação à ele mesmo).

Marte na casa II, não se desenvolveu no sentido mórbido, de dilapidar patrimônio, mas no sentido de lutar para fazer uma coisa material para ele (gastava inteligentemente e conservava inteligentemente).

Sol na casa X, realmente, o sujeito desenvolveu a capacidade de lidar com esse meio social, no qual ele dispunha de poder. Portanto tinha a inteligência, intuitiva plena, para o exercício do poder.

O mapa que nós estamos descrevendo é o de Luiz XIV.

1-) Nunca houve um homem com uma inteligência política tão grande como a de Luiz XIV.

2-) Tinha, de fato, pressentimentos mágicos incríveis que davam certo, tinha empreendimentos políticos e militares, quase impossíveis, que acabavam dando certo.

3-) Gastou e ganhou muito dinheiro. Construiu metade da França (fez quase todos os castelos), vivia num luxo absurdo e, ao mesmo tempo, quanto mais dinheiro gastava mais dinheiro ganhava.

4-) Tinha, de fato, essa fé instintiva nas suas próprias crenças, achava que ele sempre tinha razão (não lhe passava pela cabeça a idéia de que ele pudesse não ter razão).

Quanto ao teor de suas crenças:

a) Ele era um cristão fervoroso.

b) Acreditava no destino Universal da França: A França tinha, como missão, que dominar o mundo.

c) Acreditava que a finalidade da França, era impor a fé Católica a todo o mundo. Ao mesmo tempo era um homem de comportamento muito extravagante (tinha 28 mulheres), e ninguém achava ruim.

5-) O quê que ele fazia com a parte crítica (pensamento)? Vejam só que coisa curiosa:

a) Luiz XIV era o homem mais inteligente da época e, no entanto do ponto de vista intelectual e cultural não deixou nada. Não se sabe de nenhum escrito de Luiz XIV, nada que pudesse marcar a sua passagem pelo mundo.

b) Por outro lado, ele era um protetor de artistas, particularmente, teatrólogos e, principalmente daqueles que criticavam a Aristocracia. Ele pagava para que escrevessem peças, que criticavam a aristocracia, ele ia ao teatro, via as peças, e morria de risada. Os artistas se acolhiam à proteção do rei, por causa da aristocracia que queria matá-los. E o rei dizia: -- Deixem os meninos falar o quê quizerem.

c) Essa parte da casa III, ficou isolada da personalidade dele. Então, o raciocinar contra si, que seria muito característico de Saturno na casa III, que poderia dividir-lo, ele diminuía a importância. Jogava isso para os outros, deixava que eles falassem (fizessem polêmicas à vontade).

Luiz XIV se achava tão, infinitamente, superior àqueles intelectuais todos (O Estado sou eu) que, quando nessa época, vendo as peças de Jean Racine (era o melhor talento do teatro depois de Shakespeare), ele fazia o seguinte comentário:

-- Esse rapaz até que tem algum talento!

O papel de rei caiu como uma luva. Nunca teve nenhum outro rei, que se sentisse tão natural na posição de rei quanto ele. O conflito de Saturno na casa III ficou isolado. Ele isolou as partes: intuitivas, afetivas e volitivas, da parte racional. Essa parte racional ficava incumbida aos intelectuais da sua corte.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 80 - 09/02/92

Os elementos que compõe a astrocaraterologia são os seguintes:

- 1-) Alguns elementos da astrologia pura (colocação do problema astrológico, a delimitação do campo da astrologia e uma discussão sobre o método)
- 2-) O estudo das caracterologias e sua comparação com a astrologia.
- 3-) O desdobramento do estudo da personalidade em dois lados:
 - a) o cárater propriamente dito (uma noção de cárater.)
 - b) os elementos não caracterológicos da personalidade: Sociológicos e biográficos.

Portanto existe a necessidade de:

- a-) Uma compreensão, profunda, do que é a biografia (estudo biográfico).
- b-) Uma compreensão, sociológica, do que venha ser o meio onde se desenvolve a vida do sujeito.
- 4-) A compreensão da técnica astrocaracterológica propriamente dita (planetas nas casas).

Qualquer um desses elementos que esteja faltando, já não vai dar certo.

Esta parte da biografia é absolutamente imprescindível. No curso de dois anos nós falamos de muitos assuntos, alguns meramente accidentais que, se esquecidos não farão diferença. Mas estes elementos aqui, não se pode esquecer de maneira alguma.

A biografia é o elemento chave que vai nos permitir separar: o quê que é caracterológico do que não é. Se você não estudar profundamente a biografia, você não vai conseguir separar estes elementos.

A biografia é uma das coisas mais complicadas que existe, se vocês me perguntarem: Quantas biografias você já leu na sua vida? A vida de quantas pessoas você conhece?

Existe um tipo de conhecimento que a se chama " a experiência da vida". Não é uma ciência, mas é uma tecnologia (um empirismo). A leitura de muitas biografias faz parte da " experiência da vida". Isso aí tem que ser acumulado e, não tem outro jeito. Eu sei a vida de tantas pessoas que, se eu fosse um sujeito, naturalmente, inclinado à fofoca, eu poderia desgraçar metade da cidade de São Paulo. Eu sei com detalhes a vida de muitas pessoas (eu lia o mapa delas e perguntava), além do que, eu li um montão de biografias e romances (que são vidas possíveis). Para isto não existe muita ciência.

Tentem começar pela sua família (mãe, pai, tia, avó etc..) e começem a perguntar. No começo eles vão mentir muito, sem perceber que estão mentindo. Em toda a família existem partes obscuras (tabus) e, até você descobrir quais são esses "tabus" lá se vai uns dois anos de pesquisa.

Exemplo: Eu tinha um tio que se suicidou e, me enganaram durante vinte anos, eles me davam uma outra versão: foi um acidente. Ele estava limpando uma arma.... isso aí levou vinte anos para eu descobrir. Eu só descobri depois que eu defendi a reputação do meu tio dizendo: " se ele se matou é porque tinha motivo suficiente para fazê-lo "

Imaginem o quê você saberia a seu respeito, se você tivesse a perspectiva da evolução da sua família. Você compreenderia a sua vida de uma maneira completamente diferente, mais completa.

O segredo disso é o interesse pela vida humana. Atualmente nós vivemos numa sociedade de esquizofrênicos. Ninguém tem interesse e, onde os indivíduos estão colocados numa posição de jamais poderem revelar as suas verdadeiras emoções. Isto é um impedimento grave!

A noção de uma convivência estritamente profissional é uma novidade na história humana. São pessoas que só convivem com você profissionalmente (no emprêgo). As pessoas estão tão acostumadas à isto que acham muito normal.

O comportamento das pessoas ao nível profissional, é um comportamento seletivo (esquemático). Tudo fica padronizado: atos, hábitos, temas de conversa.... enfim as preferencias, os sentimentos e os valores acabam sendo padronizados. O mundo dessas pessoas é fictício e, a consequênciia disso na esfera psíquica é prejudicial. (80% dos indivíduos são esquizofrênicos porque não conseguem se adaptar à esta situação). É claro que existe um fator neuroquímico na esquizofrênia, mas se o sujeito tem essa base neuroquímica, ele não precisaria, necessariamente, se tornar um esquizofrênico.

Dentro desse estado de coisas, o indivíduo tem uma relação superficial com os outros (através do emprêgo que tem) e consigo mesmo (o sujeito não sabe o quê sente, ele se ignora, o mundo psicológico dele é fictício).

Hoje em dia a gente observa, num mesmo meio social, esse fenômeno da "queixa padronizada". Os indivíduos se queixam todos da mesma coisa, mas a gente vê que não é este o problema de que eles se queixam. (ele sabe que está doendo, mas não sabe aonde dói). Os indivíduos ficam destituídos de auto- expressão. Este problema que eu coloco é um problema atual de todos nós.

Nessa sociedade existe alguns indivíduos que estão colocados numa posição estratégica no conhecimento do ser humano:

- 1-) Os profissionais do ramo: Psicólogos, terapeutas etc...
- 2-) Os indivíduos que estão colocados numa posição de poder. Eles tem uma posição que lhes facilita, pois, o seu exercício profissional é personalizado.
- 3-) Os indivíduos que levam uma existência um tanto quanto marginal, dentro de certos limites. São aqueles indivíduos que trabalham por conta própria (pipoqueiro, vendedor etc...).

Tirando esses três casos, o resto está todo dentro da queixa padronizada (auto-engano). Atualmente, na nossa sociedade, o conhecimento do homem pelo homem é uma coisa rara. O indivíduo não vê a sua vida com um começo, um meio e um fim. Não existe uma conexão entre os atos e os efeitos. O indivíduo fica jogado num vácuo.

Aulas de março de 1992.

INDICE DO BLOCO DE AULAS DO MES DE MARÇO DE 1992

Aula: 81 - 07/03/92

- a) Análise Astrocharacterológica de Balzac a partir da biografia do Paulo Ronai.
- b) História econômica da França após a Revolução.
- c) Uma comparação entre Balzac (Sol na X Saturno na XII) e Thomas Mann (Sol na X e Saturno na VI).
- d) Explicação sobre o par Vênus/Marte.

Aula: 82 - 08/03/92

- a) Avaliação de um exercício sobre o mapa de Theodore Roosevelt
- b) Indicações sobre diversas posições planetárias.
- c) Explicação sobre as faculdades cognitivas Sentimento/Imaginação e vários exemplos de Lua e Vênus nas casas.

AULA: 81 - 07/03/92

Hoje nós vamos fazer um estudo biográfico sobre Balzac.

Balzac é um tipo muito bom para se fazer este trabalho, pela grande quantidade de material que existe a disposição. Existem muitas biografias sobre Balzac , a obra toda está publicada em português, e a edição brasileira é uma das melhores que existe no mundo. A edição da Globo de 1946 é importante porque em cada volume da Comédia Humana eles colocaram algum trabalho famoso sobre Balzac: crítico e biográfico.

O primeiro volume da Comédia Humana tem uma biografia do Paulo Ronai , que nós vamos usar para o nosso estudo.

Eu só vou ler os trechos que contenham os dados significativos para uma descrição caracterológica do indivíduo. Vamos procurar apenas aqueles traços que são de valor cognitivo, ou seja, traços que dizem algo de como este indivíduo conhece o mundo e a si mesmo.

" Balzac "

por Paulo Ronai, leitura e comentários.

Balzac, quando jovem, arrumou um emprego num cartório, foi o primeiro emprego dele:

"....Por felicidade de Honoré, amigos não faltam a seu pai. Entre esses, dois tabeliões se oferecem, para facilitar a estréia do rapaz, dando-lhe um lugar em seu cartório, o que significa o acesso a uma profissão honesta e lucrativa...."

"....Dezoito meses num cartório e outros tantos num outro cartório são o bastante para, um moço, criar afeição ao serviço ou se enjoar dele para o resto da vida. Foi este o caso de Balzac.

Sua atuação nos dois escritórios fortaleceu na família a convicção de que ele era um incapaz. Ele mesmo porém, ficou convencido, definitivamente, de que seu lugar era na literatura.

" Sol na X "

"....Nada se perde na vida de um gênio. Sem os anos cíntentos do colégio não haveria " Luiz Lambert ", sem o sofrimento e, mais tarde o amor infeliz, não haveria "A Duqueza Du Langeais" , sem os três anos passados nos cartórios não haveria " Uma estréia na vida ", " Cézar Birotteau " e o " Contrato de casamento... ".

Comentário:

Este parágrafo aqui nos mostra que, pode haver algo de importância cognitiva. Isso levando em conta que, da experiência que ele teve no cartório ele tirou o assunto para alguns livros. O fato de ter trabalhado num cartório e ter se dado mal não é importante.Porém, o fato de que mais tarde ele tenha usado isso como matéria prima para escrever livros, nos indica que aí possa ter algo revelador sobre o aspecto cognitivo.

Vamos continuar:

"...Balzac aproveitou bem esses três anos, embora não no sentido que seus pais esperavam. Nós "códigos", "registros" e "cadastros", identificou partes complicadíssimas e essenciais do mecanismo da vida moderna, cada vez mais amarrada por fórmulas, formalidades e regulamentos. Penetrou no labirinto dos processos, conheceu as manhas dos advogados e a obstinação das partes a procura de escapatória e, os recursos lícitos e ilícitos. Viu principalmente o que havia atrás de tudo aquilo: o dinheiro, mola de tantas ações humanas,e que pouco se falava nos salões, e que nunca aparecia nos romances do tempo.

Lembremos que hoje em dia, o romance não constitui para nós apenas uma diversão. É um importante instrumento de conhecimento indireto, abre-nos adiante perspectivas que nunca teríamos oportunidade de conhecer, fornece uma visão prática e real do mundo. Sentados numa poltrona podemos adquirir, sem risco e sem cansaço e até com divertimento, a experiência humana dos observadores mais clarividentes, entrar em contato com os indivíduos das classes e dos povos.

Esse notável engrandecimento do campo visual do nosso estirpe, devemos principalmente a Balzac, que foi um dos primeiros à franquear ao público, o grande laboratório experimental do romance moderno. Por sua parte, ele não tinha ainda esse recurso, a sua experiência foi toda direta, pessoal. Como veremos no decorrer de sua vida, ele teve de viver a sociedade moderna antes de reviver-la, em toda a sua complexidade, no papel...."

Comentário:

Um sujeito muito jovem e que, sobretudo, não poderia ter aprendido a observar a sociedade, da maneira como faz um romancista posterior a Balzac, e que espontaneamente colocado numa determinada posição, desde lá enxerga todo este mecanismo social, é porque ele tinha uma predisposição a olhar as coisas por este ângulo. (ele captou todo o complicado mundo social de sua época). Nós dizemos que o sujeito tem uma sensibilidade cognitiva para o mundo social que o rodeia: como funciona o mundo das instituições, dos negócios, do dinheiro.

Balzac começou a vida de escritor escrevendo livros por encomenda, ele começou a escrever com vários pseudônimos que não valem absolutamente nada. Porém, depois de um certo tempo, ele começou a ler os livros de Walter Scott. Walter Scott foi um escritor escocês que, praticamente, foi o inventor do romance histórico tal como nós o conhecemos hoje. Ele reconstituiu toda a história da Escócia e da Inglaterra em algumas dezenas de romances que, ainda hoje, são lidos com muito interesse.

Voltemos a biografia:

"....A leitura dos livros de Scott fizeram a Balzac compreender, ainda mais, a nulidade das suas primeiras tentativas literárias. As suas personagens, fantoches sem realidade, movimentavam-se no vácuo, faltando-lhes o dom da vida e, em volta delas, um ambiente de verossimilhança. Mais a aprendizagem da vida e as leituras modificaram completamente o seu conceito de literatura. Tinha agora um assunto grandioso que, bem realizado, podia dar um verdadeiro afresco da história recente da França, podia dar um quadro da sangrenta insurreição dos Chouans: os monarquistas da Bretanha contra a Revolução francesa e, bem no centro, a estória empolgante da paixão de uma bela espiã, a serviço do governo, pelo chefe das forças rebeldes que viera espionar e seduzir. Movido pelo exemplo de Scott, e aproveitando a hospitalidade de uma casa amiga, dirigiu-se à Fourgeais na Bretanha para estudar de perto o seu cenário. Não se contentou em examinar os lugares, a lembrança da insurreição ainda estava viva, poi-se a procurar informações, a recolher o testemunho de pessoas idosas, a anotar tudo e, voltou a Paris com o manuscrito, quase pronto, do primeiro romance de verdade que sairia da sua pena e, que ele não hesitaria mais em assinar.

Que diferença entre este e todos os livros precedentes de Balzac. O enredo ainda é o que pode haver de mais romanesco, mas as personagens vivem. Aliás, o interesse partilha-se entre a estória dos amantes, o quadro da época, e a representação do cenário. O autor conseguiu dar bem mais do que uma movimentada estória de amor, a epopéia de toda a insurreição fazendo que, nas páginas do livro, se sinta as palpitações de uma alma coletiva, bárbara e dominada por instintos primários...."

Comentário:

No primeiro livro significativo que Balzac publica, o que é significativo? É justamente essa visão panorâmica de uma sociedade inteira. Isso é um traço cognitivo evidentemente importante e, mais ainda, parece que esse traço não corresponde a uma preocupação intelectual dele, mas uma espécie de predisposição expontânea (o sujeito olhava as coisas por esse lado independentemente de qualquer aprendizado). Na verdade o que ele aprendeu com Walter Scott foi, principalmente, esse negócio da documentação, pois, Scott era um romancista com mentalidade de historiador (ele se documentava, viajava, percorria a Escócia, a Inglaterra, a Irlanda, para fazer pesquisas e depois redigir os seus livros). Porém, antes mesmo de ter lido Walter Scott, ele já tinha uma predisposição, com ou sem interesse, de olhar as coisas por aquele lado, pois, isso lhe era natural. Como diz o biógrafo:

".....viver a sociedade antes de retratá-la no papel..."

"...Em oposição a Scott, atraído pelas épocas mais remotas da história nacional, Balzac, logo de início, escolhe um passado muito próximo, contíguo ao seu próprio tempo. No conjunto da sua obra o romance histórico constitui uma excessão, pois o romancista se compenetra, cada vez mais, de que a sua tarefa consiste em escrever a história dos costumes da sociedade francesa do seu tempo."

Comentário:

Scott escrevia sobre a Idade Média... sobre épocas mais antigas. Enquanto que esse romance de Balzac: Os Chouans, é sobre um episódio recente.

Ex: É como escrever um livro sobre a Revolução de 1964 no Brasil.

Balzac não tem essa visão voltada para a reconstituição de um passado remoto com tinta Walter Scott.

Nós vimos que:

1-) Essa disposição de enxergar a sociedade inteira, a partir da experiência pessoal que ele está tendo. (aonde ele está, ele vai olhando o mecanismo de funcionamento da sociedade).

2-) A capacidade, que ele tem, para depois ir reconstituindo isso imaginativamente, e ir fazendo um painel, um "Afresco" histórico.

3-) O interesse dele voltado não para o passado, mas para a sociedade aonde ele está.

Aqui na biografia tem uma observação muito interessante de um crítico que não gostava de Balzac: Saint Beuve Ele diz:

"....Uma das razões que explicam a rápida volta do Sr. Du Balzac por toda a França, é a habilidade na escolha sucessiva dos lugares aonde coloca os cenários das suas narrativas. Essa lisonja dirigida à cada cidade em que o autor situa as suas personagens, significa, para ele, a conquista da mesma. A esperança que tem as cidades, ainda obscuras, de serem em breve descritas em algum romance novo, predispõe para ele todos os corações literários do lugar...."

"...Ao aceitar o convite de amigos ou amigas, tem sempre em vista a possibilidade de achar para a ação de um ou outro romance, em preparo, algum cenário ainda inexplorado.... Poder-se-ia fazer um mapa, quase completo da França, com as localidades que o gênio de Balzac introduziu na literatura. "

Comentário:

De novo nós vemos essa coisa de visão panorâmica. Ele estava parado num lugar, mas de certo modo, ele estava vendo tudo o que estava se passando no país inteiro.

Mais adiante, na biografia, fala o Paulo Ronai do contraste que havia entre as posições políticas de Balzac e os aspectos da vida que ele mostrava nos livros. Balzac era, nominalmente (declaradamente), monarquista, conservador, católico e etc... e no entanto, uma das coisas que ele mostra com mais clareza, seria justamente, decadência e a corrupção da classe da qual ele apostava (aristocracia). Aqui diz o próprio Balzac:

"....Não há dúvida de que nesta longa história de costumes da Comédia Humana, nem o clero, nem a nobreza, tem de que se queixar. Essas duas grandes e magníficas necessidades sociais, acham-se nela bem representadas. Mas não ser imparcial, não mostrar, aqui, a degenerescência da raça, não equivaleria a renunciar ao belo título de historiador."

Comentário: Balzac mesmo se intitulava um historiador. Uma das idéias bem sucedidas de Balzac foi a de conseguir conectar as várias estórias entre si, adotando vários pontos de vista (um personagem secundário que aparecia num romance era principal num outro). Assim ele conseguiu ter todas as tensões sociais, de sua época, nos seus romances. (Sol na X)

E aqui segue-se um parágrafo escrito por F. Engels (parceiro de Karl Marx) sobre Balzac:

"....Balzac nos dá em sua Comédia Humana, a história mais maravilhosamente realista da sociedade francesa. Descrevendo sob a forma de costume, quase de ano em ano de 1816 à 1848, a pressão, cada vez maior, qua a burguesia, ascendente, exercia sobre a nobreza , que se reconstituiria depois de 1815, e que bem ou mal, na medida do possível, levantava outra vez a bandeira da "Velha polidez francesa".

Descreve como os últimos restos dessa sociedade, para ele exemplar, sucumbiram aos poucos em face da intrusão do "Pavenir" (arrivista) vulgar da finança ou foram, por este, corrompidos. Como a grande Dama, cujas infidelidades conjugais, não eram senão um meio perfeito de se adaptar a maneira por que se dispunha dela no casamento, cedeu lugar a Burguesa que procurou um marido para ter dinheiro.... Em volta desse fato social agrupa toda a história da sociedade francesa, onde aprendi mais, mesmo no que concerne aos pormenores econômicos, por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal depois da Revolução, do que em todos os livros dos historiadores, economistas, estatísticos e profissionais, da época, todos juntos...."

Comentário:

"A história econômica da França após a Revolução "

Vamos supor que não lemos Balzac, mas sabemos que houve uma Revolução na França. Nós sabemos que antigamente havia o "Antigo Regime" e, que depois houve "O Capitalismo", " A Democracia" etc... Mas tudo isso são nomes. Concretamente falando, a história não é feita de conceitos abstratos, mas sim de gente (ações concretas de seres humanos individuais reais). Se nós perguntarmos assim:

1-) Quem mandava antes, e quem mandava depois?

2-) Qual é a diferença do meio de mandar que havia antes do meio de mandar que havia depois?

3-) Sobretudo o "dinheiro". Com quem estava o "dinheiro", na mão de quem ele foi parar e como ocorreu este processo (da mão de um para a mão de um outro)?

Isso não pode ter ocorrido por mágica e nem por saque. No saque você só pode arrebatar, das mãos do sujeito, a moeda divisionária, aquilo que dá para carregar no bolso. Mas como é que você poderia tomar dele, por exemplo, um latifundio ? E depois fazer com que a sociedade reconheça, o latifundio, como propriedade sua ? Sem a intervenção de uma autoridade e de uma polícia (que antes reconhecia a propriedade de fulano e que depois passou a reconhecer a de outro fulano) não seria possível essa transferência da propriedade. Isso tudo é um processo muito complexo.

Na época da Revolução:

a) muitos aristocratas, prevendo ter a sua cabeça cortada, foram embora.

b) Depois houve um "Uso Capeão" generalizado ,e a autoridade reconheceu que era uma maneira legítima de se assentar a propriedade.

c) O aristocrata, para não perder a terra, arriscava a cabeça e permanecia ali. A propriedade que ele já possuía por hereditariedade lhe era, em seguida, reconhecida pelo "uso capeão" (ele tinha a terra simplesmente por morar nela)

d) Houve um outro meio de acesso a propriedade, que fez praticamente todas as grandes fortunas da França, que foi o "rateio" dos bens da Igreja. Sob a alegação de que a Igreja estava rica demais e, que ela havia espoliado a nação, por causa disto, eles espoliaram a Igreja.

A Igreja tinha muita riqueza, sobretudo, muitas terras. A utilidade social desta terra, era que ela, podia ser usada pela comunidade em caso de necessidade: O sujeito não tinha aonde plantar, então, ele ia ao padre, pedia um pedaço de terra para o cultivo e, pelo menos ele tinha o que comer. De certo modo os bens da Igreja era uma garantia desse povo mais pobre e, por outro lado, dava mais poder à Igreja.

Na verdade quem foi espoliado não foi a classe dos aristocratas. Os aristocratas vendo que tudo estava afundando, eles começaram a entrar em negócios capitalistas e também casavam as suas filhas com os novos "burgueses". (uma estória maravilhosa sobre este tema é o "Leopardo" de Giuseppe Tomasi di Lampedusa).

Todos esses casos estão no Balzac. Ele deu praticamente todas as variedades e maneiras que o sujeito tinha de ganhar dinheiro, e de perder dinheiro, nessa época. Ele registrou o processo da sociedade francesa inteira. Balzac respira esse ar, histórico e sociológico, como se estivesse em casa. Isso é natural para ele. (Sol na casa X)

" Vênus na XI "

Voltemos a biografia:

Balzac: editor e homem de negócios.

Balzac teve, pioneiramente, todas as idéias principais do mundo editorial, que são seguidas até hoje:

a) publicar a obra completa do autor em um só volume (hoje a Editora Aguillar faz isso). Só que de imediato o público achou isso muito esquisito. Ele tinha a idéia, mas não deu tempo de ele ganhar dinheiro com ela.

b) O conceito editorial moderno. Vamos pegar uma editora atual moderna, por exemplo, a "Melhoramentos":

A Melhoramentos faz tudo para a produção do livro: desde plantar árvores, para dela tirar depois o papel, até a distribuição, dos livros, no fim. Esse tipo de empresa foi inventada por Balzac.

Balzac inventava essas coisas, mas não tinha a medida correta do tempo. Ele sempre estava na pista certa daquilo que estava por vir. Balzac era um grande " homem de negócios fracassado".

Balzac era um vizionário do futuro. O futuro da sociedade capitalista ele previu tudo, mas ele não teve tempo para ver isso realizado. ele tinha uma imaginação que completava os dados, intuitivos faltantes de uma perspectiva futura.

" Sol na X "

" Um paralelo entre Balzac e Thomas Man "

Aluno: -- Essa estória dele dar uma organicidade a obra dele, não dá uma idéia de Saturno na casa VI ?

Olavo: -- Se fosse uma organicidade problemática. Se este fosse um ponto que, para ele, representasse uma dificuldade, se ele tivesse que pesquisar e pensar como um enigma à resolver. No caso de Balzac isso não aconteceu. Logo ele capta todo o funcionamento da sociedade sem nenhum problema, então, não pode ser Saturno na casa VI.

O problema de Saturno na casa VI, seria o indivíduo se perguntando: Qual é o encaixe, qual é a relação entre o grande e o pequeno? O indivíduo vê isto como uma coisa problemática. Isso acontece em Thomas Man (Sol na X e Saturno na VI). Para Thomas

Man isso é o grande enigma. No seu livro: "A montanha mágica" ele procura explorar a relação que existe entre o processo degenerativo de uma doença, tuberculose, e a decadência, corrupção, confusão, da sociedade em torno. Ele especula sobre isto, mas isto nunca fica suficientemente claro. Isto era um problema para ele.

No caso de Thomas Man ele não estava lidando com um tema de casa X, como Balzac, mas sim com um tema de casa VI. Quando se termina de ler a "Montanha mágica" você vê que existe essa relação (doença e civilização), mas ela parece estar mais enigmática do que no começo.

Exemplo: Tem uma cena onde o sujeito está olhando uma radiografia, do doente, e na forma da radiografia ele vai fazendo analogias e, começa a aparecer o "mundo inteiro" atrás da radiografia. O que isso tem haver com a história? Isso é um outro departamento: fisiologia, anatomia etc... Qual o tema da "Montanha Mágica"? Seria a relação entre a fisiologia e a história (sociedade).

Thomas Mann com o Sol na X, como Balzac, tende a olhar na direção da sociedade como um todo, mas não é esse o ponto de que ele trata. O ponto onde Thomas Man foi melhor não foi na direção da casa X, mas aonde ele vai tratar do Saturno na casa VI. Esse tema no século XX foi enormemente explorado:

Exemplo: Reich nos diz que o que causa o câncer, em última análise, é o capitalismo. (Para a perpétuação da sociedade capitalista, você é obrigado a educar os indivíduos numa determinada maneira, fechando determinadas emoções que não são compárviveis com a sociedade capitalista. Na hora em que você fecha a expressão de certas emoções, por sua vez, essa supressão promove contraturas musculares ,em determinados pontos chaves, gerando um bloqueio energético)

Thomas Mann leu muito o Nietzsche e daí tirou a idéia da decadência (o gênio é uma espécie de doença). Acontece que Thomas Mann viu essa idéia da decadência, em termos de uma decadência física e, aprofundou o tema: Fisiologia e Sociedade. No século XX: Reich, o pessoal da Bio-energética, toda uma corrente de psicólogos se interessou por isso aí, mas isso tudo começou com Thomas Man e, muitos nem sabem.

"Marte/Vênus na XI"

Voltemos ao ponto da imaginação em Balzac, cuja biografia nos dá mais indicações:

"... Algumas das iniciativas que imaginava, relacionavam-se com a edição de seus próprios livros. No número dessas cumpre lembrar a edição, projetada em 1837, de suas obras completas com um verdadeiro luxo de apresentação tipográfica, muitas gravuras, e uma apólice de seguro para cada assinante.

Os assinantes deviam ser divididos em classes por idades: 1 à 10 anos, de 10 à 20 anos e assim por diante.... até 70 ou 80 anos. Assim cada um teria uma obra magnífica quanto a execução tipográfica, e a chance de 30.000 Francos de renda. Ainda por cima o capital da renda ficaria assegurado às famílias.

Esse plano, embora Balzac não nos diga expressamente, deve ter sido imaginado por ele. Pois nenhum outro ,atribuiria aos octogenários bastante otimismo a uma publicação destinada a sair dentro de dez anos, nem aos leitores de um ano bastante curiosidade para se dedicar ao estudo de costumes, mesmo com a perspectiva soridente da apólice.

"

"...Em 1844 ele vislumbra outro grande negócio de livraria: -- Achei um negócio que com, apenas, 10.000 Francos para arriscar pode tornar-se colossal ! Trata-se de publicar e vender, um livro encyclopédico para a instrução primária..."

"...Outros planos porém, fazem Balzac esquecer, rapidamente, o negócio colossal:

Mais de uma vez concebe a idéia de produzir o papel necessário, para seus livros e os livros alheios, por métodos baratos e, chega a percorrer a província em busca de matérias primas. Assim em suas viagens a uma cidade polonesa, o espetáculo dos

imensos recursos, tão mal aproveitados da Rússia, sugere-lhe transações de ouro: As imensas florestas da Ucrânia poderiam abastecer de dormentes baratas todo o sistema ferroviário francês em pleno desenvolvimento...."

Comentário:

Essa idéia de fazer um papel a base de árvores, ao invés de restos de panos, é uma grande idéia aproveitada depois. Balzac tinha um monte de idéias, das quais, algumas delas, são perfeitamente loucas. Algumas loucas até hoje, por exemplo, as apólices de seguro para a Comédia Humana.

Como Balzac tinha uma conjunção Marte/Vênus na casa XI, ele tinha essas idéias e, imediatamente, já queria fazer alguma coisa. Também com a mesma rapidez que, ele, entrava numa idéia , já saia dela e passava para outra. ele estava continuamente concebendo e pondo em ação planos de futuro.

Aluno: -- Dava uma coceira de fazer....

Aluno: -- Era uma imaginação compulsiva?

Olavo: -- Isto mesmo! Ele tinha uma imaginação compulsiva. Uma busca ativa dos objetos sonhados , desejados, busca da "Fama", da "Glória" isso se deve a Marte na XI. Esta avidez de ascensão social de fazer planos e se meter em muitas situações arriscadas, para conseguir o que ele deseja, isso se deve a Marte/Vênus na casa XI.

" Explicação sobre o par: Vênus/Marte "

Vênus e Marte se resumem numa frase:" Aonde a vaca vai o boi vai atrás."

Você só pode ser realmente estimulado pelo que você imagina. Por isso mesmo é que na Mitologia, Venu/Marte são um par de amantes/inimigos: vivem toda hora namorando e brigando.

A única coisa que coloca Marte em ação é Vênus. Então, a reatividade marciana ou é por causa de algo que a imaginação lhe mostra e que o atrai, ou então, é no sentido contrário, algo que a imaginação lhe mostra e que o repele: Sonhos agradáveis ou desagradáveis.

Se Vênus e Marte estiverem na mesma casa, vai dar uma imaginação compulsiva. Se eles estiverem em casas diferentes, as vezes, a relação não é tão óbvia, mas ela existe.

Uma das maneiras de você explicar a motivação do indivíduo é essa: você vê onde está Vênus e onde está Marte.

Entre as funções existem outros tipos de pares, mas eu não quero mexer com isto agora. Essas ligações entre planetas são muito mais sutis.

" Lua na IV "

Aluno: -- Uma vez eu li um livro sobre Balzac que fala da sua relação com a família: mãe e pai. Ele passa a vida inteira fazendo um grande trabalho e, ele é reconhecido por todos menos pela mãe dele. Ele tinha uma grande necessidade de reconhecimento por parte da mãe.

Olavo: -- Nós aí podemos entrar num tipo de explicação causal, de tipo psicanalítico: ele buscava o afeto da mãe, inclusive se envolvendo com mulheres, muitas delas mais velhas, de classe superior. Mas isso não nos diz nada, pois a explicação psicanalítica é a mais óbvia que existe.

Aluno: -- Um dado que poderia ressaltar essa lua na casa IV, é que Balzac se importou muito com o fato de a mãe não o reconhecer, não dar bola para ele?

Olavo: -- Essa importância de fato poderia ser consequência dessa lua na casa IV. Balzac, durante toda a sua vida, buscou uma compensação, através de mulheres de condição social elevada, muitas delas mais velhas, na obtenção desse afeto materno negado, dessa ligação sentimental profunda, desse intenso desejo de felicidade.... Isso era um traço cognitivo dele, essa procura da mulher ideal, que não se explica só pelo complexo de édipo.

No caso de Balzac o que nos interessa não é tanto essa relação com a mãe, mas porque essa relação com a mãe, criou este comportamento e não um outro.

"Sol/Jupiter na X"

Este Sol/Jupiter na casa X em Balzac: ele não só entendia como era a sociedade, como ele não tinha medo dela. Não havia nenhuma situação, por mais elevada que fosse, na qual ele não se sentisse perfeitamente à vontade, por exemplo, se ele fosse nomeado Czar ele acharia a coisa mais natural do mundo. Ele tinha essa confiança na sua capacidade de elevação social sem limites.

Sol na X: visão da sociedade.

Jupiter na X: confiança na capacidade de ascensão social. Confiança na capacidade de dominar a sociedade , ele se sentia como se ele fosse um governante (uma espécie de rei). Ele mesmo dizia: " Aquilo que Napoleão não conseguiu com a espada, ele conseguiria pela pena " Isso é um traço de Jupiter na X. Aliás, Napoleão também tinha um aspecto Sol/jupiter: Sol na X e Jupiter na I.

Aonde Balzac erra é em parte por essa avidez (ele tinha muita pressa em agir) e, pelo desconhecimento do indivíduo o qual ele está lidando (particularmente essa Condessa Hanska que o fez de trouxa).

"Saturno na XII"

Se nós perguntarmos: Aonde está o problema? (Saturno).

Quando começa a ficar difícil (a posição de Saturno), a sugestão é que você comece a procurar nos comportamentos mais inexplicados do indivíduo. No caso de Balzac, nós temos uma indicação na própria obra que é: O fato de ele ter organizado esta obra de uma maneira ascendente , a partir da observação dos costumes sociais ia subindo, subindo... até chegar em temas mais Universais. O plano da Comédia Humana foi organizado como uma pirâmide, dividida em três andares:

- 1-) Estudos de costumes.
- 2-) Estudos filosóficos.
- 3-) Estudos analíticos.

Isso aqui poderia nos dar uma pista: Aonde ele está querendo chegar com tudo isto? Qual é o problema que ele está pretendendo resolver com este esquema?

No comportamento de Balzac, largando um pouco a obra de lado, nós sempre podemos supor o seguinte: Aonde o indivíduo está em dúvida muito profunda (onde ele está em luta com algum problema), algo disso aí deve transparecer no comportamento dele. (Na casa onde o sujeito tem Saturno você sempre vai ver um comportamento anormal em relação ao resto que você sabe dele).

Um traço que é repetidamente assinalado em Balzac, é o seu continuo desejo de "evasão", de fugir. Vamos ver a biografia:

"....Debatendo-se no cérco de sua miséria dourada, Balzac teve mais de uma vez a tentação das evasões. Despir a sua pele, fugir ao seu destino, é um dos leitmotiv de suas cartas como de sua vida...."

Comentário:

A ritmo de vida dele é todinho marcado por momentos onde ele desaparece do mundo , ele leva uma vida com um horário totalmente irregular (ele sentava na mesa e trabalhava 48 horas direto sem levantar) não sabia quando era dia ou noite. Tinha uma fisiologia toda peculiar dele, e , em outros momentos, ele penetra na sociedade e vive intensamente: o mundo, as pessoas, o meio... de repente, ele some de novo. Isso são traços importantes:

- 1-) O desejo de evasão.
- 2-) Esta entrada e saída do meio social.

3-) O fato de, a vida inteira, buscar pertencer a sociedade e nunca conseguir estar dentro dela, nunca se sentir dentro dela.

Exemplo: Balzac, em parte porque acreditava na monarquia e por ter esse desejo de ascensão social, quis entrar na política pelo partido Monarquista. Por sua vez, o partido Monarquista ficou numa posição díbia com relação a Balzac: De um lado era um homem de muito talento, porém, de outro ele não era um aristocrata, mas sim um negociante.

Na biografia tem mais umas indicações interessantes:

"....A partir dessa época, a vida de Balzac torna-se complicada para os biógrafos, ele como que se comprasia em dificultar essa tarefa...."

"....Ninguém pode ter a pretensão de fazer uma biografia completa de Balzac. Qualquer ligação com ele era, necessariamente, cortada por lacunas, ausências e desaparições: -- O trabalho dominava de modo absoluto a sua vida. Afirma seu amigo.... De fato Balzac desaparecia frequentemente durante semanas inteiras, emergindo ora nesta ora naquela cidadezinha, em casa de um ou de outro amigo, para descansar de algum esforço excepcional e, mais frequentemente, ainda desaparecia para acabar, no silêncio da província, algum livro que incubava. Outras vezes os amigos acreditavam em viagem, mas ele estava em Paris, escondido numa residência secreta, a escrever, mas também a fugir aos credores e as convocações da Guarda Nacional. Depois, ao cabo de uma reclusão, voluntária de 30 ou 40 dias, reaparecia brandindo alguma nova "obra prima". Em outras ocasiões quando os amigos o acreditavam em casa, recebiam, dele, um bilhete vindo da Itália , da Suiça, da Alemanha ou da Rússia e, isto, num tempo em que as viagens eram muito mais incômodas e demoradas do que hoje...."

Comentário:

a) O desejo de evasão: entrar e sair da sociedade

b) Essa coisa escorregadia, como um sabonete, ele entra e sai e você nunca sabe aonde ele está.

Esses são apenas traços comportamentais.

Balzac tinha interesses místicos, metafísicos e religiosos bem caracterizados, mas que são frequentemente uma das partes difíceis de você estudar na obra dele, porque é uma parte que a maioria dos críticos esqueceu de examinar ou considerou mera esquisitice. Não se pode esquecer que Balzac morreu em 1850 e portanto toda a fama, dele, se fez na segunda metade do século passado. O que que era a segunda metade do século passado na França? Era o império do materialismo, do científicismo, positivismo etc etc... O destino póstumo da obra está marcado por esta circunstância. Os críticos, da época, estavam todos marcados por essa mentalidade. Balzac via a sociedade humana como um conjunto que se organizava em andares. O primeiro e mais óbvio andar, é exatamente a organização econômica, mas por trás dele tinha algo mais, uma outra rede de leis que prezidia a organização da sociedade e, por trás dessas leis tinha uma outra rede ainda. Então, eu acho que hoje já dá para entender que, essa divisão em três andares, que ele fez, era:

a) A sociedade vista na sua base econômica.(a estrutura econômica coeria a sociedade, dava à ela uma certa unidade).

b) O mundo das idéias (mundo filosófico).

c) As forças mais elevadas que ali estavam em jogo.

Que forças eram essas? Aonde Balzac quer chegar? Ele mesmo nos dá a solução disso aí.

Na biografia diz que entre ele e a Condessa Hanska tem várias cartas sobre assuntos religiosos:

"....Nas conversas epistolares dos dois amantes, reaparece mais de uma vez a questão religiosa:

A Senhora Hanska, católica praticante, tentou mais de uma vez converter o seu romancista. Pois, esse conservador, que escrevia " à luz da religião " por estranho que pareça, não acreditava no catolicismo e, se o sustentava em suas obras, era por motivos literários e políticos.

As tentativas da Condessa são declinadas em nome de outra religião, inteiramente individual, a que não falta um ar meio herético: " Você sabe qual é a minha religião, escreve o amigo em julho de 1837, não sou absolutamente ortodoxo e não acredito na Igreja Romana. O Swedenborgismo, que não é senão uma repetição, no sentido cristão, de idéias antigas, é a minha religião com a adição, que faço, da incompreensibilidade de Deus...."

"....Politicamente sou da religião Católica, perante Deus sou da religião de São João da Igreja Mística, a única que tem conservado a verdadeira doutrina...."

"....Além do misticismo, a religião de Balzac admitia mais alguns elementos, tornando-se um verdadeiro repositório das crenças mais diversas.

Interessado no mais alto grau nos fenômenos de magnetismo animal ou, como o termo moderno, "espiritismo," a que reseva importante papel no livro " Ursula....". Balzac não se recusava a crer nos adivinhos ou, como se chamavam nesse momento, "os sonâmbulos". --Que imponente e terrível poder! Exclama, falando do sonambulismo em uma carta de 1835. --Saber o que se passa na alma das pessoas a maior distância, saber o que elas fazem...."

"....Como Balzac, que pelo sim e pelo não, respeitava superstições mais comuns: apanhava um pedaço de ferro na rua, para ter sorte, e fazia coleções de talismãs, não teria acreditado nos adivinhos. Pois, foi justamente uma sonâmbula, e das mais famosas, que lhe disse depois de ter-lhe imposto a mão sobre o estômago, retirando-a com espanto e fixando o paciente: -- Que cabeça! É um mundo, assusta-me..."

Comentário:

Nós podemos fazer aqui a hipótese de que esse mundo Balzaquiano, ele de fato tem três andares:

1-) A organização econômica e política da sociedade.

2-) A organização intelectual da sociedade. (As idéias filosóficas).

3-) As leis que presidem o destino. Leis essas que seriam descritas, por Balzac, nos termos propostos por Swedenborg.

Se essa hipótese for correta, então, essa sociedade de Balzac se dispõe como uma pirâmide no qual, no topo, o que está em operação são as leis divinas. Porém essas leis divinas não foram descobertas por Balzac. Balzac descobriu o andar de baixo e, o andar de cima, ele copiou de Swedenborg.

Aluno: -- Ele pegou da cultura...

Olavo: -- Sim, ele pegou da cultura.

Essas leis que operam, ocultamente, presidindo o destino do mundo e que, no mundo, só aparecem sob a forma de fenômenos esquisitos, que parecem estar justamente fora da ordem do mundo, parecem ser a exceção. Nestes fenômenos que são de exceção é, neles que poderia se descobrir, o que é a regra. Se esta hipótese for certa, então nós veremos no mundo intelectual de Balzac, a mesma relação entre um mundo externo, patente, visível, e um mundo oculto, que existe na vida dele entre uma atividade externa, aberta, manifesta, e uma atividade oculta. Essa atividade oculta parece anárquica, mas que é, realmente, ela é que contém o segredo da vida de Balzac. É lá que estão as leis e a ordem que presidem a vida dele.

Exemplo: Se o sujeito desaparecia. Se você esperava encontrá-lo num lugar e ele estava sempre em outro. Porque que acontecia isto? Porque a vida dele não era determinada pelo compromisso social externo, mas por uma regra interna de trabalho, que ele tinha se fixado e que ninguém sabia qual era. Aquilo que aparecia, exteriormente, como desordem era, no fundo, a ordem. Do mesmo modo, analogamente, essas coisas que aparecem no mundo externo, num mundo mais visível, como fenômenos excepcionais, coisas esquisitas etc... são a pista para você ver, qual é a ordem oculta que existe no mundo.

Esse contraste entre uma coisa patente e uma oculta. Uma ordem oculta por trás de um caos aparente, um caos oculto por trás de uma ordem aparente. Essa entrada e saída da sociedade... Isso tudo era uma problemática de que casa?

Alunos: -- Casa XII.

Olavo: -- Evidente! Então, Balzac tinha realmente Saturno na casa XII. Com isso nós matamos o problema.

Exemplo: Esse negócio de entrar e sair... Eu tenho um amigo: Ahmed. O Ahmed tem Saturno na casa XII, e quando eu falo nele, eu me lembro de um verso que a gente decorava quando estava no ginásio:

"Uma árvore de dourados pomos,
que está sempre onde nós a pomos,
e nunca a pomos onde nós estamos."

O Ahmed você ia pegar ele aqui e, ele já estava lá. Você ia para lá, ele já não estava mais... Ele aparecia na minha casa às 3 horas da manhã, para me visitar, e saia às 5 horas antes que eu tivesse acordado. Eu acordava, e recebia a notícia de que o Ahmed tinha ido me visitar na minha ausência. O Ahmed morava no Rio. Vinha assistir as minhas aulas, aqui, em São Paulo. Tinha a família em Curitiba e o consultório em Caxias do Sul, e fazia um curso em Porto Alegre. As vezes ele assistia congressos no Nordeste. Agora, até onde a gente sabe, ele está na China.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 82 - 08/03/92

"O mapa de Theodore Roosevelt"

Vamos fazer uma avaliação do estudo, que eu dei no último bloco. O mapa foi o de Theodore Roosevelt:

Sol/Mercurio na casa V.

Lua na casa X.

Vênus na casa VI.

Marte na casa VIII.

Júpiter na casa I.

Saturno na casa III.

Os dados biográficos foram os seguintes:

a) Família rica (banqueiros).

b) Teve acesso aos estudos, e foi ajudado pela família.

c) Na infância teve uma doença pulmonar, que o impediu o prosseguimento dos estudos, da qual se recuperou com muito esforço, tendo depois excelente saúde (a doença foi aos 12 ou 13 anos aproximadamente).

Este indivíduo teve uma carreira muito peculiar, pelo fato de que ele inaugurou um tipo de política americana: Que é um sujeito grosso, e que agrada, ao povo, justamente por ser grosso.

Exemplo: Como o Adhemar de Barros.

Um tipo que falava inconveniências, fazia piadas um pouco pesadas e, de certo modo, fazia o papel do "ignorantão sensato". Tudo isso tem um pouco de encenação nessa coisa, mas em parte reflete a personalidade real dele.

Até então, em geral, os camaradas que chegavam a presidência dos EUA, eram sujeitos que transmitiam uma imagem um pouco contrária, transmitiam uma imagem de um "Pastor Protestante". Se formos comparar Theodore Roosevelt com Woodrow Wilson a diferença é brutal. Wilson era o típico político americano: bem comportado, com uma vida muito regrada, transmite uma imagem de "pastor protestante", uma imagem de pureza, de integridade.... Ao mesmo tempo, os políticos americanos, mais eminentes até então, eram todos homens cultos, respeitados pelo seu conhecimento. Ex: Benjamin Franklin, Lincoln era escritor, Woodrow Wilson era Reitor de uma Universidade....

Theodore Roosevelt inaugura o estilo populista, que depois viria a ser a razão do sucesso de uma infinidade de políticos americanos. Esse tipo de político é o homem que procura, de certo modo, desprezando o conhecimento, as letras, as ciências, mostrar que mais vale o bom senso e os fins do cargo. Na verdade esses caras não são tão incultos quanto procuram parecer.

Roosevelt também, além desse aspecto populista, passava a imagem de um tipo aventureiro, um Cowboy.

Exemplo: Quando houve a guerra contra a Espanha em Cuba, os EUA entraram do lado dos revolucionários contra os espanhóis, mandaram invadir Cuba. Roosevelt fez questão, embora presidente, de ir pessoalmente comandar o exército "in Loco", e dar tiros, com isso ele virou um ídolo popular. Ele tirava fotografias vestido de "cowboy", dando tiro, exibindo o revolver etc... Coisas que são uma verdadeira palhaçada, mas que funcionava. Ele também foi defensor de causas populares, e era considerado um dos grandes presidentes americanos.

Quando jovem ele teve uma doença pulmonar, que quase o incapacitou para os estudos, e ele logo percebeu que não ia se curar na base dos remédios e, que a recuperação dele dependia de um esforço de "Vontade" pessoal dele (ele viu que ele tinha que se curar a

si mesmo). Ele começou com um programa de ginástica e uma vida regrada e, graças a isso, ele conseguiu superar a crise e adquiriu uma saúde de ferro. Exibiu amplamente essa saúde, dando, a toda hora, demonstrações da sua resistência física extraordinária. Aí vocês já começam a notar os lances biográficos que vocês anotaram:

- 1-) Essa auto-confiança, essa incapacidade de dúvida de si por um único momento.(Jupiter na I e Sol na V)
- 2-) O fato de ele, ter conseguido, confiar em si mesmo na situação de doença, encarar isso numa boa, encarar isso como uma "OPORTUNIDADE" (partindo da doença, ele começar uma nova vida). (Vênus na VI e Sol na V).
- 3) Esse estilo "populista" dele, mostrava uma necessidade de agradar as massas, de parecer semelhante, ao povo, para ser amado por ele. (Lua na X)
- 4) A afetação de desprezo pela cultura superior (devido esse Saturno na III). Essa afetação de desprezo, funcionou como a solução (uma conduta adaptativa) de tentar mostrar que o conhecimento não importava. As dúvidas, a hesitação que ele tinha quando ao que ele devia falar, ele resolia pela maneira cirúrgica: Tendo medo de se atrapalhar, quanto ao que deveria falar, ele, de certo modo, se atrapalhava voluntariamente, falando inconveniências, piadinhas Isso não foi nem uma ou duas vezes. Essas coisas pegavam muito mal. Mas ele, não sendo capaz de se policiar convenientemente nesse ponto, achou que o melhor era adotar o defeito como se fosse uma virtude. Por outro lado, desprezando a cultura superior, ele podia, facilmente, harmonizar o seu culto de si mesmo com um certo sentimento de incapacidade nesse setor. (Tentou demonstrar que ele era superior a essa expressão da vida humana: os estudos).

Então, aí está feito o perfil do sujeito. Em geral, vocês acertaram. Onde erraram foi nas seguintes oportunidades:

- 1-) Quando quiseram tirar mais conclusões.
- 2-) Quando usaram, accidentalmente, conceitos da "velha astrologia". Está mais do que provado a impossibilidade de você, só a partir do mapa, decretar efetivamente uma pessoa. Embora alguns "astrólogos", accidentalmente, o consigam, mas acertam quando não se baseiam, exclusivamente, no mapa, mas quando tem uma capacidade telepática ou qualquer coisa assim.... Vocês devem se abster das técnicas da "astrologia corrente", pois, elas estão furadas.
- 3-) Na questão da linguagem, não no problema dele (Saturno na III), mas na maneira de vocês se explicarem. Existe uma inadequação, muito grande, na maneira de quase todo mundo se explicar. Vocês se explicam muito mal, vocês falam uma coisa e o sujeito vai entender outra. Tem que advinhar o que vocês estão pensando. Esse problema não se refere aos seus conhecimentos da Astrocaraterologia, mas a sua "cultura geral", os seus conhecimentos da língua, em geral, pessoas de nível universitário tem um domínio muito deficiente da língua. De fato, a única coisa que interessa aprender é a língua, se você souber ela, o resto dá para se virar, mas sem ela nada se faz. Nós podemos pegar vários exemplos:

Exemplo: Um de vocês interpretando Marte na casa VIII, começou dizendo assim: O sujeito repele o perigo. O que quer dizer ""repelir o perigo"? Quem me explicar o que quer dizer isto...

- 1-) o sujeito que odeia o perigo, e jamais entra em situações de perigo. Pode-se dizer que ele "repele o perigo".
- 2-) O sujeito que tem tanto medo do perigo, que nem pensa nele. Também pode-se dizer que ele "repele o perigo".
- 3-) O sujeito que, quando tem uma ameaça, um inimigo, ele ataca o inimigo e o repele. Ele também "repele o perigo".

Eu entendi o que o sujeito quis dizer, mas uma pessoa de fora que fosse ler isto aí, não entenderia. Então, qualquer explicação que você der, à essas palavras, servem.

Esta é uma deficiência que está em todos os trabalhos.

Onde acertaram melhor, foi onde fizeram a dedução sistemática, por mais trabalho que isto dê:

- a) você descreve o que é a casa.
- b) O que é o planeta (faculdade cognitiva).
- c) O que é o traço caracterológico essencial.
- d) O que é essa possibilidade de desenvolvimento, e as outras possibilidades de desenvolvimento.
- e) No fim, da análise, você conjectura alguma coisa. Neste caso, você fala um montão de coisas para, no fim, você tirar uma conclusão....Eu digo: --Assim é que é o certo! Vocês devem ter a paciência de ir passo por passo. No começo vocês vão perder muito tempo, mas depois, com a prática, vocês irão um pouco mais rápido e não errarão mais. Teve um trabalho que eu li, eu não me lembro de quem é, que foi feito exatamente assim passo-por- passo, no fim comparando uma coisa com outra chegou-se a seguinte conclusão: este Saturno na III deve ter dado assim, assim.... e chega-se exatamente na conclusão certa. Comparando a posição do planeta Saturno com as outras posições, se você tiver feito a dedução completa de cada um, nem precisaria ter nenhum dado biográfico para comparar.

Exemplo: Comparando o Sol na V com Saturno na III. Saturno na III pode dar:

- a) ou uma elaboração lógica muito complexa.
- b) ou uma inibição.
- c) ou uma conduta adaptativa que, no entanto, terá que ser conciliada com as outras posições planetárias, inclusive com o Sol na V.

Se o sujeito tem Sol na V e Jupiter na I, tem esta auto-confiança e tem muitos desafios, vai ser difícil que ele tolere, em si mesmo, uma inibição de linguagem. Esse Saturno na III pelas outras posições planetárias, deve ter tomado algum outro desenvolvimento. Você só percebe isto se fizer a dedução inteira. No começo você deve seguir a seta e, não tentar tirar nenhuma conclusão apressada. Neste caso a conclusão apressada é assim como uma "ejaculação precoce".

Voltando ao Roosevelt, que tinha um mapa voltado para a ação física, auto-confiança, desafios etc... Se você comparar ele com um outro sujeito de Saturno na III:

Exemplo: Herman Hesse

Hermann Hesse também tinha Saturno na III e Jupiter na I. Como é que ele elaborou esse Saturno? Hesse era um poeta lírico. Como é que um sujeito de Saturno na III vira um poeta lírico? Esse Saturno na III, de Hermann Hesse, acaba sendo trabalhado em termos de uma espécie de: "uma busca infinita do conhecimento que nunca chega a conclusão alguma" (começa na ambiguidade e termina na ambiguidade). Nos seus romances tem sempre o problema de dois tipos "gêmeos". No romance "Lobo da Estépe" o personagem é duas pessoas ao mesmo tempo: uma hora é homem e noutra é mulher. Não se sabe se é uma esquizofrenia....

Se o Roosevelt fosse centrar o seu desenvolvimento neste Saturno na III, então, teria que trabalhar essa dificuldade, do pensamento, no sentido do conteúdo do pensamento.

Exemplo: O Roosevelt podia ser um tipo de um político "mineiro": Tancredo Neves. Tancredo Neves tinha Saturno na III, a especialidade dele era falar sem dizer nada. Nunca ninguém sabia o que ele pensava e no entanto, ele era um homem que escrevia bem (ele escrevia seus próprios discursos e corrigia os alheios). Ele sabia falar, mas não sabia o que falar e, aliás, usava isso como uma vantagem, uma arma.

Aluno: --Uma frase preferida dele era: "O único compromisso de Minas Gerais é com a verdade".

" Alguns esclarecimentos sobre a posição da Lua em diversas casas "

Aluno: -- A Lua na casa X, de Roosevelt, teria essa identificação com a população?

Olavo: -- Lógico. Dá uma ligação de tipo "emocional": ele ama e quer ser amado pelo povo.

Aluno: -- A casa aonde está a Lua é, naquele ponto, onde a pessoa nunca vai se saciar? Ela sempre vai ter uma falta?

Olavo: -- Claro! A lua é uma espécie de "motor", ela está sempre se mexendo e, ela nunca fica como está.

Aluno: -- O sofrimento que está colocado ali é inevitável...

Olavo: -- Não quer dizer que seja o problema mais profundo do indivíduo, mas é onde ele sente que sofre. É muito comum a pessoa se queixar de problemas aonde ela tem a Lua e Saturno. É ali que elas enxergam o problema, mas não quer dizer que é ali que ele está.

Aluno: -- Um indivíduo que tenha a Lua na X comparado com um outro que tenha Saturno na X, eles são completamente diferentes.

Olavo: -- Sim, são duas coisas que não tem nada haver uma com a outra. São dois tipos de problemas.

Exemplo: Hitler

Hitler foi adorado pelo povo alemão. Ele queria isto? Eu acho que ele não pensou nisto um único minuto. Ele achava que ele estava encarnando a História. Ele achava que tinha a missão de fazer isto e mais aquilo... Se o povo, alemão, gostava ou não gostava, que se dane... Esse lado "afetivo" do poder para ele não existia.

Agora, se o indivíduo tem a Lua na X, quer ser aplaudido mesmo, ele quer que gostem dele. Se vocês compararem vários políticos com: Sol na X, Lua na X, Jupiter na X, Marte na X ou Saturno na X, vocês vão ver que eles são completamente diferentes uns dos outros, apesar de todos terem algum planeta na casa X.

Aluno: -- Uma pessoa de Lua na X não se importa como uma pessoa de Sol na X?

Olavo: -- Ela não quer se impor, ela quer que a amem. Ela quer se indentificar com o povo. Com a Lua na X, você quer demonstrar. É uma coisa de você mostrar para o público ver o que você está fazendo, para você ser aplaudido. Não é o poder, que ele deseja, mas sim o aplauso.

Exemplo: José Sarney

Vocês não se lembram do Sarney, ele tem a Lua na X, ele ia ao público e falava assim:

-- Ponham-se no meu lugar! Tenham compreensão!

Na casa onde você tem a Lua sempre haverá muitas queixas. Na casa onde está a Lua não é que está o problema, mas é ali que a pessoa quer alguma coisa. Se ela não obtém, ela fica muito triste e, se ela obtém, ela também fica triste pois, aquilo pode acabar....

Agora, com Saturno o problema é outro. Aonde você tem Saturno não é que você queira alguma coisa dali, na verdade, a casa onde você tem Saturno é onde você preferia nem pensar naquilo. É onde você gostaria que aquilo não existisse.

Exemplo: Saturno na casa VI.

O sujeito seria obrigado a refletir o por que de muitas coisa como: Por que que tem que trabalhar?

Por que que tem que cumprir os horários?

Por que a gente fica doente? Eu não quero ficar doente agora.

Essa defasagem no tempo: "as coisas nunca acontecem na hora que você quer" Isso é muito comum para quem tem Saturno na VI.

Aluno: -- E a Lua na VI?

Olavo: -- A Lua na VI é o contrário. Você deseja, você pensa nisto, e você gostaria muito de obter algo ali. Se não obtém você fica triste.

Exemplo: Como se relaciona uma pessoa de Saturno na VI e Lua na VI com relação ao bem estar corporal?

a) Uma pessoa com Saturno na VI preferiria jamais pensar nisto, preferiria agir como se não tivesse corpo.

b) Uma pessoa com Lua na VI ela gosta disso e, como gosta, ela procura ter um bem estar corporal. Se ela não consegue, este bem estar, fica muito triste.

Na casa onde você tem a Lua você tem um desejo e, ao mesmo tempo, uma incomodidade. Qualquer coisa que você queira:

1-) A falta daquilo te dói.

2-) A posse daquilo também te dói, porque você tem medo de perder.

Então, todo o "desejo" se transforma num "temor".

Aluno: -- Em termos de poder, a Lua na X não daria uma insegurança do seu lugar na sociedade? A pessoa não ficaria a toda a hora testando, questionando o poder que ele tem?

Olavo: -- Não, aí seria uma característica de Saturno na X. Ela não sabe se tem poder suficiente. Muitas vezes ela é completamente inconsciente do poder que tem.

Vejamos algumas diferenças entre as posições planetárias:

a) A Lua na X daria uma espécie de um sentimento de "ator", ele sempre sabe se está agradando ou não a platéia.

b) A pessoa de Lua na VII também sente se ela agrada ou não.

c) Uma pessoa com Saturno na VII ela pensa muito nisto: O que que eu deveria fazer para agradar o outro? Mas ela nunca sabe se está agradando ou não. É uma informação que não entra. Justamente na hora em que ela precisa da informação "feed Back", ela não consegue captar aquilo.

Exemplo: Lua na VII

Eu tenho Lua na VII. Eu não suporto ver o mais mínimo desentendimento entre quaisquer pessoas a propósito do que quer que seja. Também não suporto ver uma pessoa falando alto com outra, me sinto mal. Se ficar tudo em paz? Daí eu fico com medo que possa surgir uma briga... No caso de uma briga, se tem duas pessoas discutindo, em princípio, eu nem quero saber quem tem razão. Primeiro tem que parar a briga, não interessa pelo o que estão brigando... Eu nunca estou isento, eu sou contra a briga. Agora, se é para ter briga, então, daí é para fazer uma desgraça total, daí é guerra! Se você se der bem com uma pessoa, então, é para se dar bem mesmo ! Agora, se é briga, então é para ser inimigos de "vida ou morte" !

Aluno: -- Se você fosse viver com uma pessoa de Marte na VII...

Olavo: -- Seria terrível! Seria um desastre, porque a pessoa de Marte na VII é muito provocativa.

Aluno: -- Eu estou lendo no programa do curso que num dos capítulos que é: "Afetividade em geral". Na afetividade em geral você estuda o que seria a síntese entre Vênus e Lua....

Olavo: -- Vênus é exatamente ao contrário, se a coisa não está do jeito que você gosta, então, você imagina que ela está. Você tem uma facilidade de encobrir e embelezar, de completar.... Vejam! Vênus na VII e Lua na VII são coisas totalmente diferentes.

a) A pessoa com Vênus na VII tem, de certo modo, uma capacidade de enfeitar as situações (bilaterais).

b) A pessoa com Lua na VII, não tem essa capacidade, ela tem a necessidade...

Aluno: -- Vênus na VII seria um talento para a diplomacia?

Olavo: -- Claro! Vênus na VII dá um talento diplomático. Agora, Lua na VII não dá um talento diplomático. Lua na VII dá uma necessidade de uma convivência muito pacífica, harmônica. Se tiver os dois planetas (Vênus/Lua) na casa VII, então, essa pessoa vai ser um "artista" nesse negócio.

Exemplo : Lua na VII

Voltando ao meu exemplo:

Se tiver uma pessoa que está um pouquinho chateada comigo, eu preciso saber o que é. Eu não consigo não prestar atenção nisso.

Quando uma pessoa fala: --Não topo a cara de fulano! Quando eu escuto isto fico perturbadíssimo!

Até se eu cismar com um sujeito e, não gostar dele, então, eu vou ter que explicar, para mim, porque que eu não gostei. Se eu não gostar de uma pessoa eu vou ter que tomar uma providência.

Isso revela uma necessidade de que haja uma paz, um entendimento entre todas as pessoas.

Aluno: -- A Lua na XI não daria um pouco disso...?

Olavo: -- Pode ter, mas o certo é que a Lua na XI daria uma necessidade de participação numa tarefa em comum, um plano, um projeto, um partido...

Aluno: -- Daria uma necessidade de fama?

Olavo: -- Também, claro! A vida tem que ter uma significação histórica, mas não quer dizer que o sujeito vai ter jeito para isso.

Exemplo: Winston Churchill

Churchill tinha a Lua na XI. O desejo de fama era a coisa mais evidente dele, saltava aos olhos que ele queria aparecer e, aparecia mesmo. Tudo que acontecia de importante ele tinha que estar lá, ele tinha que estar no "foco" dos acontecimentos. Não consentia em ficar na obscuridade nunca.

Agora, uma pessoa com Saturno na XI, freqüentemente, estão numa posição muito mais anônima do que lhes convêm. Exemplo: Mário Ferreira dos Santos.

O Mário tinha Saturno na XI. Como é possível que as ações desse cara não tivessem uma repercussão extraordinária ? Simplesmente ele não sabia como dar essa repercussão, ele não tinha o sentido da fama.

Aluno: -- Uma coisa eu não entendi, como se liga Vênus com a afetividade?

Olavo: -- Eu não sei. Procure na mitologia e veja se você acha alguma coisa do "mito" de Vênus relacionada com a afetividade. Você não vai achar nada. Vênus tem a ver com um negócio físico, com a beleza física e, não com o afeto.

Na mitologia, aqueles que eram protegidos de Vênus, se tornavam "atraentes", mas isso não quer dizer que as pessoas os "amassem" num sentido afetivo.

Exemplo: No caso do Theodore Roosevelt, que tinha Vênus na VI, ele encarou a doença numa boa. Em geral, as pessoas que tem Vênus na VI, encaram as coisas que representam uma incomodidade, um impedimento, para a organização que elas desejam dar a sua vida, encaram numa boa.

Vênus tem a ver com a sensorialidade e memória e, é na memória que se conserva a imagem da coisa sentida. Na verdade, você é mais atraído pela imagem, que está na memória, do que pela coisa real. Quem é que não sabe: "Tudo o que é fantasia é melhor do que a realidade". Isso é próprio da memória, é a memória que embeleza tudo.

Exemplo: Quem tem Vênus na I consegue fazer você ver ela mais bonita do que ela é. Eu já vi pessoas feias com Vênus na I, mas que davam um toque de "beleza".

Vênus na VII é o contrário. Por que que a pessoa com Vênus na VII é agradável? Porque ela vê você pelo lado agradável.

A minha filha "Leilah" tem Vênus na VII. A capacidade que ela tem de admirar as pessoas, faz com que as pessoas gostem dela. Ela fica boquiaberta, fascinada, ela acha tudo "divino, maravilhoso". Quem é que não gosta de ser gostado? Quem é que não gosta de ser admirado? Então, se a pessoa sabe gostar, sabe admirar, ela atrai também isso das pessoas. Mas ela está completamente inconsciente de qualquer beleza dela. Não é importante ela ficar bonita, mas ela ficar parecida com fulano isto é importante. É uma espécie de vaidade ao contrário.

Vênus tem essa coisa transfiguradoura. A imaginação é uma força terrível. Tudo o que o sujeito imaginar que ele possa fazer, ele acabará fazendo de algum modo.

Aluno: -- Mas a Lua também não é assim, você deseja as coisas e....

Olavo: -- Não. Uma coisa é você desejar porque é bonito, outra coisa é você desejar porque lhe faz falta. A Lua é uma carência.

Exemplo: O velho Gurdjieff, apesar de tudo, dizia uma coisa certa, ele dizia o seguinte:

1-) Quando você tem um amor espiritual, pelas pessoas, você é sempre correspondido.
2-) Quando você tem um amor carnal, um amor físico, então, ele é correspondido conforme a equivalência dos tipos, é um negócio Szondiano: você terá tesão e a pessoa também, se ela for um tipo correspondente ao seu.

3-) Quando você tem um amor "sentimental", ele é sempre contrariado. Quanto mais você gostar da pessoa menos ela gosta de você.

Esse negócio é certo. O amor "sentimental" é uma carência. Se você procura uma pessoa com uma carência daquilo, o que que ela sente em você? Ela sente a sua carência e, por isso, você lhe é desagradável.

Exemplo: Voltando ao meu caso, Lua na VII, parece que as pessoas sacam que eu não gosto de briga, então elas escolhem para brigarem justamente na minha frente, porque sabem que eu vou dar um jeito de apaziguar. Outra coisa que me acontece com muita freqüência, são pessoas que vem me dizer que não topam com a cara de outra. Talvez as pessoas nem façam isto propositadamente. Talvez seja eu mesmo, por ter a Lua na VII, que noto mais essas coisas.

Um arbitrador natural, que goste de fazer isso, seria quem tem o Sol ou Jupiter na casa VII. Ele se sente confortável numa posição em que seja árbitro, em que possa tomar partido.

Onde você tem a Lua aonde você gostaria de receber uma satisfação naquele assunto, mas gostaria de receber como se recebe um presente de Papai-Noel. Você quer que as coisas naquele setor venham prontas. Você não quer fazer nenhum tipo de esforço naquele setor, pois qualquer esforço lhe será tremendamente desagradável.

Aulas de abril de 1992.

INDICE DO BLOCO DE AULAS DA MES DE ABRIL DE 1992

Aula: 83 - 05/04/92

Assunto: "Comentários sobre o texto: 'O que é Astrocaraterologia' (este texto não foi transscrito).

- 1-) Considerações sobre a Astrocaraterologia.
- 2-) A função da Cosmoterapia (Teoria do Jacques Halbronn)
- 3-) A questão dos traços morais decorridos de um horóscopo.
- 4-) Os métodos de verificação da Astrocaraterologia.
- 5-) A identificação das "Camadas da personalidade" num indivíduo.
 - a) Décima-segunda camada.
 - b) Décima-primeira camada.
 - c) Décima camada.
 - d) Nona camada.
 - e) Oitava camada.
 - f) Sétima camada.
- 6-) A questão da comparação entre a personalidade e o mapa astral.
 - g) Quarta camada.
 - h) Quinta camada.
 - i) Sexta camada.
- 7-) Comparação de um horóscopo e um desenvolvimento da personalidade. Exemplo: Hitler.
 - a) Comparação entre Hitler e Roosevelt.
- 8-) A definição do astro-caráter e da personalidade.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 83 - 05/04/92

Cometários sobre o texto: "O que é a Astrocaraterologia?"

(Nota: Este texto não foi transscrito devido ao fato de ter sido distribuído aos alunos, e de figurar no livro: "O Caráter como Forma Pura da Personalidade")

Este texto foi produzido com o propósito de costurar, em uma unidade, tudo o que nós estudamos até hoje. Eu vi que, ao longo do curso, muitos alunos vão perdendo de vista certos pedaços, que se forem esquecidos, vão embananar o resto do curso, e aí não vamos entender mais nada.

A finalidade básica da Astrocaraterologia é reduzir a um esquema comum, tudo o quê os astrólogos, clássicos e modernos, dizem sobre as relações entre posições planetárias e o caráter humano. Reduzida a esta unidade, aí sim, verificar se isto existe ou não.

A Astrocaraterologia é:

1-) Uma parte, uma disciplina especial dentro da astrologia.

2-) É sob certos aspectos, uma anti-astrologia, na medida em que coloca entre parenteses, aquilo que para a tradição astrológica é um dogma.

3-) É uma proposta de uma "Nova" astrologia.

Ela é estas três coisas. Conforme o ângulo que você olhe, você vai entender-la dentro dessas três maneiras.

Todo o nosso curso é a formulação da hipótese Astrocaraterológica.

Na verdade, o corpo das teorias astrológicas consiste neste três tipos de proposições e, os astrólogos dizem algo sobre:

1-) A existência e a natureza das relações entre o céu e a Terra (fenômenos celestes e terrestres).

2-) Não apenas eles afirmam a existência, em bloco, dessas relações, mas eles acreditam poder conhecer, individualmente, vários tipos de relações, ou, dito de outro modo: " as influências individualizadas de Jupiter, Saturno e etc etc..."

3-) Eles acreditam, que não apenas conhecem essas várias modalidades, ou planos de influência, mas que são capazes de diversificar para cada caso individual.

Essas três coisas tem que ser estudadas separadamente, que é exatamente o quê nós estamos fazendo.

O conteúdo da Astrocaraterologia, o conteúdo das interpretações: planeta por planeta, casa por casa, não é uma proposta nova, a própria tradição astrológica que diz isto. Mas se é assim, por quê é tão diferente do que está nos livros de astrologia? Aquilo que está nos livros de astrologia, é variado, é incoerente, e o quê um astrólogo diz, não combina com o quê outros astrólogos disseram. Se nós fossemos reduzir, tudo isto, à uma essência, mediante uma redução fenomenológica, nós obteríamos exatamente as teses que a Astrocaraterologia está afirmando. O conteúdo dessa hipótese não é meu, isto é um ponto muito importante! Isto é um teste da astrologia como um "todo". O sucesso, ou o fracasso dessas averiguações, emitirá um juízo válido para toda a astrologia, e não para as minhas idéias em particular.

Todas as discussões sobre a validade, ou a invalidade da astrologia são prematuras, na medida em que não sabe o quê que os astrólogos estão propondo. Só quando isto for reduzido numa formulação única e coerente, é que nós poderemos saber se isto é verdadeiro, ou não.

Quando Ptolomeu, Morin de Vilefranche, Adolfo Vaz, Dane Rudhyar, ou qualquer outro astrólogo, diz alguma coisa sobre "a influência", de uma posição planetária, no comportamento do indivíduo, todos eles devem ter observado mais ou menos a mesma coisa. Acontece que essa "coisa" parece inapreensível, parece indizível, nós sabemos

que algo existe de diferente conforme o indivíduo tenha o planeta em tal, ou qual casa. Mas o quê é esse "algo" ? Na tentativa de exprimir essa diferença, os astrólogos recorrem à síntese tirada da sua própria experiência pessoal: simbolos, analogias etc etc.... O mesmo fenômeno, porém muito difícil de exprimir, acaba sendo expressado numa variedade de maneiras diferentes. Se nós conseguirmos enxugar tudo isso,e exprimir o quê toda essa "gente" quer dizer no fundo, aí sim nós teremos o quê nós podemos chamar de "teoria da hipótese astrológica". Seria interessante que vocês mesmos fizessem esse exercício, pegando três, ou quatro livros, de autores completamente diferentes, e tentassem "enxugar" fazendo o seguinte: pegue dez, ou quinze interpretações diferentes e reduza à uma só, tirando tudo aquilo que não seja essencial, mas pareça acidental.

Nos pontos onde a teoria astrológica, uma vez obtida por esta redução fenomenológica, não tenha unidade, está faltando pedaços, nós podemos preencher as afirmações faltantes.

Vou dar um exemplo de uma redução fenomenológica:

Exemplo: Pegando o livro "As doze Casas" do Howard Sasportas nós vemos que, quando ele investiga a Lua na casa VII, ele diz, mais ou menos, assim:

" É difícil este indivíduo ser feliz nos seus relacionamentos, porque ele se amolda excessivamente as necessidades e desejos do outro tomado, essas necessidades e desejos, como seus. Ele faz isso por causa de uma identificação com a sua mãe."

O quê é essencial? Tiramos "a mãe", porque a mãe não é uma interpretação, mas sim uma explicação, uma ligação causal e, uma ligação causal, não nos interessa.

Aluno: -- O essencial seria ele se amoldar as necessidades e desejos do "outro"?

Olavo: -- Isto! O amoldar seria o essencial. Agora se esse "amoldar" é causado pela mãe, ou por outra coisa, isso não nos interessa.

Se vocês pegarem vários livros, vocês verão, que essa afirmação essencial estará em todos eles, no que se refere a Lua na casa VII.

Os astrólogos não apreendem a unidade, aquilo que é essencial em todos os indivíduos com uma mesma posição planetária. Isso se deve ao astrólogo com relação à sua clientela, ele tem que dizer "algo" que se amolde particularmente ao caso do cliente. Portanto ele vai ter que expressar a "coisa" de uma maneira concreta, particular, simbólica, e não geral e abstrata. O astrólogo se perde numa simbolização variada de alguma coisa, que ele não chega a apreender. Isso se deve:

- a) O astrólogo não tem um nível de abstração suficiente para pegar "isso aqui" (interpretação essencial).
- b) A prática da astrologia não exigia isto. A astrologia se desenvolveu não como pesquisa científica, mas como uma prática técnica.

Fazendo essa redução em vários livros, vocês acabarão vendo que todos os demais livros, de qualquer época, se encaixam na mesmíssima interpretação. Porém, em alguns casos, sobretudo de astrologia mais antiga, as interpretações vão se tornando cada vez mais distantes desse núcleo essencial, e cada vez mais simbólicas, porque elas se tornam cada vez mais concretas, e referidas à acontecimentos reais. É como se eles fossem deduzidos dessa interpretação essencial (partindo de uma regra geral, não afirmada, partindo ao caso particular).

Todos os astrólogos afirmam que existe uma relação (celeste/terrestre),porém, quanto a natureza e as causas dessa relação, eles divergem. A investigação da "natureza" e das "causas" astrológicas é um hiato, é um buraco à ser preenchido. Essa investigação não faz parte do "legado" astrológico, é um problema a ser resolvido ainda. Essa parte da intepretação essencial foi dada logo no começo do curso, mas foi logo esquecida. Eu deveria ter insistido nesse ponto muito mais do que insisti. O conteúdo da

Astrocaracterologia foi obtido dessa redução à uma interpretação essencial. O pessoal esqueceu disto, e passou a tratar isso, como se fosse, uma "nova" interpretação, de uma interpretação diferente. A Astrocaracterologia é exatamente a interpretação astrológica corrente. Evidentemente eu aboli os signos, e um certo número de planetas, para não complicar a "guerra", para ter o "mínimo" de material necessário para se estudar. Também aboli outros dados astrológicos por questão técnica: Mercúrio (ele jamais se afasta muito do sol, então na quase totalidade dos casos, ele vai estar na mesma casa, ou no começo da casa anterior.... A interpretação dele é difícil, você não sabe se se trata de mercúrio, ou do sol.)

Eu estou fazendo uma "SINTESE REDUTIVA DA ASTROLOGIA CLASSICA E CONTEMPORANEA". A quê interessa a Astrocaracterologia, é que:

- 1-) Pela primeira vez na história, a astrologia foi reduzida à uma "unidade".
- 2-) Pela primeira vez é possível testar se esta técnica astrológica, assim reduzida, é válida, ou não.

Essa redução fenomenológica é um trabalho que vinha sendo feito desde a escola "Jupiter". Lá nós faziámos essa redução livro-por-livro, isso levou anos.... Tudo isto ficou pressuposto aqui neste curso, não foi explicitado. Seria um trabalho muito longo. Mas eu acho que as interpretações que eu estou dando, é fácil, para vocês compararem com os livros de astrologia e, necessariamente, partindo do que eles dizem, vocês chegam neste ponto que nós estamos afirmando. Isto é importante para fixar qual é o nível, no qual se pode falar de influências astrais.

"A função da Cosmoterapia "

(teoria de Jacques Halbronn)

A Cosmoterapia trata de retirar do indivíduo as bases dessa linguagem astrológica, com que ele se auto-expressa, e que funciona como um substitutivo da comunicação humana real.

Exemplo: O indivíduo não fala que ele odeia a mãe dele, mas sim que ele tem Marte na casa IV.

A astrologia fornece todo um equipamento para o indivíduo reconstruir a sua auto-imagem, e até se comunicar com outros astrólogos, sem precisar ter nenhuma apreensão intuitiva de seus estados reais, e sem precisar usar a linguagem humana. De maneira que, por um lado, ela facilita a comunicação por código, por outro lado, ela aliena o indivíduo dos seus sentimentos reais.

O quê que faz o Jacques Halbronn? Ele pega um texto único, no qual ele descreve a alienação do homem, e os motivos que o levam a procurar um astrólogo e esconder-se por trás da linguagem astrológica. Esse texto é o mesmo para todas as pessoas, porque o motivo, dentro de uma mesma sociedade, é mais ou menos uniforme. Ele pega os mapas dos clientes, e vai desinterpretando por assim dizer, mostrando como todas as posições planetárias, em última análise, remetem a mesma constelação de motivos. Com isso ele exorciza a imagem astrológica do sujeito.

Exemplo: O sujeito tem Saturno na casa VII, Marte na casa X, e a Lua casa V, mas o seu problema é igualzinho ao dos outros. Com isso o sujeito sai realmente exorcizado. Ele diz que o indivíduo nasce num meio onde, os seus valores e, os seus desejos não são levados em conta. Isto se aplica a quase totalidade das pessoas. Por quê? Porque se os seus valores e, os seus desejos forem levados em conta: se você for bem tratado, se você for bem aceito, desde a sua infância, você será um sujeito muito feliz, muito harmônico e, naturalmente, você não vai precisar procurar um outro instrumento de comunicação (no caso a astrologia), porque você já tem um. Quanto lhe dói, você diz que dói. Você não precisa dizer que tem Saturno não sei aonde...

Curiosamente a gente vê que o instrumento astrológico, em casos extremos, de isolamento afetivo, social, do indivíduo, a astrologia salva o sujeito da esquizofrenia. O Dr. Muller curava a esquizofrenia do indivíduo mandando ele estudar astrologia. Só que, como diz o Halbronn, a astrologia funciona como uma muleta. Depois que o sujeito sarou, já consegue um mínimo de comunicação, então é preciso tirar a muleta para que ele complete a sua cura. Você vai remeter todas essas interpretações astrológicas à um mesmo grupo de emoções, motivos, problemas e sofrimento, que são, em última análise, a impossibilidade de o indivíduo subsistir, psicológicamente, num ambiente que não o aceita., num ambiente em que não lhe prestam atenção, ou que desejos e aspirações que você tenha, não são levados em conta, são tratados como não- existentes. Isso acontece o tempo todo.

Exemplo: Outro dia o gatinho da minha filha Leila fugiu lá de casa. Ela ficou desesperada. Era como se houvesse "um falecimento" na família. Mais que depressa, eu arrumei outros três gatinhos e disse, para ela, que o gatinho, sumido, havia se transformado em três. Ela ficou muito satisfeita.

Isso é um caso raro. Pois a maioria das pessoas não levam a sério os sentimentos das crianças.

Essa teoria do Halbronn traz um benefício enorme a uma certa clientela, que está viciada em astrologia. A Cosmoterapia é só um pedaço do trabalho do Halbronn. Existem certos pontos que para mim não são nítidos, por exemplo, as relações entre cosmoterapia e a teoria astrológica dele, para mim, não são nítidas. Parecem blocos independentes, que ele está tentando costurar depois. A causa do fenômeno astral, diz ele, é projetivo. É uma projeção feita pela humanidade, mas a Cosmoterapia funciona fora da sua teoria. Se a sua teoria estiver errada, a Cosmoterapia funciona do mesmo jeito. A Cosmoterapia não decorre lógicamente da teoria, dele, ela é um outro elemento.

"A questão de traços morais decorridos de um horóscopo."

Alguns astrólogos, particularmente antigos, assinalam traços morais definidos, que podem ser associados à determinados planetas.

Exemplo: Pegando um astrólogo clássico como Adolfo Vaz, ela pega interpretações renascentistas em astrologia , e diz assim:

"Se você tem Júpiter em Leão no ascendente, então você é uma pessoa nobre, tem sentimentos elevados etc etc..."

"Se você tem Saturno quadrado Marte, então você é cruel, baixo, vingativo, maquiavélico..."

O Adolfo Vaz faz isso, e alguns astrólogos também fazem isto. Porém, isto não pode ser considerado uma coisa Universal. Se nós fomos comparar isso aí com o quê está dizendo Sto. Thomaz de Aquino, nós vamos ver que, tanto o Adolfo Vaz, e o seu mestre Morin de Villefranche, fala de uma influência astral, como Sto. Thomaz de Aquino também fala de uma influência astral. Porém, a parte moral é colocada a mais em Morin de Villefranche, então esse "a mais" é colocado por uma arbitrariedade pessoal dele. Ele acha que as posições planetárias podem determinar traços morais, mas não é "a astrologia" que acha isto. Essas interpretações de ordem moral ficam excluídas completamente. Embora poçamos discutir se inclinações morais, más ou boas, façam parte do caráter, ou não. Você acha que as pessoas nascem más, ou elas se tornam más ? Eu acho que o sujeito nasce mau, e morre mau. Porém, mesmo achando isso, eu não vejo um modo de captar isso num "mapa". Agora, se eu achasse que o sujeito nasce bom e se torna mau, como o Rousseau, aí, muito menos é que eu poderia achar, que os traços "moraes" possam ser encontrados no "mapa".

Toda essa discussão, dos traços morais, e todas as hipóteses sobre isso, estariam excluídos da teoria astrocarterológica geral. O consenso astrológico não afirma esta

possibilidade, embora alguns astrólogos afirmem. E se o consenso não afirma, então isso está fora da teoria.

A teoria do Sto. Thomaz de Aquino implica a rejeição desta interpretação moral, a teoria do Halbronn muito mais, a teoria do Rudhyar muito mais. Praticamente essa interpretação moral é incompatível com a quase totalidade das teorias astrológicas. Porém, vejam como Adolfo Vaz explica a causa do fenômeno astral, ele recorre a teoria do simbolismo (teoria Plotiniana). Ora, a interpretação moral também é incompatível com a teoria Plotiniana. É como se o sujeito estivesse, na prática, desmentindo uma teoria que ele mesmo afirma. Não apenas o sujeito está afirmando uma coisa que sai fora da espinha dorsal da astrologia historicamente existente, como também ela está afirmando isso por um erro, ele está sendo incoerente. Estas interpretações de natureza moral ficam excluídas completamente.

Aluno: -- Essa interpretação de um bom, ou mau aspécto é que é muito capciosa....

Olavo: -- Um bom aspécto astral é aquilo que ajuda a humanidade. Neste ponto, aspéctos que possam favoráveis, ou desfavoráveis à certas atividades humanas, eu acho que é uma coisa quase Universal em astrologia. Apenas o modo de valorizar o impedimento é que é diferente. Se você pergunta, existe aspéctos benéficos, ou maléficos? Do ponto de vista não moral, mas antropológico, isto aí, eu creio, que é até uma coisa Universal em astrologia. Porém, mesmo assim, os astrólogos divergiriam quanto a valorização moral desses impedimentos.

Aluno: -- Eu estava pensando no Ptolomeu. Quando ele faz algumas comparações do nascimento de algumas plantas com algumas posições planetárias. O tipo de planta que vai nascer numa quadratura, ou oposição de Saturno/Venus, Marte/Saturno, Jupiter/Venus.... A interpretação sobre essas coisas é que ficou difícil, mas a forma....

Olavo: -- Se você plantar um negócio quando Saturno está em quadrado com a Lua, não cresce. Então, por analogia, um sujeito, com Saturno quadrado Lua, também não deve crescer. Existe um fundamento astrológico nessas coisas, porém, é sempre na base das conclusões precipitadas.... Os indivíduos fazem analogias ingênuas, mas no fundo das quais, existe algum fundamento. Se com Saturno Quadrado Lua as plantas não crescem, isso não quer dizer que o indivíduo inteiro, nascido com este aspécto, não vá crescer. Pode ser que nos indivíduos, com esse aspécto, algum processo fisiológico, em particular, seja inibido também. Então, é uma questão de, partindo desses indícios dados pela astrologia antiga, verificar caso-por- caso, com muito cuidado, para ver se o astrólogo ouviu o galo cantar, mas não sabe aonde.

Exemplo: No Adolfo Vaz nós temos a seguinte afirmação: "Se você tem Saturno Quadrado Marte, você será cruel e vingativo". O astrólogo moderno americano, humanista, ele interpreta assim: "Saturno Quadrado Marte: não é que você é cruel e vingativo. Mas é que o problema da crueldade e vingança, entrará na sua biografia. Ou você fará crueldade e vingança, ou você sofrerá. Isso aí, implica uma neutralidade moral. Entre um sujeito que é cruel e comete uma vingança, e aquele que sofre uma vingança cruel, você não pode julgar, moralmente, os dois num mesmo plano, evidentemente. O ladrão é a vítima. Se você foi roubado, é porque você é um ladrão no negativo. Isso aí virou uma confusão moral entre os astrólogos. Virou uma verdadeira inversão, onde o sujeito tinha mais vergonha em ser roubado do que roubar. Foi por causa dessas coisas que o Halbronn inventou a Cosmoterapia. Eu lamento não ter pensado nisto antes. Se eu soubesse a Cosmoterapia há vinte anos atrás, eu teria podido ajudar muitas pessoas, que eu via estarem completamente possessas por este tipo de interpretação astrológica.

Existe um consenso "geral" de concepções Hinduístas (a teoria do Karma) misturado com a moral "Cristã". O sujeito se vê esmagado por todos os lados, ele se vê como a

própria encarnação do mal. Estas idéias permeiam todo o nosso "ambiente". No meu livro "Astrologia e Religião" tem uma parte que eu trato desse tema. A minha posição sobre esse negócio é a seguinte: Eu sou cada vez mais cético quanto a qualquer ensinamento de ordem moral. Qualquer sujeito que ensina "moral" hoje, é como dizia Jesus Cristo: "Você está sobrecarregando as pessoas".

O melhor mesmo é que a interpretação astrológica procure ser "moralmente neutra" o máximo que puder.

"Os métodos de verificação da Astrocaraterologia"

Nós estamos atrasados neste curso. Já teríamos que ter visto isso, mas isso não foi possível; por quê? Porque um dos modos de você verificar, é você partindo de um conhecimento muito profundo que você tenha, de um determinado caso, ou de uma vida, você poderia descrever o caráter desse indivíduo, em termos tais, que correspondesse estruturalmente ao horóscopo. É por isso que eu pedi que vocês fossem lendo "biografias". Era absolutamente necessário que essa leitura biográfica fosse feita, independentemente e, antes de que você conhecesse a hipótese "astrocaraterológica" na sua totalidade. Alguns alunos dizem: Para quê que nós vamos fazer um estudo biográfico, se nós nem conhecemos todas as posições planetárias. Eu digo: É o contrário. Vocês tinham que ter feitos esses estudos biográficos, antes de terem conhecido uma "única" posição planetária. Não seria para ler essas biografias com olhos de Astrocaraterólogo. não devemos ir selecionando "os dados" astrocaraterologicamente, mas ao contrário, você deveria ter uma massa de "dados", para depois você ir trabalhando, ela, astrocaraterologicamente. Como tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, existem pouquíssimos casos de conhecimento biográfico, então o começo da segunda parte está sendo adiado até que vocês tenham esse material.

"A identificação das "Camadas da Personalidade" no indivíduo"

"Décima-segunda camada"

Notem bem, essa décima-segunda camada, Destino Final, é um problema identificar pois, isso não quer dizer que, qualquer pessoa que pense alguma "coisa" a respeito do seu "destino final" tenha essa camada desenvolvida. Na realidade, essa última camada, ninguém tem desenvolvida.

Exemplo: No caso de Goethe, nós podemos situar toda a vida de Goethe, numa luta para passar da décima-primeira para a décima-segunda camada. Ele permaneceu em dúvida até morrer.

A ampliação da personalidade para essa décima- segunda camada é a vida do homem. Aquilo que pode-se dizer estrutural, um território adquirido pertence a décima-primeira camada. E eu estou falando de "Goethe", e não de um bestalhão qualquer. Senão qualquer sujeito que diga: --Oh! Estou preocupado com a salvação da minha alma. Isso não quer dizer que ele está abrangendo todos os fatores implicados na décima-segunda camada. A preocupação, desse sujeito, ainda que ela seja um elemento estruturante, ela não está abrangida na sua personalidade. A décima- segunda camada pressupõe uma relação verdadeiramente pessoal, e da totalidade da pessoa, com o seu "Destino Final". Se você ainda está conjecturando que relação vai ser esta, é por isso mesmo que você não a tem.

Exemplo: Uma relação pessoal com o seu "Destino Final" é aquela que a gente observa na vida dos profetas. A vida do sujeito é um diálogo com Deus. Ela sabe o quê ele está fazendo, a cada momento, e como é que isso repercute para Deus. Ele vai julgando cada ato, dele, não segundo àquilo que ele acha que Deus vai achar. É isso que vai marcar uma relação pessoal. Se você ler a história do Profeta Jonas, você vê que houve uma determinação, uma ordem específica de Deus (uma ordem em particular), que ele

desobedeceu. Tem um outro caso, em Santa Tereza D ávila . Ela vai atravessar um rio, ao pular ela cai e pisa em excrementos, e pergunta à Deus: Ah! É assim que você trata seus amigos? Isso é uma relação pessoal e, evidentemente, uma coisa muito rara. Pressupõe que o indivíduo saiba se posicionar perante o seu "Destino Final": Quem é você no conjunto do Universo existente ? Se você pegar do ponto de vista da teoria como, por exemplo, a do Rene Guénon: Os Estado Multiplos do Ser, aonde você está nesta coisa aqui? Isto é muito difícil de você saber, mas algumas pessoas, evidentemente, sabem.Porém é evidente que essas pessoas sejam: profetas, místicos etc...

Todas as camadas existem simultaneamente para todos os seres, porque são dimensões da vida que atuam sobre eles, mas eles não atuam, pessoalmente, lá. Ou atuam impessoalmente, isto é, regendo os seus atos segundo um esquema lógico, uma interpretação geral padronizada daquela dimensão, ou então, não atuam, ali, de maneira alguma.

"Décima-primeira camada"

Se perguntarem à você: Qual é o seu lugar na história humana? Algum lugar você tem naturalmente, é impossível que não tivesse. Porém, você atua ali? Você, de certo modo, escolheu um lugar, você quer um lugar? Luta para que você ocupe aquele lugar e não outro? Sómente quando você chega a este ponto, é que você pode dizer que você tem uma "décima-primeira camada". Senão, você é tido por ela.

" Décima camada "

Quando eu falo de "Eu transcendental". O "Eu transcendental", pressupõe que o indivíduo tenha ascendido à uma posição, de onde toda a sua vida psíquica se tornou transparente. Então, ele conhece o seu "eu" ativo, quer dizer, o "eu" real empírico, este que nós temos no dia-a-dia. Ele é conhecido desde cima, desde um ponto de vista Universal. O indivíduo pode se descrever de maneira inteiramente objetiva, como se o Universo o julgasse. Qualquer um de nós sabe, que ele pode ser conhecido objetivamente, que deve haver uma verdade do seu "eu". Mas você não a conhece. Você está lutando para saber, o quê é Universalmente Humano, o quê que é singular seu, e como isto se apresentaria nas outras pessoas. Quando você conseguir fechar isto dentro de uma totalidade, aí, você começa a viver uma vida em termos de "Eu Transcendental". O "Eu Transcendental" é o homem que se conhece e que, portanto, ele não tem mais "zonas individuais" que lhe sejam obscuras. Embora, possa ter aspectos na sua vida que possam ser obscuros. Isto aqui também é uma coisa muito rara.

"Nona camada"

A "Personalidade Intelectual": Todo mundo tem alguns interesses intelectuais, que definem a semente, o germe, da sua "Personalidade Intelectual" possível. Porém, a condução da sua vida intelectual é um esforço para integrar, em você, determinadas formas de "culturas existentes", ou ao contrário, você é que está determinando novas formas de cultura. Isto também é muito raro.

"Oitava camada"

A "síntese individual", no seu caráter existem tendências que estão estabilizadas, que marcam a sua figura pessoal, de modo único. Os teus atos são todos "personalizados", ou tem um monte de atos que ainda é, seu pai, sua mãe, sua família, agindo atrás de você ? Então, o caráter ainda não está formado.

"Sétima camada"

O "Papel Social". Todo mundo tem, potencialmente, algum papel social desde que nasce. Porém, ele determinou este papel? Ele conhece todo o circuito de relações que isso (o papel social) implica ? Ele é capaz de especificar, qual é o tipo de relações que ele tem com cada pessoa, com cada grupo, com cada situação ? Encarando todas essas

relações, ao mesmo tempo, numa questão única que define o seu lugar na sociedade ? Se ele não for capaz disso, então ele não tem um "papel social" delimitado ainda.

" A questão da comparação entre "personalidade" e "mapa astral"

Já expliquei , aqui, que a comparação do "mapa astrológico" e os testes de personalidade (pesquisa do Shawn Carlson) não podem dar certo. Qualquer teste só pode medir determinados aspectos seletivos da conduta, os quais, somados não formam uma pessoa, não formam uma personalidade. Somando os vários resultados de um teste, feito pelo indivíduo, você não obtém "a unidade da personalidade". O indivíduo tem capacidade de liderança, tem dom verbal, raciocínio espacial, etc... Essa coleção de traços não delinea uma forma única, que nós pudéssemos chamar de "personalidade". Por isso mesmo é que qualquer comparação, de traços astrológicos com teste de personalidade, vai dar sempre errada. A chave da comparação entre horóscopo e personalidade, está dada na "unidade" da personalidade. Essa comparação (horóscopo & teste) tem que ser substituída pela comparação do horóscopo com estudo de casos . Sómente o caso, tomado na sua totalidade, pode ser comparado com o horóscopo. É claro que os traços astrocaracterológicos correspondem à traços separados, é evidente. Porém, como os traços de caráter não aparecem diretamente na conduta, então eles não podem ser estudados separadamente no indivíduo concreto. Se nós conhecemos apenas o mapa, podemos ver os traços separadamente, como aliás eu já demonstrei. Porém, para nós compararmos este mapa com o indivíduo "real" que lhe corresponde, nós temos que pegar a "unidade da personalidade" dele, porque a forma total dessa unidade, é que vai decidir em nível, ou em que plano, ou em que "camada da personalidade", se manifestarão esses traços.

Exemplo: Vamos supor um indivíduo de Saturno na III. Pode ser que este indivíduo, num teste, mostre uma inteligência verbal fora-do-comum e, na vida real, nenhuma. Porque esta posição de Saturno implica determinadas dificuldades, que vem do fato de que este indivíduo, não aprende, a linguagem, o raciocínio, por partes. Ele quer a chave total. Quando ele não consegue isto, na prática, então a inteligência falha. Porém num teste, já se apresenta numa forma determinada, esquemática, será uma moleza para este indivíduo. Agora, se nós dissermos: O indivíduo de Saturno na III tem inteligência verbal. não dá para saber isso. Ele nem tem, nem não tem. Porque o problema não está aí. O problema não é a quantidade de inteligência verbal, mas o tipo. Esse "tipo", por sua vez, só aparecerá na conduta, através da mediação de uma série de outros fatores, que justamente eu chamo de "camadas". O quê vai dar unidade ao horóscopo é a unidade da personalidade. Essa unidade da personalidade tem que ser conhecida, para que se possa compará-la com o horóscopo. Qual é a chave que dá esta unidade ? É a camada. É o ponto mais alto.

Exemplo:

"Camada Quatro"

A conduta total de um garoto de 7, ou 8 anos, é dada em função de certas necessidades emocionais, que ele intensamente procura atender. Tudo o quê se passa na vida dele converge para este ponto: "Camada Quatro".

"Camada Cinco"

Se o indivíduo entra na adolescência, então a competição com os membros da sua classe, do seu grupo, passa a se tornar um elemento importante, começa a ser a chave: Camada cinco. A personalidade toda, está unificada por uma outra chave superior.

"Camada Seis"

O indivíduo começa a arrumar emprêgo, começa a tentar se fazer na vida.... Tudo começa a convergir para um outro ponto: A conquista de uma capacidade real. (camada seis)

Localizar a "camada" onde está se desenvolvendo a vida do sujeito, é saber qual é o padrão de unidade da personalidade naquele momento. Este padrão de unidade é que explica tudo o quê o sujeito faz. Os elementos de uma personalidade, se dispõe, se arranjam, e se explicam, em função do objetivo predominante daquele indivíduo. A amplitude desse objetivo é o quê marca a "camada". Se você não souber qual é a camada, é como se os elementos estivessem soltos.

Exemplo: Vemos duas pessoas discutindo. Evidentemente, cada uma explica a outra, segundo algo que lhe pareça, para si mesma, predominante. Duas pessoas podem desejar mandar uma na outra, elas estão lutando pelo poder. Parece que as duas estão fazendo a mesma coisa. Porém, se você examinar mais de perto, você pode ver:

- a) Uma pessoa deseja o poder. Não o poder em si mesmo, mas o poder para atender uma necessidade emocional qualquer: Ele está inseguro, e acredita que se ele tiver o poder, ele vai estar seguro. (necessidade de Camada quatro).
- b) Uma pessoa deseja o poder, porque está procurando se vencer, se superar, se competir, ele quer o poder por auto-afirmação. (necessidade de Camada cinco)
- c) Uma pessoa deseja o poder, porque ela acredita que assim será mais eficiente, vai resolver mais rapidamente o problema. (necessidade de camada seis)

É evidente que um indivíduo que estiver colocado numa camada inferior, não pode compreender as seguintes. Motivações que venham de camadas mais elevadas, frequentemente não são compreendidas, de modo algum, pela quase totalidade da humanidade.

Exemplo: Eu acho muito engraçado, pessoas que tentam explicar o comportamento de indivíduos, como: Napoleão Bonaparte, Julio Cézar, Atila, por problemas emocionais. Eles não entendem a autonomia da "camada onze". Ela é autônoma. Ela é quem decide todo o resto.

Eles procuram explicar o sujeito por uma coisa regressiva (Ex: motivos psicanalíticos), por um aspecto anterior. Este aspecto anterior pode estar presente, mas não é ele o decisivo. Ele é um elemento, não o princípio da forma.

Aluno: -- Como é que funcionaria a camada nove no caso, por exemplo de Julio Cézar, ou Atila. Você já os está enfocando na camada onze....

Olavo: -- É porque já está resolvida. Ele já sabe no quê ele crê definitivamente.

Aluno: -- Não tem como desenvolver a camada seguinte, sem ter desenvolvido a camada anterior....

Olavo: -- Exatamente, não tem ! Se acontecer isto, é um falso desenvolvimento, que você verificará pela falta de unidade do comportamento do sujeito.

Exemplo: "Hitler"

Hitler é um sujeito que chegou a ocupar um papel na História. Nós vemos que a "evolução pessoal", dele, para na camada seis. Ele não chegou à adquirir um domínio de nada. Ele não completou o aprendizado em nenhuma coisa. Ele foi passado às camadas seguintes, por forças das circunstâncias. Se você perguntar: O quê ele sabia efetivamente fazer ? Nada. Porém, tinha certos dons, por assim dizer, hereditários com a "Oratória", "comando", liderança, que tinham tanta força, que atuavam por si. É evidente, que o desenvolvimento do papel social deste indivíduo é muito esquisito.

a) Camada sete: Ele nunca soube qual era o papel social dele. Ele era o típico "marginal", um sujeito que não estava em classe social alguma e, não estando, também não tinha uma visão, exata, de quem ele era. Uma visão ,exata, da sua marginalidade. Estando marginal, ele passava fome, e tinha uma mentalidade do alemão de classe média de vida estabilizada. Uma visão de um típico funcionário alemão, bem comportado, que tem um "culto do Estado" etc etc... Quando você vê um mendigo com

essas idéias, então é evidente que a camada sete, do sujeito, está completamente deslocada. Um mendigo teria que pensar como mendigo.

b) Camada oito: Quando você vê a camada oito, o caráter dele é extremamente fragmentado, tem traços absolutamente incompatíveis entre si.

c) Camada nove: As suas idéias são uma confusão desgraçada e, assim por diante.... A visão que ele tem do lugar dele, na História, é a mais errada de todas. Ele achava, que ele estava inaugurando um "Império Alemão", que ia durar mil anos. Na verdade, ele fez tudo ao contrário.

Uma das coisas mais surpreendentes da história do Hitler é a derrota dele. Ele tinha um plano de invadir a Rússia, e contava com a colaboração da Iugoslávia para poder passar as tropas. Houve um golpe de Estado na Iugoslávia. O novo governo era contra a Alemanha. O Hitler sentiu-se frustrado pelo golpe. Mandou invadir a Iugoslávia e, mandando invadir a Iugoslávia, atrasou em quatro semanas a invasão da Rússia. Resultado, ele pegou o inverno. Quando chegou o inverno, os Generais se perguntaram: Por quê que ele mandou invadir a Iugoslávia? A resposta à isso, foi o acesso de fúria que o Hitler teve. Ele mudou toda uma esquemática por causa disto. Aliás, a própria invasão da Rússia. A invasão da Rússia não se explica, a não ser por uma falha de camada nove: Ele invadiu a Rússia por motivo ideológico, e não por um motivo militar. Entrou aí um motivo ideológico. Ele tinha raiva dos Russos, por ser um país dominado por Judeus etc.... Ele foi dominado por essa interpretação, portanto uma idéia insensata, uma deficiência de camada nove. O sujeito não chegou à personalizar as suas idéias. Ele recebeu certos elementos ideológicos e, entrou nisso, de burro que era.

Hitler atuava, exteriormente, na décima-primeira camada, mas a sua personalidade, evidentemente, parou na camada cinco. Era um indivíduo cuja a auto-afirmação pessoal era muito importante. Se você pega um indivíduo de camada cinco, e o coloca para atuar numa camada onze, isso só vai dar bolo.

Isso não quer dizer que, se você pegar um indivíduo com a camada onze desenvolvida, ele não vai ter a camada cinco também.

"Comparação de Hitler com Roosevelt"

Roosevelt tinha um plano e, viveu segundo esse plano. Sabia qual era o seu lugar na História. Optou, e fez. Você pode até achar errado, eu pessoalmente acho errado. Roosevelt foi muito culpado de muitas coisas que aconteceram logo após a segunda guerra (Guerra Fria). No fundo Roosevelt era comunista. Ele tinha uma imensa simpatia pela União Soviética, e achava que o futuro estava nas mãos dos Estados Unidos e da União Soviética. Ele dirigiu tudo para afundar o Império Britânico e, para que depois da guerra, houvesse duas potências mundiais. não foi exatamente isso que aconteceu? Então, ele sabia o quê ele estava fazendo, e sabia qual era o efeito da sua atuação. Esse era um homem de camada onze. Não quer dizer que ele não tinha, uma forte, atuação na camada cinco, ele era um homem muito vaidoso das suas capacidades etc.... As camadas não precisam ser preenchidas como elementos válidos para nós (eu sou contra as idéias dele). As idéias dele eram coerentes com a sua atuação.

A maneira de se julgar a personalidade de um indivíduo é a seguinte: Ver se o sujeito faz o quê ele diz que vai fazer, ou, se ele acaba fazendo uma outra coisa completamente diferente, sem perceber. Ele está sendo conduzido por elementos inconscientes. Se o indivíduo está atuando num plano histórico (um ídolo, um governante), então temos que ver efeitos de camadas onze (Se ele é capaz de julgar, as consequências a longo prazo da sua atuação, o seu papel na História). Só podemos explicar a derrota em face do fracasso, só neste caso, a derrota do plano é explicável. (o sujeito age de maneira coerente, mas o mundo o derrota).

Hitler era um sujeito, cujo dom hereditário, dom Oratório, dom de comando, comia a personalidade dele. Ele não era um indivíduo cuja personalidade tinha um dom Oratório, mas era um dom Oratório com uma personalidade como anexo.

"A definição do astro-caráter e da personalidade"

O astro-caráter é uma essência, sob certos aspectos, da personalidade, mas não é a essência deste indivíduo. O astro-caráter é um aspecto essencial da personalidade, é como se dissesse, que ele é o núcleo do qual o indivíduo vai se desenvolver. Porém, a palavra personalidade é uma noção que implica um valor. A personalidade humana é única, é irrepetível. Cada ser humano é como se fosse um arquétipo, cada personalidade tem, por assim dizer, um valor Universal exemplar. Tem uma série de considerações éticas implícitas, da noção de personalidade. A própria noção de imortalidade da alma. Sem a noção de imortalidade da alma a personalidade não existe. Se você acreditasse numa "alma coletiva" (todos nós temos a mesma alma), ou se você acreditasse como Aristóteles: A alma individual é somente um aspecto animal, e que tudo o que interessa, no homem, é apenas o aspecto superior, dessa alma, que é o intelecto. O intelecto é um só, ele é Universal. Aristóteles acreditava que quando você morre, somente essa parte Universal é a que sobra. Existe uma imortalidade, mas só que não é pessoal. Não é possível dessa concepção aristotélica desenvolver uma teoria da personalidade humana. No Cristianismo o que interessa é justamente a diferença pessoal. A noção considerada de personalidade, ela tem, no fundo, uma raiz religiosa-ética. O valor dessa Unicidade, cada indivíduo não é somente um indivíduo. Ele é uma vida humana possível, é algo que a vida humana pode ser. Nesse sentido nós não podemos dizer que o horóscopo é a essência disso. Essas concepções essencialistas, que é dada pela astrologia Norte-americana, que o horóscopo é o seu arquétipo, o horóscopo é a sua verdadeira individualidade. Isso aí, tem que ser rejeitado completamente. Também não podemos negar que o astro-caráter é, de certo modo, uma essência da personalidade. Mas só num sentido lógico-técnico. O horóscopo não é a pessoa. O horóscopo é apenas um diagrama. Ele foi feito não olhando para você, mas olhando para uma coisa que não é você, a natureza, os corpos celestes.

Não é possível fundamentar qualquer teoria da personalidade sem você deixar insinuado esse valor da personalidade (noção de liberdade e imortalidade da alma).

Aulas de maio e junho de 1992.

INDICE DOS BLOCOS DE AULAS DE MAIO E JUNHO DE 1992

Aula: 84 - 09/05/92

Assunto: Existe uma transcrição feita pelo Joel, que já foi distribuída aos alunos: "O que é a Psique"

1-) Complemento da transcrição do Joel.

a-) "O circuito cognitivo"

b-) Considerações sobre a função da "Razão individual" e "Razão Universal".

Aula: 85 - 10/05/92

Assunto: Essa aula não foi transcrita, pois foi a apresentação biográfica do personagem Arthur Koestler. Este trabalho já se encontra publicado (ver com o Paulo).

Aula: 86 - 13/06/92

Assunto: Essa foi transcrita pela Marli. Trata-se do trabalho do biografado Fernando Pessoa. Quem quiser uma cópia peça-a para Marli.

Aula: 87 - 14/06/92

Assunto: Redução fenomenológica dos livros de astrologia corrente. Livro utilizado: "As doze casas" - autor: Howard Sasportas.

1-) Exemplo de Marte na casa XII.

2-) Redução fenomenológica de algumas posições da Lua nas casas, tomando como base o livro: "As doze casas"

a-) Lua na casa I.

b-) Lua na casa II.

c-) Compreensão da casa VI, sua ligação com o dinheiro e o sistema financeiro.

d-) Lua na casa III.

f-) Comparação de Vênus na casa III e Lua na casa III.

AULA 84 09 DE MAIO DE 1992 TRANSCRIÇÃO: JOEL NUNES DOS SANTOS REVISÃO: JOEL O QUE É A PSIQUE?

A explicação da natureza da psique é inédita, sendo uma análise feita por mim do começo até o fim, partindo do princípio de que os psicólogos, desde o século passado, quando começaram a fundar e assentar os primeiros pilares no terreno da Psicologia, começaram sempre pela investigação de algum fenômeno em particular.

Diz-se que a psicologia científica começou com W. Wundt e L. Flechner, conforme se vê em quase todos os manuais de psicologia moderna, científica. O interesse fundamental deles era o estudo da percepção, particularmente o de Flechner, que levou isso mais adiante e cujo interesse era saber onde termina o fisiológico e começa o psicológico.

Flechner achava que poderia estabelecer tal ponto estudando a relação entre o estímulo de uma percepção, a intensidade do estímulo e o tempo de retenção da imagem na retina. Se o estímulo é o mesmo (como no caso da lâmpada de um flash), existe uma diferença de tempo de retenção e essa diferença está condicionada à atenção.

Em seus testes, Flechner era tanto o pesquisador quanto a cobaia, por achar que se uma outra pessoa fosse informá-lo quando a imagem desaparecia da retina, transcorreria certo tempo, o que dificultaria a medição. Ele mesmo acionava o flash nas próprias vistas e marcava o tempo de desaparição da imagem da retina. Com isso, ao custo de quase ficar cego, conseguiu chegar a uma equação. Acreditou então que entre o fisiológico e o psicológico se poderia estabelecer uma relação de analogia de proporção, uma relação matemática (idéia pitagórica) -- como se se tratasse de faixas diferentes da realidade entre as quais existe uma diferença que é assinalada por uma proporção numérica.

De qualquer modo é possível notar que um fenômeno atraiu sua atenção, do mesmo modo como se deu com Wundt, William James, T. Ribot (o qual tinha interesse no fenômeno da atenção). Todos estudavam a psicologia a partir de certos fenômenos, de certos aspectos da vida psicológica, como percepção, atenção, memória, associação de idéias, fala, etc.

Com a psicanálise surgiu uma outra linha, que viria estudar o desenvolvimento temporal do indivíduo, propondo uma psicologia evolutiva das emoções, buscando explicar como vão se formar os grandes quadros emocionais do indivíduo a partir da sua biografia. Todo este estudo centrado, porém, em torno de um fenômeno, o fenômeno da neurose, que é a psicologia estudada sob o ponto-de-vista da psicopatologia.

Praticamente, todos os grandes psicólogos adotaram, sempre, uma linha de investigação desde o início e não é à toa que as definições de psicologia e de psique que dão, no fim, estão todas elas coloridas por esse tema da investigação inicial. Nunca nenhum deles colocou questões como "o que é psique? existe psique? o que é?".

Hoje, contentamo-nos com dois tipos de definição de psique: as definições clássicas, tomadas a Aristóteles ou à Escolástica, portanto anteriores ao desenvolvimento da moderna psicologia; definição por enumeração.

Se a gente pergunta a um psicólogo moderno o que é psique, ele responde que psique é a memória, que psique é a atenção, que psique é a fala, etc. Não respondem com definição, mas com designação enumerativa: enumeram vários elementos que fazem parte da psique, o que evidentemente permite sua distinção dos que não fazem. Mas não se fica sabendo se essa enumeração é completa, se nada lhe falta; também não se fica sabendo se muito desses aspectos enumerados não são, por outro lado, alguma coisa

extrapsicológica (fisiológica, fisiocímica, neurológica, etc). Como no caso da memória: hoje, está quase provado que a memória pode ser quase toda explicada por um processo eletroquímico. Atualmente, os estudos da memória quase saíram da esfera do que se entende por psicológico.

Para elaboração do conceito de psique, parti do seguinte: quando o psicólogo diz "psíquico", o que ele está querendo dizer? Qual a intenção que está subentendida, às vezes obscuramente, em sua cabeça? Como sabe se uma coisa é ou não "psíquica"?

Embora dizendo que não sabe o que é psíquico, que é coisa quase impossível de definir, nunca erra, nunca trata de outro assunto. Diz que não sabe defini-la mas de alguma maneira parece estar sabendo do que se trata, não de maneira refletida, mas de maneira empírica e meramente usual, costumeira. O que quer dizer quando diz que a causa de um ato é psíquica? O que quer dizer quando atribui um ato de comportamento, um acontecimento, uma resposta humana à uma causa psíquica? Onde ele localiza esta psique dentro da constelação das outras causas possíveis? Que outras causas um ato humano poderia ter?

Resumindo tudo, concluí que não há causa que não se possa classificar dentro do quadro de causas : físicas, lógicas, acaso e psíquicas.

1. Causa FÍSICA:

Quando alguém encosta a brasa do cigarro na ponta do dedo, o braço recua. O sujeito é impelido a fazer isso por uma necessidade física, tanto que uma ameba faria a mesma coisa. Portanto, não é psicológica a causa de seu ato.

2. Causa LÓGICA:

Um sujeito, ao pagar a passagem de ônibus, dá ao cobrador uma nota de Cr\$ 1.000,00 e não de Cr\$ 500,00. Você lhe pergunta por que deu uma nota de mil. Ele responde: "a passagem custa Cr\$ 900,00 e a nota de Cr\$ 500,00 não cobre este preço."

Este ato não pode ser dito causado por uma razão psicológica porque obedece a uma norma que é ideal e idêntica para todos os seres humanos. Qualquer ser humano em tal situação teria de fazer a mesma coisa, a não ser que fosse impedido de fazê-lo por alguma causa que, esta sim, diríamos ser de ordem psicológica.

Todas as ações que são baseadas em motivos lógicos evidentes para qualquer ser humano não podem ser ditas causadas psicologicamente. São causadas por alguma coisa que está para além da psique. Se faço uma conta de dois-mais-dois e obtenho o resultado quatro, tal resultado não foi determinado por mim, pois não se trata de algo psicológico, é exigência da própria estrutura do número. Do mesmo modo que, estudando o teorema de Pitágoras -- "a soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa" -- chego à conclusão que chego não por qualquer motivo psicológico, mas me é imposta pela estrutura do triângulo retângulo. É o que chamamos atos lógicos, que são os que obedecem a uma necessidade que não é impositiva como a necessidade física, mas que é livremente aceita pelo indivíduo. A partir do momento em que ela é livremente aceita, o sujeito se submete a uma ordem de causas que já não é mais psicológica. Há um elemento psicológico na raiz da aceitação do comportamento lógico, o que está fora de dúvida. Mas o comportamento em si mesmo não é mais psicológico, é puramente intelectual no sentido de que ele capta uma exigência ontológica, que está fora do indivíduo, que está para além da sua psique. Nenhum psicólogo se aventuraria a explicar psicologicamente a conduta do sujeito que dá uma nota superior e não inferior ao valor do objeto comprado. Ao contrário, seria necessário explicar psicologicamente por que daria uma nota inferior: poderia fazê-lo por uma distração, a qual poderia, sim, ter uma causa psicológica. E assim por diante.

3. O ACASO:

Esta terceira ordem de causas pode dar-se quando o sujeito enfia a mão no bolso e puxa uma nota qualquer e coincide de essa nota ser de valor superior ao valor da tarifa. Isto não tem uma causa física determinada, pois acontece por uma combinatoria aleatória de uma infinidade de causas a que chamamos "acaso", dado que não conseguimos reconstituir toda a rede. É evidente que se o sujeito pegou uma nota e não outra é porque tal nota estava colocada em cima das outras, era a mais fácil de pegar porque foi para onde a mão se dirigiu, etc. Alguma causa tem, porém há um complexo de causas tão inesgotável e a sua pesquisa se tornaria tão irrelevante que dizemos que quem causou foi o acaso.

O acaso não é bem o que não tem causa, mas o que tem uma multidão de causas, sendo que algumas podem ser físicas, outras psicológicas, em suma, é uma constelação irreconstrutível de causas.

Saindo dessas três ordens de causas, dizemos que o ato teve uma causa psicológica. E o mais característico da causa psicológica é que ela sempre age através das outras três e nunca diretamente. Definimos, então: a psique é uma zona de indeterminação onde o homem combina as causas de ordem física, lógica e casual.

Fica claro que a psique comporta um elemento de indeterminação, de liberdade e daí cabe a pergunta: mas em que ela se diferencia do acaso? Entendemos que na psique as coisas não se passam segundo uma ordem de necessidade, como na esfera física e lógica, mas segundo um quadro de indeterminação que faz com que a psique se aparente ao acaso. Entendemos que a psique é um fenômeno da ordem da liberdade e da indeterminação e não da ordem da necessidade.

A diferença específica que separa a psique do acaso é que, embora ambos combinem a necessidade física e a necessidade lógica, a psique os combina de uma maneira eficiente, em proveito do interesse de um determinado organismo individual. Portanto a psique é como se fosse uma causalidade eficiente; é uma liberdade ou indeterminação dentro da qual podem se combinar, até certo ponto, as causas físicas, lógicas e o próprio acaso no sentido do interesse do organismo. Daí surge uma outra pergunta: se a psique sempre opera no sentido do interesse do organismo, como se explicaria a psicopatologia? De maneira muitíssimo simples, responderíamos: no caso de psicopatologia, a psique retroage, recua, abandonada ao domínio da necessidade física ou do acaso, um terreno que normalmente ela já teria conquistado. Existem doenças da psique. Não estariam propriamente dentro da esfera da psique, mas representariam uma retração, uma diminuição da esfera psíquica, como uma entrega da liberdade da psique a outras causas.

É muito fácil perceber que, nos doentes mentais, os processos mentais automáticos (que neste caso colocaremos sob o rótulo da necessidade física) têm um domínio muito maior sobre o todo da conduta do que no indivíduo são. Se o automatismo toma a dianteira, sendo o automatismo necessidade física, portanto, há um recuo. Do mesmo modo, em certos processos esquizofrênicos, quando a conduta lógica toma a dianteira, quando o sujeito é levado por uma necessidade lógica implacável, há perda da liberdade para recuar de uma cadeia lógica quando ela leva a conclusões que violam a integridade do organismo (como no caso de certas doenças mentais, sobretudo no estado de catatonia, em que o sujeito não reage mais ao raciocínio lógico. Sua psique vai fechando, retraiendo, de maneira que o sujeito fica impedido de reagir, fica num estado de parálisia que é de ordem lógica).

Podemos fazer a seguinte representação:

Psi

Lóg. Fís.

Acaso

Este diagrama só expressa as causas quando vistas de fora; quando, olhando o comportamento do indivíduo, perguntamos qual é a causa de seu comportamento. Olhado desde dentro, o diagrama fica um pouco diferente, porque dizemos que a psique, por sua própria natureza, tende a açambarcar, a comer uma parte da zona dos outros três. Idealmente, na cabeça do sujeito, o diagrama ficaria assim:

Psique
Lóg. Fis
Acaso

imagina-se a psique abarcando a totalidade das causas físicas, causas lógicas e o acaso, conseguindo dominá-las todas, no sentido do interesse do indivíduo. Mas isso só ocorre idealmente. Na realidade, chegamos a um acordo entre as duas representações e o diagrama fica assim:

Acaso
Lóg. Fis
Psique

Há uma zona de interseção: a psique domina uma parte das necessidades lógicas, uma parte das necessidades físicas e uma parte do acaso. Ela atua, age, se transforma em conduta somente nesta zona de interseção. O que se mantém puramente psíquico mantém-se puramente potencial.

Entendemos que a psique é, por sua própria natureza, uma potência (potência: conjunto mais ou menos indefinido de possibilidades) e somente se atualiza através de causas físicas, lógicas e do acaso.

A psique tem os seguintes caracteres:

1. eficiência
2. liberdade
3. criatividade
4. vontade de poder
5. individualidade

Quanto a "vontade de poder", na falta de melhor nome, seguimos a Nietzsche: quanto mais territórios ela domina, mais quer dominar. Ela é expansiva por sua própria natureza.

Quanto ao atributo "individualidade", lembramos o que já dissemos: a psique age sob o interesse do organismo individual. Daí que esta característica confere-lhe o atributo da individualidade. Não existe psique em si. Nós só conhecemos psique condensada num organismo individual: a psique de um homem, a psique de outro homem, a psique de uma planta, a psique de um bicho e assim por diante. Assim como não podemos falar "vida em si". Não existe vida a não ser nos organismos viventes individualizados. Vida não é como se fosse energia. Podemos conceber energias disseminadas e situadas no espaço onde não há nenhum ser individual. Compreendemos, por exemplo, que esta sala é atravessada por correntes de energia o tempo todo. Mas ela não pode ser atravessada por "vidas" neste mesmo sentido. Só existe vida quando condensada, cristalizada num ser vivente. Da mesma forma que só existe psique condensada num organismo individual.

O processo pelo qual a psique domina, açambarca as causas que lhe são externas, particularmente a causalidade física, já se observa no mais elementar período de aprendizagem. Por exemplo, a criança que aprende a andar. Quando ela aprende a andar, estabelece-se uma relação entre seu peso, o peso da força muscular e a gravidade, o que pode ser facilmente reduzido a uma equação de mecânica clássica.

A criança que aprende a andar está submetida a uma necessidade física externa. Na medida em que aprende, que introjeta a relação entre o seu peso, a gravidade e a força

muscular, ela passa a antecipar a queda e a evitá-la, de maneira que a lei física que governa a queda ainda está presente, só que deixou de operar fisicamente e começou a operar psiquicamente. A psique se antecipa à determinação física e de certo modo a contorna no sentido do interesse do organismo.

Qualquer processo de aprendizagem de qualquer atividade física é sempre assim: existe a antecipação de uma necessidade, de uma resistência do mundo e essa resistência é então, através da antecipação, contornada. Contornada mas continua vigorando, como se a necessidade, que limita a ação do organismo, fosse em seguida usada por esse mesmo organismo no sentido que lhe interessa.

Do mesmo modo se dá com a necessidade lógica: certas coisas que nos são impossíveis logicamente oferecem uma resistência a nós. Na medida em que aprendemos as fórmulas dessas necessidades lógicas nós as introjetamos e passamos então a contorná-las, no sentido de que se não é possível fazer de um jeito, fazemos de outro.

E, enfim, tentamos driblar o próprio acaso, no sentido em que o indivíduo, cuja psique está funcionando num nível óptimo, consegue até mesmo ter sorte, como se tivesse driblado o acaso. Aliás, azar e sorte são a mesma coisa, são dois nomes do acaso. Dribla-se o acaso no sentido do interesse da psique.

A psique é, por sua própria natureza, expansionista. Porém, essa sua expansão é obtida através de uma retração, por incrível que isso pareça; ela adquire poder na medida em que se conforma com a necessidade física, com a necessidade lógica e com o acaso, e aprendendo a contorná-los. Ela o consegue quando introjeta o conjunto de determinações (leis, possibilidades, etc.) que a cerca e faz desse conjunto um conteúdo dela mesma; quando se adapta às formas do mundo físico, às formas da estrutura lógica do mundo e às determinações do próprio acaso. Na medida em que ela se estreita e se contrai para se adaptar. É aí mesmo que a psique se expande e adquire poder de ação sobre o mundo exterior e interior, inclusive.

Essa adaptação requer o concurso, em primeiro lugar, da percepção e da memória. E na hora onde entra a memória (retenção das experiências tidas) e a abstração que se faz em cima dela (a generalização), o conjunto dessas abstrações e generalizações vai constituindo uma espécie de depósito, que vai se organizando segundo um quadro lógico na cabeça do indivíduo e vai formando sua imagem do mundo.

Não é somente esta parte que se organiza logicamente, ou seja, não é só logicamente que o indivíduo organiza a sua experiência. Também a organiza cronologicamente. Ele conta a sua própria história, ele sabe o que lhe aconteceu. Por exemplo, ele age hoje com determinado objetivo, com certo intuito determinado, e se não consegue realizar o intuito hoje, amanhã ele se lembra de que ontem tentou e o tenta novamente. Ou então muda, mas sabendo que mudou. Ele vai como que anotando o que lhe acontece e as decisões que toma, colocando em linha seu desenvolvimento histórico. A isto se chama ego.

De maneira que entre as limitações que a psique sofre (de ordem lógica, física e da ordem do acaso), surge uma quarta limitação, que é uma limitação auto-imposta. Auto-imposta no sentido em que a psique é sempre individual e o indivíduo deseja perseverar enquanto tal, deseja continuar existindo, e esse desejo de continuar existindo cria para ele o senso da sua própria continuidade temporal, sua própria continuidade histórica. A este senso de continuidade histórica chamamos ego.

A psique -- que é sempre psique individual -- atua no mundo, adquire poder de ação no mundo, expande-se para agir no mundo na medida onde retrai as suas possibilidades. A psique é um conjunto de possibilidade inicialmente indistinto, solto e caótico. A medida em que essas possibilidades vão sendo limitadas é que surgem realizações possíveis, atos possíveis. A psique individual adquire poder de atuação efetiva no mundo, na

realidade, na medida mesma onde vai cortando as suas possibilidades, abandonando determinadas possibilidades, na medida em que vê que são incompatíveis ou com a necessidade lógica, ou com a necessidade física ou com o acaso (conjunto das condições presentes). Por exemplo, a criança que desiste de voar ou adia uma coisa difícil: vê uma piscina cheia de água e acha que pode entrar e sair nadando como todo mundo. Entra e se afoga e tem que ser retirada. Percebe então que tal ato é um pouco mais complicado do que tinha imaginado. Desiste de nadar pela força do pensamento positivo e, ou se retrai, fica traumatizada e nunca mais nada, ou decide humildemente começar a aprender como as demais pessoas. O que ela fez foi fechar uma porta a uma possibilidade que não podia se realizar no plano da necessidade física, que só podia se realizar no plano da necessidade física, que só podia se realizar no próprio plano da psique enquanto potência. Ou seja, enquanto potência, a psique é destinada a não se realizar nunca.

A psique se realiza no mundo real, no mundo físico, na medida em que ela vai amputando, cortando algumas de suas possibilidades, fechando as portas da infinitude de possibilidades que tem dentro de si. Vai se adaptando, vai se amoldando àquilo que lhe é imposto pela necessidade física, pela necessidade lógica e pelo acaso (que é o conjunto das condições que existem num determinado momento, que não dá para fechar dentro de um quadro delimitado: o acaso está sempre em haver).

Para efeito do que estamos dizendo, pouco importa se essas necessidades lógicas, necessidades físicas, chegam a ela por experiência direta ou através de aprendizado. Por exemplo, você aprendeu que não dá para voar. Se você aprendeu por uma tentativa após a qual caiu e se machucou ou se aprendeu seguindo o sábio conselho da sua mãe, tanto faz. Nos dois casos é uma limitação que lhe é imposta. No caso, o aprendizado que não é por experiência própria abrevia o sofrimento. Quanto mais for capaz de aprender com a experiência do outro, mais rápido aprende e quanto mais necessitar repetir a experiência, menor é o rendimento do aprendizado.

O processo de aprendizado consiste numa adaptação da psique à necessidade lógica, física e ao acaso. Essa adaptação se realiza por uma projeção das impossibilidades: o indivíduo percebe que nem todas as coisas que limitam a sua ação são aleatórias, que há impossibilidades repetidas. Algumas ele capta da própria necessidade física, outras ele abstrai e vê como necessidades lógicas. Outras, que não percebe como repetidas, diz que são acaso, pouco importando se são ou não, pouco importando se filosoficamente exista ou não o acaso.

A medida que a psique vai se adaptando a essas condições externas, ela adquire um poder de ação. Se ela chegasse a se adaptar à totalidade das condições impostas pela necessidade lógica, física ou pelo acaso, ela adquiriria um poder universal. Supondo que ela conhecesse o universo todo, que ela pudesse agir livremente em todas as esferas do real, teria engolido o cosmo e neste sentido deixaria de ser psique. Ela seria por assim dizer uma consciência, mas não psique. Que coisa seria essa? É o que se pode perguntar a um teólogo. É de se imaginar que a psique de Deus seria uma psique deste tipo, psique onde não há mais potência. São Tomás de Aquino disse que "Deus é ato puro", ato sem potência. Nada é possibilidade de realizar. Tudo que pode se realizar está realizado. Se imaginássemos uma psique onde não há mais potência, mas que sobretudo é ato, esta seria a psique de Deus.

A medida que avança o aprendizado, começa a haver a repetição da experiência. Mas depois da repetição da experiência existe uma outra coisa mais sutil que é a repetição potencial da experiência. É a recordação de uma mesma sensação, porém vivenciada agora de maneira attenuada e na ausência do estímulo que a provocou. Como uma dor e sua recordação: a recordação da dor é dolorosa, mas não tanto quanto a dor mesma.

Mais ainda, a dor era concomitante a uma alteração orgânica real, física, e a sua recordação, não. O que caracteriza a recordação e o que a distingue da sensação é, primeiro, que ela é atenuada e, segundo, que ela ocorre na ausência do estímulo que a provocou.

Prosseguindo o aprendizado, surge primeiro a experiência repetida; em segundo lugar, a antecipação da repetição. A esta antecipação, chamamos recordação. Quanto mais sensações o sujeito é capaz de antecipar, mais facilmente ele é capaz de prever as situações. Portanto quanto mais memória, mais hábil será o organismo. Porque antevê as situações e se prepara para elas.

Quando toda experiência passada é comprimida num determinado momento em vista de uma situação futura próxima, dá-se o fenômeno que chamamos consciência (conforme está no texto *Consciência e Inconsciência*, de M. Pradines).

A consciência se transforma em ego na medida em que o indivíduo conta para si as suas experiências passadas e age numa linha de continuidade histórica, biográfica. Ou seja, reafirma o seu desejo de continuar tentando as mesmas experiências já tentadas. Sendo que desta vez ele não é forçado a essas experiências por uma repetição da situação externa -- é ele quem as procura. E na medida onde se forma essa continuidade, surge uma estrutura que também limita a psique.

A psique, além de ser limitada pela necessidade lógica, pela necessidade física e pelo acaso (pelas necessidades externas que reconhecemos) sofre uma quarta limitação, que é uma auto-limitação. O sujeito é limitado pela sua própria história, tal como a contou para si mesmo. Esta limitação, ou, melhor dizendo, auto-limitação, chama-se ego.

O ego abre ao indivíduo uma outra esfera de ação, que é a da ação social. Dá continuidade, coerência entre as ações anteriores e as subsequentes, o que permite que o indivíduo seja reconhecido pelos outros, não só como aparência física mas como individualidade humana. Por exemplo, se temos duas crianças, uma costuma bater na outra e a outra apanhar da primeira, logo uma já sabe que a outra vai receber suas pancadas e a outra sabe que aquela é perigosa. Por que isso? Porque fazem as mesmas coisas. Se, de repente, uma desistisse de bater, a outra iria estranhar, iria sentir falta, porque existe uma repetição de papéis.

De todo o repertório de possibilidades que tem a psique, o indivíduo amputa, corta partes imensas. Em parte ele as corta pelo padrão das necessidades lógicas, em parte pelo padrão das necessidades físicas e em parte devido ao acaso, coisas que vai aprendendo à medida que evolui. Outra parte ele amputa por vontade própria, porque não quer uma coisa e sim outra. Também não interessa se essas escolhas são de sua livre iniciativa ou copiadas do exterior. Pouco importa. Importa que ele persevere em algumas e em outras não. E essas nas quais persevera são as suas escolhas e essa é sua história.

Quando chega aos cinco anos a criança já tem história. O Dr. Freud dizia que por volta dos cinco anos o ego se constitui. Podemos dizer que o ego está constituído quando a história do sujeito começa a formar um conjunto e ele começa a repetir a totalidade da sua história. Determinadas experiências são tão repetitivas dentro de um ciclo amplo que ele prevê que aquilo que lhe aconteceu vai continuar acontecendo eternamente e que aquilo é ele. Esse momento é particularmente grave, porque aí é que se opera a seleção de que falava Arthur Ianov: quando determinadas necessidades não são atendidas são então abandonadas. O indivíduo acredita que se certa necessidade não foi atendida até aquele momento é porque ela não existe. Por exemplo, a criança quer determinado brinquedo, pede-o repetidas vezes e nunca o ganha. Então ela desiste dele. Na hora que desistiu, ela se identificou não com o desejo do brinquedo, mas com a sua falta, o que passa a fazer parte da sua vida. Até aquele momento a ausência do

brinquedo era como se fosse uma casualidade, uma coisa externa. A partir de certo momento, passa a ser parte da sua história. Se for um brinquedo, tudo bem, mas existem coisas muito mais importantes do que brinquedos. As vezes é a oportunidade de expressão, às vezes é carinho, às vezes é comida, às vezes é o mais elementar respeito humano...tudo isso pode faltar e aos cinco anos se consolida uma carência como parte da sua história. Na hora que isso se consolidou como parte da sua história, não adianta a necessidade faltante ser realmente atendida desde o mundo exterior, porque agora não há mais o órgão para receber a coisa faltante. É como o indivíduo que ficasse 40 dias sem comer (o limite parece ser de 44 dias), pois então o indivíduo perde a aptidão para comer, não adiantando dar-lhe comida. É necessário dar-lhe soro para prepará-lo, torná-lo novamente apto a comer, apto a ter aquela necessidade. Do ponto-de-vista psicológico, dá-se o mesmo.

O processo de formação da neurose de que fala Ianov só é possível porque existe esta formação do ego, o qual funciona como uma limitação da psique, como uma auto-limitação, na qual a psique, exigindo de si o maior sacrifício (o de se auto-limitar), adquire também o núcleo do seu poder. Só mesmo quando o poder da psique é personalizado num ego é que ele se torna realmente capaz de agir não somente no mundo físico, como bebê, mas no mundo humano. O ego é o instrumento com o que lidamos com os outros egos. Isso é importante, pois o ego dá a possibilidade do exercício de poder na esfera humana, poder que até então o indivíduo não tinha, ou tinha de maneira tão disseminada que é como se o poder não fosse dele.

O pensamento lógico também está presente nos animais. O pensamento lógico é como se fosse uma extensão do sentido de autopreservação orgânica, e uma certa antecipação lógica da necessidade física está presente nos animais. O animal cria uma ponte entre necessidade lógica e necessidade física, como no caso do macaco que, tentando alcançar uma banana, utiliza-se de um pedaço de pau para derrubá-la. Ele constrói um modelo lógico em sua cabeça antes de pegar o pedaço de pau, pega o pedaço de pau não por necessidade física, por uma força externa que o impõe a isso, nem por acaso -- é uma conduta lógica.

O que caracteriza o homem neste sentido não é somente a necessidade lógica com a qual ele lida, com a necessidade física e com o próprio acaso; é que o homem coere essas três formas de limitação das necessidades numa forma pessoal de autolimitação, ao que chama de ego. Este ego é capaz de impor à psique as mais terríveis limitações e se antecipar a quase todas as necessidades lógicas, físicas, ao acaso, etc, no sentido de impedir ações do sujeito que vão contra o interesse de seu organismo. Por exemplo, impedi-lo de pular do segundo andar de um prédio. Ao lhe perguntarmos por que não pulou, responde: "porque não quis, porque não quer." Porém, existe a impossibilidade física de que ele saia voando por aí, mas não é ela que o impede de pular, mas ele mesmo que se impede. Ele mesmo se impede porque sabe que não vai dar certo. Por que só tem que fazer o que dá certo? Porque não é do seu interesse, ele perderia sua vida. Ele não o faz, em suma, porque não quer.

Não sei se já observaram o prazer que uma criança de cinco anos começa a adquirir em se limitar, em se negar determinadas coisas. Porque ela prova para ela mesma que ela já está grandinha. Isso é ego. O primeiro poder do ego é sobre si mesmo, é sobre a psique. É diferente do que se dá na esfera animal, que não pode aprender a síntese das necessidades lógica e física e do acaso.

Na hora que o ego se forma, algo fica de fora, já que o ego é uma limitação da psique. O que fica de fora, primeiro, são todos os conteúdos psíquicos que já estão no indivíduo, todos os impulsos, todas as possibilidades que ele ignora. Ele pode reprimir impulsos que conhece mas não pode reprimir os que desconhece que tem. Isto fica de fora. Fica

de fora também tudo aquilo que já tentou e, como parte da sua história, lhe foi negado (as necessidades reprimidas no sentido de Ianov). Ficam de fora também os conteúdos rejeitados de que fala o Dr. Freud, que são os conteúdos psíquicos que ameaçam a integridade daquela fortaleza nascente que já nasce cercada de inimigos por todos os lados. Em quarto lugar, fica de fora tudo o que o indivíduo ignora: tudo que lhe vai acontecer no futuro, tudo que está fora de sua esfera de conhecimento.

O que ele ignora diz respeito às necessidades lógica e física, ao acaso e à própria psique. Daí que surgem os diversos sentidos da palavra "inconsciente" em psicologia e psicanálise. Tudo quanto fica de fora é inconsciente, de certa maneira.

Essa abordagem permite deduzir, numa só noção, os vários conceitos de inconsciente. Do ponto-de-vista de teoria psicológica, isto não é pouca coisa, porque permite compreender a pertinência que existe no conceito de inconsciente de Adler, Jung, Freud, Reich, etc.

Por exemplo, percebe-se que a noção de inconsciente de Reich deriva diretamente de necessidades físicas. Ele é formado da seguinte maneira: como dito antes, a psique age através de três causas -- transforma a necessidade física em necessidade lógica e vice-versa, assim como o acaso em necessidade lógica. Está o tempo todo lidando com esses três fatores. Uma impossibilidade casual pode ser transformada em necessidade física através de uma extase muscular. Por exemplo, não posso fazer determinada coisa: quero gritar e meu pai não deixa. É uma necessidade que vem de fora, necessidade de tipo casual, que não é nem lógica nem física, uma vez que meu pai não é nenhuma lei impersonal, como a lei da gravidade. Para mim isto não tem lógica alguma, sendo apenas uma coisa que me aconteceu. É uma impossibilidade casual. Porém, quando ela se repete, eu, para evitar que a situação dolorosa venha a acontecer de novo, impeço-me eu mesmo de gritar, provocando uma extase na garganta. Aperto os músculos e aprendo a apertá-los sempre que vejo, segundos antes, que meu pai me impedirá de gritar. A partir daí o processo de contração continua funcionando por mero reflexo condicionado.

Toda a diversidade dos conceitos de inconsciente dos livros de psicologia decorreu do fato de que todos eles foram descobertos empiricamente. O investigador tinha um certo número de fatos e rotulava-os com um nome que dava uma unidade, pelo menos aparente, àquele grupo de fenômenos. Outro via outro grupo de fenômenos também e os rotulava com o mesmo nome. Depois de usar a mesma palavra umas seis ou sete vezes para designar coisas diferentes, sem ligação entre si, os psicólogos divergiram uns dos outros. Porém, com esta nossa abordagem, entendemos como de um conceito único podemos deduzir logicamente os vários tipos de inconsciente, pois chegamos ao princípio do qual todos os conceitos a respeito derivaram. A validade de uma teoria é sobretudo o potencial que ela tem de agrupar fenômenos heterogêneos, remetendo-os a um princípio único, de raiz. Isto nenhum psicólogo tentou fazer. Creio que esta é a primeira vez em que isso é feito.

Se o ego se forma deste jeito, e nós dissemos que ele vai deixar de fora o que ignora da própria psique, o que ignora do mundo físico, o que ignora do mundo lógico, o que ignora do acaso e, mais ainda, vai deixando de fora os conteúdos reprimidos, as necessidades faltantes, etc., como poderíamos tirar de tudo isso a noção de caráter?

Aluno: Seria o caráter algo que determina a arquitetura deste ego? Olavo: Acabamos de dizer que o ego é criado pela história do sujeito. A necessidade lógica vem da própria ordem natural das coisas e a necessidade física também e o acaso ao acaso e a psique é apenas um conjunto de possibilidades. Como vamos, pois, tirar o caráter daí? Aluno: E o fato de o sujeito perseverar para que determinadas coisas sempre aconteçam de determinada forma? Olavo: Isso nada tem a ver com o caráter. Porque isto é uma coisa feita por aprendizado, que pode ser reaprendido mil vezes. Caráter, entenda-se, no

sentido de um quadro cognitivo constante. Dado que a noção de ego derivou da noção de psique, assim como a noção de inconsciente também deriva da noção de psique, como podemos derivar a noção de caráter? Aluno: Sendo o astrocaráter o modo fixo de o indivíduo perceber o real ou entender o real, esta fixidez criaria uma constelação de fenômenos aos quais o sujeito atentaria. Olavo: Mas de onde surge esta maneira? Da noção de psique deduzimos a noção do ego e a noção do inconsciente, quer dizer, o "id" e o "superego". Aluno: Quer dizer que independentemente de todos esses esquemas, há um outro que limita mais? Olavo: Não sei se limita mais, mas a conclusão é inevitável: se existe caráter, ele não é psíquico. É algo que não tem a ver com nada do que tratamos antes. Que o caráter é um filtro, nós já o sabemos. A questão é se da noção de psique podemos deduzir este filtro. E a resposta é: NÃO!

Aluno: É uma coisa extrapsíquica mas que interfere na psique. Olavo: Nós dissemos que a psique é sempre individual. Mas a pergunta é: o que que a individualiza?

Aluno: O caráter.

Olavo: Mas o que é o caráter? O que é caráter etimologicamente?

Aluno: Marca. Olavo: Marca, quer dizer, uma forma de divisão. A psique quando nasce, já nasce num determinado lugar, num determinado momento. Já nasce individualizada numericamente por assim dizer, e este fator não é psicológico, não tem explicação psicológica alguma; é anterior e externo à psique. Existe algum motivo psíquico para que eu seja eu e você seja você? Psicologicamente não é possível o indivíduo agir como se fosse um outro? Não é o que acontece no processo esquizofrênico? Se psicologicamente isso fosse impossível, não aconteceria tal coisa com ninguém. Mas psicologicamente é possível. O que isto significa que por baixo do senso de identidade, do que é psicológico, existe uma identidade real, que não é de ordem lógica, de ordem física, de ordem do acaso -- é de ordem ontológica.

Não existe maneira de, logicamente, distinguir um indivíduo do outro. Por outro lado, a distinção física bastaria? Também não. Vê-se que esta é uma noção extrapsicológica. A esta noção, acho que teríamos que recorrer à cosmologia e à ontologia para explicar do que se trata, o que não pretendo fazer neste curso. Basta dizer que é uma das características da existência, de modo geral -- e isto é uma base filosófica que a gente não pode evitar de ter --, como dizia Heidegger, "a existência só se existencia nos existentes." Não existe existência genérica. Só conhecemos a existência sob a forma da singularidade. O que não tem nada a ver com o psicológico. Se tudo que tem uma substancialidade a tem sob a forma individual, a psique também. A individualidade é uma pré-condição da existência da psique, portanto não pode ser explicada por ela. Não há necessidade de maior aprofundamento deste ponto. Porém, este pequeno dado ontológico, que é fartamente reconhecido pela universalidade dos pensadores -- só existe existência sob a forma de existência singular -- a não ser que seja um realista filosófico extremo, que acredita que os universais existem, porém mesmo os universais teriam que existir sob forma singular -- um universal é um e outro é outro -- essa pequena premissa ontológica já basta para entender por que isso é assim. A esta forma da singularidade chamamos caráter.

Por que esta forma de singularidade é cognitiva? Por que um indivíduo se distingue de outro sobretudo de maneira cognitiva? Porque as outras diferenças são todas da ordem da espécie humana, são meramente quantitativas: por exemplo, o indivíduo tem um pouco mais de iniciativa, um pouco mais de senso estético, um pouco mais de qualquer outra característica psicológica que outro. Mas o que afirma para nós que essa individualidade humana existe e é irredutível aos traços quantitativos, é tarefa da ontologia. A psicologia não pode alcançar este ponto. O homem existe como ser singular porque tudo existe como ser singular. A singularidade humana é de ordem

cognitiva porque a diferença entre o homem e os outros seres é cognitiva. Portanto, a cognição só se dá sob forma individualizada, o que está antes da psicologia. Como toda existência só existe sob a forma do existente singular, a psique também só existe sob a forma de ente singular. No caso humano, essa singularidade, essa diferença individual, é de ordem cognitiva. Cada ser humano é um ponto-de-vista irredutível sobre a totalidade das coisas, inclusive sobre si mesmo. Irredutível e incomensurável. Neste sentido, irrepetível. Isto é o caráter.

A astrocaraterologia não capta o caráter neste sentido -- irrepetível -- que é o sentido de Klages. Capta apenas um tipo aproximado, o máximo a que podemos chegar.

O caráter como forma da singularidade, como forma da individualidade humana irredutível só é cognoscível de ser humano a ser humano, por intuição. Como sei que você é você e você sabe que eu sou eu? Isto é um dado primário, que não pode ser descoberto por meio nenhum, é um dado inicial. O homem tem um milhão de marcas da sua individualidade irredutível: um padrão de voz irredutível, o estilo literário, as impressões digitais, etc. A individualidade está tão marcada por todos os lados, que é um fato gritante. O indivíduo humano só existe sob forma individualizada porque tudo só existe sob forma individualizada. Como a cavalaria: existe. Porém, existe nos cavalos. Não existe a cavalaria em si, ou a humanidade em si, mas a cavalaria no cavalo e a humanidade no ser humano. O ser existe nos entes, fora do ente não há ser nenhum.

Toda existência é individualizada, assim como a existência da psique. Todo ente existe diferenciadamente. Porém essa diferença é por assim dizer externa. Entre uma pedra e outra pedra, existe a diferença do lugar que elas ocupam no espaço; elas não se interpenetram. Entre um animal e outro animal, existe uma diferença de espécie; entre um ser humano e outro ser humano, existe uma diferença que é em si e para si. Ele sabe que é diferente. É o único que tem essa diferença interna, que é de natureza puramente cognitiva. Essa diferença, este ego, é a coisa que marca a diferença do ser humano, que é o único que pode ter ego. Ergo sum, eu sou, embora o ego seja uma existência provisória.

O homem fala que tem um ego, mas na verdade vemos que não tem ego nenhum, ele apenas pretende ter um ego. Ele gostaria de ter uma história que fosse contínua, que fosse coerente, da qual pudesse assumir a autoria. Porém, quantas partes que não pertencem a este eu continuam dentro dele e ameaçam o seu eu a todo momento? Ameaçam, invadem, deformam, cortam-no em mil pedaços. O homem tem um ego em potência. Por isso mesmo a Bíblia definiu Deus como eu sou.

O ego no sentido pleno seria um atributo divino. No sentido relativo, provisório, precário, seria um atributo humano: o homem tem um ego em potência. Essa potência de ego, que é potência de uma diferença de si para si, é que diferencia o homem. Portanto, a vida toda da psique já está balizada desde o início por essa diferença individual.

No estudo da astrocaraterologia vemos que temos um indício dessa diferença, e não a diferença propriamente dita. Não existe uma ciência do caráter individual, a não ser que houvesse uma ciência intuitiva, intuitiva e imediata. Se a individualidade humana neste sentido é realmente singular, indivisível, ela não se compõe de partes. A integridade de um outro ser humano (ele é um só, ele também é um ego), é um dado que temos que aceitar, sendo que um dos maiores pecados humanos é esquecer que o outro é um ego. É isso que as doutrinas orientais falam, da ilusão da individualidade. O que não significa que o homem está iludido quando pensa que tem uma individualidade, mas está iludido quando pensa que só ele pensa. Ele identifica o seu ego com sua posição no espaço, a qual não lhe é tão pessoal quanto pensa. A sua posição no espaço é defendida por

substâncias ingeridas e assimiladas do mundo externo, tanto que numa certa época ele só ocupava um espaço de cinquenta centímetros, que aumentou para oitenta, noventa, etc., e ele continua sendo ele todo este tempo. Se lhe amputarem as duas pernas, os dois braços, ele diminui de tamanho, continua porém sendo ele do mesmo jeito. Inclusive depois da sua morte não tem jeito de ele ser outro. Ele pode não existir mais, mas para não existir mais ele continua sendo ele mesmo, como não-existente. Não podemos conceber morte generalizada: ela é sempre morte de alguém, de alguma coisa. A extinção é extinção de alguma coisa, o nada é o nada de alguma coisa e nunca o nada genérico, pois este seria o nada absoluto, o nada universal. Mas o "nada universal" é uma contradição de termos. Mesmo porque, tendo havido uma mínima coisa que fosse, o "nada absoluto", o "nada universal" teria deixado de existir. E coisas houve. Esta aula, por exemplo.

Uma das primeiras constatações da filosofia grega foi que o homem não é um ser, mas uma mistura de ser e de não-ser. Heráclito dizia: "o ser só é concebido num plano universal, mas no plano da nossa experiência existe o ser e existe o não-ser." Assim, para eu poder ser este sujeito que vos fala neste momento, preciso ter deixado de ser o outro que eu era, aos 44, 43, 42 anos e assim por diante. Esta mistura de ser e de não-ser faz parte da condição da nossa vida. E se o nosso ser é relativo, o nosso não-ser também. Se o nosso ser é individualizado, o não-ser também o é. Aluno: Por que a diferença é cognitiva, por que o caráter se define por uma pauta cognitiva e não por outra coisa? Olavo: Dado que a diferença entre o homem e os outros seres é de ordem cognitiva, a individualidade humana é marcada cognitivamente.

Em que o animal se distingue do mineral? ou do vegetal? Não é pelo movimento espontâneo? Os animais se distinguem um do outro fundamentalmente nisto. Do mesmo modo que a diferença entre o homem e os outros seres é cognitiva, os homens se diferenciam entre si cognitivamente. O que diferencia uma espécie das outras espécies é também o que vai diferenciar um indivíduo de outro indivíduo dentro dessa mesma espécie.

A noção de caráter está colocada numa misteriosa fronteira do psíquico com o pré-psíquico (ante-psíquico ou não-psíquico). O astrocaraíter seria um signo externo que aponta na direção de uma individualidade, mas que não apreende essa individualidade. Esta individualidade só pode ser apreendida intuitivamente, porque a singularidade só se conhece por intuição. Individuum este inefabile, "o indivíduo é inapreensível" por gênero e espécie, portanto é inapreensível racionalmente. É inapreensível e não existe nenhuma necessidade de apreendê-lo. Seria absurdo eu poder deduzir você a partir do conceito de ser humano. Absurdo porque para eu poder deduzir uma individualidade, seria preciso que eu fosse capaz de deduzir todas as individualidades. O indivíduo só é conhecível por intuição, pois intuição é o conhecimento da singularidade.

Só podemos chegar a ter um conhecimento da noção de caráter por duas vias: ou por aproximações sucessivas que não acabam mais ou por um conhecimento intuitivo imediato. Um desses conhecimentos por aproximações sucessivas é a tipologia, do que a caracterologia é uma variante e a astrocarakterologia uma outra variante. Podemos chegar a agrupar indivíduos em tipos cujas cópias são bastante raras, mas nem por isso deixará de ser um tipo. É bem difícil achar dois indivíduos que tenham nascido em ruas vizinhas na mesma hora e no mesmo instante. A impossibilidade não é, porém, teórica, mas prática.

A astrocarakterologia, identificando singularidade com posição no espaço poderia até chegar, se houvesse técnica para isso, a uma definição do caráter singular. Acontece que ela não tem uma grade de diferenciações caracterológicas suficiente para isso, para uma definição do caráter singular. Um indivíduo que tem Saturno a três graus da casa I e

outro que tem Saturno a três graus e quarenta e cinco minutos da mesma casa I, qual seria a diferença? Se houvesse um esquema interpretativo dessas diferenças mínimas seria possível chegar a uma apreensão da singularidade pelo menos no seu aspecto físico; se a individualidade estivesse perfeitamente identificada com posição no espaço, teríamos que levar em conta a diferença de centímetros que separam um gêmeo de outro. Porém, a possibilidade de fazer isso é tão remota que perde o interesse, à semelhança da imensa pesquisa que se faz sobre o código genético. Não é impossível fazê-la, porém, ao fim, qual será a expressão das diferenças? Ela é humanamente inconcebível. O máximo que se pode fazer é colocar num computador toda a listagem das diferenças, inabarcáveis pela inteligência humana. Alguém criou um cálculo, conhece seu princípio e o resultado final. Mas ele não pode conhecer extensivamente todos os passos. A totalidade dos passos estará registrada no computador tal como está registrada no ADN atualmente, como se fosse uma imensíssima lista telefônica, que não pode ser consultada na sua totalidade, mas item por item. Tanto faz que esteja registrada no ADN, quimicamente, ou eletronicamente, no computador; a dificuldade é a mesma, apenas se transpõe a dificuldade de um lugar para outro. A diferença substantiva que haverá entre um indivíduo e outro conforme as diferentes combinações de ADN, continuará desconhecida após a totalidade da listagem. O empreendimento apenas facilita o acesso às informações sobre tal ou qual tipo humano quando for o caso. O que está registrado no ADN nós ignoramos e o que vai estar registrado no computador em seguida nós também ignoraremos e continuaremos só podendo conhecer indivíduos caso por caso ou por grupo de casos.

A psique capta algo dessa individualidade na hora quando ela tenta constituir um ego. Mas quem disse que seu ego vai ser constituído exatamente de acordo com a sua singularidade? Pode ser um ego totalmente torto, que não se adapta a você. A psique faz uma imagem da singularidade à qual chama de ego. Mas, uma das constatações mais dolorosas que existe é de que na personalidade do indivíduo quase tudo que existe é impessoal: hábitos, gostos, etc; é tudo coletivo. Neste ponto você é igualzinho a uma fileira de outros indivíduos, inteiramente classificável, catalogável. A essas coisas é que o sujeito tem apego, como se fossem fundamentais para o seu ego. Na verdade, não temos ego nenhum, apenas um simulacro de ego.

A psique é o princípio da liberdade humana, é a tradução quase biológica da liberdade humana, é uma ilimitação de possibilidades. Como ilimitação de possibilidades, ela tenta se realizar no mundo e para se realizar ela limita suas possibilidades, primeiro segundo a experiência que a impede de fazer isso ou aquilo; ou nega a satisfação de um desejo. Na medida em que ela vai se adaptando a essas limitações, ela adquire poder. Na medida em que esse poder, dado pela sua limitação às necessidades lógicas, físicas e ao acaso, vai adquirindo uma coerência temporal, forma uma história e, aí então, temos um ego. O momento da formação do ego é bastante traumático porque é onde você fecha a história, assimila como suas determinadas limitações, que podem ter sido meramente casuais. Se as limitações que você se impõe aos cinco anos coincidissem exatamente com as limitações caracterológicas que você tem, você seria um homem felicíssimo. Se ego e caráter coincidissem, você seria de uma eficiência brutal, porque então você só tentaria fazer o que pode fazer e deixaria de tentar fazer apenas o que você efetivamente não é capaz de fazer.

Um exemplo: sempre passo, com minha filha, em frente a um parque de diversões e ela sempre pedia para parar lá. Nunca pude fazê-lo, por um ano e meio. Até que um dia ela disse: "não quero mais ir neste parquinho." É um desejo ao qual ela disse adeus. É uma limitação que ela se impôs. Uma limitação casual, não caracterológica, porém assimilada como primordial. Podia não ser o parquinho, podia ser algo mais grave,

como atenção, por exemplo. Uma criança quer atenção e você não lhe presta atenção, um dia ela desiste e conclui que ela é invisível, insignificante, onde ela entrar ninguém vai vê-la. Quantas pessoas não têm isso? Dá-se o caso de uma casualidade ser introjetada como parte do caráter.

O ego é um reflexo psicológico da individualidade, é uma individualidade criada pela psique, é um personagem que imita a individualidade. Como ele é composto de limitações copiadas, com aquela inteligência brilhante que uma criança de cinco anos pode ter, com a longa experiência da vida e sabedoria de uma criança de cinco anos, é possível imaginar que desastre isto é. Na quase totalidade dos casos o resultado é um ego deficiente, é um traste. Tanto é que depois de adulto é necessário haver desmonte desse ego várias vezes de forma a se construir outro e caso não se consiga fazer isso sozinho, tem-se que recorrer à psicanálise, que nada mais é que reescrever a história do ego, reinterpretá-la de maneira diferente e, com isso, construir outro ego. Juan Alfredo César Muller dizia: "a psicoterapia não age sobre a psique, age sobre o ego." Não é a psique que fica doente, mas, sim, o ego. A psicoterapia vai tentar criar um ajuste do ego ou com o caráter ou com a situação externa do momento.

Quando Viktor Frankl propõe a logoterapia, esta se baseia numa coisa muito simples: o que chama de neuroses noogênicas (que provêm de causas intelectuais ou espirituais). Decorre de uma falta de sentido na existência do sujeito. A sua psicoterapia consiste em restituir a esse indivíduo uma noção de sentido da sua própria vida. Note bem que Frankl não diz "sentido da vida inventado" pelo indivíduo, mas sentido da vida encontrado pelo indivíduo pois, admite Frankl, que o sentido da vida existe objetivamente.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA 84 09/05/92

Esta transcrição abaixo pode servir como complemento da aula 84, transcrita por Joel, cujo título é: "O que é a Psique". SORAIA

A definição da Psique nunca foi dada. Os psicólogos não acham a definição da psique porque eles procuram traços positivos que a definam, quando é da natureza dela (psique) não ter traços positivos. Por isso é que existe dentro da área da psicologia, sujeitos que dizem que tudo é "Psique", até mesmo os átomos, como o Jung e, de outro lado, Skinner que diz que não existe psique nenhuma (ele procura explicar os atos humanos por reflexo condicionado. Ele reduz a ação humana à um fenômeno eletromagnético, ou seja, é uma explicação física).

Exemplo: Quando um indivíduo vai pegar uma mala, e a pega pela alça, e não pelo "todo" (da mala) .Por quê que ele fez isto? É por uma causa psíquica? Não. É pela sua adaptação à uma causa física. Agora, por quê que ele se adaptou? Foi por necessidade extrínseca? A necessidade extrínseca é a força causal, que determina que você faça as coisas da maneira melhor possível? É evidente que não! Então, este ato:

- 1-) não foi feito por necessidade lógica.
- 2-) não foi feito por necessidade física.
- 3-) não foi feito por "acaso".

Então, teve uma quarta causa, e essa causa é:

- 4-) Fi-lo-porque-qui-lo.(Fiz porque quis)

Existe um elemento de liberdade, ou de arbitrariedade, na psique.

Esse núcleo "volitivo", esse núcleo irredutível à uma outra causa, que não ele mesmo, está na definição da psique, e naturalmente tem que estar na definição da personalidade. O Astro-caráter é um elemento de necessidade física, é um dos elementos que o sujeito vai jogar. Agora, é o elemento mais FUNDAMENTAL da personalidade. É o elemento que determina a estrutura total. Você não vai poder mudar a estrutura total, você vai ter que contar com ela.

Aluno: -- É o ponto que é fixo, e propicia o desenvolvimento da personalidade a partir dele. Quer dizer, por mais que a personalidade se desenvolva, se construa, ela se desenvolve a partir de uma coisa que ela já é....

Olavo: -- Isto! Ela se desenvolve a partir de uma coisa que ela já é. Agora, aí existe um traço, ou uma aspécto, que parece auto-contraditório no Astro-caráter. Porque se você diz que ele tem uma forma determinada, então ele é limitante (ele é uma coisa, e não outra). Isto pareceria contraditório, pois se o Astro-caráter é limitante, então ele não permite a liberdade. AH ! Aí é que está o ponto! E isto é uma grande sutileza. As partes do Astro-caráter, elas se combinam determinam uma forma total que não é limitada em relação à outras formas. Isto é muitíssimo IMPORTANTE.

Exemplo: O fato de você ter o Sol na casa III, te determina sem te limitar em relação à quem tenha o sol na casa IV, ou V, ou VI etc... Se você tem o sol na casa III, os dados dessa direção você percebe intuitivamente, mas não percebe intuitivamente os demais dados das outras casas. Mas acontece que além de intuição você tem imaginação e razão. O quê você não capta intuitivamente, você pode imaginar e, o quê você imaginou, você pode tirar conceitos e deduzir. Então, você acaba conhecendo tudo em todas as direções, ou por um jeito, ou por outro. A única maneira que os seres humanos diferem, é na ordem pela qual eles conhecem.

"O circuito cognitivo"

- 1-) o "dado" entra pela intuição (na casa aonde está o sol).
- 2-) entrando pela intuição, afeta imediatamente o sentimento (lua).

3-) daí parte para a memória (venus). Se afetou profundamente o sentimento é retido pela memória.

4-) da memória provoca uma reação, uma resposta (marte).(o sujeito vai reagir ou recuar).

5-) finalmente eu exerço um ato de vontade (júpiter).

6-) esse ato de vontade se estabiliza ao nível da visão geral do mundo, da razão (saturno).

7-) a razão, por sua vez, produz novos esquemas que orientam, por assim dizer, a minha intuição. Conforme aquilo que eu estabilizei no meu quadro racional do mundo, eu passo a prestar atenção em novas coisas. Porém, eu sempre parti daquele primeiro "dado", que me foi oferecido, e que estava na direção da casa aonde está o sol (intuição).

Esse circuito é diferente de pessoa-a-pessoa. Porém, o rendimento total pode ser o mesmo, independentemente das posições planetárias. É preciso saber, que a imaginação pode tornar intuitivo o quê era racional. Aliás a função da imaginação é exatamente esta: Na hora em que você dá uma regra geral, que é apreendida ao nível da razão, e a multiplica em exemplos, você está, por assim dizer, forçando uma intuição. Aquilo que você não apreende pela intuição diretamente, pode entrar pela razão, formar uma imagem, e se oferecer à intuição em seguida. A evolução da vida humana vai neutralizando, por assim dizer, essas diferenças astrocarterológicas.

A razão é universalizante por excelência, então tão logo ela estabilize determinados conclusões (de valor universal). quando isso acontece, ela pode produzir uma infinidade de exemplos em todas as direções. Ela não está mais limitada. Agora, a grande dificuldade é você chegar a esta conclusão final. Porém, uma vez que você chegou a elaborar racionalmente determinados conteúdos, esse esquema não está mais limitado, ela se abriu para o universal. Se você conseguir chegar ao nível universal, acabam as diferenças, acaba o astro-caráter, a razão engloba tudo. Você está livre, é a porta para a liberdade. Na hora em que você captou essa razão universal, você está em pleno desenvolvimento do "Eu Transcedental" (camada 10), aí não existe mais limitação. Racionalmente você captou a totalidade do "Real", embora não consiga isto ao nível de uma corporalidade, pois quando você chega a este estágio, geralmente você está velho.

Aluno: -- De ceta forma o Halbron não quer propor exatamente isto com a cosmoterapia?

Olavo: -- Ele quer libertar os indivíduos de um mal que eles merecem. Eu acho que só deve se libertar disso quem fez o trabalho devido ao uso da sua razão. É como na obra do Ib Narabi: Quando você chega ao céu de "Saturno", você acaba vendo o bem que os males causaram. É o quê nos diz o Titus Burckhardt: " O homem de conhecimento, se coloca em uma posição de suprema beatitude, que está colocada para além da felicidade, ou do infortunio". Ele vê o Real e concorda, como a Biblia nos diz na criação do Mundo, no livro do Gênesis: " Deus fez e viu que era bom."

Aluno: -- Qual é a diferença entre a razão individual e a razão universal?

Olavo: -- A razão é o senso de proporcionalidade da forma total. O real, que por certo inclui à nós mesmos, certamente ele tem alguma forma, essa forma deve ser muito complexa, mas ela existe. Do mesmo modo, os esquemas que nós vamos estruturando para interpretar essa realidade (do real), e também para nos adaptarmos a ela, também tem uma forma. No momento em que coincide o nosso esquema de interpretação e a forma complexa do "real", isso é que é a "razão universal". Você começa a pensar exatamente como Deus planejou o mundo. Isso supõe uma objetividade e, isso é

alcançado pelo homem. Isso é, de certa forma, obrigatório, pois o homem é o único "animal" que tem essa capacidade: De pensar as coisas como elas realmente são.

Naqueles pontos (o tema da casa de Saturno) que foram oferecidos à sua experiência, você pode captar a objetividade daquilo num plano universal. Agora, aquilo que está fora da sua experiência, você ignora. Em alguns pontos, todo o homem chega a conhecer essas Leis que regulam o universo. A razão é a etapa que liberta o homem da sua subjetividade, da sua imanência. Isso é o que se chama "Transcendência". Não é a toa que no eixo câncer- capricórnio, a Lua se situa embaixo e Saturno em cima. O homem pode colocar a sua experiência dentro de regras universais. Isso acontece sem que ele perca a sua subjetividade: "O homem é o ANIMAL RACIONAL", mas não é o "RACIONAL RACIONAL". Ele é o ser vivente cognoscente, ele pode, e deve conhecer, aquilo que se apresenta à sua experiência.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 85 - 10/05/92

Nota: Essa aula não foi transcrita, pois o seu teor é uma apresentação incompleta sobre a biografia do Arthur Koestler. Em virtude da apresentação biográfica do Arthur Koestler, feita pelo Paulo, ter sido apresentada no mês de Maio/94, e o conteúdo deste trabalho já estar escrito pelo Paulo, reservo-me o direito da não transcrição desta aula, pois isso seria extremamente repetitivo.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 86 - 13/06/92

Nota: Essa não foi transcrita, pois a Marli já a havia transcrito logo após a apresentação do Fernando Pessoa. Quem quiser uma cópia peça a ela.

ASTROCARACTEROLOGIA AULA: 87 - 14/06/92

Nesta aula o Olavo deu uma amostra de como ficaria uma redução fenomenológica dos livros de astrologia. O livro usado foi: "As doze Casas" Howard Sasportas.

Comecemos esta redução citando um trecho do texto: "O que é a Astrocaracterologia":

7- A astrocaracterologia admite, como hipótese também, que, por trás da variedade por vezes alucinante do que alegam os astrólogos, pode haver uma unidade de intenção que haja escapado aos próprios astrólogos. Caso não exista de facto (o que somente o exame fenomenológico das semelhanças e diferenças pode revelar), ainda assim essa unidade poderá ser construída artificialmente pelo astrocaracterólogo, a título de unidade ideal.

Os astrólogos, no intuito de achar que descobriu novas coisas ou, de enriquecer as suas interpretações, ele vai complicando cada vez mais o negócio. Eles deveriam buscar uma uniformidade nas suas interpretações.

Marte na casa XII

Exemplo: Outro dia, os astrólogos estavam querendo descobrir uma correspondência astrológica de um negócio que chama "síndrome aguda de pânico". Os astrólogos queriam pegar o mapa do sujeito acometido deste mal, e procurar alguma explicação através dos trânsitos. Mas por que ao invés de procurar nos trânsitos, eles não procuram direto no mapa natal, para ver se encontram uma predisposição? A "síndrome de pânico" dura de 2 a 3 anos, então porque não poderia haver uma predisposição no caráter que levasse ao sujeito ter essa síndrome? Eu buscara esta predisposição na posição mais óbvia, que seria o Marte na casa XII. Me pareceria a pista mais óbvia. Os astrólogos deveriam verificar, se entre as pessoas que são acometidas da "síndrome de pânico", não haveria uma proporção maior entre as pessoas que possuissem o Marte na casa XII. Essa proporção poderia ser de apenas 30%, e isso já seria estatiticamente absurdo. Normalmente deveriam ser apenas 1/12 avos das pessoas, deste número para 30% já é uma dado assombroso.

O Marte na casa XII já seria uma predisposição ao pânico, pelo fato de que o indivíduo está continuamente reagindo à estímulos, que ele não sabe quais são e nem de onde vem. Este indivíduo é sensível a informações que ultrapassam o seu espaço vital (no sentido de Kurt Lewin). O "espaço vital" de um indivíduo é a esfera na qual ele pode atuar, mas não quer dizer que ele atue. Isso não coincide perfeitamente com a consciência dele.

O indivíduo com Marte na casa XII, é como se o espaço vital dele estivesse a todo o momento sendo invadido, por informações que vem de fora, e ele tenta oferecer uma resposta àqueles estímulos, naquele momento, sem que isso corresponda a uma ampliação completa do espaço vital. Exemplo: A psique das outras pessoas. Vamos supor que tem uns sujeitos aqui na sala ao lado, eles estão falando mal de mim, e eu não estou ouvindo absolutamente nada. No entanto, eu sinto um incômodo. Eu peguei uma informação por meio, telepático, paranormal ou, qualquer coisa assim, mas eu não sei que informação é esta. Então, eu sinto um medo, uma incomodidade, uma raiva, e tento responder de alguma maneira. Mas aonde? Responder para quem? Para responder, seria preciso que eu ampliasse o espaço vital até poder agir lá. Então, são, podemos dizer, ações, desencontradas e isoladas, que respondem à estímulos vindos de fora do espaço vital e, dão sempre em absolutamente em nada. Disto advém uma tendência das pessoas com Marte na casa XII de fugir, repentinamente, de alguma situação que as incomode. Depois de um certo tempo de incomodidade, o indivíduo simplesmente dá no pé. O sujeito, de repente, sente um pânico e foge de diversas situações, mas ele não sabe ao

certo do quê ele fugiu. Essa fuga sempre se dará por alguma coisa etérica, sutil, que o sujeito sentiu. Mas ele nunca dará estas explicações para essa fuga. Isto não é uma fuga racional.

Se o indivíduo, com Marte na casa XII, já tem esta propensão, vocês imaginem o quê pode acontecer pelo acúmulo de motivos de medo. O indivíduo foge de um lado para outro, mas enfim, isso só resloveria se ele fugisse do mundo. O sujeito que está numa síndrome de pânico, ele não sai de casa, mas depois dele não sair de casa, ele não consegue nem sair da cama, nem se mexer. Qualquer coisa que o sujeito faça já começa a ficar perigoso. Não é que ele não queira ir para lugar nenhum, mas é que ele quer fugir de onde ele está. É uma espécie de fuga de 360 graus. As ameaças vêm de todos os lados, e você tem que ficar parado, mesmo assim não está nada bom.

Os astrólogos deveriam procurar isto aí no mapa, e não no trânsito. Mas acontece que eles não fazem isto, eles querem sempre achar uma explicação nova. Isto é uma bobagem. Não é assim que a astrologia vai progredir.

Exemplo: Todo mundo sabe que na área aonde estiver passando o planeta Saturno, é uma área aonde você começa a pensar mais complicado. Se você não tiver problemas naquela área, em virtude do trânsito você vai acabar tendo algum problema ali.

Os astrólogos deveriam procurar uniformizar as suas interpretações, aí sim, este estudo iria para frente.

Vamos começar com o livro "As doze casas" pegar as interpretações que ele dá a Lua nas casas, e tentar achar a unidade escondida dessas interpretações.

Howard Sasportas: "As doze casas".

Lua na casa I

Qualquer planeta na casa I é ampliado como se seu volume tivesse crescido de acordo com esse princípio. De acordo com a posição da Lua no signo, a Lua nesta posição energiza as respostas emocionais, instintivas e sentimentais do indivíduo. A não ser que esteja fortemente modificada por outros aspectos no mapa, a pessoa vai irradiar qualidades lunares - sensibilidade, receptividade e uma espécie de abertura infantil para as quais os outros são naturalmente atraídos.

Enquanto o Sol na I quer ter um impacto dinâmico no ambiente, a Lua na I está mais inclinada a ser confundida com a mãe e com o que está ao redor. Todo bebê sabe instintivamente que conseguir o amor de quem cuida dele ajuda a assegurar sua própria sobre vivência e por isso adapta-se ao que a mãe gosta ou quer. Mas os que têm a Lua na I, mesmo mais tarde na vida, quando a sobrevivência não depende mais da presença de outra pessoa, podem normalmente agir como se a vida ainda dependesse de serem aquilo que os outros querem que eles sejam. Em consequência disso, mostram uma habilidade semelhante à de um radar para captar sinais que emanam dos que se encontram próximos. No entanto, a interpretação destes sinais é muitas vezes distorcida por um alto grau de subjetividade. Eles podem estar tão dentro de suas próprias necessidades, sentimentos e complexos emocionais que às vezes são incapazes de ver a vida e os outros de uma maneira objetiva. Em casos extremos, tudo o que importa é o que querem e não podem facilmente dar aos outros nada que não combine com isso.

Mesmo assim, a Lua na I confere uma inteligência quase animal, sabendo instintivamente o que fazer em certas situações. Eles conseguem "farejar" uma oportunidade, "sentir" o perigo ou "ouvir" uma encrenca.

Comentário:

O astrólogo está dizendo coisas absolutamente fundamentais, mas de um jeito que mais as disfarça do que as diz. Nós vamos ver o quê ele está dizendo mesmo.

Para fazer esta redução:

1-) Temos que afastar tudo o que pudesse estar presente em alguns casos e não em outros. Ou seja, só nos interessa o quê está presente em todos os casos.

2-) Temos que tirar tudo o quê ele atribui a esta posição e que não seja de ordem "cognitiva", mas que seja de ordem do comportamento.

A redução ficaria assim:

O indivíduo que tem a Lua na casa I:

a-) O componente emocional do comportamento dele salta aos olhos. Isso no que diz respeito a visibilidade, a evidência.

b-) A sensibilidade do indivíduo, e a sua abertura aos estímulos externos são visíveis.

c-) Na sua aparência física e, sobretudo, na consciência que ele tem desta aparência física (na imagem que ele transmite e que ele sabe que tem), aparece claramente, as reações sentimentais, e uma espécie de abertura receptiva (o indivíduo responde sentimentalmente de uma maneira evidente).

d-) O indivíduo dará a impressão de ser sentimentalmente mais alterado do que as outras pessoas, mas isso só será apenas uma impressão.

Exemplo: Um indivíduo que se mostrou profundamente emocionado com algo neste momento, isto não quer dizer que dez minutos depois ele ainda vai estar emocionado com aquilo que ocorreu. Ele pode ficar emocionado com outra coisa. Esse emocionalismo pode ser só periférico. Fica claro que é impossível saber se o indivíduo é mais emocional ou, mais sentimental. Mas toda vez que ele se emocionar ou, desejar algo, isto lhe aparecerá visivelmente na sua cara (ele tem na sua cara a expressão de que deseja aquilo que ele deseja).

e-) Esse indivíduo atua muito sobre os outros, mas não será uma atuação radiante, e sim atraente (como um imã).

f-) O indivíduo, por causa das suas reações afluirem à sua cara, então, ele prestará muita atenção na cara

(auto-imagem) do outro, para ver se ele está sendo receptivo ao outro, ou melhor, ele vê em que medida o outro está sendo receptivo aos seus desejos.

Exemplo: Podemos fazer uma comparação com a Lua na casa VII. A Lua na casa VII é uma pessoa, que tem facilidade de servir de superfície a projeção do desejo alheio. As pessoas atribuem a ela, aquilo o quê elas estão querendo. O indivíduo de Lua na VII será sensível ao sentimento e desejos dos outros. É uma empatia completa.

g-) O indivíduo está dentro das suas próprias necessidades.(ele está plenamente consciente daquilo que sente e daquilo que quer) Ele não se desidentifica das suas necessidades jamais.

h-) O indivíduo será egocêntrico, com relação as suas necessidades e desejos, mas isso não quer dizer que ele não possa ser objetivo.

i-) Em situações de perigo, esse indivíduo sabe apreender os seus sentimentos a respeito daquela situação (se ele está com medo etc...). Isto se dará ao nível corporal (visível).

j-) O objeto sentimental desse indivíduo é ele mesmo.

Voltemos ao livro:

"Lua na casa II"

Enquanto o Sol na II aumenta seu sentido de identidade e poder através do dinheiro e de posses, a Lua na II se contenta com a segurança emocional que estas coisas trazem. O Sol precisa encontrar seu próprio sistema de valores, mas quem tem a Lua aqui pode engolir todo o sistema de valores da família de origem ou daqueles que o cercam. O Sol projeta prestígio nas posses, a Lua projeta sentimentos naquilo que se tem. Pode haver um apego sentimental a objetos, especialmente quando herdados da família ou ligados à memória, a pessoas-chaves ou a situações de vida. Há muitas vezes interesse em bens imóveis herdados, e em antiguidades ou em qualquer coisa do passado.

Como a mudança da Lua nos céus, as circunstâncias financeiras tendem a flutuar. Dinheiro pode ser ganho através de profissões relacionadas com a Lua, tais como atividades ligadas a serviços públicos, abastecimento, hotéis ou hospedarias, escolinhas para crianças, em casas ou estâncias, ou mesmo trabalhando no mar. Essa posição sugere recursos interiores de adaptabilidade, sensibilidade e a habilidade de saber instintivamente aquilo que os outros querem ou precisam.

Comentário:

A única coisa que nós podemos tirar daqui é:

a-) O indivíduo terá uma apegio sentimental a objetos.

No resto o astrólogo não disse nada que nos interesse.

Essa questão: Por onde o sujeito ganha dinheiro ? Isso depende de onde você está, de quem te paga, quem é o seu patrão etc... enfim, depende de uma série indeterminada de fatores, os quais nada tem haver com o seu caráter. Querer saber isto aqui, é querer saber demais.

Aluno: -- Existe uma deficiência com relação a interpretação das casas. A casa II ela ficou sendo muito essa coisa com o financeiro.....

Olavo: -- Dinheiro não é a casa II, mas sim a casa VI. Se você disser as coisas que se pode comprar com o dinheiro, aí sim, isto é a casa II. A casa II são coisas, objetos, pode ser riqueza no sentido das coisas materiais que você tem. Agora, o dinheiro mesmo é um negócio complicado.... Eles estão identificando o dinheiro com as coisas que podem ser compradas por ele. Essa relação do dinheiro com as coisas, se tornou enormemente problemática.

"Casa VI"

Essa questão financeira depende de uma conta, de um ajuste, de uma adaptação do sujeito. E isso é o quê ? É a casa VI. É um problema de organização. Você tem que prever quanto o dinheiro vai estar valendo no mês que vem, para você pagar uma despesa. Então isto depende de cálculo, de uma adaptação do sujeito, e isso é a casa VI. Vocês vão reparar que pessoas bem sucedidas financeiramente são aquelas que podem ter: Sol, Júpiter, Vênus na casa VI. Ou então, banqueiros e financistas com o Sol na casa XII. É um troço que mexe com o etérico, você nunca sabe qual é o tamanho de um Banco.

Quanto mais a economia vai ficando financeira, mais ninguém entende o quê se passa. É um troço diabólico. Aliás, existe um economista que escreveu um livro intitulado: "A economia do Diabo". Só o Diabo entende.

Uma pessoa para lidar com essas coisas só tendo uma benéfica casa VI ou, XII.

Aluno: -- E se a gente pensar, um pouco, em termos do conteúdo da palavra propriedade fora desse uso cultural, ou seja, aquilo que é próprio ao indivíduo. Aí seria mais como você denominou a casa II como sendo o "real".

Olavo: -- Claro! É o mundo dos seus objetos. O mundo aonde se estende fisicamente a sua esfera de ação. Nesse sentido da sua natureza. Da sua "natureza" decorre que você tenha tais ou quais propriedades. Propriedade no sentido de um "objeto" sobre o qual você age continuamente. Coisas físicas, por exemplo, a roupa que você veste..... A casa II, são os objetos do mundo que fazem parte da sua circunstância. É aquilo que lhe é anexo como: a casa que você mora, a cadeira que você senta, sua roupa, sua cama e etc...

Conforme o indivíduo tiver diferentes posições planetárias na casa II, a sua relação com esse mundo de objetos será diferente:

a-) Se ele tiver Saturno na casa II, é próprio deste indivíduo o estranhamento do mundo material. Uma espécie de rejeição. A razão nega o dado (fenômeno) para tentar obter o seu conceito.

b-) Se ele tiver a Lua na casa II, é muito natural que o indivíduo encare esses objetos como se fossem extensões dele mesmo, e como coisas que tem um valor para ele.

Aluno: -- Ele personaliza os objetos ?

Olavo: -- Claro! Portanto, é natural que:

a-) Esse indivíduo seja profundamente afetado pelas coisas que o rodeiam.

b-) Que ele seja hipersensível ao ambiente físico, ou então, a falta de determinados objetos. Ele é afetado sentimentalmente

c-) Esses objetos só são valorados na medida em que interessa para aquele indivíduo.

Voltemos ao livro:

"Lua na casa III"

Enquanto o Sol invade a cena e quer criar uma forte impressão no ambiente, a Lua nesta casa reflete e é abafada pelo ambiente. Como existe a habilidade de "sentir" o que os outros estão pensando, quem tem esse posicionamento pode ter certas dificuldades em distinguir entre seus próprios pensamentos e o que os outros ruminam ao seu redor. As vezes, ele podem acreditar que estão sendo objetivos e racionais quando na verdade estão reagindo com base em algum complexo emocional. As situações serão pintadas de acordo com seu humor e sua sensibilidade. Se têm um quadro positivo em mente interpretarão tudo de forma positiva. Se se sentem tocados ou vulneráveis o mesmo ambiente vai ter uma interpretação bem diferente.

A mente é imaginativa e em geral a memória é retentiva. O Sol na III acredita que o conhecimento é o poder; a Lua na III deseja ardenteamente o conhecimento, pela segurança que confere o saber como algo funciona. Uma vez que a Lua está associada a influências do passado, pode haver uma fascinação por temas como o estudo da arqueologia, da genealogia e da história. Este posicionamento confere certa adaptabilidade para mudar de ambiente, mas a mente pode sempre flutuar de um interesse para outro. O relacionamento com parentes - sobretudo mulheres, tais como irmãs, tias ou primas - deve ser examinado para se ter uma idéia do contorno psicológico de quem tem este posicionamento. O conforto e a segurança são desejados através de um parente, ou a pessoa pode ter sido "mãe" para alguns ao seu redor durante seus anos de crescimento. A verdadeira mãe pode estar relacionada mais com uma irmã mais velha do que com um dos pais.

Os Gauquelin acham que este posicionamento confere certo grau de talento para escrever. A não ser que a Lua esteja num signo de Ar, os escritos discorreriam, provavelmente, sobre emoções fortemente sentidas ou descreveriam memórias e experiências pessoais. Locutores com a Lua na III deveriam ser capazes de dominar os sentimentos de audiência. Professores com este posicionamento podem referir-se aos mais profundos sentimentos e necessidades de seus alunos.

Comentário:

A casa III é a linguagem e o pensamento (toda a comunicação humana) então, não propriamente o ambiente, mas o sistema de trocas que você estabelece (falar e ouvir). Não precisa ser muito esperto para ver o quê que se produz, nesta casa, quando toda a sensibilidade do indivíduo está enfocada aí e, naquilo que é pensado em palavras.

a-) O indivíduo lê os pensamentos dos outros, quer dizer, o indivíduo sente o quê o outro vai falar, antes mesmo do interlocutor abrir a boca.

b-) O indivíduo é sensível ao o quê os outros falam ou ao quê ele acha que os outros podem falar.

c-) O indivíduo ao falar, ele expressa profundamente os seus desejos e sentimentos.

d-) O indivíduo chamará a atenção dos outros para o quê ele está falando.

Exemplo: Hitler

Hitler tinha a Lua na III. Ele tinha uma figura física inexpressiva, mas quando ele falava todo o mundo olhava. Ele conseguia hipnotizar a platéia.

f-) O discurso deste indivíduo acompanha o sentimento do momento.

g-) A expressão verbal deste indivíduo é uma maneira de ele lidar com o sentimento dele mesmo. (Ele fala certas coisas, porque ele precisa falar aquilo naquele momento).

h-) O indivíduo pode estar querendo falar por uma necessidade expressiva ou, ao contrário, por uma necessidade impressiva: ele fala para ele mesmo imaginar que ele pensa aquelas coisas. Ele pode muitas vezes falar para si mesmo.

i-) Este indivíduo tem um estado mental flutuante, ou seja, os assuntos atrairão o indivíduo em determinado momento, conforme fale ao seu estado pessoal daquele momento.

j-) Existe um desgaste de energia muito grande quando o indivíduo fala (ele se desgasta muito falando).

l-) Este indivíduo, tocará os sentimentos da platéia que o está ouvindo, mas não tocará a memória dos ouvintes. Muitas vezes as pessoas ouviram este indivíduo, mas não se lembrarão do que foi falado.

Podemos fazer uma comparação com Vênus na casa III. Vênus na casa III dá uma capacidade plástica, quer dizer, toca a memória. A habilidade retórica propriamente dita seria de Vênus na III. A pessoa de Vênus na casa III fazem as pessoas verem as coisas que elas falam (criam exemplos bêlissimos).

Vamos parar por aqui. O resto da redução deve ser feito por vocês. Eu dei isto só a título de exemplo.

Aulas de outubro de 1992.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ASTROCARACTEROLOGIA / RIO DE JANEIRO
CURSO DE ASTROCARACTEROLOGIA BLOCO I - OUTUBRO/1992 1ª AULA
22/10/92

De cem anos para cá, a Astrologia vem alimentando a pretensão de se constituir como um conhecimento científico. Até agora alcançou resultados extremamente medíocres nessa sua ambição. Sendo assim a Astrocaraterologia, parte da seguinte pergunta : O QUE DEVERÍAMOS FAZER PARA A ASTROLOGIA SE TORNAR UMA CIÊNCIA ?

Normalmente, quando se fala em ciência imaginamos laboratórios, estatísticas e computadores. As pessoas ligadas à Astrologia, esoterismo, etc, tem, em geral, uma extrema antipatia por tais coisas. No entanto, eu desejaria que nossa conversa sobre ciência saísse fora, em primeiro lugar das imagens estereotipadas ; e, em segundo lugar, das simpatias e antipatias.

Ciência significa um saber fundamentado. A idéia de um saber fundamentado surgiu, inicialmente, com Platão. Foi ele o primeiro que formulou um ideal de ciência, em resposta a desagregação intelectual causada pelo movimento sofístico.

Hoje em dia sofista é quase um palavrão, mas naquela época os sofistas tinham muito prestígio, e eram principalmente, professores de retórica. A retórica era uma arte tão importante quanto a propaganda e o marketing atualmente. O sofista tinha na sociedade grega o prestígio e o poder que hoje possuem os profissionais de propaganda e marketing. Estes são pessoas de incisiva autoridade, cuja palavra tem peso, graças a importância dessa técnica para a conclusão dos negócios na sociedade contemporânea, para a resolução de assuntos de ordem industrial, comercial, política, de relações humanas, etc.

No mundo grego, a técnica existente neste mesmo sentido era a retórica, que tinha exatamente a mesma função, embora numa sociedade bem menor. A retórica é um meio de persuadir assim como a propaganda. Não cabe ao técnico de publicidade discutir ou colocar em questão se o que ele deseja persuadir é certo ou errado, verdadeiro ou falso. Ele pode ter preocupações de ordem ética, e geralmente as tem, porém, a consciência ética de um publicitário não basta para que ele chegue a certeza de que aquilo que ele está propagando é verdadeiro ou falso. A simples consciência da ética não basta para assegurar ao sujeito que aquilo que ele está negociando presta ou não. Então, na maior parte dos casos, o publicitário trabalha sem saber o que está anunciando. Do mesmo modo, o retórico antigo podia ter uma consciência ética de que não deveria enganar, porém a técnica de que ele dispunha e com a qual trabalhava era de persuasão, e não de testar o verdadeiro e o falso.

A técnica de persuadir se desenvolveu muito cedo e antes de existir qualquer outra técnica para averiguar a veracidade ou falsidade do conteúdo do qual se persuadiram as pessoas. A preocupação de uma triagem entre as várias teses, as várias afirmações e as várias correntes de opinião, só surgiu depois de desenvolvida a sofística ou retórica antiga, e surgiu precisamente com Platão.

Platão concebeu o método dialético, que é a arte de confrontar discursos retóricos. Todos os retóricos sofistas discutiam com a mesma força persuasiva ou comparável. Vamos supor que tivéssemos dez retóricos discutindo : um ouve os dez e fica igualmente persuadido das dez teses, ou percebe que não há razão a mais para se persuadir por isso do que por aquilo. Isto quer dizer que o problema já não poderia mais

ser encarado somente do ângulo da persuasão, porque os dez retóricos são igualmente persuasivos. Temos teses diferentes e a simples avaliação da persuasiva, já não basta para tirar a dúvida. A questão teria de ser examinada por um outro lado, não o da persuasiva, mas o lado da veracidade pura e simples. Admite-se, inclusive, que entre dez oradores, pode acontecer da verdade estar com aquele que é menos persuasivo. Por exemplo : porque um sujeito gago não pode dizer a verdade ; ou porque, entre várias pessoas, quem sabe a verdade não pode ser justamente a mais tímida, ou a mais desajeitada ? Em suma, persuasiva e veracidade não são a mesma coisa.

No entanto, a retórica era a técnica mais desenvolvida e constituía a base do próprio ensino para toda a juventude grega. A idéia de que o fundamental era a persuasiva estava tão arraigada na mente grega, que qualquer preocupação com a veracidade ficava em segundo plano. O próprio fato do sujeito falar bem, era tido na época quase como uma marca divina. Falar, nesse contexto, é uma forma de agir - há falas que tem consequência, outras não. Quando o sujeito fala e tem consequência nós dizemos que ele está agindo ; e quando fala, com o mesmo número de palavras e não tem consequência, nós dizemos que ele apenas falou. Para o ser humano falar é agir.

O ensino grego visava, sobretudo, preparar os jovens para a vida pública, e neste sentido eles necessitavam aprender a influenciar os outros seres humanos, exercer poderes, defender seus pontos de vista numa assembleia, comandar exércitos e etc. Tudo isso tinha que se fundamentar na arte da palavra, porém numa palavra cujo objetivo era a alma do outro ser humano. Era a ação do homem sobre outro homem, portanto, a persuasão. Persuasão significa agir sobre a alma de uma outra pessoa, fazer com que ela queira aquilo que você quer. É um instrumento fundamental da comunicação humana. O problema surge quando todas as pessoas já estão persuadidas de alguma coisa, e quando as várias propostas são igualmente persuasivas, porque todo argumento retórico é capaz de convencer qualquer um de qualquer coisa. Nesse momento, a arte da persuasão já não serve mais.

Saber se um discurso é verdadeiro ou não, é diferente de saber se ele é persuasivo ou não. Faltava a técnica de saber se o discurso era verdadeiro ou falso, independentemente de sua persuasiva. O sucesso da retórica, dando a cada indivíduo, a cada corrente de idéias, todos os instrumentos de persuasão, tinha feito com que praticamente todas essas correntes adquirissem mais ou menos o mesmo valor. Isto levou a situação a um ponto de crise, de desagregação, onde ninguém podia acreditar em nada, porque podia acreditar em tudo. Todas as idéias eram diferentes e todas eram igualmente persuasivas. Quem percebeu o desastre a que tudo isto estava conduzindo foram Sócrates e Platão, principalmente Platão, que desenvolveu a partir daí uma arte que se chama dialética, a qual será levada à perfeição por Aristóteles.

A partir do momento em que se concebe essa arte, o critério já não é o do discurso mais persuasivo, porém o do discurso mais fundamentado, que não possa ser negado ; um discurso que seja auto evidente e que não possa ser refutado de maneira alguma. Isso se chama um discurso apodítico - aquilo que não pode ser rompido, não pode ser quebrado nem negado de maneira alguma. É um discurso evidente.

A persuasiva nada poderia contra uma evidencia, mas não é possível uma evidencia direta em todos os casos. Nós temos idéias de coisas que estão para além do nosso círculo de experiência. A maior parte das convicções humanas não se referem a coisas que possam ser resolvidas por uma evidencia imediata. Nesse caso, temos que recorrer a evidencia mediata - mediada, intermediada por algo. Entre a evidencia e a nossa crença há um intermediário, que é o testemunho. Do mesmo modo, em um cálculo matemático, não se tem resultado por evidencia direta, mas através de um cálculo, que é uma seqüência de deduções que intermedeiam a pergunta e a resposta ; isso se chama uma

evidencia mediata. Imediata é o que não tem intermediário e mediata é o que tem intermediário.

No famoso raciocínio de que diz :

" Todo homem é mortal (A), Sócrates é homem (B), logo Sócrates é mortal (C) ", eu sei que se estou persuadido da primeira sentença, eu estou persuadido da sentença C porque estou persuadido da sentença A. Uma crença que é válida para todos os indivíduos de uma espécie, é válida para cada um deles; isso em si mesmo é uma evidencia.

Se eu digo por exemplo : - Os quadrados tem quatro lados. Eu sei que cada quadrado em particular que eu encontre,só terá quatro lados. Isto é evidente. Então, isto quer dizer que eu transfiro a veracidade de um todo para cada uma de suas partes, e esta transferência é o que se chama de redução, ou seja, extrair veracidade de uma coisa e transferir a outra, porque esta outra faz parte da primeira. Sócrates é mortal porque está incluído dentro de uma espécie de seres que são mortais.

A dedução é uma transferência de veracidades. Quando uma coisa é verdadeira, uma outra que é parte dela também tem que ser verdadeira necessariamente,segundo um elo que não teria como deixar de existir. A dedução parte de uma maneira de trocar a ordem da frase, de modo que um outro aspecto da mesma verdade se manifeste. Isso quer dizer que a dedução nada acrescenta ao que estava dito antes. Em " Sócrates é mortal ", eu só disse de um aquilo que tinha dito de todos ; eu nada acrescentei. A dedução passa do geral para o particular, ou passa do conjunto para parte, ou para o indivíduo, ou dito de outro modo, passa do plural para o singular. Aquilo que dito no plural é verdadeiro, transferido para o singular também deve ser verdadeiro. A dedução é um intermediário que leva a uma verdade que não poderíamos ter por evidencia direta. É uma forma de evidencia indireta. A única diferença é que a primeira evidencia é imediata e a última é mediata, isto é mediada pela dedução.

Evidencia imediata também quer dizer evidencia fácil, porque salta aos olhos, mas a mediata só aparecerá no fim da dedução. Assim como o resultado de um cálculo, evidencia imediata é aquela que não tem possibilidade de erro. Já a evidencia mediata, é aquela na qual se produz uma infinidade de possibilidades de erro. Suponhamos que chegássemos a um conhecimento (é aqui que vamos ter o conceito de ciência) onde tudo aquilo que se afirma, tanto uma evidencia imediata ou conclusões mediatas, seria baseado numa dedução rigorosamente válida. Isso seria um saber apodítico, quer dizer indestrutível.

A ciência apodítica é o que Platão adotou para remediar a confusão causada pela retórica antiga. Isso significa que a demonstração apodítica pode não ser persuasiva, mas tem segurança, oferece certeza. Este ideal só surge com Platão, e surge como ideal antes que pudesse ser aplicado a qualquer coisa. Quando Platão inventou isto não havia nenhuma ciência que atendesse a tal pré-requisito. Portanto, o ideal que define o que é ciência, pode ser assim resumido : " ciência é conhecimento apodítico, e este ideal é anterior ao desenvolvimento de qualquer ciência "

Quando perguntamos - se a Astrologia pode transformar - se numa ciência, não estamos nos referindo a esta ou aquela modalidade de fazer ciência, se é típica desta ou daquela época. Não estamos tomando como ideal e como norma nem esta nem aquela ciência em particular, porém apenas a essência mesmo da idéia de ciência. Se alguém diz que é preciso Estatística, pergunto : - Estatística pode ser apodítica ? É evidente que não. Só se faz Estatística onde não existe a possibilidade de uma certeza direta. Aí nos contentamos com a certeza provável.

A idéia de ciência, desde que Platão a inventou até hoje, foi sendo comprometida, não em si mesma, mas na idéia popular de que a Estatística é um requisito fundamental da ciência. A Estatística, por definição, é um conhecimento provável. Numa ciência que

seja verdadeiramente segura, como a Matemática Pura, não é preciso Estatística alguma. Nenhum cálculo tem um resultado estatisticamente provável. Em Geometria é feita uma demonstração, que tem de dar um resultado e este não depende do número de casos, basta um único caso. A Geometria, portanto, procede apodíticamente. Atualmente, a Matemática Pura e a Geometria são ciências desenvolvidas, mas na época de Platão estas ciências eram tão perfeitas quanto são hoje. O ideal de ciência surgiu antes mesmo que qualquer ciência pudesse alcançá-lo. Este ideal que define a ciência tem prioridade sobre qualquer ciência. A Geometria e a Matemática Pura atendem ao ideal de ciência, outras ciências não atendem tão bem a este ideal, e outras não o atendem de maneira alguma.

Pode acontecer de determinadas ciências, por terem alcançado certo nível de perfeição, se tornarem modelos de outras. Ninguém pode negar que por volta do começo do nosso século , a Física alcançou um certo grau de perfeição, assim como no século XIX as Ciências Biológicas registraram um progresso formidável. O fato de uma ciência progredir, faz com que outras ciências queiram seguir os passos desta. Porém, nenhuma ciência pode ter mais valor do que o próprio ideal de ciência.

Qualquer ciência que se constitua, só avança quando toma como modelo de conhecimento não esta ou aquela ciência em particular, porém, o próprio ideal de ciência. No século passado se acreditou que a ciência da Economia poderia progredir se ela tomasse como modelo a Biologia ; mas ela não pode, porque a Biologia só vale na medida em que obedeça o ideal de ciência, senão ela não tem valor. Se uma ciência se modela por outra ciência, ela já está no caminho errado.

René Descartes, na Renascença, achou que a Geometria era a ciência perfeita e que toda ciência deveria se basear nela. Tudo aquilo que não pudesse ser demonstrado pelo método geométrico não poderia ser admitido como científico. Os métodos geométricos, em alguns pontos, atendem ao ideal científico. No entanto, se uma outra ciência usa métodos geométricos,não estará sendo mais científica por isso. O método geométrico é apodítico em relação à Geometria.

Quanto a Astrologia, pode ela ser construída de uma maneira que atenda a definição de ciência,de um saber apodítico? Quando nós nos colocamos diante desta questão, nos não estamos pressupondo nenhuma ciência em particular. Isto significa que se a Astrologia puder ser uma ciência, nós teremos que começar a construi-la desde o começo. Se a Astrologia imitasse a Psicologia , ela poderia satisfazer os psicólogos mas apresentaria os mesmos vícios e defeitos da Psicologia. Quando se quer fundar uma ciência, é preciso partir do começo e a única coisa que nos orienta nesse o começo é a definição, em si mesma, do que é ciência. Claro que poderíamos usar as descobertas de outras ciências, porém não podemos tomar nenhum outro esquema científico como padrão de julgamento desta ciência que estamos fundando. Temos, então, que desenvolver estes valores desde o próprio ideal de ciência. A ciência evolui quando alguém que está estudando algum assunto resolve parar de imitar outras ciências, volta lá atrás no ideal de ciência e a faz desde o princípio. Durante a Idade Média, a discussão dialética tinha tamanho prestígio que virou uma espécie de modelo de todas as ciências, e o que fosse demonstrado dialéticamente era aceito como verdadeiro.

O debate astrológico está completando cerca de cem anos. No início do século, Paul Choisnard propôs o uso da Estatística para comprovar as afirmações astrológicas. Ele reivindicou para suas teses uma validade científica, estatisticamente demonstrável. ~A partir daí começou o debate : - A Astrologia é ciência ? É uma pseudociênciia, é uma superstição, um saber revelado ? Foram cem anos de discussão e não se avançou nada, praticamente.

Um dia tem que chegar um astrólogo e enfocar a questão desde o começo : reconstruir a Astrologia, colocando entre parênteses todas as crenças e convicções a respeito da própria Astrologia e de outras ciências, orientando-se somente pelo ideal de ciência - que é o conhecimento apodítico. Ele terá que se basear numa evidencia imediata ou numa dedução rigorosa que leve a uma evidencia mediata suficiente. Claro que em muitos pontos poderá ser impossível completar esta dedução, porque as vezes faltarão as evidencias imediatas. Aí então teremos evidencias hipotéticas e deixaremos perguntas no ar. Porém, em toda esta caminhada temos que anotar criteriosamente o que é evidente de maneira imediata, o que é dedução, o que é evidencia mediata e o que é simples hipótese ou conjectura, de maneira que no fim,nós saibamos fazer a separação. Esta é a ambição da Astrocaraterologia. Na verdade, não é uma ambição de andar para frente, é uma ambição de andar para trás. Não se pretende que a Astrologia vá para frente e descubra mais coisas, mas, ao contrário, que ela recomece sua caminhada, e que cada passo seja seguro. É importante dizer que sempre que se criou uma nova ciência só se obteve sucesso quando se procedeu assim.

Primeiro se demarcam os fenômenos que interessam e em seguida se formulam as perguntas à respeito desse fenômeno. Na prática astrológica não se faz isto. É demarcado, ainda que vagamente, o grupo de fenômenos e antes de se ter formulado qualquer problema se passa as afirmativas. O problema, então, vai se subdividir em dois : 1) objeto da Astrologia e 2) perguntas. O item seguinte consiste na estratégia, que se subdivide em : a) métodos ; b) técnicas e c) critérios.

Estamos no ponto em que temos que formular o problema científico, e este problema consiste em demarcar um objeto para um grupo de fenômenos. Para isto temos que demonstrar primeiro que ele, de fato, é problemático. Temos que ver a sua relevância e a sua especificidade, isto é, demonstrar que este problema, este objeto, não pertence a nenhuma outra ciência atualmente existente e também não pode ser abordado pelos métodos de nenhuma delas, o que justifica fundar uma outra ciência com novos métodos e novos critérios para estudá-lo.

1. Ciência - Ideal de Conhecimento Apodítico

1. Evidência (Imediata)

2. Mediação (Correta)

3. Evidencia (Mediata)

2. Problema Científico

relevância

1. Objeto da Astrologia

(objeto material)

especificidade

2. Pergunta (s) - Objetivo - natureza (o que?)

(Objeto Formal) - meios (como?)

- extensão e

limites (quanto?)

- modalidades

3. Estratégia

- métodos - fiéis ao objeto (fenomenologia)

- técnicas

- critérios

O que seria o objeto da Astrologia ? Para responder tal questão teríamos que analisar tudo que os astrólogos falaram ao longo dos tempos e continuam falando hoje, e detectar a existência de algum objeto. Proponho para este objeto a seguinte definição: "Objeto da Astrologia são as relações entre fenômenos celestes e terrestres de qualquer

natureza ". Supõe-se, portanto, que todas estas relações tenham algo em comum, embora um grupo de fenômenos, não seja, por si mesmo, um problema. Porque, então, a relação entre fenômenos celestes e terrestres pode ser um problema científico ? Se existe esta relação ou não, isto não é um problema astrológico, mas é anterior a própria Astrologia. E a Astrologia só tem sentido se esta relação existir, ou seja, faz-se uma ciência porque apareceu um determinado fenômeno, o qual requer uma investigação. Toda ciência parte de uma constatação que é pré-científica.

Através de pesquisas do século XX, ficou manifesto que algum tipo de relação entre os fenômenos terrestres e celestes existe, em especial por causa da pesquisa de Michel Gauquelin. Esta não é uma pesquisa astrológica, mas uma pesquisa que atesta a existência do objeto da Astrologia. Ela não usou o método astrológico, mas sim o método de uma outra ciência, no caso a Estatística, para afirmar a existência de um fato. A partir do momento em que se constata um fenômeno, é que se levantam questões a respeito dele.

Se perguntarmos: "O que é esta relação? Qual a natureza dela?" Por exemplo: Se acontece de pessoas, com determinadas características, nascerem quando os planetas estão em determinados lugares, isto é uma influência que os planetas exercem sobre a gestação, sobre o indivíduo na hora em que ele nasce ou é um simples sincronismo? Há um sincronismo entre eventos celestes e terrestres, de modo que quando acontecem certas coisas "lá", também acontecem certas coisas "aqui "? Esta é uma questão sobre a natureza do fenômeno e dentro das muitas alternativas que se tem, duas respostas são possíveis : 1) Influência ; 2) Sincronismo.

Qualquer pergunta sobre a influência dos astros, refere-se a natureza do fenômeno. Qualquer que seja a resposta da questão anterior, também podemos perguntar : - Como? Com que meios? São ondas eletromagnéticas que partem dos planetas e repercutem aqui? É um processo químico? Magnético? Elétrico?

A primeira pergunta foi sobre a natureza deste fenômeno e a segunda sobre os seus meios. A terceira pergunta que podemos fazer é sobre o seu quanto? Qual a extensão do fenômeno? Até onde ele vai e onde para?

Agora reconhecemos uma área específica da Astrologia. Que outra ciência pode demonstrar a existência da relação entre fenômenos celestes e terrestres? Nenhuma delas responde a estas três questões : - O que? Como? Quanto?

Suponhamos, por meio da Astrofísica, e temos o Dr. F. Seynnor com a teoria de que planetas agem através de um fenômeno chamado ressonância magnética (que é a interação de todo um sistema de influências magnéticas pequenas, cada uma desprezível em si mesma, mas que no conjunto vão dar um efeito), que os planetas exercem uma influência elétrico - magnética durante a gestação. Qual a diferença entre a teoria do Dr. Seynnor e a pesquisa Gauquelin ? Porque a primeira já é Astrologia e a segunda não é ? A teoria de Seynnor é uma tentativa de responder o Como, então já é Astrologia.

Podemos fazer uma outra pergunta : na pesquisa Gauquelin se demonstrou não apenas que existe uma relação entre os eventos celestes e terrestres, mas que esta relação não é uniforme e sim, diferenciada, de acordo com os planetas envolvidos. A influência dos planetas (Sol, Lua, Saturno etc....) tem algo em comum, ou seja, faz parte do mesmo fenômeno. Entretanto, algo também a diferencia : são modalidades diversas do mesmo fenômeno. Diferenciamos estas influências numa infinidade de modalidades, e para cada uma delas poderíamos perguntar : O que é ? Como se exerce ? Qual a sua extensão ?. Se Saturno exerce tal influência, até onde vai esta influência ? E onde ela cede perante outras influências celestes ? Por aí se vê a complexidade do problema astrológico e está claro que a todas estas perguntas, nenhuma outra ciência oferece resposta, porque nenhuma estuda isto. Nesse sentido tomando como ponto de partida a

constatação do referido fenômeno, vemos que a fundação de uma ciência para estudá-lo é uma necessidade absoluta. Nenhuma das ciências já existentes pode formular, por si, mesma uma teoria para explicar tudo que foi colocado.

Toda vez que se agrupam várias ciências para estudar um determinado fenômeno, para delimitá-lo, cria-se uma ciência, que sintetiza as compreensões de diversas outras, articulando-as segundo uma forma que não pertence a nenhuma delas. Isto constitui uma nova ciência. Até hoje, o debate astrológico só teve dois aspectos : primeiro, a busca da prova das relações entre eventos celestes e terrestres. Esta parte é científica, mas não é astrológica. O segundo aspecto é o confronto da imensidão das interpretações, que são astrológicas, mas não são científicas. Isto significa, que na ciência astrológica, tudo que é científico não é astrológico e tudo que é astrológico não é científico. Esta é a situação, porém os astrólogos e os adversários da Astrologia frequentemente se confundem, uns achando que a prova da existência das relações entre fenômenos celestes e terrestres é, por si mesma, uma prova da eficácia da Astrologia, e outros achando que a prova da ineficácia da Astrologia consiste também numa prova de que não existem relações entre fenômenos celestes e terrestre. Isto é uma constante no debate astrológico. Nós não vamos participar deste debate, mas sim colocá-lo entre parênteses e retornar, começar a investigar a questão desde os seus fundamentos.

Já temos o que os escolásticos chamavam de objeto material e objeto formal de ciência. Objeto material é a "coisa" à ser estudada ; objeto formal são as perguntas. O mesmo objeto material pode ser vários objetos formais, por exemplo : as relações entre fenômenos celestes e terrestres são um objeto. Se à respeito desse objeto se faz a pergunta : -" Existem ou não existem " ?, temos um objeto formal. Se perguntamos -" O que eles são" ?, temos outro objeto formal. O primeiro desses objetos formais não pertence a Astrologia. A pergunta sobre a existência ou não das relações é anterior a Astrologia, embora o objeto formal seja o mesmo nos dois casos. A pesquisa Gauquelin incide sobre o objeto mesmo da Astrologia, mas não é uma pesquisa astrológica. O estabelecimento dos métodos depende da natureza do objeto, isto é, os métodos tem de ser fiéis ao objeto. O que se fará agora será a fenomenologia do objeto.

A Fenomenologia é um estudo sobre o modo pelo qual o fenômeno se apresenta. É um estudo descritivo do objeto, que visa salientar seus caracteres mais evidentes, para verificar se deles é possível extrair alguma indicação quanto ao melhor método de estudo. Quando procedemos a uma investigação científica, isto mostra que já ultrapassamos a etapa fenomenológica. Ficamos no estudo fenomenológico quando não sabemos sequer que pergunta fazermos.

Quando se investiga cientificamente, formulam-se perguntas. Nesse sentido, é preciso saber quais as categorias de perguntas que cabem ao objeto. Para isto, temos que fazer primeiro a Fenomenologia, que consiste em ver como este objeto aparece à primeira vista. A Fenomenologia não faz perguntas, somente descreve. Ela constata o óbvio.

Inicialmente devemos tomar a expressão verbal com que descrevemos o objeto e descrever o significado desta expressão verbal. Temos, então, o objeto da Astrologia assim definido : é a relação entre fenômenos celestes e terrestres. Por enquanto, é apenas uma expressão. Caso esta seja adequada, o mais óbvio é dizer que relações são relações. Quando se afirma que uma coisa é relação e tem dois elementos, esta relação não está num e também não está no outro. Ela está num lugar entre um e outro, ou abrange os dois, mas não está inteiramente em um ou outro, senão não seria relação. Uma relação está aonde ? Os fenômenos celestes sabemos onde se encontram, estão no céu, e os fenômenos terrestres na Terra ; mas e a relação ? Uma relação é algo que acontece entre dois entes, sob determinado ponto de vista. Não podemos captar uma relação se não soubermos desde que ponto de vista abordá-la.

A relação entre fenômenos celestes e terrestres não está no espaço, não está nem no céu nem na Terra, mas no tempo. Se esta relação existir, terá que existir no tempo. Esta relação só é captável se ela for repetitiva. Então a tal da Astrologia, se vier a existir, será o estudo de ciclos. Tudo aquilo que não é cíclico está fora deste estudo, ou seja, tudo aquilo que acontece uma só vez, que não é referível a nenhum ciclo, anterior ou posterior.

Porém, quantos astrólogos não dizem ser a Astrologia um estudo do fenômeno individual, singular e irrepetível? Isto quer dizer que eles não pararam para pensar o que significa relação. Um fenômeno único, singular e irrepetível, só pode ser estudado em si mesmo, não em suas relações com outros fenômenos.

Os fenômenos celestes nunca podem ser descritos por um elemento só, pois estamos tratando de ciclo. Porque falamos que a Lua tem ciclo? Porque ela gira em torno da Terra. A palavra ciclo implica a referência a duas coordenadas pelas quais este ciclo é medido. Isto também significa que o estudo da relação entre fenômenos celestes e terrestres, por um lado, tem que ser um estudo de correspondências que se manifestam no tempo. Entretanto, se comprehende igualmente que este estudo só é possível se de cada um dos dois lados tiver dois elementos e não um só. Para se ter um ciclo celeste, é preciso ter dois elementos, por exemplo: Saturno em torno do Sol - são dois elementos se movendo no tempo, o que permite delimitar um ciclo. Para uma comparação com qualquer fenômeno terrestre, seria preciso também acompanhar na Terra um ciclo de transformação no qual se tivesse dois elementos, por exemplo: o estudo da vida de Napoleão teria de estar relacionado a história da França.

Se entre os fenômenos celestes e terrestres existem ciclos e se cada ciclo tem pelo menos dois elementos, o mesmo estudo não precisa ser feito somente do ponto de vista temporal, mas pode ser feito também sob o ponto de vista da correspondência estrutural dos elementos. Por exemplo, se formos estudar a relação da Lua com o ciclo menstrual, teríamos de um lado a Lua e a Terra, e de outro lado a duração do ciclo menstrual comparado a duração total da vida da mulher, ou os elementos estruturais que permanecem imutáveis durante a menstruação. A Terra correspondência à estes elementos estruturais e a Lua à mudança ocorrida durante a menstruação. Desse modo, antes de fazer o estudo dos ciclos, é necessário fazer o estudo da correspondência estrutural entre os elementos.

O ideal de ciência é o ideal da evidencia imediata ou mediata. A ciência é um movimento do obscuro para o claro, do misterioso para o óbvio. Ortega y Gasset compara a investigação científica ao mergulhador que vai buscar uma pérola, faz uma sondagem profunda, mas não fica lá, admirando a pérola, ao contrário, traz ela para fora, para mostrar a todo mundo. Se o mergulhador ficasse lá, na profundidade, ele estaria morto, do mesmo modo que a ciência, quando se mete em problemas profundos e fica por lá mesmo, morre. Se a profundidade não se transforma em obviedade, se aquilo que está latente não se transforma em coisa patente, não houve o aparecimento da verdade, não houve a evidencia e, portanto, não há ciência alguma.

Toda ciência aspira a chegar a um ponto onde todo o seu conhecimento, uma vez explicado, se torna inegável. Entendemos que, se o nosso objetivo existe, todo e qualquer estudo científico sobre ele só pode ser estabelecido nesta dupla base: primeiro, na correspondência estrutural entre os elementos; e segundo, na comparação de seu desenvolvimento cíclico.

Se não temos a perfeita correspondência estrutural, de nada adianta estudar o ciclo. Por outro lado, se temos uma correspondência estrutural perfeita, mas que não se mantém durante o ciclo, temos apenas a correspondência hipotética, mas não a real. Para cada elemento introduzido no desenho do céu, temos que achar um outro elemento

correspondente entre os fenômenos terrestres e depois verificar se, na evolução temporal, eles de fato são paralelos.

Vemos, então, que o que a Astrologia tem feito neste sentido é um verdadeiro desastre. O lado dos elementos celestes já é bastante explicado, porém quando perguntamos : ao que corresponde isto do ponto de vista terrestre ? Por exemplo : Saturno é o chumbo, o pai, as prisões. E como se pode comparar tudo isto ? Que semelhança de ciclo pode haver entre o comportamento do pai e a estória das prisões ? No entanto, estas analogias todas não estão destituídas de fundamento. Existe um simbolismo astrológico que costura estes elementos heterogêneos numa rede de símbolos - isto faz sentido. Porém, entendemos que o simbolismo astrológico é uma coisa e Astrologia é outra, completamente diferente. Todo simbolismo implica a significação que um determinado evento ou dado da natureza possa ter para o indivíduo humano, considerado psicologicamente. Tais coisas são infinitamente variáveis, ou seja, saber o que cada uma representa simbolicamente não é conhecer nada sobre ela. Quando se diz que o leão simboliza o rei funciona, no entanto, que relação há entre isto e o fato de o leão ser um mamífero da espécie felina ? Como poderia deduzir uma coisa desta da outra ? O Sol também representa o rei e não é um mamífero da espécie felina.

A Astrologia confunde o simbolismo astrológico com o fenômeno das relações entre eventos celestes e terrestres, e de um destes tira conclusões sobre o outro, quando são dois conhecimentos que podem ser de imenso valor. O simbolismo, por um lado, e o estudo das propriedades naturais de um ente, por outro lado, são completamente diferentes. Se em vez de desenvolvermos o saber astrológico, procuramos, ao contrário, partir do simbolismo, estamos substituindo o ser real da investigação científica por uma adivinhação. Portanto, simbolismo é uma coisa e Astrologia é outra. É claro que sem conhecer simbolismo não entendemos os livros de Astrologia, mas ele não nos dará sequer uma única regra de interpretação.

2ª AULA - 23 / 10

A única coisa fixa que temos é o ciclo do planeta. Vemos que, conforme este planeta esteja situado, existem oscilações que, em média, nos indicam há uma relação entre os dois elementos. No entanto, os negócios, em média, sobem quando o planeta está em tal lugar, comparando esta média com uma outra, que seria a média dos negócios durante certo tempo. Mas quanto tempo? Isto se delimita com uma outra média. O movimento médio do planeta é comparado ao movimento médio dos negócios durante um tempo médio. Isto vale para qualquer pesquisa astrológica que se faça. Qualquer ponto de comparação que se tome como fixo, está apenas sendo tomado como ponto fixo e isto é arbitrário.

Existem outros ciclos que não estão sujeitos a esta arbitrariedade, como por exemplo, o ciclo menstrual. Este não se dá por média, mas se impõe como um fenômeno de ciclicidade terrestre. Então, se calculamos este ciclo com relação a outro ciclo, temos dois ciclos de duração igual. Só resta saber se os movimentos internos deste ciclo, se suas etapas, correspondem também. Estamos querendo verificar uma correspondência entre ciclos, supondo que existe uma oscilação em virtude de um fator que está para além da deliberação humana, como se fosse uma outra causa. Porém, quanto mais o fenômeno que estamos examinando está sujeito a um arbítrio humano, mais teremos de ir por média. Entretanto, há outras situações nas quais não nos guiamos por média, como o caso do famoso aumento do volume de internações nos hospitais psiquiátricos durante as fases de lua cheia e de lua nova. Isto não é por média, mas é um volume absoluto.

Para estudarmos a correspondência entre ciclos, temos que ter um planeta que se move e outro que fica "parado", ou seja, é o ciclo de um em relação a outro. É sempre uma média arbitrária, pois tomamos um como fixo e observamos o que o outro faz em relação a este. No lado do evento terrestre, também precisamos ter dois elementos: um que chamaremos de normal e outro de alteração. A fixação do normal é que é o problema porque se está normal não existe por si mesmo, e se deve ser fixado por média e tirar a média da média, temos que inventar muito. Quanto mais esses elementos comparativos são inventados, quanto mais eles têm que ser concebidos lógicamente, mais se está comparando puros conceitos com puros conceitos, e não fatos. Sem estas preocupações não poderia existir Astrologia, jamais.

Se vemos que todo estudo astrológico tem de ser um estudo de ciclos e que cada ciclo é composto de dois elementos, existe uma segunda modalidade que é o estudo das correspondências estruturais, ou seja, o que corresponde a que. Por exemplo: com que dado vamos nos referir a média dos negócios na Terra, e a sua alteração relativamente ao movimento deste ou daquele planeta; porque devemos fazer isso? Não se trata, portanto, de comparar quaisquer ciclos com quaisquer outros ciclos. Porque um ciclo estaria relacionado com tal planeta e não com outro?

O estudo astrológico é duplo, abrangendo as correspondências estruturais entre uma parte do céu e determinados eventos terrestres. Pretendemos ver como os elementos de um desses lados poderiam se corresponder com os outros, problema este que a Astrologia antiga resolveu criando uma rede de correspondências analógicas para permitir as comparações. Então, dado um evento, o astrólogo praticante já tem, de antemão, todo o quadro de comparações possíveis. Acontece que essas comparações, sendo analógicas, se baseiam em semelhanças, eventualmente, fortuitas. São similaridades entre partes de eventos e partes de outros eventos, como a casa cinco, que é a casa dos filhos e também do coração. Em um determinado sentido ela é o coração;

em outro, poderia ser os filhos. Mas se dissermos " a potência gerativa dos filhos", o que tem isto a ver com coração ?

Vamos supor que as casas astrológicas representem setores da vida do indivíduo. A primeira sua presença física, a segunda os bens, a terceira irmãos e etc.... Isto significa que para cada indivíduo, as partes do corpo também estariam relacionadas a estas doze áreas da vida, diferentemente. Se os doze signos estão relacionados, de forma diversa, com as doze casas do horóscopo, existiriam muitas maneiras do indivíduo se relacionar com o seu próprio corpo. Por exemplo : se eu tenho ascendente ries, e recebo um mau tratamento, ou passo uma vergonha, devo somatizar isto na cabeça ? E ainda tem os planetas. Alguém que tenha ascendente no signo de ries, deve somatizar as situações de vergonha com dor de cabeça ? É obrigado a fazer isto ? Não ! Depende da sua idade evolutiva, da perfeição maior ou menor da sua personalidade, a qual poderia ser escalonada ao longo da duração média da vida humana , que é de aproximadamente 84 anos.

Tudo isto é um vasto sistema de analogias, do qual nada podemos deduzir com relação aos fatos que vamos julgar, porque é apenas uma linguagem que podemos falar. Usando esta linguagem, os astrólogos indicam de antemão que tipos de comparações seriam sugestivas. Ao pegarmos um horóscopo qualquer vemos que, por exemplo, Saturno está na casa cinco, em Câncer. Temos aí uma indicação de que tipo de coisa se poderia investigar, mas uma indicação meramente sugestiva. Isto significaria verificar se, na área assinalada pela casa cinco, não existe algum fenômeno marcado pelo signo de Câncer e modelado pela influencia de Saturno. Já é uma pista do que mais ou menos se poderia procurar nesta direção, porém a contribuição da linguagem astrológica termina aí. Ela não pode dizer se tudo que se investigou a partir desta analogia existe ou não, ou se são apenas possibilidades subjetivas. Quando um astrólogo diz que a astrologia é uma linguagem, ele está se referindo ao sistema dessas analogias. Esta parte da Astrologia a qual chamamos de sistema astrológico, é uma linguagem. No entanto, se ao analisarmos um horóscopo,tirarmos conclusões referentes a realidade de fatos, a partir do sistema astrológico, estaremos procedendo como se, ao estudarmos as leis da gramática, da morfologia e da sintaxe, pudéssemos desta combinatória gramatical, concluir algo quanto ao conteúdo do que se pretende dizer.

Se a Astrologia é uma linguagem, não é nela que se deve buscar o conteúdo da interpretação, é preciso uma outra ciência. O mapa astrológico ficaria, portanto, reduzido a uma fórmula, cujo conteúdo teria de ser dado de fora dele mesmo. O que vai nos interessar na Astrologia não é a linguagem, mas se esta combinatória relaciona-se com algum evento do mundo real. O fato de determinados pontos de comparação serem sugeridos por uma linguagem, não significa que haja uma relação real entre eles no mundo externo. Por exemplo ,quando afirmamos que o signo de Câncer representa a mãe ou o estômago, isto não quer dizer que se você tem problemas com sua mãe, vai ter também com seu estômago. Não é uma relação de causa e efeito, embora o sistema analógico sugira isto. No entanto, é possível, como argumenta Jacques Hallbron, que a repetição de ritos nas sociedades segundo um padrão astrológico, durante milênios, tenha se depositado no inconsciente coletivo e feito com que algumas dessas significações astrológicas funcionassem de fato, independentemente dos planetas. Eventos que antigamente o homem realizava de forma cíclica, por deliberação própria, e que hoje já não ocorrem mais, continuam, de certo modo, a se repetir ciclicamente por terem se sedimentado no fundo do inconsciente coletivo - é uma hipótese.

Não importa se determinados acontecimentos, partes do mundo, estão relacionados uns com os outros dentro do sistema astrológico. O fato de terem esta relação dentro do sistema, não implica que tenham esta relação entre si. O signo de Câncer funcionaria

como um lugar astrológico onde se reúnem a mãe e o estômago, duas realidades completamente diferentes, que só estão juntas na linguagem astrológica , embora, às vezes, possam estar conectadas. Seria o exemplo das famosas úlceras no estômago. Quem as tem é quem está "stressado" e quem causa úlcera no estômago pode não ser a mãe ou a mulher, mas o pai. Em alguns casos, existe uma precisão quase que milimétrica nessas associações, como é o fato de que as pessoas que são mais competitivas têm mais doenças cardíacas. Assim, em um lado, o que o simbolismo astrológico diz que está conectado, parece que está mesmo ; no outro, o que ele diz que está ligado, parece completamente desconectado.O sistema astrológico, portanto, somente nos sugere ligações possíveis.

Toda e qualquer investigação científica começa com uma hipótese, e toda hipótese começa com uma incongruência deste tipo. A idéia de que determinadas coisas são parecidas pode ser totalmente ilusória em alguns casos, e totalmente eficaz em outros. O sistema astrológico somente nos sugere ligações simbólicas, as quais poderão se verificar ou não no nível da realidade. Quando o simbolismo astrológico associa o ferro com Marte, está montado na razão. Entretanto, também associa Jupiter ao estanho e Jupiter é composto de hidrogênio líquido, que não tem nada a ver com estanho. Então, porque este simbolismo, no caso de Marte, quase expressa uma verdade da natureza e quanto à Jupiter expressa uma combinação arbitrária ? É porque o sistema astrológico é um sistema harmônico e coerente,, e a natureza não é tão coerente assim.

Em todos os casos, o simbolismo astrológico nada pode dizer sobre o reino dos fatos. Não adianta tentar procurar nele quais são os pares que devemos comparar. A palavra comparar significa colocar um par diante de outro par. Quando nós comparamos dois ciclos, cada um deles é um par : de um lado um elemento estacionário e outro que se move ; e de outro lado também. Estamos observando dois pares e comparando.

Que pares deveriam ser comparados com que pares ? Esta é uma pergunta básica. O simbolismo astrológico tradicional sugere milhares de comparações. Mas ele é apenas uma linguagem, ou é uma linguagem que já implica em determinado conteúdo, verdadeiro ou falso ? Se dissermos que é somente uma linguagem, ma linguagem em si mesma não é nem verdadeira nem falsa. A Astrologia, somente como linguagem, não tem nada a dizer sobre o que se passa no mundo real. Ela deve ser algo mais do que uma linguagem, embora seja uma linguagem também. Então, temos que entender a Astrologia primeiramente como linguagem, e depois como uma teoria sobre o que se passa no mundo. Por exemplo : " João matou Pedro ". Podemos traduzir tal frase em todas as línguas, mas isto permitirá saber se realmente João matou Pedro? Esta frase pode ser considerada como uma sentença ou pode ser entendida como uma afirmativa sobre o real.

A Astrologia, considerada como um todo, é uma imensa linguagem, que também tem suas afirmativas sobre o real. Quais são elas ? Este é o problema. Quando dizemos que a casa quatro é a mãe, isto implica que tudo quanto se faz na casa quatro afeta a mãe ? Ou a mãe o fez ?

Uma coisa é conceber uma linguagem simbólica na qual certa parte do céu simboliza uma outra. Outra coisa é afirmar que existe uma relação real entre aquela parte do céu e os eventos concernentes aos seres ali apontados. É completamente diferente.

Existem três tipos de relação entre elementos : de identidade,de diferença e de analogia. Analogia é uma mistura entre identidade e diferença. Se paramos para examinar tudo que a Astrologia associa ao Sol, veremos que em alguns casos existe uma correspondência estética, em outros casos uma correspondência funcional, no sentido do Sol estar para o sistema solar como o eixo de uma roda. Dizer que uma coisa é solar ou axial é a mesma coisa. E ainda pode se falar de uma correspondência que é meramente

casual. Porém, para cada analogia estabelecida existe o que se chama de " razão da analogia ". Quando há um equilíbrio suficiente de identidade e diferença, temos uma analogia ; do contrário, faríamos analogia de qualquer coisa com qualquer coisa.

Das analogias, dos simbolismos conhecidos, alguns são quase que literalmente verdadeiros, outros são literalmente falsos, e outros são intermediários. No exemplo " João matou Pedro ", quem é o sujeito da frase, gramaticalmente falando ? João. Agora eu digo : " Pedro foi morto por João ", quem é o sujeito da frase ? Pedro. Lógicamente, e não gramaticalmente, falando, sujeito é quem comete a ação e não quem a sofre. Lógicamente, João é o sujeito das duas frases, e, gramaticalmente, em um caso o sujeito é João e no outro é Pedro; às vezes o sujeito lógico coincide com o gramatical, outras vezes não. Então, quando simbolizamos uma coisa por outra, às vezes existe uma conexão real entre ambas, e às vezes isto é uma mera aparência, ou seja, devemos examinar cada caso específico.

É preciso toda uma revisão do simbolismo astrológico para saber o que é verdadeiro e o que é falso. Quando um astrólogo da antiguidade associou Marte ao ferro ele deve ter tido razões muito profundas. Quando disse que Marte estava relacionado com a circulação do sangue e Mercúrio com a respiração, aí foi uma sacada de "gênio", porque a razão entre o ciclo de Mercúrio e Marte, e o da respiração e batimento cardíaco é exatamente a mesma. Como o sujeito pôde saber uma coisa destas ? Ele não sabia, mas a imaginação simbólica necessariamente acaba acertando alguma coisa, porque não é possível que o sistema de imaginação humana esteja totalmente deslocado em relação ao real.

Se já entendemos que a Astrologia antiga não nos informa se o que ela diz é verdadeiro ou falso, se nela os símbolos e metáforas estão misturados, é evidente que não podemos julgá-la a partir dela mesma. A Astrologia antiga não tem critérios para além de seu próprio sistema de símbolos, porque ela é um sistema de símbolos fechado em si mesmo. Se olhamos por dentro é verdadeiro, se olhamos por fora é falso, mas as duas impressões são enganosas, porque o que importa é saber se ele, dentro dele, é verdadeiro com relação ao que está fora dele.

Precisamos estudar o mesmo fenômeno que a Astrologia estuda, mas desde um outro ponto de vista, não analógico. Para isto devemos desenvolver hipóteses e, em seguida, testá-las. Estas hipóteses teríamos que buscar dentro da própria Astrologia. Quais hipóteses ela sugere ?

Até hoje continuamos discutindo se a Astrologia é verdadeira ou falsa, sem antes perguntarmos o que ela afirma. Por exemplo : - Se entregamos um mapa para um grupo de astrólogos, as coisas que eles vão dizer podem ser análogas entre si, mas não são iguais. Sendo assim, podemos tomar dez interpretações e reduzir a um juízo, a uma sentença afirmativa, que todos subscrevessem. Porém, não se conhece uma única lei astrológica que seja subscrita por todos os astrólogos ! Temos somente sentenças simbólicas ou analógicas, ou possibilidades, mas não um juízo explícito e, portanto, não pode haver veracidade nem falsidade.

Vemos que há muita coisa para pôr em ordem, antes de começarmos o estudo da ciência astrológica. Teremos que desenvolver uma astrologia fora do universo simbólico, usando-o apenas para sugerir hipóteses que possam ser testadas. Partindo do princípio que o fenômeno astrológico existe, e que das coisas que os astrólogos falaram algumas podem ser reais, temos que testar, que separar o verdadeiro do falso, pois toda investigação começa com uma hipótese. Teremos que transformar o anagrama simbólico em sentenças explícitas.

Sabemos que os astrólogos propuseram uma correlação entre determinados ciclos planetários e determinados eventos terrestres. Acreditavam, por exemplo, que uma

construção iniciada durante a Lua Nova demoraria muito mais tempo para ficar pronta. Isto é quase uma tese explícita, que podemos examinar. Michel Gauquelin pegou uma sentença antiga, a qual propõe a existência de uma relação entre o planeta que está nos ângulos do tema natal do indivíduo e sua escolha profissional, estudou-a e verificou-a. Supondo que procedêssemos de igual maneira para a Lua Nova e a construção, e concluíssemos que de fato as construções começadas na Lua Nova demoram mais tempo para ficar prontas do que as outras, isto não teria resolvido nosso problema, mas somente confirmado que existe o fenômeno astrológico, o que já sabemos. Nada foi revelado sobre a natureza do fenômeno, nem sobre o modo dele operar, nem sobre a sua extensão. Se queremos investigar a extensão do fenômeno, teremos que buscar um evento no qual seja possível contrastar a essência astrológica com outra influência não astrológica. Isto significa que uma das preocupações primordiais para possibilitar o estudo seria detectar quais são os acontecimentos nos quais a influência astral, se é que existe, não pode penetrar de maneira alguma, ou seja, em que eventos a influência astral é impossível?

Os astrólogos se queixam que a Astrologia foi banida do mundo universitário. Ocorre que todas as ciências evoluíram e a Astrologia estacionou, pois foi o único setor onde jamais houve um empenho sério. Por isto mesmo, no momento em que as demais ciências começaram a tomar rumo, a partir da Renascença, foi justamente aí que Astrologia parou. Em vez de se fazer como na Física, na Geografia, isto é, um recomeço radical, continuou-se atuando com toda a carga do passado.

Ainda que com quatro séculos de atraso, está em tempo da Astrologia ser inteiramente reelaborada, desde a base, tal como a Física. Depois de termos uma nova Astrologia, poderemos avaliar retrospectivamente o valor da antiga. Se a antiga ciência se tornou problemática, tem que ser refeita de um modo diverso. Poderemos até confirmar muitos dos princípios da Astrologia Antiga, mas não sabemos ainda. Quando o físico da Renascença questionava a Física de Aristóteles, achava que para derrubá-la teria que derrubar Aristóteles inteiro, e isto não aconteceu. Com o progresso da ciência, voltou-se a valorizar Aristóteles, excetuando a Física.

O estudo da Astrologia deve partir de uma base totalmente diferente, abandonando-se o raciocínio simbólico, analógico. Para tanto, consideraremos como hipótese tudo o que os astrólogos antigos e modernos afirmam.

LINGUAGEM SIMBÓLICA

Exemplo : O Sonho

Significados :

- Estado fisiológico
- Desejos reprimidos
- Temores incôscientes
- Pressentimentos / Premonições
- Conhecimentos em linguagem simbólica
- Ilusão
- Intuição

Um sonho pode manifestar um estado fisiológico, como a febre, ou simbolizar desejos reprimidos, temores inconscientes ou pressentimentos e premonições. Pode, ainda, trazer esclarecimento de um dado histórico, embora este conhecimento possa ser falso. Nesse sentido, o sonho também pode significar uma ilusão. Por outro lado, pode significar a intuição de algo importante e poderá ser tão claro que é como se o indivíduo estivesse acordado. Uma intuição não precisa ser interpretada - ela é óbvia. Neste caso, o sonho não mais requerer ser interpretado - ele é uma interpretação.

Um sonho pode ter dois ou três dos significados mencionados. Um sonho que manifesta um estado fisiológico não pode, ao mesmo tempo, manifestar um temor inconsciente ? Por outro lado, podemos perguntar : - Quais são as coisas que causam o sonho ? Se em estado fisiológico normal, temos determinado sonho, seu significado, em estado fisiológico alterado seria diferente. Quando se tem febre, se tem sonhos caóticos. Admitimos, portanto, que pode haver uma causa fisiológica para os sonhos e esta seria ditada pelos - sentidos. A causa fisiológica fecha ou abre alguns significados dos sonhos. A interferência de uma causa fisiológica importante diminuiria o significado. Se reconhecemos uma causa externa, esses sonhos nada revelam. Havendo esta causa, não precisamos buscar outra.

Verificamos que existe também uma causa psicológica para os sonhos, que está ligada as emoções pessoais. Por exemplo : um temor constante, como morrer, ficar louco etc.... A causa psicológica é um algo mais, que pode ser interpretado, pois haveria aí um elemento simbólico falseante. Freud afirmava que os sonhos são uma linguagem falsa, que exige interpretação. Tudo aquilo que aparece num sonho, não é exatamente aquilo que apareceu, é sempre uma outra coisa ; isto é o que propõe a Psicanálise. A maneira típica de se lidar com o símbolo é diversa em cada caso. Em relação ao conhecimento de unidade simbólica, basta a causa psicológica. Supõe-se que existe uma elaboração inconsciente de conhecimentos assimilados durante o dia, mas que mas ainda não estão claros. Sonhamos com imagens pertinentes ao assunto com o qual estamos lidando. Por exemplo : - o sonho de um arquiteto com figuras geométricas é diferente deste mesmo sonho, sonhado por outra pessoa. Neste ultimo caso, as figuras geométricas teriam um significado psicológico mais subjetivo. Podemos , então, admitir a existência de causas intelectuais, quando o sonho traz respostas para algo que já estava em elaboração. Pode ser uma simples acomodação de idéias ou uma seleção da memória. Em geral, o que aparece no sonho, não é o que se reparou, é como se fosse o fundo daquilo.

Pode acontecer também de, no sonho, descobrirmos algo que está fora de nossa esfera , algo que não elaboramos, e que vai além das conclusões que poderíamos tirar do que sabemos. É como se fosse uma revelação. Vamos chamar a isto de causas espirituais que, através de sonhos, apontam para um conhecimento verdadeiro, que extrapola as conclusões lógicas sobre aquilo já sabido. Um conteúdo claro, que não necessita de interpretação, porque aquilo que necessita de interpretação não é conhecimento ainda - é matéria de conhecimento.

A Igreja Católica sempre cultivou a ótica de discernimentos espirituais, que é uma técnica que consiste em saber de onde vem os pensamentos. Então, conforme sua origem, deveriam ser interpretados de determinada maneira e esta origem, segundo a mesma técnica, poderia ser identificada pela própria forma do sonho. Uma teoria que me parece inteiramente plausível, é esta das causas espirituais. De acordo com ela, quanto mais claro for um sonho, mais motivos se tem para atribuir-lhe uma origem divina. Se Deus existe, seria muito mais fácil para Ele se comunicar com um ser humano, do que um ser humano se comunicar com outro. Portanto, na medida em que um sonho é mais obscuro e mais necessitado de interpretação, menos terá causas espirituais. Se o sonho necessita de interpretação, espiritualmente nada significa. Pode apenas apresentar um significado psicológico ou fisiológico. Há causas relacionadas a determinados sentidos e não a outros. Não podemos admitir que um sonho de causa fisiológica possa conter um pressentimento digno de atenção, muito menos um conhecimento. No entanto, como os elementos de linguagem que aparecem em ambos são os mesmos, podemos ser tentados a interpretar erroneamente.

Ao aplicarmos a relação entre causas e significados à linguagem simbólica da Astrologia como um todo, verificamos que qualquer significado que possa se manifestar

numa linguagem simbólica tem uma causa determinada. Por exemplo : - quando se associa a Lua à mãe, ou aos sentimentos, está se atribuindo um significado. Mas qual a causa desta conexão ? Seria fisiológica? Se de fato o ciclo lunar tem duração igual ao ciclo menstrual, estamos falando fisicamente. Pode ser que exista, em parte do simbolismo, um mecanismo físico real. Entretanto, pode haver uma causa meramente psicológica ou uma atribuição projetiva, ou seja , a atribuição de intenções que não estão lá. Também pode acontecer uma atribuição de sentido que tenha causas intelectuais. Podemos supor que um indivíduo, observando algum fenômeno celeste, tenha percebido uma semelhança de estrutura bastante significativa para que ele criasse um simbolismo naquele sentido. Em outros casos, o significado astrológico é quase uma revelação, tão clara que somente Deus poderia ter colocado lá. O sistema astrológico constitui-se, assim, de uma imensa mistura.

Mesmo sabendo a causa da atribuição de significado, temos que ter uma outra maneira de lidar com o fenômeno astral, para que possamos comparar. Se fosse possível excluir todas as causas fisiológicas e externas, a Astrologia ficaria mais fácil. Quando os antigos faziam a famosa ligação da Lua com a mãe, que regeria as águas, que incha e desincha, falavam isto porque a Lua Nova faz isto, fisicamente. Eles não tinham condições de observar a Terra como um todo, e medir um sistema de marés que se manifesta no mundo inteiro. Tão logo se fez isso, comprovou-se que, de fato,a Lua age exatamente assim.

Nos casos em que o simbolismo astrológico expressa um simples fato da natureza, estamos diante de uma causa externa. Um outro símbolo pode ter uma causa psicológica ou puramente humana, portanto projetiva. Os homens inventaram significados, acreditaram neles e continuaram agindo como se "aquilo" fosse verdadeiro. "Aquilo", então, se depositou no inconsciente coletivo e começou a funcionar. É uma interpretação falsa, mas que se torna eficiente. É como se fossem duas Astrologias diferentes ; não dá para estudar uma do mesmo jeito que se estuda a outra.

Para começar a fazer interpretação, é preciso ter um ponto de comparação, o qual podemos obter na medida em que tirarmos a dúvida sobre a correspondência entre eventos celestes e eventos terrestres, na sua totalidade. Uma pesquisa como a de Gauquelin somente confirma que existe uma relação entre estes eventos, ao indicar que a correspondência entre planetas e profissão é estatisticamente relevante. Isto quer dizer que em alguns casos aparece e em outros não, embora apareça em um número de vezes superior que a média do acaso. Mas não podemos prosseguir nesta investigação, para esclarecer a natureza do que está se passando. Para observarmos uma correlação factualmente comprovável e tentar extrair dela algum conhecimento à mais, além da simples comprovação do fato, precisaríamos elaborar uma correlação que aconteça em todos os casos assinalados. Daí poderíamos investigar quais são os seus limites.

Com relação a pesquisa de Gauquelin, se não são todos os indivíduos que tem Saturno em tal lugar que se dedicam a tal profissão, qual a razão da diferença ? Somente se tivermos algum caso onde a influência astral é a única causa, é que poderemos comparar com outros casos onde existem causas cruzadas. Precisamos, portanto, encontrar um exemplo de fenômeno astrológico puro. É claro que nenhum fenômeno real é um fenômeno astrológico puro , mas em cada um deles existem várias causas formando um composto. Existe um fenômeno astrológico puro que pode ser isolado. O isolamento do fator astrológico é a linha de investigação fundamental. Num determinado evento, o que é astrológico e o que não é ?

Como do conjunto do assuntos que formam a Astrologia, a maior parte das pessoas tem interesse no aspecto psicológico, proponho, por pura decisão arbitrária, estudar os fenômenos de ordem psicológica - na Astrocarterologia, que é uma tentativa de isolar,

no estudo da personalidade humana, um pedaço explicável exclusivamente pela interpretação do fator astrológico.

Todos os elementos da personalidade humana estão presentes estruturalmente e ao longo do tempo. Mas existe nessa personalidade um pedaço que possamos atribuir unilateralmente a um fator astrológico ? Se não existir este fator astrológico puro em parte alguma, então não pode existir fator astrológico algum, porque tudo aquilo que está misturado com outros fatores, também deve ser " alguma coisa ", quando considerado sozinho. Aquilo que não é nada, não pode ser misturado com nada. Estes fatores podem ser distribuídos até quantitativamente. Por exemplo : - um determinado sonho pode ter várias causas concomitantes, mas não é difícil isolar o quanto tem de cada uma. Do mesmo modo, em qualquer comportamento humano, por mais complexo que seja, existe um número finito de causas, que são discrimináveis.

A visão que temos da multiplicidade de causas concomitantes, está levando, atualmente , sobretudo na Astrologia, a uma espécie de confusionismo, onde a causa astrológica opera de maneira inexplicavelmente unida a outras causas que não são mais discerníveis. Por exemplo : - um indivíduo que tem Saturno na casa quatro é tímido porque o pai era repressor ; e o pai dele era repressor porque ele tem Saturno na casa quatro. Parece que se forma um amalgama indecifrável. Será que não há nenhum caso de pai repressor de um indivíduo que não tenha Saturno na casa quatro para ver se existe uma diferença? Eu asseguro que há. Se Saturno está na casa quatro, o efeito que tem a repressão paterna é diferente de outro indivíduo que não tem Saturno na casa quatro.

O nosso primeiro projeto é isolar o fator astrológico na personalidade humana. Ao se fazer isto, já se deu um grande passo. Admitiremos um fator astrológico quando todos os outros não forem suficientes. Agiremos ao contrário dos astrólogos, que vêm causas astrológicas em tudo. O que podemos explicar por outras causas, explicaremos. Quando todas acabarem, ainda sobrará a causa divina. Se nem mesmo a vontade de Deus for bastante para explicar, então a causa deve ser astrológica. Vamos tentar derrubar o fator astrológico para ver se ele fica de pé.

O empreendimento, porém, não para neste ponto porque a influencia astrológica, se existe, não existe em bloco, mas sim diferenciadamente, pelo menos esta é a proposta da Astrologia tradicional. Não existe uma única influência planetária, mas 10 , 20, 40... tantas quantos forem os planetas. Faz parte da essência da Astrologia antiga e moderna a idéia de que os planetas não agem do mesmo modo, mas cada um deles tem uma modalidade de ação que lhe é própria e que, independentemente do signo onde estiver, representa a mesma coisa sempre. Existe, portanto, uma espécie de identidade planetária. Será possível isolar isto ? Em que termos ? Não devemos cair na linguagem simbólica de novo. Por exemplo : - não se pode dizer que Saturno é frio para uma pessoa que está no meio do deserto do Saara. Será que a influencia de Saturno afeta o calor ou o frio do corpo mais do que o clima terrestre ? Entendemos que quando se diz que Saturno é frio, está se usando uma linguagem simbólica que não nos serve. Procederemos, então, da seguinte maneira : primeiro, isolar o que é influencia astrológica do que não é ; segundo, isolar as suas diferentes modalidades, conforme os vários planetas, e tentar defini-las sob ponto de vista psicológico.

Tudo isto que foi colocado ainda é mera hipótese. Para fazer o isolamento proposto teremos, inicialmente, que reduzir os significados definidos pelos astrólogos a um núcleo comum. Por detrás da infinidade de significados atribuídos a um planeta, deve haver algo que possa constituir o que chamaremos de " essência" da pretensão astrológica. Por mais variado que seja o conjunto das afirmações, ele tem um limite.

Para cada afirmação astrológica, vamos extrair o que seria a " interpretação essencial ". Esta constituiria, então, a hipótese astrológica, correspondente aquele tópico.

O que Gauquelin fez, na sua pesquisa, foi escolher arbitrariamente, uma, da infinidade de interpretações possíveis e coincidiu que deu certo. Do ponto de vista de validação da Astrologia, esta pesquisa não serve de nada. Se em 20 interpretações astrológicas, descobrimos que uma é verdadeira, as outras 19 são falsas. Porém, se pegarmos todas elas, reduzirmos a uma essência comum e testarmos esta, aí teremos uma questão . Jamais comprovaremos se a Astrologia tem razão quando dá uma interpretação em particular. Precisamos saber qual é a interpretação essencial que está sempre subjacente a todas as interpretações.

A Astrologia é uma ciência sem problema científico, cujas pesquisas são realizadas sobre temas específicos. Ciência é formular um problema de modo a encaminhar uma solução com certeza final, mesmo que esta seja uma certeza em nível de estatística, meramente provável. Mas a isto ninguém ainda chegou na Astrologia, que é um saber tão imenso, que seus primeiros passos devem ser muito complicados. O primeiro passo que estou sugerindo eu não o completei, porque não é tarefa para um indivíduo, as para uma geração. Colocadas as condições iniciais para a fundação de uma ciência astrológica, o processo se prolongará por uns 40 ou 50 anos. O conjunto de pesquisas que podem sair deste quadro é enorme. Só que não são pesquisas soltas, mas inseridas dentro de um sistema onde cada pesquisa corresponde a uma parte complementar de outra. Colocar mapa no computador para ver o resultado, não é ciência. Pesquisa é articular várias indagações de maneira que as respostas se amarrem umas as outras, formando um sistema que ou cai inteiro ou fica inteiro de pé.

A possibilidade de isolar o fator astrológico, é a possibilidade da Astrologia. Isto não significa que o fator astrológico apareça sozinho. É preciso conceber isoladamente algo que na natureza está sempre junto. A tendência dos astrólogos é misturar tudo, de modo que nunca se sabe onde termina o fator astrológico e começa um outro.

A proposta de isolar as modalidades de influencia conforme os planetas, é outro ponto que para os astrólogos é um tabu. Segundo eles afirmam, Saturno na casa um vai depender de onde está o Sol, a Lua, e etc.. Seria algo holístico. Como podemos, então, somar várias coisas que não são nada ? As características dos planetas, tal como considerados astrologicamente, ou são identificáveis isoladamente ou não são nada, embora nenhum deles atue sozinho. Como eles se combinam de maneiras diversas, é justamente por causa dessa diversidade de combinação que dá para saber o que é cada planeta. Portanto, deve ser possível exprimir numa determinada fórmula verbal o significado e interpretação universal do que seria Saturno na casa um, na casa dois, e etc., independente das outras posições planetárias. Supondo que as demais posições planetárias afetem o resultado global que a posição que Saturno tem na personalidade, esta posição só se mantém na medida em que o significado particular do próprio Saturno permaneça inalterado.

3^a AULA - 24 / 10

Faz parte da Astrologia Geral ou Astrologia Pura colocar, de modo genérico, o problema astrológico. Este é o primeiro critério para a fundação de uma ciência. Porém, a partir de um certo momento, quando já estão fixados critérios gerais, temos que delimitar um campo para investigar. Tomamos, então, uma decisão arbitrária, e escolhemos a área psicológica, porque é a que nos interessa. A partir daí começa a Astrocaracterologia, que não discute a natureza, limites e alcance do fenômeno astral, mas apenas trata de sua relação com a personalidade humana.

Recolocaremos o problema desde o início e para esta faixa delimitada, perguntaremos : Primeiro - Em que sentido o fenômeno astral pode estar relacionado a personalidade humana ? O essencial da pergunta é esse pode. Temos que formular a questão à um nível puramente teórico, como possibilidade, para depois verificar se isso existe realmente, na prática. Segundo - Caso a personalidade humana e o fenômeno astral estejam relacionados, quais seriam as possibilidades de conhecer tal relação ? Terceiro - Como conhecer esta relação ?

Antes de responder a estas perguntas, vamos voltar a um outro tópico de Astrologia Pura. Quando definimos a Astrologia como estudo das relações entre fenômenos celestes e terrestres, dissemos também que a totalidade dos fenômenos celestes é objeto de uma ciência em particular, a Astronomia, que investiga, descreve e calcula o fenômeno celeste. Este é um dos pólos da comparação que constitue a Astrologia. O outro polo é o que chamamos fenômenos terrestres, que é tudo o que acontece na Terra, em todos os domínios. Primeiro tudo o que acontece na própria Terra : fenômenos geológicos, geofísicos, climáticos, ecológicos, etc.... Segundo, tudo o que acontece com os seres vivos : fenômenos biológicos, zoológicos. Terceiro tudo o que acontece com o ser humano, fisiologicamente, psicologicamente, historicamente, socialmente, etc.... Em suma, dos objetos da Astrologia que constituem a comparação astrológica, um é exclusivo da Astronomia e outro é tudo mais. O fenômeno terrestre é objeto de tantas outras ciências.

Por outro lado, quando se empreende a comparação entre fenômenos celestes e terrestres, não se pega um fenômeno celeste de modo direto, tal como ele se apresenta aos sentidos, mas sim depurado, conceitualizado, organizado pela Astronomia, ou seja, não se faz uma Astrologia à olho nu. Da mesma maneira, o outro polo da comparação, que seria o fenômeno terrestre, também não é tomado de modo direto, mas já depurado, conceitualizado, organizado por alguma ciência. Quando dizemos que um determinado fenômeno, por exemplo, é de caráter histórico, isso já representa um recorte feito por uma ciência. Quem diz se um fenômeno é histórico ou não, é a própria História ; quem diz se um fenômeno tem relevância econômica ou não é a ciência da Economia ; quem diz se um fenômeno é psicológico ou não é a Psicologia. Quando se fala Astrologia Psicológica, está se usando o instrumental de uma ciência que delimita um campo chamado psicológico. Portanto, o objeto da comparação feita pela Astrologia nunca é constituído de fenômenos nus e crus, mas de conhecimentos já elaborados pelas suas respectivas ciências, isto é, a Astronomia de um lado e qualquer outra ciência de outro. Temos, assim, uma segunda definição, mais sintética : Astrologia é Astronomia Comparada.

A Astrologia consiste, portanto, na comparação de fenômenos celestes e terrestres. Porém, nenhum destes fenômenos é observado em estado bruto, tal como se oferece diretamente à evidência vulgar. Por exemplo, ninguém faz mapa astrológico à olho nu, mas considera as órbitas já calculadas, as efemérides, que são uma elaboração

astronômica. Da mesma maneira, os fenômenos terrestres, quer sejam de ordem psicológica, histórica e etc, também não são tomados de forma direta, mas já recortados, selecionados e elaborados por uma determinada ciência. Caso contrário, a Astrologia teria que refazer todas as ciências desde o zero. Por exemplo : se queremos levantar o mapa da fundação de Roma (o famoso mapa astrológico com uma conjunção Sol, Saturno, Jupiter, no signo de áries), como saber esta data ? Algum historiador pesquisou e chegou a conclusão de que a data foi mais ou menos aquela. Isto é um trabalho de historiador, o astrólogo não vai fazê-lo por sua própria conta. Ele vai receber essa informação já elaborada por uma outra ciência e, de certo modo, terá de confiar nela, a não ser que o astrólogo se transforme em historiador para este fim. Mas, em mesmo que ele se transformasse em historiador não iria refazer a ciência da História, não iria reinventá-la, e sim tomá-la do ponto em que ela está. Então, na Astrologia, sempre se trata, em todos os casos, sem exceção, da comparação entre dois conhecimentos científicos de proveniência diferente.

Uma ciência que estude um determinado aspecto da natureza é organizada de uma maneira, e uma ciência que é comparativa se organiza de uma outra maneira. A Astrologia, por essência, é um estudo interdisciplinar, no mínimo bidisciplinar. Para o estudo de cada objeto, as ciências respectivas usam conceitos e métodos que já foram testados, já provaram sua eficácia, e são realmente os mais adequados para o estudo dos objetos que lhes são pertinentes. Por exemplo : dentro da ciência da História existe uma discussão metodológica de duzentos anos e não é possível que durante esse tempo não tenham chegado a conclusão alguma. Quando fazemos uma comparação de ciclos planetários e ciclos históricos, precisamos nos informar sobre os métodos, conceitos e critérios com os quais os historiadores delimitaram estes ciclos. Do contrário, os ciclos históricos pareceram um produto da natureza, quando são, na verdade, um produto da elaboração humana.

Para cada objeto a ser estudado, a Astrologia tem que adotar um método que considere o método da ciência correspondente aquele objeto. Isto significa usar o método da História no caso de um acontecimento histórico ; da Psicologia no caso de um assunto psicológico e assim por diante. É aí que se entende que a Astrologia não é uma ciência, mas várias. Ela constitui um grupo de ciências, sendo praticamente impossível que um astrólogo domine todos os campos. Ele pode dominar os conceitos fundamentais, como ciclos, estrutura, correspondência, enfim, todos os conceitos que são comuns aos diversos campos astrológicos. Dominar factualmente o conteúdo, ninguém pode.

Se recortarmos uma área referente aos assuntos psicológicos, que é o que nos interessa ,vamos ter que primeiro que separar, dentro desse assunto psicológico, um determinado setor e saber o que a Psicologia tem a dizer à respeito. Por exemplo, se queremos saber a relação entre as configurações planetárias e a personalidade humana, que não é um dado da natureza, que não é um ser físico que encontramos concretamente. A personalidade é um conceito abstrato, que teve de ser elaborado ao longo do tempo, até que a realidade correspondente pudesse se manifestar através dele. Então, se pretendemos fazer um estudo astrológico da personalidade, o primeira passo é saber qual Psicologia da Personalidade existe. Só isto já é um assunto que levaria alguns anos para ser assimilado. Entretanto, a Astrologia, embora tenha que assimilar toda a Psicologia da Personalidade, não se contenta com isso, porque seu objetivo não é conhecer a personalidade humana, mas saber em que medida pode haver uma comparação frutífera entre uma determinada descrição da personalidade e uma determinada descrição do horóscopo ; esse é que é o nosso trabalho.

Surge, então, um problema fundamental : - na personalidade humana, tal como é descrita pelas várias Psicologias da Personalidade, o que admite comparação com o

horóscopo e o que não admite ? Onde tal comparação seria impossível ? Existem dois tipos de impossibilidades : teórica e prática. Impossibilidade teórica é quando a idéia, cuja possibilidade está se discutindo, é auto contraditória em si mesma, ela implica uma contradição lógica, ou seja, é uma impossibilidade absoluta. A impossibilidade prática é quando algo, embora não sendo ilógico, embora não sendo auto contraditório, oferece grande dificuldade para ser realizado ; é uma dificuldade que ultrapassa a possibilidade de que dispomos no momento. Pelo menos a impossibilidade teórica temos que afastar completamente, para que a nossa investigação não se perca.

O próximo problema é saber o que caracteriza a Psicologia da Personalidade, o que a distingue da Psicologia Geral . Psicologia da Personalidade é um setor, é uma área da Psicologia. O que esta área tem de próprio ? O que define esta área de conhecimento, dentro do campo geral da Psicologia ? Quais são as teorias existentes, quais as hipóteses que estão em discussão, quais são os conhecimentos adquiridos, enfim, qual é o material que a Psicologia da Personalidade nos fornece, para que possamos transformá-lo em material de comparação com o Horóscopo ? E deste material todo, o que admite comparação e o que não admite ?

Podemos introduzir aí uma limitação, pois a Astrologia só estuda duas coisas : estuda ciclos ou estuda os elementos de base, dos quais partem os ciclos. Os elementos são os pares , por exemplo a Lua e a Terra, como no caso do ciclo menstrual: de um lado a Lua e a Terra, de outro a duração da vida da mulher e a duração do ciclo menstrual; são dois pares. Esta comparação não precisa ser de dois em dois, pode ser de quatro em quatro, de seis em seis, etc, o que importa é haver uma correspondência de elementos, para que dentro de cada um desses quadros se saiba o que corresponde a que no outro quadro. Um desses estudos é o da correspondência de ciclos no tempo, correspondência na hora da sucessão. E o outro, é o da correspondência entre estruturas, que são os pontos de partida dos ciclos. A Astrologia só estuda isso. Portanto, tudo aquilo que na Psicologia da Personalidade não são ciclos, nem ponto de partida de ciclos, estão fora da comparação.

Na Psicologia do Aprendizado, Piaget descreve uma série de etapas através das quais vai se formando o conjunto de estruturas cognitivas do indivíduo, seus símbolos de base, seus conceitos, estruturas lógicas, etc.... Em que medida isso poderia ser objeto de comparação com o Horóscopo ? Não pode, porque esta seqüência é igual em todos os seres humanos, apesar de cada indivíduo viver isso de uma forma diferente, o que nada tem haver com a Psicologia do Aprendizado. Por exemplo, o sujeito que levou uma martelada na cabeça,não aprende mais nada; mas o estudo do efeito da martelada na cabeça não faz parte da Psicologia do Aprendizado. Outro exemplo : a Psicanálise diz que você, quando criança, deseja o genitor do sexo oposto e quer matar o genitor de seu próprio sexo, isso lhe causa uma grande culpa, e se acontece qualquer coisa com o genitor do seu próprio sexo, você está lascado ; é o que se chama complexo de Édipo. Como podemos compará-lo ao Horóscopo ? Não podemos, porque segundo Freud, o complexo de Édipo é universal. Esses tópicos escapam daquilo que denominamos Psicologia da Personalidade, nem Psicologia do Aprendizado é Psicologia da Personalidade, nem Psicanálise é Psicologia da Personalidade.

A Psicologia Geral, que não é Psicologia do Aprendizado, nem Psicanálise e tampouco Psicologia da Personalidade, delimita primeiramente qual é o território da psique e, em seguida , procura isolas as partes do mecanismo dessa mesma psique. Por exemplo, as faculdades cognitivas : a memória,a imaginação, os sentidos ; qualquer tratado sobre Psicologia Geral tem um capítulo sobre as sensações, um sobre a memória, um sobre a imaginação, um sobre a linguagem, etc.... Em que medida isso pode ser objeto de comparação com o Horóscopo ? Nas funções planetárias, porque está subdividindo cada

ser humano em aspectos diferentes, enquanto que aquilo de que fala a Psicologia do Aprendizado e a Psicanálise, é um processo pelo qual o ser, como um todo, passa. A Psicanálise e a Psicologia do Aprendizado evidentemente tratam de ciclos, mas são ciclos que abrangem o ser por inteiro, não estando subdivididos em partes ou pares, não podendo, portanto, servir de objetos de comparação com o Horóscopo.

A Psicologia Geral poderia ser um objeto de comparação, mas como isso seria feito ? Com que bases ? Como iria se estabelecer a correspondência ? Deveria ser pelo método analógico, simbólico ? Não, porque isso traria outros problemas. Como saber se a memória corresponde, especificamente, aos impulsos de um determinado planeta ou de outro, ou se, ao contrário, é o equivalente desse planeta ? O primeiro passo para a investigação já esbarrou numa decisão teórica. As várias partes da psique, que a Psicologia Geral reconhece, são afetadas por planetas diferentes, ou seja, existe uma relação de causa e efeito ? Ou existe apenas uma correspondência estrutural, de modo que, para cada função, corresponde um planeta ? A solução é relativamente simples, porque estas funções só interessam se são pontos de partida de ciclos. Se conseguirmos estabelecer uma ligação, ainda que arbitrária, entre as funções cognitivas e determinados planetas, poderemos estudar a evolução dessas funções no indivíduo, e verificar se isso, no tempo, acompanha o ciclo planetário correspondente. Por exclusão terminaríamos por achar a correspondência, caso existisse.

A Psicologia Geral não pode, em si mesma, ser objeto de comparação com o Horóscopo , pois ela apenas oferece elementos de base para uma comparação possível. A Psicologia Geral teria, assim, que ser comparada ao Horóscopo Geral. Como não existe Horóscopo Geral, ela teria que ser comparada ao Sistema Astrológico. Então, temos de um lado o sistema da Psicologia Geral, que divide o homem numa série de funções, e de outro lado o Sistema Astrológico. De fato esta comparação já existe, e os astrólogos antigos já a faziam. Ocorrem divergências a respeito das correspondências respectivas, porém a Astrologia antiga fornece todo um quadro de correspondências e analogias. E isso não é muito variado de astrólogo para astrólogo. Por exemplo, não existe nenhum Sistema Astrológico que afirme que o Sol representa os sentimentos, e que a Lua representa a inteligência. A constante simbólica universal afirma exatamente o contrário, ou seja, o Sol é o símbolo universal da inteligência do homem, e a Lua um símbolo universal da vida biológica, portanto do sentimento também. As correspondências básicas das funções humanas com planetas, casas, etc..., fazem parte do próprio sistema astrológico, o qual recebemos do passado, como uma hipótese. Esta parte da hipótese não precisamos construir, porque já recebemos pronta, só que vamos colocá-la entre parênteses, isto é, não vamos afirmar se é verdadeira ou falsa, porque não nos interessa sua veracidade ou falsidade, por enquanto. Quando um astrólogo está ensinando, diz que o Sol é a inteligência, que a Lua é isto ou aquilo, Marte é isto ou aquilo. Não nos interessa se é realmente ou irrealmente, apenas faz parte da hipótese.

A Astrologia tradicional, clássica, se baseia na idéia de que existe uma homologia estrutural entre a Psique e o Sistema Astrológico. O problema é que essa homologia é apresentada com uma enorme variedade de versões, de acordo com os vários astrólogos, de épocas e escolas diferentes. Só há um modo de se estabelecer tal comparação de maneira frutífera : seria reduzir estas versões a uma expressão única. Através do processo de redução fenomenológica, que consiste na fixação de conceitos universais irrefutáveis, obteremos dois sistemas ideais, quais sejam, a Psicologia Geral e o Sistema Astrológico, cuja comparação se daria com a Psicologia da Personalidade, comparada por sua vez ao Horóscopo.

HOMOLOGIA ESTRUTURAL

HORÓSCOPO

SISTEMA ASTROLÓGICO PSICOLOGIA GERAL

PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE

Temos, assim, de um lado a Psicologia Geral, como estrutura de funcionamento da psique ; de outro lado temos o Sistema Astrológico (planetas, signos, casas, aspectos, etc...). Se conseguirmos ordenar o Sistema Astrológico e a Psicologia Geral, reduzindo a um denominador comum sua homologia estrutural, teremos, então, dois sistemas ideais, que teoricamente correspondem um ao outro, numa relação biunívoca. Em seguida cruzaríamos isto com a comparação entre a Psicologia da Personalidade e o Horóscopo. A Psicologia da Personalidade provém da Psicologia Geral e o Horóscopo do Sistema Astrológico. A Psicologia da Personalidade é uma individualização da Psicologia Geral : é a própria Psicologia Geral aplicada a um indivíduo determinado. O Horóscopo é exatamente o Sistema Astrológico individualizado para um caso particular. Porém, (e isso os astrólogos sempre esquecem) a comparação do Horóscopo com a personalidade só tem valor se partir da comparação entre Psicologia Geral e Sistema Astrológico, senão se baseará apenas em coincidências fortuitas. Os dados de que dispõe a Psicologia da Personalidade, são os mesmos da Psicologia Geral, embora estejam articulados de forma diversa. Os dados que estão no Horóscopo são os mesmos que estão no Sistema Astrológico, só que articulados diferentemente, de uma maneira individualizada. A Psicologia Geral descreve as várias funções psíquicas, ou aspectos da psique, hierarquizadas entre si, pela sua ordem lógica. Em Psicologia Geral, sabemos que o raciocínio lógico não pode operar diretamente sobre os dados dos sentidos. O raciocínio lógico opera com os dados da memória, com aquilo que o indivíduo viu, sentiu, cheirou, tocou. De tudo isso se conservam certos esquemas na memória, para em seguida se raciocinar sobre estes esquemas e não sobre os dados originais. Isto significa que o funcionamento do raciocínio depende, primeiramente, do que foi arquivado na memória. Dizer que um sujeito é inteligente, mas não tem memória, é uma contradição de termos. A memória é o fundamento da possibilidade da inteligência.

A Psicologia Geral afirma que a relação entre sensações/ memória / raciocínio é a seguinte : os dados são captados pelas sensações, selecionados na memória, e tornando-se depois objetos de raciocínio. Nisto ainda intervém um quarto elemento que é o sentimento / emoção, porque é ele que determina a quantidade de atenção que se presta em cada coisa, e portanto o que é retido na memória ou não. Então temos : Sensações - Sentimentos - Memória - Raciocínio : este é o esquema teórico. Como isto está organizado, difere em cada indivíduo, segundo uma fórmula pessoal. Na Psicologia da Personalidade estudamos os mesmos conceitos que se estuda na Psicologia Geral, sendo que nesta, o ponto de articulação que hierarquiza tudo, é a ordem lógica, a qual define a estrutura humana, universal. No caso da Psicologia da Personalidade, o que prevalece é a ordem histórica, real, tal como aconteceu para um determinado indivíduo, por mais ilógico que isto seja.

O sistema astrológico possui uma série de conceitos, tais como planetas, casas, signos, etc..., que tem organização própria. Cada signo representa uma coisa, universalmente ; cada planeta representa uma outra coisa, universalmente ; tal planeta tem relação com tal e qual signo, universalmente, como no caso das regências. Por exemplo : Marte está domiciliado nos signos de Ribeiro e Escorpião, está exaltado em Capricórnio, está em exílio em Libra e está em detrimento em Câncer. No sistema astrológico Marte tem todas essas possibilidades, mas e em um Horóscopo individual ? Ele só pode estar em um signo. Uma coisa é se estudar os vários papéis dos signos e das casas, considerados no sistema universal abstrato, que são os sistemas dos signos, das casas, dos planetas e das

regências ; outra coisa é verificar como isso se hierarquiza em um indivíduo particular. Por exemplo, existe uma ordem de importância dos planetas em si mesmos. Sabemos que o planeta mais importante é o Sol, a Lua e assim por diante. Porém, para um determinado indivíduo, o planeta que estiver colocado no Meio Céu se torna mais importante. Temos aí uma segunda hierarquia, já individual, hierarquia histórica, que é assim porque aconteceu assim e não por um razão lógica. Isto quer dizer que as relações entre Sistema Astrológico e Horóscopo, são estruturalmente as mesmas que existem entre Psicologia Geral e Psicologia da Personalidade. Percebe-se, então, que a comparação está mais viável.

Para estabelecer a referida comparação, enfrentamos uma série de obstáculos. O primeiro é que, embora saibamos que o sistema astrológico tem um conteúdo universal, este conteúdo é expressado diferentemente por vários astrólogos, em épocas diversas e com orientações distintas, ou seja, tem uma unidade somente em potencial. Com relação a Psicologia da Personalidade acontece o mesmo, pois existem vinte, trinta ou quarenta Psicologias da Personalidade, que recortam o ser humano de maneira semelhante, mas nunca igual. Todos os psicólogos, em Psicologia Geral, sabem que existe memória ; também sabem que existe raciocínio, que não é exatamente a memória ; e que existe alguma relação entre um e outro. Porém, a concordância termina aí.

O que é mais importante na psique ? Qual é o fator decisivo ? Aqui começa a divergência. Dentro da Psicologia Geral, que é uma especialidade francesa, temos dois exemplos extremos : a escola de George Dumar, inspirada no positivismo, de orientação materialista, onde o fundamental é pegar os pontos de encaixe dos homens com os animais. Para esta escola, a Psicologia Geral deve começar nos sentidos, e ao nível deles, a vida humana tem uma ampla faixa que é igual a vida de um cachorro, de um gato, de uma vaca. É por aí que interessa começar, vendo o homem como um dos animais, no qual vai aparecendo uma diferença específica, no curso de uma longa evolução biológica. Então, o homem seria essencialmente um animal e accidentalmente humano. O estudo da inteligência humana surge como uma espécie de último capítulo. A escola oposta a de George Dumar foi a de Maurice Pradine, e de acordo com ela a inteligência não poderia surgir a partir dos sentidos se já não estivesse lá, portanto os sentidos seriam inteligentes. Não se pode dizer que primeiro se tem a vida dos sentidos e depois, aos poucos, vai saindo uma inteligência. Ao contrário, há uma inteligência antes aparece na forma dos sentidos, e em seguida adquire outras formas. Já se tem, então, duas maneiras completamente diferentes de descrever o homem, tomando como base ou os sentidos ou a inteligência. Atribuiu-se a Aristóteles a famosa frase : - " Nada está na inteligência que primeiro não tenha passado pelos sentidos. " Entretanto, não foi Aristóteles quem disse isso, foi algum aristotélico da Idade Média. Até que Leibnitz disse : - " Nada está na inteligência que primeiro não estivesse nos sentidos, exceto a própria inteligência. " Esta oposição filosófica ressurge dentro da Psicologia. Teríamos, assim, uma escola sensualista e uma escola intelectualista.

Devemos reduzir, de algum modo, as várias psicologias gerais a um denominador comum, visando neutralizar suas diferenças, não resolvê-las. Temos que chegar ao ponto onde estas discussões não interferem, e formular a Psicologia Geral essencial. O resto são divisões de escolas. A mesma redução essencial teremos que fazer com relação ao Sistema Astrológico. A comparação que estabeleceremos do Sistema Astrológico com a Psicologia Geral, e da Psicologia da Personalidade com o Horóscopo, e isto é fundamental, não será uma comparação entre estes elementos tal como historicamente e realmente existem. Usaremos uma versão reduzida fenomenologicamente, uma versão ideal, senão a comparação fica inviável. Faremos a redução da Psicologia Geral à sua essência, pois ela abrange uma infinidade de áreas que estão em conflito, que estão em

aberto, em investigação. Tudo isso terá que ficar de fora. O Sistema Astrológico também tem uma série de elementos que são variáveis de astrólogos para astrólogos, de época para época e tudo isso será abandonado, por mais importante que seja. Temos que reduzir a Psicologia Geral a um esquema ideal, e o Sistema Astrológico a outro esquema ideal. Em seguida, reduzir a personalidade a um esquema ideal, e ver a que elemento do Horóscopo pode corresponder.

A redução a um esquema ideal significa chegar a parte consensual, mesmo que este consenso seja apenas implícito. Trataremos de reduzir a esquemas ideais a Psicologia Geral e o Sistema Astrológico, do primeiro tirar a Psicologia da Personalidade, do segundo tirar o Horóscopo, e daí fazer a comparação. Só assim pode dar certo. Não deu certo até hoje porque se tem comparado coisas totalmente assimétricas, por exemplo : quando se diz que quem tem Saturno na casa dois não deve jogar na bolsa de valores, porque é azarado. Está se usando aí um conceito universal do sistema astrológico, que é Saturno, e outro conceito universal que é a casa dois. Por outro lado, não se está usando uma constante da personalidade e sim um evento fortuito, que pode acontecer com tal e qual indivíduo, em certa época, em certo lugar. Esta comparação é dessimétrica. Se Saturno possui um significado universal dentro do sistema astrológico, só se pode deduzir daí para a personalidade os traços que sejam correspondentes a uma individualização destas características universais. Nunca se poderia descer a detalhamentos que independem de fatores astrológicos, tais como existir bolsas de valores, ou não, onde o sujeito nasceu.

O horóscopo não informa o sexo da pessoa e também não informa, sequer, se a pessoa existe . Todo horóscopo nunca é de um indivíduo real ; todo horóscopo é de um indivíduo possível. O indivíduo possível, o conceito abstrato de individualidade, não joga na bolsa de valores. O indivíduo é considerado numa parte do seu ser, parte esta que possa ser definida nos termos do Sistema Astrológico. O fato de o indivíduo jogar ou não na bolsa de valores, não está inserido no Sistema Astrológico, porque só podem jogar na bolsa indivíduos que existem, e até a existência, ou insistência, do indivíduo não pertence ao Sistema Astrológico. As comparaç•es que os astrólogos fazem dão errado por causa disto : é como se de um eletroencéfalograma, pudéssemos deduzir a classe social do indivíduo. O eletroencéfalograma informa sobre algo específico do sujeito, mas não sobre sua classe social. O horóscopo também dá indicaç•es importantes, reais, mas não essas sobre as quais os astrólogos falam.

O que está havendo é uma ignorância quanto ao campo específico da Astrologia. Pode existir uma ciência que estude as analogias universais e, simultaneamente, tire conclus•es sobre casos individuais concretos ? Seria o non sense total. Nenhuma teoria geral pode dar conta de nenhum fato particular. O particular depende do conhecimento do caso individual, conhecimento que é de experiência e não de dedução teórica. Os astrólogos não sabem o que é Astrologia, e misturam-na com outras modalidades de conhecimento que não são astrológicas. Por exemplo, com o uso da telepatia. A transmissão de informação do subconsciente de um para o subconsciente de outro, é muito mais intensa e corriqueira do que as pessoas imaginam e, mais ainda, quando o indivíduo perde essa capacidade, fica completamente desajustado na sociedade. Meu mestre, o Dr. Juan Alfredo César Muller, tinha todo um estudo sobre este tipo de doença, causada pela perda da capacidade divinatória. Não fazer antecipaç•es corretamente é um estado gravíssimo. Se a perda de uma função é patológica, significa que aquela função é fisiológica. O indivíduo tem uma capacidade divinatória que não é usada para determinados fins, mas é usada constantemente para outros ;basta canalizá-la. A maioria das pessoas fazem isso, mas nem percebem que estão fazendo.

Imaginem a quantidade de informações subconscientes que tenho sobre pessoas falecidas, que comigo conviveram. Por exemplo, no caso de minha avó, eu me lembro de uma série de coisas da convivência com ela. Porém, tem coisas que eu não me lembro conscientemente, mas que estão vivas dentro de mim, como as manchinhas do taquescópio. O teste do taquescópio funciona da seguinte maneira: são projetadas determinadas figuras, com certos números de pontos, por dez ou quinze segundos, e outras por uma fração infinitesimal de segundos, de modo que não sejam percebidas. Verificou-se depois do teste, que os que tinham sonhos com essas figuras, sonhavam sistematicamente com as que haviam sido projetadas por uma fração infinitesimal de segundos e não com as outras. É como se a atenção se dividisse em duas partes, aquilo que a Gestalt chama de figura e fundo. A atenção consciente vai para a figura e a subconsciente vai para o fundo. Uma captou o que estava na frente e a outra captou o que estava atrás. O afloramento desse fundo pode estar relacionado com a casa quatro, casa oito ou casa doze. Talvez mais com a casa doze, porque ela é aquilo que, de certo modo, está aí, mas não faz parte do círculo que normalmente se percebe.

Da convivência com as pessoas guardamos na memória inúmeras coisas, mas tem outras que só buscando muito profundamente é que conseguiremos puxar o que ficou numa espécie de penumbra, ou porque não se percebeu, ou porque não se quis reparar, ou porque não pareceram importantes. As lembranças que estão na memória e podem ser recordadas, são como presenças e as outras seriam ausências, mas, como diria o Stanislaw Ponte Preta, - "ausências que preenchem uma lacuna". É justamente aí que o telepata vai captar informações, não aquilo que eu me lembro concretamente, mas aquilo que eu não me lembro e, quando ele fala, acho que sabe o que eu não sei ao meu respeito. O truque é apenas esse: o telepata sabe captar no subconsciente do outro. A totalidade dos fenômenos espíritas se explica assim. Mediunidade, por exemplo, significa servir de meio para o pensamento de um outro ser, seja vivo, seja morto; não há nenhuma razão para se acreditar que estas informações foram dadas pelo próprio morto. Só se recorre a uma hipótese mais extravagante quando a hipótese mais banal é excluída.

Os fenômenos telepáticos são totalmente comprovados e, hoje em dia, já está claro que existem mais transmissões telepáticas de dados inconscientes do que conscientes. As pessoas que conseguem transmitir conscientemente um dado para um telepata são raras. É mais fácil captar o que está no fundo do que o que está na frente. Nenhum médium, ao captar uma informação, possui a capacidade de avaliar qual a importância real que aqueles dados tem para o indivíduo. O que os astrólogos estão fazendo é algo deste tipo. Agora se abrem possibilidades de investigações, que podem se prolongar pelos próximos séculos, chegando a resultados que confirmarão uma parte das observações dos astrólogos antigos e desmentirão outras, como acontece em qualquer ciência. Este, aliás, é um ponto importante no debate astrológico, e que é cobrado pelos adversários da Astrologia. Eles dizem que qualquer ciência progride na medida em que desmente uma parte de suas hipóteses, e vai abandonando, mas a Astrologia nunca se desmente, nunca abandona hipótese alguma. Se não importa, na Astrologia, separar o certo do errado, então fica tudo errado. A pretensão de se acertar em tudo, faz com que se erre em tudo.

Temos o exemplo dos processos telepáticos, cujo problema reside em captar informação, mas não saber o lugar dela no contexto. Coisas insignificantes podem adquirir importância extraordinária e, por isso mesmo, badernar completamente a cabeça das pessoas. Não se trata de adivinhar. A compreensão do ser humano não consiste em saber o que está dentro da cabeça dele, mas conseguir desenhar o todo, com sua hierarquia, com sua forma singular. Por exemplo, divórios acontecem a toda hora;

para uns é uma libertação, para outros é uma desgraça, e para outros ainda, é um nada. O que interessa é o que isto significa para aquele indivíduo em particular, e não o fato de que tal e qual informação esteja no subconsciente dele, porque isso representa apenas uma parte dele. É um conhecimento abstrato. Um indivíduo concreto é forma, é um conjunto que se define com um perfil muito próprio. A telepatia pode fornecer dados, informações, mas a forma completa de um sujeito, o que compõe a sua singularidade, não é captada por este meio.

A verdadeira compreensão do indivíduo, na sua singularidade, é o grande desafio para os que trabalham na área psicológica, porque conhecer Psicanálise ou Astrologia em geral, é uma questão de estudo apenas. Mas a compreensão de um indivíduo concreto, implica numa responsabilidade pessoal imensa, e é uma das operações mais complicadas que existe. Podemos compreender um indivíduo em particular do mesmo modo que um romancista constrói um personagem, e as vezes o personagem que inventa é mais real para ele do que ele mesmo. O personagem é um outro que o escritor constrói com seu próprio sangue. É como um filho, que você cria, mas não é você. A única maneira de conhecer um outro ser humano é construir a imagem dele com as suas próprias coisas, e isto é algo que custa caro, é um gesto que requer consciência moral e devoção. Construir um outro, saber do outro como se fosse você mesmo, sabendo que ele é ele, isto é um processo gradativo, que não pode ser feito de imediato, e que resulta de um ato de vontade, de uma espécie de resignação.

A tendência natural do ser humano é de colocar a si mesmo como real, e ver os outros como se fossem sombras que se agitam. É sentir-se desde dentro, é vivenciar-se como uma tensão centrífuga. O outro não é sentido como uma tensão centrípeta, mas é visto simplesmente na sua forma externa. Compreender o outro como um sistema tensional tão complexo como nós mesmos demanda tempo, mas só assim teremos um conhecimento objetivo do outro. Os astrólogos antigos tinham apenas um ou dois clientes. Acho até que a estrutura da profissão astrológica está um pouco errada. A Astrologia tomou um rumo desastroso a partir da Renascença. Ela parou, não progrediu como as outras ciências, não se reformou, e acabou por se tornar uma espécie de marginal ressentido, com raiva do mundo e com mania de perseguição. A única maneira de se eliminar o aspecto demencial que hoje domina Astrologia, é fazer uma Astrologia que preste.

HORÓSCOPO ESSENCIAL

HORÓSCOPO

S. A. SISTEMA ASTROLÓGICO PSICOLOGIA GERAL P. G. IDEAL IDEAL

PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE

* CARACTEROLOGIA

CARÁTER

PURO

Na medida em que se opera uma redução no sistema astrológico, veremos que os elementos que são geralmente usados em horóscopo, dos quais não podemos alcançar uma clareza ideal sobre seus significados, estarão excluídos até segunda ordem. Isto não quer dizer que não possam ser estudados depois, mas ficam fora no momento. Assim também, nem tudo que se retirar da Psicologia Geral, interessará para a Psicologia da Personalidade.

Duas operações são particularmente importantes. A primeira é a obtenção da noção de caráter, que resultará da redução da Psicologia da Personalidade. Aqui entra o estudo das caracterologias. Não colocaremos este problema desde o zero, vamos usar o que já

existe em Psicologia. A segunda operação é a redução do Horóscopo, até chegarmos ao Horóscopo essencial. Só então teremos os elementos para efetuar a comparação.

Qual o papel das carácterologias aqui ? A Psicologia do século XX desenvolveu uma série de tipologias e caratterologias, tais como a de Klages, Szondi, Le Senne, Jung, Reich, Pfahler e outros. Cada uma delas tenta unificar, em torno do conceito de individualidade, vários conceitos da Psicologia Geral aplicados a um indivíduo. Cada uma delas tem uma chave ,e hierarquizam a descrição do indivíduo a partir dessa chave. No caso de Reich por exemplo, a chave , o conceito fundamental, é energia. Segundo ele, haverá para cada indivíduo, conforme o sistema de bloqueios derivados dos diversos traumatismos, padrões de circulação de energia, que não são totalmente individuais, mas típicos de um grupo. Já no caso da tipologia de Jung, a chave, o conceito fundamental, é percepção, modalidades diferentes de percepção. Ambas tratam, enfim, da personalidade, do caráter e da noção de tipo, que é o caráter comum á várias pessoas .

Qual dessas maneiras de enfocar o caráter, qual dessas chaves, permite uma comparação com a Astrologia ? Para chegar a esta conclusão vamos estudar algumas caratterologias, não de modo exaustivo, mas á título de amostra. Procederemos na seguinte base : estudaremos os conceitos e critérios de cada uma destas caratterologias, e em seguida perguntaremos se é possível, ou não, fazer uma comparação entre elas e o Horóscopo. Em cada caratterologia chegaremos a alguns aspectos que permitem comparação com o Horóscopo, e a outros que não.

Aulas de novembro de 1992.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ASTROCARACTEROLOGIA / RIO DE JANEIRO
BLOCO II - NOVEMBRO/1992 - RIO DE JANEIRO 1ª AULA - 12/11

A tarefa de transformar a massa de conhecimento astrológico em ciência organizada pressupõe que esse legado, acumulado ao longo dos séculos, contém algum saber, o qual, no entanto, carece de estrutura científica. A idéia da validade científica da Astrologia, tal como ela existe, é uma insensatez, porque para que um conhecimento seja válido cientificamente, ele deve ser obtido por uma seqüência de procedimentos lógicos. Este não é absolutamente o caso da Astrologia, cujo conhecimento provém de épocas e povos diferentes, com intutitos os mais diversos. É impossível dar um caráter científico a tal heterogeneidade. O que se pode fazer é tentar abordar, do prisma científico, o mesmo problema que os conhecimentos empíricos e mitológicos abordaram. Isto significa iniciar uma nova ciência.

Por que não mudamos o nome da Astrologia, se os conhecimentos herdados que recebem esse nome não possuem base científica ? Por que ao examinarmos o assunto de um ponto de vista científico não o denominamos de Cosmobiologia ou qualquer outro nome ? Porque todos os conhecimentos que a humanidade dispõe nasceram em um estágio pré - científico, conservando seus nomes ao se tornarem ciência, como a Física, a História, a Biologia. Além disso, não se trata de uma mudança de assunto, sequer de enfoque, mas apenas de um aperfeiçoamento que o conhecimento acumulado permite realizar.

Se a Astrologia é um estudo comparativo dos fenômenos celestes e terrestres, e se os fenômenos terrestres abrangem a totalidade da experiência humana e dos acontecimentos naturais, fica evidente que este estudo é, essencialmente, interdisciplinar, desdobrando-se numa infinidade de métodos, conforme o setor da vida terrestre que esteja sendo comparado com o mapa do céu. Temos, portanto, não uma única ciência e sim uma pluralidade delas, vistas não como mera coleção, mas segundo um encaixe sistemático.

Para que esta ciência pudesse se desenvolver, seria necessário que houvessem, primeiro, condições de comparação entre os vários ramos de conhecimento e o mapa do céu, e isto só ocorreu no século XX. Seria impossível que uma Astrologia sistemática se desenvolvesse na Renascença, juntamente com as novas ciências que apareceram e se expandiram, como a Física, a Fisiologia, a Geografia, etc. A Astrologia estacionou, não progredindo como ciência, nos últimos três ou quatro séculos, apesar de despertar um interesse crescente, por inexistência de meios para realização de um estudo interdisciplinar de tamanha abrangência. Este estudo só se viabilizou na medida em que a organização da ciência alcançou uma dimensão mundial e uma unificação, sem as quais certas comparações seriam impensáveis. O século XX, com o advento do sistema internacional de informação científica, simplificado pelo uso dos computadores, é que possibilitou a iniciativa de constituir uma ciência de tal porte.

A explosão científica verificada na Renascença, deixou a Astrologia à margem do processo histórico. Esta foi a razão para sua saída das universidades, que não se deveu, portanto, a intutitos persecutórios de nenhum tipo. A Astrologia na verdade permaneceu atada, enquanto saber, a métodos pré- renascentistas. Fato semelhante atingiu a Retórica, disciplina que fazia parte das Artes Liberais, do Trivium e do Quadrivium. A Retórica ainda continuou sendo admitida na esfera universitária até cerca de 1800. A partir daí entrou numa espécie de paralisia durante mais de um século, só voltando a ter estatuto científico no século XX, devido aos novos estudos de Lingüística. A atividade

acadêmica pauta-se pela investigação incessante e não pela conservação de conhecimentos antigos, e quando não há condições de prosseguimento da pesquisa, o assunto é relegado. Foi isto exatamente o que aconteceu com a Astrologia.

A proposta de criação de uma ciência astrológica, ou de uma Astrologia que tenha fundamento científico, não representa um abandono do legado anterior, assim como o surgimento da Física moderna não significou um abandono total do que foi feito no passado, mas sim uma avaliação criteriosa, que para ser realizada exige que todos os textos e documentos antigos estejam acessíveis, o que ocorreu somente no século XX.

Sempre que existe uma multiplicidade de idéias à respeito de qualquer fenômeno, cria-se a possibilidade, quase a necessidade, de um confronto, do qual surge naturalmente uma depuração recíproca. Este confronto é o próprio mecanismo do processo dialético. Se temos várias idéias, teremos vários discursos retóricos, dos quais nenhum prova nada, mas que confrontados permitem a investigação para se chegar a uma certeza sobre os tópicos que ali são discutidos. Quando, no mundo antigo, Aristóteles formulou a base das diferentes ciências que se constituíram até hoje, como a Física, a Biologia, a Lógica, a Política, etc..., ele se orientou por este mesmo método. Reuniu, assim, todas as opiniões sobre cada um dos temas, desde o tempo mais remoto possível. Ele pode, pela primeira vez, colocar o problema de uma maneira racional, partindo de um material pré-científico. Quando em outras ocasiões se fundaram novas ciências, o procedimento foi idêntico, pois toda ciência parte de uma tradição que lhe é anterior.

Não se chega a um conhecimento racional, organizado, sem se ter passado por uma fase de discussão retórica, e também por uma fase imaginativa e mitológica. Não há um único conhecimento científico que não provenha de raiz mitológica, e vá se aperfeiçoando aos poucos. A mitologia abrange um universo muito maior do que aquele que é tratado pela ciência, a qual podemos comparar com a cristalização de pontos que surgem no depósito mitológico.

O conhecimento se mistura com a própria realidade física. O mito, o sonho, a linguagem poética, constituem sua raiz ; o tronco se forma pelas correntes de opinião, pela discussão vulgar, e depois se ramifica segundo as várias colocações dialéticas, que vão se depurando, se diversificando e finalmente dão as folhas e os frutos que são o conhecimento científico. Este fruto, por sua vez, dá uma semente que cai na terra, isto é, a ciência produzida altera a face do mundo, criando novas realidades. Assim, vemos que o conhecimento mágico e o conhecimento racional tem uma origem comum. Os mitos e os símbolos contém uma veracidade profunda, que jamais será derrubada pela ciência. É interessante, inclusive, notar que foi no século XX que o esforço científico permitiu o acesso ao património mitológico mundial. O mito surgiu numa fase primitiva da humanidade, quando a linguagem sequer havia se organizado ainda sob a forma de gramática. O mundo mítico está, portanto, encerrado. Poderemos, no máximo, assistir uma reinterpretação, a nível científico ou artístico, das imagens míticas ou até mesmo sua exploração publicitária.

O universo mitológico que a Astrologia abrange é o mais amplo que existe. O sistema astrológico pode ser visto como uma organização da mitologia mundial. Segundo a tese de J. C. Pichon, um dos maiores historiadores da Mitologia, os mitos se sucedem dentro das civilizações numa ordem zodiacal, segundo vários ciclos, alguns de longa duração e outros menores, mas sempre obedecendo uma sucessão zodiacal. Ele demonstrou isto através de uma cronologia rigorosa que fez do surgimento e desaparecimento da crença pública nos mitos. Pichon distingue o mito operante e o mito metafórico - o operante é aquele no qual se crê, que tem um dado de realidade ; o metafórico é aquele o qual se diz que é mito, ou seja, é tratado como uma crença do passado, funcionando apenas no plano pessoal, subconsciente. Pichon levou esta cronologia até 1970, falando do mito

operante atualmente - o mito da juventude. De acordo com ele, a juventude dispõe de certas qualidades : o jovem enxerga melhor, sabe mais, representa o futuro, etc.... A atribuição de qualidades especiais à juventude é um mito que reaparece ciclicamente na História.

Não existem mitos novos, sua constelação acabou. Eles ressurgem modificados pelas circunstâncias, com feições diferentes, o que faz com que não pareçam mitos. Mas é justamente aí que eles se tornam mitos operantes. Por exemplo : o progresso - a idéia de que tudo que acontece está indo para melhor, e que amanhã estará melhor do que hoje. Isto é auto- hipnose, funcionando exatamente como o mito. Se realmente acreditamos, passamos a agir sob influência disto, e a conduta já está alterada. O mito se converte numa força operante na medida em que o consideramos real. A realidade é um pano de fundo sobre a qual se recortam as ações individuais. A civilização cristã, há dois mil anos, acena com a perspectiva de uma recompensa após a morte. Isto é mítico, porque o "após a morte" é como uma figura de linguagem. É absurdo afirmar se um indivíduo vai para o inferno, ou se vai para o céu, após sua morte. Não é possível encaixar a temporalidade terrestre nesta intemporalidade. Seria mais correto dizer que o sujeito já está no céu, ou no inferno, ele é que não sabe. A idéia de temporalizar o intemporal é típica do mito, isto é, dar como uma sucessão de acontecimentos o que é uma estrutura cósmica permanente. O mundo da religião é o mundo mítico, e cada religião é verdadeira no sentido em que o mito é verdadeiro. É um sentido que abrange uma infinidade de outros, tanto que os dogmas são reinterpretados de tempos em tempos. Esta mudança contínua é característica das religiões.

O mito é uma causa das ações humanas. Do mesmo modo, como se poderia explicar, no século XX, a revolução russa, o nazismo, a revolução chinesa, as duas guerras mundiais, sem a famosa crença no progresso ? É evidente que estes fatos tornaram tudo pior do que antes, mas o que mobiliza as pessoas é o mito de que as transformações históricas são para melhor. É tão justo vermos a humanidade como uma criança que está em evolução, quanto vê-la como um velho que está em decadência. E em cada uma de suas idades, a humanidade é nova e é velha. Isto é uma convicção mítica, não importando tanto pela sua veracidade literal, mas pelos efeitos que vai gerar no comportamento coletivo.

O próprio surgimento da ciência depende do mito da eternidade, o Logos eterno, para o qual, por trás de todas as transformações da natureza, existem pontos estáveis que podem ser expressos em leis. O esforço científico também se inspira numa crença mitológica. O mito está na raiz de tudo e não adianta querer se livrar dele. Simplesmente devemos clarificar o que o mito nos oferece, pois ele, na sua obscuridade, abrange um território muito mais vasto do que aquele que conseguimos enxergar.

A Astrologia é uma ciência comparativa, que estuda a relação entre a ordem constante e estável de fenômenos celestes e a ordem múltipla, mutável e infinitamente variável dos fenômenos terrestres, naturais ou humanos. Sendo uma ciência comparativa, é necessário que seus esquemas lógicos sejam elaborados antes de se abordar os fenômenos, porque os conceitos mudam nos casos específicos, e de constante, temos apenas a figura do céu, que é o elemento astronômico, e o legado mitológico que constitui a chave interpretativa, o corpo de hipóteses. A Astrologia se diversifica numa variedade de ciências, que tem cada uma delas dois objetos : de um lado a figura fixa do céu, e do outro algum fenômeno terrestre. Daí sua definição como Astronomia comparada. No fundo é isto que Ptolomeu afirmou no primeiro parágrafo do Tetrabíblos, ou seja, que existem duas ciências que estudam o céu : uma ciência que é unívoca, a Astronomia ; e outra que é múltipla, a Astrologia.

Em razão de seu caráter comparativo, a Astrologia investiga relações amplamente variáveis, conforme a natureza do segundo pólo da comparação, o que requer uma metodologia especial para cada uma delas. Neste sentido, colocaremos os problemas de uma Astrologia em particular, a Astrologia psicológica, dentro da qual será recortada a Astrocaracterologia. De um modo geral, e não só em relação a psique, a Astrologia só pode atuar de duas maneiras : ou estudando uma semelhança estrutural entre a figura do céu estática e algum fenômeno ou ser terrestre ; ou, então, estudando os ciclos e as transformações temporais numa determinada ordem de acontecimentos na Terra, paralelamente aos trânsitos dos astros no céu.

Tudo aquilo que não tivermos meios de abordar como uma estrutura dotada de similaridade com outra do sistema solar, escapa do estudo astrológico. Tudo aquilo que não obedecer a uma ciclicidade, também escapa. Ou captamos uma estrutura fixa que possua certo número de elementos correspondentes ao sistema solar e estabelecemos uma homologia estrutural ; ou definimos uma seqüência temporal, repetível, que é o que chamamos de ciclo, e o comparamos, então, aos ciclos planetários. Daí se conclui que um acontecimento singular, irrepetível, não pode ser estudado por este ângulo. Todo astrólogo que pensou a Astrologia como um estudo da singularidade, foi parar longe dela. Qualquer assunto que a Astrologia estude se reporta a estrutura do sistema solar e aos ciclos dentro dele. É como se o acontecimento fosse uma espécie dentro de um gênero, ou classe dentro de uma espécie. Um fenômeno é objeto de estudo astrológico justamente no que ele tem de repetível, de genérico. Para enfocá-lo na sua singularidade seria preciso destacá-lo do quadro astrológico, isto é, das condições de tempo e espaço nas quais ele se insere.

A classificação é o processo mais característico da Astrologia. O sistema classificatório da Astrologia antiga distribuía as partes do corpo humano pelos signos, e os aspectos da biografia do indivíduo pelas casas. O primeiro signo seria a cabeça, ou ríes ; o segundo, Touro, ou a garganta e os ombros ; Gêmeos, o terceiro, ou os pulmões e os braços. Do mesmo modo, a primeira casa seria a personalidade, a segunda os bens, a terceira os irmãos. Ora, não é possível que a terceira casa represente os braços no mesmo sentido em que representa os irmãos. Isto pressupõe que entre o zodíaco das partes do corpo e o zodíaco das partes da biografia do indivíduo existe uma mudança de plano, ou seja, são classes de fenômenos diferentes, ordenados e hierarquizados dentro do sistema simbólico.

O astrólogo francês Morin de Villefranche foi um dos responsáveis, no século XVIII, pela confusão instaurada nos critérios do sistema simbólico. Ele tentou classificar as modalidades de interpretação através da sua teoria das determinações, considerando inúmeros fatores que terminavam por se neutralizar uns aos outros. As distinções que os antigos estabeleceram segundo as casas, planetas e aspectos, foram homogenizadas, muito embora o pensamento mitológico tivesse uma organicidade própria. Mais recentemente, no século XIX, Alan Leo, astrólogo inglês que criou a nomenclatura moderna de interpretação, inventou também algo que era uma Astrologia esotérica e simultaneamente um negócio popular para ser divulgado, repetindo a contradição lançada por Morin de Villefranche. No entanto, a Astrologia deve rastrear sempre sua fonte mitológica remota, onde encontraremos um amálgama mais profundo de significados. Da mixórdia esotérica não se tira nada. A depuração do simbolismo é um dos requisitos para transformação da Astrologia em ciência.

O símbolo foi definido pela filósofa Suzane Langer, como sendo uma matriz de intelecções, referentes a assuntos diversos. Estas intelecções, por sua vez, se formuladas em linguagem, representarão hipóteses ou proposições que poderão ser verdadeiras ou falsas . Não há como saber se o símbolo, em si mesmo, é verdadeiro ou falso. Sua

finalidade é gerar uma infinidade de intelecções e, através delas, hipóteses ou proposições.

O simbolismo astrológico, então, poderia ser interpretado em muitas direções diferentes, resultando em várias intelecções. As hipóteses, estas sim, seriam verdadeiras ou falsas. Por exemplo : o fato de que Saturno gerava os filhos e os comia em seguida - cada uma das interpretações, que tenham coerência, apresentarão suas sentenças. Se aplicarmos a interpretação às posições do planeta Saturno, teremos um conjunto de proposições, legado pela Astrologia greco-latina, as quais podem ser verdadeiras ou falsas. De modo que acreditar que a pura e simples interpretação do mito seja verdadeira, é como pular uma etapa.

O símbolo, em si, não é verdadeiro nem falso, mas sua interpretação pode sê-lo. Ao tomarmos o símbolo, fazemos o rol das claves interpretativas possíveis, que formarão o corpo de hipóteses. Por exemplo : a idéia de que Saturno, por ter sido pai de Jupiter, deve representar também o progenitor ; no caso, isto é um absurdo. Uma interpretação sistemática da mitologia astrológica para perguntar o que ela, no fundo, está afirmado, nunca foi feita. Se é dito que Saturno tem relação com o pai ou com o tempo, isto decorre de uma falsa etimologia entre duas letras gregas. Existem dois "k" em grego : um é k, e o outro é krh. Krhonos é o tempo ; Kronus é cabeça, crânio, coroa. O nome de Saturno é com K - significa cabeça, é o chefe. Deveria, portanto, ser interpretado no sentido da autoridade, e não necessariamente do pai. Dizer que o pai corresponde, no microcosmo da família, a esta função, é verdadeiro apenas sob determinados aspectos. A representação da autoridade, da lei, do mando, independe da figura do pai e não pode ser confundida com ela. A idéia paterna surgiu a partir do próprio Zeus. Saturno, que gerava os filhos e depois os comia, não gerou nada ! Os efeitos não se multiplicaram. O que exerce realmente a função de pai, é Zeus Pater - daí vem a palavra Jupiter. Esta é apenas uma das inúmeras funções de Jupiter, pois seu complexo mitológico é riquíssimo. Não seria errado afirmar que Jupiter equivale, na Psicologia moderna, a função do ideal do eu, que é um símbolo paterno, mas não no sentido do super ego, como autoridade que limita a expansão, mas pelo que imitamos, aquilo que "queremos ser quando crescer". Seria um dos sinônimos do ideal. Entretanto, isto é uma hipótese. Não devemos acreditar que seja verdadeira, e sim deixá-la guardada até que hajam meios de inseri-la dentro de um esquema para verificação. A interpretação e a depuração do conteúdo simbólico e mitológico da Astrologia, é a condição prévia para que se possa esboçar uma hipótese concernente ao que a tradição afirma sobre o real.

Supondo que a interpretação da mitologia tivesse terminado, poderíamos continuar a depuração daquilo que os astrólogos declararam ao longo do tempo, eventualmente em linguagem cifrada ou simplesmente obscura, para tentar elaborar o corpo total da hipótese astrológica. O que a Astrologia essencialmente tem proclamado ? O que seria o discurso unificado por trás de toda sua parafernália ? A construção deste corpo de hipóteses é uma das tarefas da Astrocaracterologia. Depois de feito isto, ainda precisamos aplicá-lo à um objeto específico, que seria a personalidade humana e, dentro dela, o caráter.

Só pode ser tema da Astrologia o que é estrutura ou ciclo. O estudo astrológico da personalidade se divide, então, em duas partes : o estudo da sua evolução, isto é, o desenvolvimento desde o nascimento, segundo as respectivas etapas, tanto da espécie humana em geral como de cada indivíduo em particular, de acordo com sua duração. De outro lado, temos o estudo da estrutura da personalidade considerada estaticamente. A Astrocaracterologia trataria propriamente do "estudo dos elementos estáticos e fixos da personalidade em comparação com o horóscopo". A Astropsicologia evolutiva seria, em contrapartida, - o estudo do desenvolvimento temporal da personalidade. Porém, se

não sabemos quais são os elementos componentes da personalidade, nem como eles se ordenam, muito menos vamos poder narrar a história dessa personalidade. Deveríamos proceder similarmente a Augusto Comte, que quando criou a Sociologia, demarcou uma estética social e uma dinâmica social. São conceitos que, com outros nomes, estão presentes ainda hoje, quando nos referimos a estrutura social e evolução social.

Podemos definir a Astrocaraterologia como um sistema de critérios para possibilitar uma comparação frutífera entre o mapa do céu no instante do nascimento e os elementos estáticos ou fixos de uma personalidade. Isto será realizado não de maneira aleatória ou analógica, mas com base em um esquema no qual uma estrutura simbólica do sistema solar corresponde à uma estrutura do caráter em geral. De tal modo, um determinado instante do sistema solar, representado estaticamente num desenho, poderá captar a estrutura do caráter individual. O horóscopo é como uma fotografia do momento, portanto subentende-se que é uma figura fixa. Contudo, para se estabelecer esta homologia entre o sistema solar e caráter em geral, precisamos antes formular a hipótese astrológica correspondente à Psicologia da personalidade. Depurado o legado da Astrologia antiga e transformado em discurso coerente, poderíamos então compará-lo à uma Psicologia da Personalidade já elaborada. Esta comparação somente seria possível se os elementos do sistema solar tivessem correspondência biunívoca com os elementos do caráter em geral, dispostos numa ordem que também equivalesse estruturalmente a ordem do caráter.

Mesmo que tudo isto fosse verdadeiro, não implicaria na validade da correspondência individual. O fato de se poder descrever a estrutura da personalidade humana geral em correspondência com os elementos do sistema astrológico, não significa que, na realidade, a estrutura da personalidade do indivíduo nascido num determinado momento, corresponda ao horóscopo desse mesmo momento. São duas provas a serem dadas separadamente. Por haver uma correspondência estrutural, não quer dizer que haja um sincronismo no tempo, embora praticamente todos os astrólogos do século XX tenham acreditado nisto. O fato de dois elementos se corresponderem à nível estrutural, não resulta em nexo temporal entre eles. Por outro lado, não nos interessa saber se o sistema astrológico baseou-se na observação direta dos fenômenos ou na dedução de princípios metafísicos. Isto é matéria de História da Astrologia. O que importa é a expressão formal da hipótese contida no sistema astrológico, e a possibilidade de se efetuar a mesma comparação de modo científico.

A existência de uma correspondência estrutural - duas estruturas tem o mesmo número de elementos, que estão colocados numa ordem semelhante -, não pressupõe uma evolução sincrônica no tempo. Para que isto ocorra, é necessário que intervenha um terceiro elemento, que é a causa da conexão entre os pólos da correspondência. Se além da correspondência estrutural constatamos um funcionamento sincrônico, ou seja, do movimento de um sistema se pode acompanhar o de outro, então, existe uma causa que os conecta. Em geral se observa o contrário, isto é, as correspondências estruturais não equivalem às correspondências temporais.

A investigação da causa do fenômeno astral extrapola o nosso objetivo, pois pertence ao âmbito da Astrologia pura ou teórica. Para o Dr. Percy Seymour, a razão deste fenômeno seria a chamada ressonância magnética, segundo a qual, durante o desenvolvimento embrionário, verifica-se uma espécie de correspondência entre suas etapas e a disposição dos astros no céu, de maneira que o indivíduo só pode nascer em um determinado momento astrológico. Esta é uma das hipóteses que tentam explicar a causa do fenômeno astral. Mas não pesquisaremos o assunto, apenas queremos descrever a correlação e examinar se ela de fato existe - no geral (sistema solar e caráter) e no particular (horóscopos). O nosso intuito é descritivo e não explicativo. A

própria descrição do fenômeno astral não está suficientemente completa para auxiliar no estudo das causas.

Precisamos averiguar se a primeira destas correspondências pode ser estabelecida nitidamente e se a segunda transcorre no tempo. Considerando que é cabível apenas a comparação de estruturas fixas ou de ciclos, delimitaremos a parte da personalidade humana que poderia ser comparada com o horóscopo. Que estrutura fixa seria esta ? Tal questão nos conduz a algo denominado caráter. Dentre os precursores que se interessaram pelo estudo da personalidade humana, se destacou a idéia de um caráter ou de uma marca de nascença que diferenciaria o indivíduo. Esta marca se conservaria nele ao longo de sua vida e através das sucessivas transformações que ele pudesse passar, continuando ainda visível - tal é a idéia original de caráter. O mesmo sentido possui a letra, que permanece reconhecível seja como letra de forma, de mão, gótica, em todos os estilos possíveis. A idéia original de caráter seria esta marca indelével, e portanto fixa.

Um dos preceitos que colocamos desde o início é de que a Astrologia nunca lida com um fenômeno terrestre tomado diretamente, mas sim tal como foi isolado, tratado e explicado por uma ciência específica. Dado que a noção de caráter é psicológica, teremos que examinar o que a Psicologia informa sobre o caráter. Daí veremos que existem diversas caracterologias e tipologias desenvolvidas no século XX. A concepção de caráter só é unívoca no contexto extra-psicológico. A etimologia da palavra dá uma idéia bastante clara, mas quando perguntamos à Psicologia do século XX o que é o caráter temos uma infinidade de respostas, das quais saem as várias caracterologias.

Cada caracterologia se distingue primeiro por uma definição do fenômeno do caráter. Segundo, por uma descrição daquilo que constitui os seus elementos e a sua estrutura, isto é, sua composição e ordenação. Terceiro, pelos padrões de combinação desses componentes, que resultam nas diferenciações caracterológicas individuais.

1 - Definição do caráter

elementos

2 - Descrição Geral

estrutura

tipos

3 - Padrões de Combinação

individualidades

Por que existem inúmeras caracterologias ? Porque a palavra caráter é usada para designar uma grande quantidade de fenômenos.

O fundador da idéia de caracterologia foi Ludwig Klages. Para ele o caráter seria uma combinação única, irrepetível, a forma da individualidade, a forma da singularidade. Seus elementos componentes são fundamentalmente as direções ou orientações da atenção, os valores e as motivações. As direções ou orientações da atenção já diferenciam os indivíduos entre si ; determinados valores acentuam, modulam ou modificam as direções da atenção, e os dois reunidos produzem sistemas de motivações distintos para cada indivíduo. Klages entendia a descrição caracterológica como uma descrição do indivíduo em particular. Portanto, é evidente que jamais poderia caracterizar perfeitamente um indivíduo, a não ser que abrangesse, no estudo dele, a totalidade dos aspectos que o tornam um ser humano singular. Para cada indivíduo ele admitia uma orientação metafísica peculiar. Os indivíduos poderiam ser transcendentalistas ou materialistas, divergências filosóficas que, mesmo inconscientes, integram o caráter. Haveriam indivíduos propensos a considerar motivações transcendentais, o que para outros nem existe, independentemente da crença formal professada. A caracterologia de Klages inclui ainda todo um rol de qualificações morais.

A descrição do caráter elaborada por Klages é bem complexa, pois equivale a uma biografia inteira, gerando um certo número de tipos que vão se multiplicando infinitamente. O interesse fundamental de Klages é o indivíduo singular ;ele aceita tipos apenas como uma etapa intermediária da investigação. Todavia sua proposta é utópica, não se realiza. Ela pára no meio do caminho e se torna uma tipologia.

Vamos estudar uma outra caracterologia, que define o caráter como um conjunto de disposições hereditárias. Mudamos então a ótica, radicalmente. As inclinações metafísicas ou morais seriam muito difíceis de explicar, em função de um nexo hereditário. Uma série de pontos que para Klages constituem a essência mesmo da caracterologia, estaria completamente excluída. Em contrapartida, determinados elementos que não são subjetivos, que vinculam o indivíduo a um tipo familiar específico se tornariam o centro da investigação. Se o caráter é hereditário, o que interessa é o caráter familiar, aquele que permanece ao longo das gerações. E sendo familiar não se relaciona com o singular.

Klaces privilegiava aquilo que singulariza o indivíduo e o diferencia de tudo o mais. A caracterologia de Szondi, por seu lado, vai se interessar pelo universo hereditário, pelo que une o indivíduo a uma série temporal. Klages denominou caráter aquilo que é marcadamente individual, enquanto Szondi o entendeu como aquilo que torna o indivíduo idêntico a seus antepassados. É quase o contrário. É óbvio que ambos os aspectos estão presentes na composição total da individualidade, pois se formos enfocar somente aquilo que singulariza o indivíduo, obteremos não um tipo completo, mas uma abstração, porque ninguém pode ser concebido independentemente da hereditariedade ou dos fatores que são de ordem coletiva. Por exemplo : se o indivíduo pertence a classe média, proletariado ou burguesia, ele possui traços inconfundíveis que estão presentes na personalidade, e às vezes até se superpõem ao seu caráter particular. Entretanto, estes traços não são pessoais, são coletivos. Sempre que o indivíduo adota o modo de agir típico de um grupo social ou cultural, escapa da singularidade. Um traço que foi anexado pela pertinência à um grupo, pode eventualmente vir a ser o mais proeminente na personalidade. A individualização, a personalização, é deficiente em todo o ser humano, por natureza. Metafisicamente o homem pode ter uma alma imortal e insubstituível, mas psicologicamente ele é um animal social, o que significa que é composto de uma parte de individualidade e de partes impessoais, que atuam até imperceptivelmente. Por isto, a idéia de Klages de apreender a singularidade é paradoxal. Quanto mais se quiser delinear o indivíduo concreto, mais se verá que o concreto é aquilo que cresce junto com outros fatores, até formar um amálgama quase indissolúvel.

Klaces e Szondi não constituem propriamente exemplos de definições de caráter, mas apontam nele dois diferentes aspectos. Não podemos negar que o caráter tem um traço de singularidade, de acordo com Klages ; mas também não podemos deixar de reconhecer que ele possui um elemento estável, parecido com um caráter familiar, como pretende Szondi. Há ainda uma terceira definição de caráter. Segundo Le Senne, seria um conjunto de tendências, ou seja, a probabilidade maior de agir de uma certa maneira e não de outra, que vai se formando ao longo da vida e se estabiliza por volta dos trinta anos. Assim, um quer captar a individualidade na sua diferença singular, outro destaca a permanência de uma estrutura caracterológica familiar, e o terceiro aponta uma resultante final. Dados que eram fundamentais em Klages ou Szondi desapareceram em Le Senne, e outros que eram periféricos, se tornaram centrais.

A investigação sobre os elementos do horóscopo que seriam comparáveis com o caráter deve se transformar numa comparação entre o horóscopo e cada caracterologia em particular, na forma da seguinte pergunta : em que medida é possível a comparação

entre o horóscopo e o caráter do indivíduo, tal como descrito pelas caracterologias mencionadas ? Cada caracterologia apresenta também uma técnica de diagnóstico próprio, que pode ser feito mediante testes, estudo da biografia, ou por análise clínica, como no caso de Jung. Szondi e Le Senne tem testes ; Klages não, é pela biografia. Algumas técnicas são de fácil aplicação, como as de Le Senne e Szondi ; outras de aplicação dificílima, como a de Klages, que requer uma vida inteira.

Para cada uma das caracterologias proporemos duas questões :

1@ - Sobre a correspondência estrutural dos elementos com que se descreve o caráter na respectiva caracterologia e no horóscopo.

2@ - Sobre a aplicação disto especificamente, ou seja, dado uma descrição caracterológica segundo Szondi, Le Senne, etc, podemos chegar ao mesmo resultado através do horóscopo, ou não ?

É dupla a comparação, começando pela estrutura. Por exemplo, a dos três tipos : muscular, nervoso e visceral, de acordo com o tecido mais desenvolvido. Se o sujeito é magro tem o tipo cerebral nervoso, porque os tecidos nervosos e dos órgãos dos sentidos estão anormalmente mais desenvolvidos que os outros; se é um tipo quadrado, muscular ; ou ainda se é um sujeito de ventre saliente, mais gordo. A que elementos isto corresponderia estruturalmente no horóscopo em geral ? Para estas três causas de diferenciação, que fatores astrológicos poderiam corresponder ? Havendo esta correspondência geral, perguntaríamos, então, se além dela também existe uma correspondência individual, de modo que, pelo horóscopo, saberíamos se estamos diante de um tipo cerebral, muscular ou visceral.

O famoso tipologista e médico homeopata Leon Vannier acreditava que pelo horóscopo podemos classificar biotipologicamente um indivíduo. Ele afirmava que um tipo mercuriano tenderia a ser cerebral, nervoso. Haveria um tipo lunar, que seria redondo, e um tipo solar, marciano, jupiteriano, que seria quadrado. Pelo simbolismo astrológico não seria difícil achar uma correspondência nisto, ainda que precária. Se encontrássemos a correspondência e a fundamentássemos, em seguida teríamos que verificar se ela ocorre somente nos dois sistemas ou também funciona nos casos individuais. Este tipo de correspondência parece existir no nível do simbolismo, das estruturas, mas não acontece no plano concreto. É somente uma correspondência estrutural e não sincrônica.

Para cada uma das caracterologias, metade da tarefa está realizada - é a própria caracterologia. A outra metade, a que nos cabe, divide-se em duas : Primeiro - a correspondência estrutural ou atemporal, sistema à sistema ; Segundo - a avaliação da correspondência sincrônica.

Através das caracterologias e de sua comparação com o horóscopo, obteremos um conceito, com definição, descrição geral de seus elementos e estrutura, e padrões combinatórios, que consistirão numa nova caracterologia, criada à partir de várias outras e que permitirá um estudo comparativo com o horóscopo, tanto estrutural quanto sincronicamente . A comparação sincrônica se faz por meio de um duplo diagnóstico caracterológico, um dos quais é astrológico enquanto o outro é pelo método biográfico. Assim, atingiremos um tipo de descrição do caráter, depois de depurar as caracterologias, testar sua compatibilidade com a Astrologia e extrair de cada uma delas idéias sugestivas. Por exemplo, em Klages, a noção de direções da atenção é preciosa, tanto que este é um dos conceitos básicos da Astrocaraterologia, porque corresponde exatamente à noção de casas astrológicas, qualquer que seja o sistema aplicado.

Temos ainda a ponderar a questão da posição média dos planetas dentro das casas, das órbitas das casas, seu início e término, etc. Mas quem não gosta de problemas não gosta de ciência, pois ela é um repertório de problemas, que em sequência ordenada é

enfrentável pela inteligência humana. É impossível elaborar uma ciência sozinho, porque ela se apóia primordialmente no intercâmbio de informações e na correção mútua. A ciência é sempre um empreendimento coletivo. Recorremos, portanto, ao saber mundial, começando pelos astrólogos da Antiguidade e da Idade Média, que nos forneceram todo o simbolismo. Temos ainda o legado dos mitos e o legado das ciências mais recentes, como as modernas caracterologias, que elucidam tópicos os quais serão comparados com o conhecimento astrológico. Reuniremos este material já pronto e tentaremos combiná-lo numa ordem engenhosa, de modo que saia algum resultado.

A comparação entre as várias caracterologias não é linear, porque nem sempre elas abordam pontos semelhantes. Estabeleceremos, então, quais os pontos de convergência e de divergência entre as várias hipóteses, para verificar as diferenças reais de posições. No final, com o que sobrou da comparação, construiremos uma nova caracterologia, com duas modalidades de diagnóstico : um biográfico e outro astrológico. De tal forma que, analisando pelo lado biográfico ou pelo lado astrológico, chegaremos a igual conclusão.

Para que o estudo biográfico de romancistas seja produtivo, delimitaremos primeiramente os conceitos que permitem a comparação. Por exemplo : um romance tem um ou mais temas que são sempre descritos em termos de um conflito. Qual a relação entre este conflito e a personalidade do autor ? Existe uma pseudo-crítica literária que atribui o conflito diretamente ao autor, tal como está na obra, pois está supondo uma história, no fundo, autobiográfica. Se isto fosse verdade, simplesmente impossibilitaria a arte do romance, porque este apresenta conflito e desenlace. Se o autor está vivendo o conflito não ocorreu desenlace algum, ou então ele precisaria morrer antes para depois escrever o romance. Isto significa que a relação entre o conflito romanesco e o conflito psicológico é uma relação ambígua.

Dado o romance como um documento psicológico, até que ponto ele oferece indicações sobre o caráter do autor ? E até que ponto tais indicações são claras ou enganosas ? Vemos que, em alguns casos, o conflito é de fato autobiográfico, porém referente a uma fase anterior da vida ; em outros casos não é biográfico de maneira alguma. No entanto, é sempre um conflito que está presente no mundo imaginário. Pode até não existir realmente o conflito, mas o autor pensa que o tem, seria como uma espécie de obsessão. O romance indica algo sobre a personalidade do seu autor, neste sentido. Aliás, isto é evidente, porque se alguém escreveu uma história sobre um conflito, pensou sobre ele pelo menos durante o tempo em que estava escrevendo, o que pode se prolongar por meses ou até anos. G. Flaubert, por exemplo, tinha um problema com a incapacidade humana. Para ele o homem seria, em última análise, um animal estúpido e medíocre que se defronta com questões excelsas que jamais poderá resolver . A vida de seus personagens se desenvolvem em torno de uma pretensão acima de suas possibilidades. Estes personagens, na verdade, são o contrário do próprio Flaubert, pois as pretensões dele estavam sempre abaixo de suas possibilidades. Portanto, a relação entre o tema conflitivo e a personalidade individual é imprecisa.

A atribuição direta ao tema de certas qualidades aparentes, é uma mistura da experiência subjetiva do leitor com o que está realmente na obra. Além disso, o que, de fato, a obra expressa não pode ser diretamente confundido com o caráter do autor ; isto tem graduações. Eu levei anos pensando estas coisas em relação aos romancistas. Fazer o mesmo com a poesia, com a pintura, exigirá tempo, pois os conceitos e a estratégia devem ser outros, e embora partindo das bases da Astrocarakterologia, esta será uma pesquisa totalmente original. O estudo que realizei sobre os romancistas teve um resultado satisfatório. A escolha dos temas segue quase literalmente determinados traços

do horóscopo. Porém, para que tal resultado mostre validade científica, tem que ser antecedido de precauções.

Para se fazer o diagnóstico do indivíduo aplicando este duplo método, além da informação biográfica, nos valeremos do instrumental fornecido pelas caracterologias, como o teste de Szondi e o teste de Le Senne. No caso do romancista, mesmo não se conhecendo a biografia temos a obra, cuja veracidade é taxativa : os elementos que estão em conflito dentro da história, também o estiveram na imaginação do autor durante bastante tempo. Saber isso de uma pessoa é saber muito, porque o fato do autor pensar nisto não só reflete uma preocupação real que ele possui, como retroativamente tem efeitos ; de certo modo ele absorveu aquele conflito. Então, a pergunta é : porque este e não outro, o conflito ? É aí que se encontra o dado caracterológico, estrutural da personalidade, uma preferência por um assunto específico. É como se a escolha de um tema não dependesse da trajetória de vida do autor , mas de uma marca caracterológica. É como se o indivíduo já nascesse com a predisposição de se inquietar com aquele problema, quer ele o tivesse ou não. Isto tem implicações enormes para a descrição do caráter individual, para a clínica psicológica , etc.... Os pontos de preocupação do indivíduo, os pontos onde ele enxerga conflitos nem sempre são onde eles os tem, e dependem de uma propensão caracterológica, assinalada por posições planetárias. O indivíduo revela queixas que às vezes estão muito distantes do problema que os demais vêm nele.

Temos de um lado, um esquema de relações analógicas entre o sistema astrológico (signos, planetas, casas, etc) e a personalidade humana, considerada como estrutura genérica, e de outro lado a relação entre o horóscopo e o indivíduo propriamente dito. Entre ambos há um abismo. A Astrologia prática está baseada, cada vez mais, no esquecimento deste fato. Ela parte, erroneamente, do princípio de que toda analogia válida no plano universal, isto é, no plano antropológico, deveria ser válida também para o horóscopo em particular. Isto não ocorre assim quase que em domínio nenhum da realidade.

Podemos estabelecer uma analogia entre as quatro castas da doutrina hindu e os quatro elementos. É uma analogia simbolicamente perfeita : shudra corresponde à terra (associada ao peso, a inutilidade, a tendência descendente). váishiya corresponde à água (pelo seu movimento constante de volume, lento, mas se adaptando plasticamente do que tentando vencer). kshatriya corresponde ao ar (porque é um elemento de mobilidade horizontal) brâhamana corresponde ao fogo (porque é um elemento que sobe e se volatiliza).

No entanto, isto não significa que somando a presença dos quatro elementos no mapa saberemos a que casta o indivíduo pertence. Portanto, a analogia vigora no geral e não no particular. Outro exemplo : se Saturno corresponde a autoridade não implica que no mapa do indivíduo represente o mesmo, pois aí estaremos forçando uma analogia.

Para cada novo nível de abordagem precisamos refazer o sistema de analogia. Um estudo teórico do sistema astrológico, embora seja indispensável pois embasa a técnica, em si mesmo, não contribui nada. A técnica de interpretação não decorre do sistema simbólico por mera dedução. O motivo disto é que em qualquer analogia existe uma síntese de semelhanças e diferenças. Um objeto é análogo a outro quando visto por determinado ângulo. Porém, se mudamos este ângulo, as semelhanças e as diferenças serão outras. Por exemplo : o ouro e o Leão, são análogos ao Sol sob aspectos diferentes entre si, como o próprio ouro é análogo ao Sol de maneira diversa, de acordo com o ângulo por onde se observa. Se dissermos : " o ouro brilha como o Sol ", não estamos nos referindo ao aspecto quantitativo do brilho, mas sim ao aspecto cromático, na semelhança de cor. Entretanto, se olharmos do ponto de vista quantitativo, do que causa o brilho, a analogia desaparece. Toda analogia junta dois elementos numa síntese de semelhanças e diferenças, sob um certo prisma, que se chama a razão da analogia, o logos analogante. Os fatores que unem objetos por analogia, não estão agrupados permanentemente, mas se deslocam conforme o logos analogante.

Na passagem do plano universal antropológico, no qual o sistema astrológico expressa características do ser humano em geral, para a comparação com o horóscopo individual, o esquema analógico deve ser outro. A relação entre o sistema astrológico e o homem como espécie, é diferente da relação do horóscopo com o indivíduo. O sistema astrológico pode ter determinado que a humanidade tivesse certas características, talvez pelo ambiente cósmico dentro do qual ela surgiu e se desenvolveu, ao passo que o horóscopo não afeta o indivíduo antes da concepção. O sistema astrológico das casas, das direções do espaço e das órbitas planetárias, antecedem a formação da humanidade, enquanto que no horóscopo os planetas só estavam naquele lugar no instante em que o indivíduo nasceu. Já vemos que a relação não é a mesma. Se por acaso existe uma relação causal entre os planetas, não é idêntica sobre a espécie humana, considerada biologicamente, e sobre o indivíduo em particular.

SISTEMA ASTROLÔGICO ESPÉCIE HUMANA

HORÓSCOPO INDIVÍDUO

O sistema astrológico é anterior a humanidade. O horóscopo do indivíduo é da hora do seu nascimento, e as posições planetárias não podem ter exercido influência retroativa. Os planetas se movem até que em um momento o indivíduo nasce, e é com este horóscopo que ele é parecido, e não com aqueles que se observaram durante a gestação. O horóscopo do indivíduo lhe pertence a partir do seu nascimento, embora o sistema astrológico seja o mesmo desde antes do surgimento da humanidade. Podemos supor que o céu planetário tenha alguma influência sobre a forma humana, que é propícia a viver no sistema solar, seja por relação de causa e efeito, de interação recíproca, ou de homologia. Porém, isto envolve a humanidade e um sistema pré-existente. No caso individual, a personalidade terá relação com a configuração planetária do instante do nascimento, que não poderia agir sobre aquele indivíduo com antecedência. A teoria de Seymour argumenta que durante a formação fetal ocorrem momentos planetários favoráveis ao nascimento do indivíduo, que combinam com os ritmos dele, e portanto ele deverá nascer em um desses momentos.

A relação entre sistema astrológico e espécie humana não é a mesma que entre horóscopo e indivíduo, demandando várias adaptações. O sistema astrológico, em si, pode influenciar o indivíduo, mas não de forma semelhante ao seu horóscopo. As analogias feitas no plano universal não devem ser transpostas diretamente para o particular, para o mapa natal. Não é uma comparação simétrica, isto requer conversões. A analogia é uma relação de proporção. Onde não existe proporção não há analogia, mas sim uma figura de linguagem. É pelo seu rigor analógico que o simbolismo revela uma perfeição quase divina, sendo a própria expressão da natureza.

O simbolismo tem valor justamente por causa da sua universalidade. Encontramos esquemas simbólicos e analógicos semelhantes em todas as civilizações, com pequenas alterações dependendo do panorama local. Porém, não há uma civilização que desconheça o simbolismo das direções do espaço, seja na ordem direta ou na ordem inversa. Por exemplo: no mundo ocidental a direita é o lugar nobre e a esquerda é o lugar infame, enquanto na China que está do lado oposto, ocorre exatamente o contrário. Entretanto, não existe lugar algum onde as posições nobres sejam colocadas embaixo; elas estão sempre em cima. A noção de direita e esquerda é relativizada conforme a posição, mas o em cima e o embaixo é absolutizado, embora fisicamente seja difícil visualizar isto a partir da Terra. Por que relativizaram o horizontal e absolutizaram o vertical? Porque o superior está ligado aquilo que é absoluto, imóvel e imutável. De onde quer que estejamos teremos um "em cima absoluto", que depende não da posição geográfica, mas da posição humana vertical. São constantes de um simbolismo natural, que mostram uma universalidade. Por exemplo, jamais o conhecimento foi simbolizado como escuridão; ele é sempre simbolizado como luz. Pode haver uma inversão quando se fala do conhecimento de coisas incognocíveis. O simbolismo astrológico funciona, então, no plano universal, mas o símbolo concreto que preenche as direções do espaço é variável, embora estes deslocamentos conservem uma proporção.

O sistema astrológico é de uma grande simetria e regularidade, e por isto pode ser usado para representar as estruturas do mundo sutil, esta faixa de realidade que os metafísicos acreditavam discernir. Por exemplo: na tríade chinesa Céu - Homem - Terra, temos um Céu que não é o céu planetário. Quando lemos no I Ching: "O Céu.....", não devemos pensar que é o céu onde se movem os planetas. O céu planetário na China se chama "Homem". É o mundo do tempo, dos ciclos, dentro do qual o homem se insere. O "Céu

" é um céu que não enxergamos, que não é relativo ao movimento dos planetas. É exatamente o que corta o movimento.

Existem três formas de transcurso do tempo. Uma se chama temporalidade linear, que é esta que vemos na Terra, o tempo material. Há uma temporalidade cíclica que é o tempo da alma, o tempo do homem. O movimento do céu planetário é análogo a alma humana, ou seja, tudo vai e volta. Paracelso fala dos planetas que estão no céu e simultaneamente dentro de cada um de nós. Por exemplo : coisas que aconteceram estão acontecidas no tempo, mas a recordação delas pode ter até maior impacto do que no momento em que aconteceram. Tudo quanto é animado obedece não apenas a temporalidade linear, mas também a temporalidade cíclica. Isto é o que se chama perenidade. É um tempo que se renova.

As atividades humanas (econômicas, sociais, culturais, etc.) se organizam com base nos ciclos, na repetição, e não segundo um transcurso linear, que resultaria no esquecimento total. No tempo cílico há possibilidade de reconhecimento daquilo já conhecido. Por analogia reconhecemos, sob outra aparência, uma mesma coisa. Quando se diz : - "Voltou a primavera", isto não significa que ela voltou, é outra primavera. São situações diferentes no plano do tempo linear, mas no plano do tempo cílico é a mesma fase de um ciclo. Tudo que é humano, só é comprehensível nos termos de um tempo cílico. O que se desenrola no tempo material, está acontecido. Acima da temporalidade e da perenidade temos a eternidade, que é o não tempo, onde todos os momentos são simultâneos, todas as fases do ciclo acontecem ao mesmo tempo. Quando o chinês se refere ao " Céu - Homem - Terra ", o mundo astrológico não está incluído neste " Céu ", que é a eternidade, na qual não existe tempo algum .

O espírito, no sentido humano, é a parte superior da alma que conecta com a parte inferior do " Céu ", não do indivíduo, mas da espécie humana. Isto é simbolizado no I Ching como o topo da " Montanha ", onde o homem conhece o espírito. O raio que vem do " Céu " e desce, significa o aspecto descendente, e o que desce do " Céu " encontra o homem que sobe. Esta " Montanha ", representa o cosmos, na sua totalidade, com os planetas, galáxias, etc. O homem é o animal que fica de pé e não somente se sobrepõe à natureza terrestre, mas também à natureza celeste, no sentido físico , incluindo o zodíaco.

As tradições interpretam os círculos planetários como graduações do conhecimento. Na ultrapassagem da última esfera,a de Saturno, saímos do mundo planetário. Daí para diante o que tem é espírito. Esta divisão é o que se chama de grande mistério e pequeno mistério. Quando atribuímos um caráter angélico aos planetas, estamos espiritualizando forças da natureza. Na verdade, cada esfera planetária simboliza uma graduação de conhecimento pela qual o homem pode passar. No momento em que ele supera uma esfera, a influência daquele planeta em particular se torna visível, pois o homem a terá percebido desde fora. Os planetas são " a porta de baixo do Céu ". A natureza é muito complexa e sutil e tem aspectos que parecem espirituais, mas não são.

O simbolismo da " Montanha " é universal. O que é propriamente humano, é o cosmos, porque o homem é o cosmos. Conhecer o cosmos é conhecer a espécie humana. Ela, por si mesma, tem inteligência suficiente para abranger o cosmos sensível. Daí para cima é necessário ajuda ; na " Divina Comédia ", Beatriz fala : - " Agora precisamos uma outra força que venha buscar você, porque eu não posso te levar mais. "

A estruturas simbólicas são universais e com base nelas podemos construir uma antropologia. Porém, isto se relaciona com a leitura do horóscopo apenas na medida em que são usados os mesmos termos e, eventualmente, os mesmos conceitos. Estudar a noção de homem em geral, saber tudo sobre a espécie humana, não servirá para adivinhar nada à respeito de um indivíduo em particular. O que determina a constituição

de um indivíduo não é a estrutura humana geral. O simbolismo astrológico é elucidativo para o conhecimento da espécie humana e de sua estrutura peculiar, mas não se aplica à Astrologia prática. Toda a Astrologia do século XX incorreu neste equívoco.

Existe uma Astrologia dedutiva e uma Astrologia indutiva. Esta última é a que denominamos ciência astrológica. Na Astrologia científica, o que interessa não é o conhecimento do simbolismo, embora ele seja pressuposto. O sistema astrológico é um legado das antigas civilizações, uma das maiores criações da humanidade, talvez até uma revelação. Todavia, temos que localizar o ponto de encaixe entre o horóscopo individual e o sistema astrológico. Se há uma relação entre os planetas e os eventos terrestres, ela não acompanha de maneira simétrica o sistema astrológico. Assim como existe diferença entre as divindades mitológicas e os planetas que levam seus nomes, existe também uma diferença do planeta enquanto parte do sistema, considerado estaticamente. Precisamos, portanto, estabelecer o ponto de encaixe que não está dado de antemão. Encontrar este ponto é tarefa científica.

O mito e o símbolo são uma espécie de reservatório onde são gerados determinados conhecimentos. Mas eles só saem se forem retirados lá de dentro, nunca o fazem automaticamente. Por outro lado, se não dispomos de conhecimento científico e tentamos substituí-lo pelo conhecimento mitológico, inventamos uma falsa ciência, porque são modalidades desiguais de conhecimentos. O sistema dos mitos e símbolos consiste numa combinatória universal que reúne todas as possibilidades que o ser humano pode conceber e das quais algumas são verdadeiras e outras são falsas.

O conhecimento científico procura definir áreas dentro do que o mito oferece como possibilidade, para saber quais se realizam, quais não, e porque meios se realizam. A função do mito e do símbolo é delimitar as possibilidades de concepção do homem, inclusive da falsidade e da mentira. Tal como afirmou o filósofo Schelling, o mito instaura a civilização e a ciência surge num estágio mais tardio. Há uma transição enorme entre o tempo do mito e o tempo da ciência. As teorias verdadeiras se originam no mito que não pode ser verdadeiro, nem falso. O mito baliza a imaginação humana e o que está fora de seu âmbito imaginário, sequer é perguntado.

A própria idéia de evolução da Terra surge no Ocidente em razão do mito. O mito constitutivo do Ocidente é o mito cristão, que é a descrição de uma curva temporal. O sentido histórico existe apenas no Ocidente, em cuja civilização o mito está vinculado a uma data na cronologia, como se estivesse atado a perenidade, a temporalidade. A vida de Cristo fixa uma divisão no tempo, isto é, um antes e um depois e a partir daí, passamos a viver dentro do mito cristão. Desde Cristo, que o homem ocidental vem pensando de modo histórico, até que resolveu pensar assim a natureza inteira. Durante os séculos XVIII e XIX, a consciência histórica foi se aguçando, até penetrar na opinião pública a idéia de que as coisas amanhã serão diferentes de hoje. A China durou 5000 anos e ninguém pensou nisto; no antigo Egito também. Se pensarmos que vai ser tudo diferente, privilegiaremos a diferença; se pensarmos que vai ser tudo igual, veremos tudo igual. Num caso abstraimos as semelhanças, no outro as diferenças, terminando por considerar tudo de acordo com o que imaginamos.

Tomemos por exemplo o conceito de História Natural; para o grego a natureza era aquilo que permanecia igual, apesar das mudanças. Mil anos depois, o europeu civilizado pelos latinos e já imbuído do espírito cristão, funde uma idéia cristã de História, com a idéia grega de natureza e inventa a História Natural. Se é natural não é História, pois esta se desenrola no tempo e sempre muda. Isto não é a "physis", que é o eternamente imóvel por trás das aparências. Trezentos anos após a criação da História Natural, chegou Darwin e supôs ter descoberto a linha principal desta ciência.

O mito permite o acesso a uma nova dimensão da realidade, na qual detectamos verdades e falsidades. A ambivaléncia do mito tem o poder de transportar-nos a um mundo diferente, que para os indivíduos estranhos a ele é inconcebível. Se atentarmos para outras civilizações e outros mitos, encontraremos concepções de difícil compreensão. Penetrar numa civilização requer a travessia do seu universo mítico. Por exemplo : se quisermos, agora, entrar no mundo chinês, corremos o risco de enlouquecer, porque suas estruturas não são as da ciência e do mito que conhecemos. O mito abre-nos um mundo cheio de fantasmas, que é demorado para destrinçar. As religiões são esferas praticamente incomunicáveis, e por causa disto Frithjof Schuon fala que mudar de religião é quase como que mudar de planeta. Depois que ingressamos numa, ela nos impõe uma cosmovisão, segundo seus preceitos. O mito é complexo e não adianta querer explicá-lo racionalmente. A entrada em qualquer mundo mítico é traumática, especialmente quando são mitos primitivos, que não foram elaborados em um estágio filosófico. Este é o caso dos mitos mexicanos, ainda indecifráveis, pois não chegaram a se desenvolver em forma superior de civilização.

A estrutura mítica básica, os arquétipos, são universais. Os mitos têm caráter cultural, isto é, são preenchidos com um conteúdo visível para um determinado povo. O mito trata de fenômenos da natureza que são reais, mas incorporando uma gigantesca fantasia, que abre para aquele povo possibilidade de concepções, das quais se desenvolvem algumas. Os primeiros esboços da inteligência humana, no sentido de gerar uma vida coletiva baseada no mito, são extremamente bárbaros e somente aos poucos é que vão adquirindo uma forma definida. É impossível regrar uma ordem social de acordo com o mito sem que hajam incoerências e absurdidades.

Da estrutura humana geral podemos discernir uma estrutura de personalidade genérica. Outra questão é a personalidade individual, com a qual o horóscopo se relaciona diferentemente da forma com que o sistema astrológico se relaciona com a estrutura humana geral. Portanto, entre o sistema astrológico e a Astrologia, como ciência, existe um abismo, o mesmo que se verifica entre o conhecimento da personalidade humana em geral e o conhecimento da psicologia de um indivíduo em particular. Isto representa a passagem do geral para o singular. Na composição do singular temos o elemento aleatório, contingente. Por exemplo : uma pessoa pode se mostrar de uma maneira ou de outra, em virtude de fatos que lhe aconteceram, e não por causa de sua essência. Isto significa que da essência não se pode deduzir o acontecimento. O destino não é determinado pela essência do indivíduo, mas por uma pluralidade de fatores. O conhecimento do geral é de um tipo e o do singular de outro. Se o horóscopo visa algo da singularidade individual, então o método tem que ser adequado. Devemos partir do princípio que a Astrologia não é oracular. Ou ela é um saber de conteúdo simbólico, que não pode ser usado no diagnóstico de casos concretos, ou então terá que se tornar uma ciência.

Quando dizemos que o signo de Ries corresponde à cabeça, Touro ao pescoço e ao ombro, e assim por diante, a que ordem estamos nos referindo ? O sistema astrológico é um "único" e o zodíaco também. A correspondência existe como se tratasse de um homem único, um "homem universal", protótipo da espécie humana. Este homem universal equivale rigorosamente, no simbolismo, a própria Montanha Cósmica. Ele é o homem que é o cosmos. Tal é o sentido do microcosmos e do macrocosmos. Se existisse um indivíduo que simbolizasse a humanidade, a seu respeito deveríamos poder perguntar, não apenas o que é a humanidade, mas quem é a humanidade. Se esta pudesse se constituir de um único ser dotado de individualidade, ele seria o Homem Universal. Contudo, quem seria o Homem Universal ? Jesus Cristo ? Buda ? Zoroastro ?

Aí começa a confusão, porque o conceito nos chega através de uma multiplicidade de versões, que apontam somente para a anatomia do Homem Universal.

Qual seria a relação entre o indivíduo particular e este o Homem Universal ? O Homem Universal corresponde a estrutura do cosmos físico, tomado na sua totalidade, com as partes visíveis e as invisíveis, as partes materiais e as sutis, incluindo não apenas o conjunto de entes desse mundo, mas o conjunto de leis que o regem. Isto é a Montanha Cósmica. E como está o indivíduo particular para o Homem Universal ? Como a espécie para o gênero ? Ele seria uma porção, uma cópia, uma variante do Homem Universal ? Talvez a religião ajude a responder. O cristianismo diz que todo cristão é um novo Cristo, ou seja, é uma parte do corpo de Cristo e essencialmente é ele. Temos de um lado um único existente, um único humano, filho unigenito, único homem que Deus criou ; e de outro lado a multiplicidade, que é fictícia porque no fundo somos todos o mesmo. Os vários estão em relação ao ser único, não como se fossem a soma de inúmeros indivíduos, mas em um tipo de relação assim : 1 x 1 x 1 x 1... que é sempre o mesmo, embora diverso. A doutrina oriental fala de um único reincarnante, que também é sempre o mesmo, ainda que pareça diferente.

A idéia de religião é a idéia de redescoberta da unidade original. Somos todos um mesmo, apesar de cada uma das individualidades ser, em si própria, inconfundível com as outras. Estas individualidades são como qualidades do Homem Universal, que possui, então, uma infinidade delas. Estas qualidades se manifestam nos entes como se fossem substâncias diversas. Em relação ao substantivo do Homem Universal somos todos adjetivos, embora sejamos substâncias do ponto de vista da natureza. Os entes, sob o prisma metafísico, são ilusórios, porque são adjetivos, isto é, são qualidades do Homem Universal. Porém, de um ângulo natural, são substâncias perfeitamente distintas. A anatomia do indivíduo particular não pode ser inteiramente similar a do Homem Universal, pois dessa forma ele seria uma cópia e não o é, porque exprime uma qualidade específica.

As grandes qualidades divinas se evidenciam no Homem Universal, que representa a face humana de Deus. Ele teria, assim, a majestade e a beleza. Mas o Homem Universal é homem ou mulher ? Ele não precisa se definir quanto a isto ; é prévio. O ser humano é que se divide em dois sexos, um dos quais simboliza a majestade, e o outro a beleza. Porém, se nesta divisão a beleza desaparecesse totalmente onde está a majestade ? E sem a majestade onde está a beleza ? Tais qualidades não seriam reconhecíveis. Portanto, em um ser se manifesta a majestade exteriormente e a beleza interiormente ; e no outro ser a beleza exterior e a majestade interior. A majestade e a beleza também tem funções diferentes. A beleza que o homem tem dentro, ele procura fora, na mulher. E a majestade de dentro da mulher, ela encontra no homem.

As qualidades que compõem o Homem Universal surgem diferentemente nos indivíduos, e na medida em que elas se diversificam, também se diversifica o seu modo de aparecimento. A "cabeça" do Homem Universal não tem que ser a "cabeça" do indivíduo particular. No Homem Universal onde está a "cabeça" está situado também o comando, a expressão, a personalidade etc.. Quando se trata do indivíduo, ele pode apresentar peculiaridades muito mais flagrantes do que a cabeça. Por exemplo, ele tem cor, e seja ela branca ou preta, já o singulariza para além da cabeça ou da expressão. A "cabeça" seria o conceito geral, aquilo que está a frente, em cima e o que é mais proeminente. Este mesmo traço vai se revelar no homem concreto de maneiras infinitamente variáveis. Por exemplo: lendo duas linhas de Aristóteles, reconheceremos o autor. Todavia, qual a forma da cabeça de Aristóteles ? Não se tem a mínima idéia; em mais de vinte bustos, cada uma é diferente. Mas a sua personalidade está marcada, no

texto. Então, entre o modelo do Homem Universal e o indivíduo particular, existem inúmeras mediações, dependendo do ponto de vista por onde se observe.

A Astrologia antiga procedeu sabiamente ao criar a noção de horóscopo, que consiste na diversificação do zodíaco através do sistema das casas. Isto significa que o zodíaco não é o mesmo em todos os indivíduos. O único dado que se pode vincular diretamente ao indivíduo é o sistema das casas, o qual seria o zodíaco terrestre. Este se remete a uma individualidade, enquanto o signo indica um arquétipo humano. Daí entendemos porque Gauquelin detectou tantas divergências entre os indivíduos, quando estudou a posição dos planetas nas direções do espaço, isto é, nas casas, sobretudo nas casas angulares, e não conseguiu verificar nada no tocante aos signos.

Os signos não se referem ao indivíduo concreto, embora possam se relacionar com ele quando ocorre o fenômeno chamado " expansão indefinida da individualidade ", que é o alargamento da consciência humana, na medida em que ela assume sua identidade com o Homem Universal. Existem muitos modos de se realizar isto e um deles é através da religião. A pessoa escolhe uma religião e adota uma identidade essencial com Cristo, Buda, etc. É exigida, então, a obediência a ritos e mandamentos que parecerão destituídos de sentido, e que para a prática humana de fato o são mesmo. Porém, segundo uma funcionalidade espiritual são perfeitamente sensatos, ou melhor, são sábios. Não se pretende com eles facilitar a vida humana natural, e sim cumprir um objetivo espiritual. Por isso os preceitos religiosos não tem caráter moral, mas simbólico. São artifícios que dentro de um corpo mitológico proporcionam, quando utilizados, a lenta e dificultosa reconversão do fiel ao arquétipo da religião. É como se fosse uma técnica espiritual, e qualquer técnica que sirva para uma determinada finalidade, quando considerada do ângulo de outra finalidade representa um absurdo.

Nesta progressiva caminhada, em certo momento, um aspecto planetário que está nos signos se manifesta como um desafio, puramente espiritual, que jamais surgiria no nível físico ou psicológico. Aí começa o problema dos signos. Podemos saber algo da vida espiritual potencial de um indivíduo pelo signo, mas é meramente potencial. Só vai acontecer com muito esforço. Se ele tiver elementos no signo de Escorpião haverá um Judas que irá traí-lo : se tiver elementos em Libra se defrontará com questões de justiça e injustiça, etc.... Mas isto pertence a uma dimensão espiritual, que está latente e não envolve a existência comum, somente aparecendo na expansão da individualidade, se é que ela chega a se suceder. Se alguém está praticando uma disciplina espiritual autêntica, no quadro de uma religião verdadeira, é possível antecipar seu destino espiritual, o tipo de dificuldade que enfrentará. No entanto, tudo isso nada tem a ver com a Astrologia psicológica, pois aborda um plano mais profundo da personalidade, que emerge apenas quando ocorre uma expansão da individualidade. Aí distinguimos a Astrologia natural da Astrologia espiritual. No entanto, sem Astrologia natural, não se faz Astrologia espiritual nenhuma, porque para saber o que algo simboliza no plano espiritual, primeiramente temos que constatar sua existência no plano material. O conhecimento da natureza real, física e humana, é a etapa inicial na escalada da Montanha Cósmica. Isto precisa ser abarcado e resolvido.

Nossa busca aqui é filosófica, não é religiosa nem mística. Avançamos gradativamente, de evidência em evidência, na construção da ciência. Da ciência da natureza, passamos a ciência do homem e desta para a ciência da inteligência. Quando chegamos a inteligência da inteligência, alcançamos a Metafísica. É como se fosse uma reprodução do múltiplo sistema das ciências, uma reprodução da Montanha Cósmica. A obra de Aristóteles é uma Montanha Cósmica. Ele parte da ciência do mundo sensível e vai subindo até a ciência suprema - a Metafísica. É uma escalada espiritual.

O caminho religioso exige a disciplina da vontade, enquanto o caminho filosófico exige a disciplina da inteligência. Na religião não é a inteligência que está em questão, porque a verdade já está pronta, é só conseguir viver de acordo com ela. A Filosofia é o exercício da inteligência. A via do conhecimento não requer uma disciplina da vontade, exceto no sentido de perseverar pensando até que se tenha plena evidência. Não existe uma verdade acabada na qual se precisa acreditar, mas sim o compromisso de que tão logo se descubra a verdade sobre algo, teremos que confiar nela. Ao se buscar a verdade por conta própria, uma vez encontrada, ela torna-se uma evidência, constituindo um património adquirido. Aqui não há um diálogo com um Deus suposto, é um monólogo da inteligência que procura a verdade. Não tem outro professor, é você mesmo quem indaga, é você quem responde, é você quem intelige. O ato de inteligir é individual. Segundo São Tomás de Aquino, " o sujeito do processo de aprendizado é o aluno. O professor é apenas a ocasião ".

Sendo o aluno o sujeito, cabe ao professor a demonstração do objeto. Por exemplo : entender que na relação do sistema astrológico com o horóscopo existe um abismo. Não se trata de uma simples transição direta, porque se assim fosse, não haveria o sistema das casas, que é uma mediação. A noção de horóscopo foi uma das mais geniais invenções da Astrologia antiga. Horóscopo é o exame da hora, e hora é casa e não signo. Os signos pertencem ao sistema astrológico. A Astrocaraterologia prioriza as casas e não os signos, e isso o próprio Ptolomeu, o fundador da Astrologia ocidental, já afirmava. Faz parte da tradição astrológica a ênfase nas casas. Os signos se inserem no sistema abstrato geral. A individualização se dá através das casas. O que deve ser reconhecido na psique humana, caso a Astrologia funcione, é algo que está indicado nas casas e não nos signos.

IDÉIA ESSENCIAL DE CIÊNCIA

(conhecimento fundamentado)

A - CONDIÇÃES TEÓRICAS

1 - EVIDENCIA (DIRETA ou INDIRETA)

2 - TRANSMISSÃO DE VERACIDADE

3 - NEXO EVIDENTE

B - CONDIÇÃES PRATICAS

1 - REPETIÇÃO DO ATO INTUITIVO

2 - REGISTRO

3 - TRANSMISIBILIDADE

A primeira condição para que se possa falar de ciência, é que o conhecimento seja evidente. A idéia pura de ciência não é necessariamente o critério específico que se usa hoje. A idéia geral e essencial de ciência baseia-se no conhecimento evidente. Como não se pode obter uma evidência direta de tudo, existe a evidencia indireta, que se dá através de um método lógico. Temos, então, a transmissão de veracidade de um conhecimento, que é diretamente evidente, para outro que é indiretamente evidente, mediante um nexo que, em si mesmo, é evidente.

As três condições iniciais são aquelas admitidas como verdadeiras para qualquer ser inteligente, da espécie que for. Se ele quiser alcançar um conhecimento autentico, terá que atender a estas três premissas. Porém, para que isto seja possível, na prática, há outros requisitos. O primeiro é que um ato intuitivo referente ao mesmo objeto possa ser repetido. Quando compreendemos que um quadrado tem quatro lados, se não podemos voltar a intuir exatamente o mesmo, em outro momento, a evidência se torna infactível. Se cada dado só pudesse ser intuído naquele instante, e quando ocorresse um outro ato intuitivo ele se apresentasse totalmente diferente, não se reportando ao original, significaria que não há continuidade de conteúdo em vários atos intuitivos. Desse modo, o conhecimento fica inviável. A repetição do ato intuitivo, exercida incessantemente, é uma das bases da inteligência humana.

A idéia de que mil intuições podem se referir ao mesmo objeto e serem idealmente iguais, muitas vezes nos escapa. Por exemplo : ao indivíduo que considera a Astrologia um conhecimento de ordem sobrenatural, um saber revelado e que portanto não é uma ciência, no sentido aristotélico, platônico, seria o caso de perguntar se essa ciência mística possui as condições citadas ou não. Se disser que ela não tem que obedecer aqueles conceitos, então, não é conhecimento de forma alguma, porque a concordância com a repetição do ato intuitivo é obrigatória. Quando aparece duas vezes uma posição planetária similar e o indivíduo recebe dos céus a mesma intuição relativa a interpretação daquilo, já houve uma repetição.

As condições da ciência são independentes do conhecimento provir dos sentidos ou da revelação divina. Para Moisés, no alto do Monte Sinai, a presença divina deveria ser evidente. Quando pensamos ver algo, temos a evidência de um conteúdo de consciência e não a evidência de uma presença. Distinguimos, então, uma presença da representação mental da presença de um ente. Da mesma maneira, podemos conceber a diferença entre o pensamento de um conceito e a efetiva presença mental de um ente. Existem várias modalidades de presença, como na imaginação, no pensamento, na memória. O ser pode estar fisicamente presente no caso dele ser uma entidade física. Como Deus estaria presente para Moisés ? Ele seria um modo de presença que poderíamos chamar de espiritual. Subentende-se que Moisés teve uma evidência intuitiva de uma presença real,

que não é igual ao mero pensamento de Deus, pois este é acessível a qualquer um. Se de fato Moisés viu Deus, foi uma evidência intuitiva. A evidência não tem que ser unicamente sensível. Para que pudéssemos admitir a evidência do tipo espiritual, bastaria demonstrar sua possibilidade.

A simples evidência de estarmos aqui no momento é muito mais que uma evidência dos sentidos, como também outras certezas que temos, por exemplo a de querer algo. Este algo não pode ainda estar presente na memória, e o fato dele estar presente na imaginação, não é suficiente para a certeza de querê-lo. Qual a modalidade de presença que a vontade tem? Onde ela se apresenta? Não é uma intuição, não é sensível, não é imaginativa, nem de tipo intelectual pura. No entanto, sabemos firmemente quando queremos, quando não queremos, e quando estamos em dúvida.

Ao falarmos de evidência, indicamos a presença de um objeto diante do sujeito, não importando a modalidade desta presença, apenas sua compatibilidade com a natureza do objeto. Se é um objeto que existe fisicamente, ele só pode estar presente fisicamente. A presença espiritual não é a mesma coisa. A vontade, por exemplo, não pode estar fisicamente presente porque não é um ser fisicamente existente. Cada ente só pode estar presente ao ato intuitivo segundo a sua modalidade de existência. Podemos admitir inúmeros tipos de evidência, que abrangem uma multiplicidade de formas de presença do objeto ao espírito. Qualquer modalidade de presença do objeto tem um tipo de evidência correspondente.

Não existe nenhuma contradição entre a definição de ciência e o conhecimento espiritual. Pode haver um obstáculo de ordem prática, qual seja, o fato de experiências espirituais privilegiadas não serem repetíveis. Neste caso ocorreria uma impossibilidade concreta, mas não teórica, uma dificuldade accidental, secundária. Só poderíamos pensar numa ciência dos fenômenos de caráter espiritual, se criássemos condições de repetição do ato intuitivo. Existe uma diferença entre o momento em que Moisés viu Deus e o momento em que ele se recorda deste acontecimento. Ele não repetiu o mesmo ato intuitivo. A presença de Deus é uma, sua recordação é outra. Quando vemos que o triângulo tem três lados e depois recordamos isto, é uma repetição plena do ato intuitivo, porque a forma de presença do triângulo se tornou uma presença mental-ideal. Todavia, a forma de presença que Moisés atribuiu a Deus, não é esta.

Uma ciência de ordem espiritual, teria os obstáculos apontados. Porém, isto jamais se aplicaria a uma Astrologia dita espiritual, porque cada vez que o indivíduo se referisse a mesma posição planetária, estaria intuindo de novo algo idêntico. Intuir que uma determinada posição planetária tem tal significado, independe de que esta posição, fisicamente, se repita. Para sabermos o que Saturno na casa três representa, não é preciso que Saturno esteja na casa três, naquele momento. O ato intuitivo será o mesmo, cada vez que voltarmos a abordar o assunto. Seria como no caso do triângulo e não como no caso da visão de Deus.

A Astrologia ou se encaminha para a idéia pura de ciência, ou não é conhecimento de maneira alguma. O ideal de conhecimento evidente é buscado tanto pelo místico quanto pelo cientista. O conhecimento da experiência é um tipo de evidência. A diferença do místico para os demais é que ele busca ter uma evidência direta de Deus, ao invés de uma referência indireta, como seria o normal. O conhecimento só é legítimo se observar as condições já mencionadas. Não há nenhum tipo de conhecimento, que se pretenda como tal, que possa se sobrepor aquelas premissas.

A idéia pura de ciência significa apenas conhecimento fundamentado. Entretanto, a palavra ciência adquiriu na sociedade moderna conotações limitativas, que remetem a uma espécie de conhecimento científico em particular. Por exemplo, a ciência da Cosmologia, que é o estudo dos universos possíveis, pode atender a tais requisitos?

Somente como evidência de mera possibilidade. Podemos conceber um universo possível, sem acreditar na sua realidade. Devemos entender a evidência de uma possibilidade tal como foi imaginada. É a evidência de uma presença mental, de um produto mental. Isto não deixa de ser uma ciência, mas seu objeto é imaginário. E as ciências que lidam com probabilidades, como a que estuda os ciclos econômicos? Uma evidência de probabilidade não é semelhante a uma evidência de um fato evidente. Usamos a probabilidade quando não temos evidência alguma. É um raciocínio conjectural, onde a evidência não se refere ao objeto, mas a uma conjectura. Tal ciência não realiza integralmente a idéia pura de ciência.

Toda ciência que se baseia no cálculo de probabilidades é uma ciência secundária. O raciocínio estatístico, chega a passar popularmente como ciência, por primazia. No entanto, qualquer ciência que dependa de cálculos probabilísticos é uma ciência de conjectura razoável. Existem ciências nas quais se tem a evidência do próprio objeto. A Geometria e a Aritmética são muito mais exatas, assim como a ciência da História é mais exata que a Física teórica, que é exata no cálculo, o qual expressa uma conjectura. Uma conjectura exata é apenas uma conjectura e uma evidência probabilística se reporta a uma conjectura.

Sucedeu nas universidades e na própria organização da ciência, uma divisão entre ciências exatas e ciências humanas, que rotulou como exatas as que fazem uso predominante da Matemática. No entanto, o que caracteriza a exatidão de uma ciência não é o uso da Matemática, mas que uso faz dela. Por exemplo, se é utilizada para calcular probabilidades, é porque a ciência é inexata. Se uma ciência não utiliza Matemática é pelo fato desta não ser compatível com a natureza do seu objeto, o qual deve se constituir de evidências físicas.

Uma ciência não se torna inexata por seus objetos não serem quantificáveis, mas sim porque a categoria da quantidade não tem sentido, no caso. A natureza do objeto não permite a quantificação, pois o objeto em si mesmo não é quantitativo. A versão corrente de ciências exatas e inexatas manifesta desconhecimento sobre a teoria das ciências. É uma noção vulgar, derivada do prestígio de certas áreas científicas, e que não tem relação com seus conceitos reais, nem com sua prática específica.

Ao propormos a transformação da Astrologia em ciência, não sabemos ainda que tipo de ciência vai ser. Mas se for um conhecimento fundamentado, terá que obedecer as condições essenciais de ciência. Também entendemos que em vários pontos, teremos que nos contentar com meras evidências probabilísticas, até com meras hipóteses. Não é necessário que o corpo total de uma ciência seja composto de evidências. Ele pode ser constituído de conjecturas, de raciocínios probabilísticos e de hipóteses, porém, estas partes ficam como se fossem espaços à serem retroativamente preenchidos. O conjectural é uma etapa provisória da ciência.

Na Astrocaracterologia usamos a posição média dos planetas nas casas à título de hipótese. Mais tarde teremos que voltar a esta mesma hipótese para corrigi-la, ou pelo menos tentar torná-la mais exata. De igual modo, partimos da hipótese de que existe uma relação entre os fenômenos celestes e terrestres, mas não tencionamos prová-la. A demonstração desta hipótese não cabe à Astrocaracterologia. Na verdade, a comprovação do fenômeno astral não é do âmbito sequer da Astrologia pura. A prova do objeto de uma ciência é anterior a sua fundação. Toda ciência recebe seu objeto pronto, ou da experiência comum ou de uma outra ciência. A pesquisa Gauquelin, por exemplo, baseou-se exclusivamente na Estatística e na Sociologia, não precisando de nenhum conhecimento astrológico para validá-la. Portanto, a pesquisa astrológica mais importante do século não é astrológica ainda. Ela simplesmente atesta a existência de um fenômeno, justificando assim a criação uma ciência para estudá-lo.

A discussão sobre a existência ou não do fenômeno astral é prévia a Astrologia. Temos razões suficientes para supor a autenticidade do fenômeno astral. A investigação de um fenômeno de existência duvidosa não é ciência, mas uma técnica dentro de uma ciência já constituída, ou apenas um dado de observação corrente. Contudo, como o fenômeno astral é autônomo, tem relações com objetos de outras ciências, e apresenta início e término, então, ele deve ser matéria da Astrologia. Porém, se a Astrologia pressupõe o fenômeno astral, ela ignora sua extensão e seus limites. Esta pesquisa pertence a propriamente a Astrologia, apesar de não ter sido sequer começada a discussão sobre que tipo de ciência ela pode ser e que tipo de conhecimento pretende obter. As etapas preliminares são as mais difíceis e problemáticas na formação de uma ciência.

No caso da Astrologia, podemos assegurar que não existe nenhuma ciência que tenha como objeto o estudo comparativo dos fenômenos celestes e terrestres, embora algumas ciências accidentalmente se dediquem a uma ou outra comparação destas, em particular. Por exemplo, a relação entre o ciclo lunar e as marés, tem sido objeto de estudo da Geografia. A relação entre determinados ciclos biológicos e os ciclos lunares, tem sido pesquisados em Biologia e Medicina.

Dado que as relações entre fenômenos celestes e terrestres, em geral, se mostraram reais, é legítima a proposta de uma ciência para abordá-los, ainda que não se tenha idéia de como será organizada. Existe, há milênios, interesse neste assunto, que já provocou hipóteses, observações, discussões, livros, etc., enfim, um legado que podemos chamar de Astrologia Empírica ou Pré - Astrologia. É deste conhecimento pré-científico que parte toda ciência.

A relação entre fenômenos celestes e terrestres é um gênero, que abarca várias espécies. Se um mesmo fenômeno abrange duas ciências diversas, então, ele existe como gênero e requer uma ciência específica para estudá-lo no genérico, o que difere do estudo de suas particularidades. Constatamos, portanto, que deve existir uma Astrologia e que ela tem que reexaminar o seu conteúdo pré-ciêntífico. Esta é uma tese apodíctica, ou seja, indestrutível. A Astrologia é um conhecimento que suscitou conjecturas, imaginações, desde o surgimento da humanidade, e passados dez mil anos, estamos pensando em torná-lo científico. Assim, todo astrólogo precisa se convencer que a elucidação das regras astrológicas tradicionais referentes a um único planeta, numa única casa, exigirá um tempo prolongado.

Depois de elaborar a Astrocaraterologia, chegaremos a uma certeza suficiente de que determinado planeta, numa determinada casa, tem determinado efeito, em tais e quais circunstâncias, o que não impede que ele tenha outros milhões de efeitos que escapam no momento, e que serão investigados posteriormente. A Astrocaraterologia só busca tirar dúvidas quanto à uma espécie de relação entre fenômenos celestes e terrestres, que é a de ordem psicológica.

Todas as restrições que a Astrocaraterologia introduzir no campo da Astrologia, não são de caráter dogmático. Sua pesquisa inclui apenas as casas e as posições médias dos planetas dentro das casas. Se o planeta tem uma posição ambígua, ele é relegado. A Astrocaracteologia considera seis planetas (Sol, Lua, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno) em posições médias nas doze casas.

Para obtenção de um conhecimento fundamentado, cada uma das posições é referida a um aspecto da vida. Por exemplo, podemos saber tudo de Saturno na casa três face ao processo de aprendizado da linguagem, mas o que isto significa do ponto de vista médico, não é possível responder. Não somente vamos limitar a análise de cada posição planetária ao que é seguro, mas ao prisma desde o qual esta análise é segura , longe de extrapolar e construir um sistema analógico, que cresce por si mesmo. Tentaremos, ao contrário, circunscrever o objeto de estudo até onde haja plena convicção, e daí

partiremos para o crescimento real, que é alcançar uma hipótese pelas regras gerais da Astrocaracterologia.

Para abordar uma posição planetária nunca antes investigada, primeiro formulamos uma hipótese para fazer o esquema verbal equivalente ; segundo, montamos imaginativamente os comportamentos que podem corresponder a isto, em diferentes situações e para diferentes indivíduos ; e terceiro, observamos e corrigimos a conjectura. Isto representa uma pesquisa científica para cada posição. Não se trata apenas de coletar dados, mas elaborar uma hipótese tão bem, que o fato descoberto depois confirma ou desmente esta hipótese de imediato. A coleta de dados de nada serve se não temos hipótese à comprovar. É o velho método de Sherlock Holmes - começamos por afastar o que é impossível, e das hipóteses restantes alguma deve ser verdadeira. Recorremos, portanto, a análise lógica da impossibilidade. Isto é próprio do método científico, que exclui a impossibilidade e delinea as demais hipóteses numa hierarquia de probabilidades.

O ideal da ciência é diminuir ao máximo o papel da intuição, para favorecer o progresso científico. Com relação aos pontos resolvidos, não é necessária a repetição do ato intuitivo, o que permite que uma parte do conhecimento seja estabilizada e que se avance a pesquisa para outros domínios. Em Astrologia, por enquanto, isto não acontece de maneira alguma, motivo pelo qual a leitura de mapa astral é uma ocupação desequilibrante e doentia. Se não temos procedimentos automatizados para processar a informação nova, ela jamais é incorporada, o que é velho continua sendo novidade, e temos que reaprender tudo.

Para se constituir uma ciência, é preciso que exista um fenômeno que represente um problema. Podemos admitir que determinado problema se torna científico no momento em que sua resolução afeta, em um tempo variável, a estrutura de uma civilização. Se o assunto da influência planetária não for esclarecido rapidamente, teremos de um lado a negação da Astrologia, e de outro lado sua afirmação como um valor fundamental, um símbolo do sentido da vida, ou seja, uma "religião". Uma " religião " astrológica seria como a religião egípcia ou uma neo-gnose. O mundo assistiria ao surgimento de uma "igreja" disposta a conquistar pessoas egressas de outras crenças, desfrutando assim de um poder maciço. No entanto, se a ciência pegar a questão astrológica e resolvê-la no seu próprio nível, acaba a " religião " astrológica.

Para se deter o avanço de uma fé bárbara, será preciso retirar a Astrologia das mãos dos gurus e magos, e colocá-la no lugar que deve ocupar, que é o de um tema científico. A fundação de uma ciência astrológica poderá significar, mesmo que a longo prazo, a solução de um problema gigantesco.

TRANSCRIÇÃO : ELIZABETH RUA

CHRYSTINA MARIA FAGUNDES

SÔNIA DE CASTRO RAMON

DIGITAÇÃO : CHRYSTINA MARIA FAGUNDES

REVISÃO: SÔNIA DE CASTRO RAMON EDIÇÃO

Aulas de dezembro de 1992.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ASTROCARACTEROLOGIA / RIO DE JANEIRO

CURSO DE ASTROCARACTEROLOGIA

BLOCO III - DEZEMBRO / 1992

1^a AULA - 10 / 12

A transmissão de veracidade ocorre quando algo é verdadeiro por causa de outro , que não ele mesmo . Quando este algo é verdadeiro em si próprio , então é intuitivo . Só existem duas maneiras de algo ser verdadeiro : ou é por causa dele mesmo, e aí é uma evidência direta , ou se tornando evidente em razão de outro que é evidente . A veracidade intuitiva é diferente da facilidade de se perceber a veracidade .

A palavra evidência pode ser entendida tanto no aspecto lógico como no psicológico . O fato de algo , por si mesmo , ser evidente , não significa que qualquer indivíduo esteja psicologicamente capacitado para notar a evidência no primeiro momento. E ainda que , à nível psicológico , algo pareça claramente perceptível , não implica que seja logicamente evidente . Em lógica , o fato de algo ser de simples percepção não constitui uma evidência . Por exemplo , $2 + 2 = 4$ fica evidente tão logo se realize a operação , não antes . Na medida em que estamos acostumados a efetuar esta operação , podemos tomá-la como pronta , o que não é o caso . Temos uma evidência quando , enunciado o significado , ela é percebida .

A transmissão de veracidade é exatamente o que acontece entre $4 = 4$ e $2 + 2 = 4$. $4 = 4$ transmite sua veracidade à $2 + 2 = 4$ porque fundamentalmente o significado é o mesmo . Uma proposição transmite sua veracidade à uma outra quando , ao analisá-las , verificamos que são ambas idênticas . Portanto , se uma é evidente a outra também o é . A ligação que existe entre uma proposição evidente e uma proposição não evidente , cuja veracidade é garantida pela primeira , chama-se nexo , o qual por sua vez tem que ser evidente , isto é , baseado numa identidade . $4 = 4$ transmite veracidade ao $2 + 2 = 4$ no momento em que compreendemos que as duas proposições são iguais . O raciocínio lógico , por mais complicado que pareça , sempre poderá ser reduzido a uma identidade básica e auto-evidente .

Proposições ou juizos analíticos são aqueles que se obtém analisando ou decompondo um juizo anterior em suas partes , sem nada acrescentar ou retirar . Juizo é um pensamento , enquanto proposição é a frase que o expressa . Teoricamente ambos se equivalem , embora um mesmo juizo possa ter várias proposições que exprimem uma identidade . Isto é o que se denomina nexo evidente .

A transmissão de veracidade constitui por si mesma uma evidência , por ser uma identidade . Em duas proposições , uma transmite sua veracidade à outra porque esta outra é igual a primeira , embora não revele de imediato . Uma longa dedução matemática , por exemplo , se reduz no final a uma única proposição , feita com inúmeras variações , diferentes na forma ou na composição dos elementos , mas com um mesmo juizo . Estas são exigências que todas as ciências tentam alcançar . Idealmente uma ciência busca organizar seus conhecimentos de tal modo que uns possam ser deduzidos dos outros, criando com os diversos dados da realidade uma cadeia dedutiva . O mesmo encadeamento de proposições que se observa na lógica deve ser observado entre os fatos . O pensar lógico é o pensamento da identidade , não existe outra maneira de se conectar dados . Tanto a fantasia quanto o pensamento funcionam pela lógica . Não há nenhum tipo de pensamento verdadeiro que seja ilógico . Podemos , no máximo , admitir que os dados considerados isoladamente sejam extra- lógicos .

Porém , qualquer operação que se faça com eles já é lógica , inclusive as operações de apoio . Os pensamentos de ordem simbólica , mágica ou analógica , consistem em esquemas lógicos , sempre . O famoso antropólogo Lévi-Bruhl defendeu a tese de que os povos primitivos pensavam com categorias extra-lógicas ou pré-lógicas. Tal idéia esteve em voga entre 1890 e 1920 . Trinta anos mais tarde , o próprio Lévi-Bruhl refutou sua tese , e reconheceu que a estrutura de pensamento dos povos primitivos é positivamente como todas as outras , ou seja , é lógica . A estrutura de um sonho é lógica , assim como a estrutura de um delírio também é lógica ; não há outra forma de pensar , se algum significado existe .

Para se alcançar a veracidade deve-se recorrer a identidade . Do contrário , para inteligir qualquer coisa , teríamos que conservar na memória todas as etapas da cadeia lógica , o que é impossível . Conseguimos pensar porque não precisamos conservar a seqüência inteira na memória . As diversas proposições são desdobramentos , são distintas variações em torno de uma única . A fórmula de combinação baseia-se na identidade. Na proposição $a = a$ já se dá a identidade e a diferença . Representamos esta identidade mediante o primeiro a e o segundo a , que , no tempo , não são iguais , são dois signos , que se referem a uma identidade atemporal . Uma identidade pode ser pensada de modo direto , portanto simultâneo . A uma identidade indireta chamaremos proporção . A totalidade das leis da lógica se reduz a dois conceitos : identidade e proporção .

A proporção é uma forma indireta de identidade . O mundo do simbolismo é o mundo das proporções , das analogias . Existe uma identidade entre o modo de raciocínio simbólico e a álgebra . Não se pode expressar completamente o significado do símbolo , mas é possível fixar exatamente a relação dele com outro símbolo . Por exemplo , ao definirmos o símbolo do Leão temos infinitos significados . Entretanto , podemos estabelecer a relação entre este símbolo e um outro símbolo animal qualquer , usando dois símbolos minerais , como no seguinte caso : o Leão está para o Centauro , assim como o ouro está para o estanho . Isto é matematicamente rigoroso . Realizamos inúmeras operações com símbolos , sem poder manifestar na íntegra o significado de nenhum deles . Todas as conversões de símbolos , inclusive no sonho , são desse tipo . É um mito que existam duas maneiras de pensar , uma lógica , com temática racional , e outra simbólica . Na verdade , são dois modos cognitivos radicalmente diversos .

A Astrologia é um setor ocupado por pessoas que supõem a existência de uma forma de apreensão que não se relaciona com o pensamento lógico . Ao mesmo tempo que se afirmam holísticas , começam a dividir tudo por dois , e a dizer que os dois são irreduíveis , sobretudo quando produzem imagens do tipo masculino / feminino . O universo feminino seria noturno ,lunar , sonhador , romântico , enquanto o universo masculino seria matemático , lógico , preciso , práticoetc . Todavia, a Bíblia já resolveria este problema no momento em que , pelo mito, aparece primeiro o homem , e dele a mulher , indicando que não são dois tipos de seres , e sim o mesmo ser , antes e depois . Portanto , se procurarmos , veremos que o segundo possui tudo o que possui o primeiro , e ainda algo mais que serve para uma função que é útil ao primeiro , mas que ele próprio não tem . Para cada órgão do homem encontramos um correspondente na mulher, à exceção do útero . De resto é uma cópia simétrica , onde se alternam as proporções . Porém , o que tem no segundo , que não tem no primeiro , é a razão específica que derruba qualquer simetria . A Bíblia é muito esclarecedora ao fazer a mulher surgir depois , como uma espécie de continuidade do homem, que a antecede . Não podemos compará-los em igual plano , porque se situam numa seqüência temporal . Se raciocinarmos um pouco mais , todas as imagens da simetria Yin x Yang , Sol x Lua , claro x escuro , se dissolvem . O pensamento em imagens seria como uma etapa do pensamento lógico , e vice-versa ; nunca se tem um sem o outro . E se são duas etapas ,

não podem ser simultâneas . Aliás , simetria entre Sol e Lua também ocorre apenas aparentemente , quando ambos são vistos da Terra . Tudo isto são raciocínios equívocos, derivados de falsas noções provenientes de erros cometidos no passado , relativamente ao pensamento mágico e ao pensamento lógico . Não existe pensamento mágico algum , somente pensamento, verdadeiro ou falso , seja ele mito , símbolo , sonho , ou formas algébricas .

A estrutura do simbolismo astrológico é idêntica a da Lógica de Aristóteles , como se fossem a mesma ciência , uma dita com conceitos , outra com símbolos . A Astrologia projeta um simbolismo espaço-temporal , no qual estudamos uma região específica do cosmos e os movimentos que se dão lá , através da sombra entre esses movimentos e das relações entre os ciclo solar e lunar . A relação entre o zodíaco solar e o lunar é semelhante a que se verifica entre o que denominamos evidência direta e evidência indireta . É fácil perceber que a evidência indireta na verdade não existe , é apenas a aparência de uma evidência direta que está oculta , assim como a luminosidade da Lua também não existe , trata-se da aparência da luminosidade de um outro , que é o Sol . Como demarcamos a posição da Lua ? Não é pela posição da Terra em relação ao Sol ? O movimento da relação Sol e Terra delimita as direções do espaço . Se não houvesse Sol, não saberíamos sequer onde estamos . Depois que nos posicionamos quanto ao Sol , podemos fixar as posições da Lua . Com a relação entre os dois ciclos estabelecemos uma sequência temporal . Se o Zodíaco solar tem doze direções , o zodíaco lunar tem 28 dias . Aí começa a diferença , pois o zodíaco solar é determinado espacialmente e o zodíaco lunar temporalmente . E nas ambigüidades entre ambos , espacial e temporal , é que se observa a relação entre a ordem do raciocínio , o que será explicado mais adiante detalhadamente . No entanto , isto tudo se refere a Astrologia Pura , que não é nossa área de interesse , embora não possamos abandoná-la completamente .

A Caracterologia surgiu dentro da Psicologia a partir de 1910 , com a obra " Os Fundamentos da Caracterologia " , de Ludwig Klages . Devemos , à princípio , separar a história do desenvolvimento da Psicologia em três etapas de duração muito desigual .

A ciência da Psicologia foi formulada primeiramente por Aristóteles , porém o que ele entendia por Psicologia era parte integrante da Cosmologia . Na Filosofia da Natureza , Aristóteles chamou de Física o que se dividia em : Cosmologia , ou o estudo do inorgânico , e Biologia , ou o estudo do orgânico . Atualmente estes nomes estão mudados . O que para Aristóteles era Filosofia Natural denomina-se hoje Cosmologia , enquanto a Biologia teria como equivalente a Psicologia , no caso uma Psicologia cósmica , ou seja , o estudo das manifestações vitais, dentre as quais as de caráter psíquico . Quando Aristóteles elaborou a ciência da Psicologia , estava interessado em um tipo de fenômeno que acontece no cosmos , particularmente os de ordem vital . Ele considerava a psique como uma das manifestações de vida , e se empenhou mais em descobrir como é possível haver psique no cosmos , do que em pesquisar assuntos que vieram a se tornar objetos da Psicologia . Saber porque existe psique no cosmos não é um tema que motive a Psicologia contemporânea .

Durante um longo tempo , a Psicologia permaneceu medianamente como Aristóteles a concebera , isto é , como um estudo pertinente ao que chamamos Cosmologia . O livro " A Vida Secreta das Plantas " , por exemplo , é pura Psicologia aristotélica . Se existe psique , se existe bios , vida , seja de gente , de bicho , de planta , de pedra ... , pouco importa , é tudo Psicologia . Outro exemplo é a questão relativa à extinção da alma quando o indivíduo morre , o que para Aristóteles era matéria psicológica . Ele usava a palavra psique em sentido amplo, e isto marcou a evolução da Psicologia até o século XIX , quando surgiu uma nova orientação .

A segunda etapa do desenvolvimento da Psicologia foi representada pela Psicologia Experimental , que procurou investigar , por meios práticos , fenômenos reconhecidamente psíquicos , como a memória . Para se estudar a memória não é preciso uma definição de psique , o que também vale para as sensações , associação de idéias , ou as emoções , pois é pressuposto que estas são manifestações psíquicas . A Psicologia Experimental relegou a psique como um todo e se dedicou as suas operações específicas tais como memória , emoção , sensação , etc, tentando aos poucos recompor a totalidade à partir dos fatos observados em cada uma dessas funções .

A Psicologia de Aristóteles e a Psicologia do século XIX incidem sobre um único objeto , porém com propósitos completamente diferentes . Isto significa que o objeto material é o mesmo , mas o objeto formal é outro . Uma pesquisa realizada por Frechner , um dos fundadores da Psicologia Experimental , ilustra bem o que se entendia por estudo psicológico naquela época . Frechner queria estabelecer onde termina a esfera do corpo e onde começa o que se chama de psique . Para resolver este problema ele criou o seguinte método : acende-se uma luz na frente do olho do indivíduo e, ao fechar do olho , mede-se o tempo de conservação dessa imagem na retina . Mas o que determina o tempo dessa duração ? A primeira razão poderia ser a intensidade da luz , um fator meramente físico . Entretanto , uma luz de igual intensidade difere no tempo de permanência em vários indivíduos . Poderíamos medir pela sensibilidade menor ou maior de cada olho , embora um mesmo indivíduo apresente tempos de retenção da imagem que se modificam a cada experiência . Se abstrairmos os fatores puramente físicos , isto é , a intensidade da luz e a sensibilidade maior ou menor do olho , ainda resta um terceiro fator que parece alterar a fixação da imagem na retina : a atenção , que possui caráter individual e infinitamente variável . Frechner , então , raciocinou que se fosse possível marcar exatamente os momentos de entrada e de saída do estímulo , poderia se quantificar a atenção . Se temos uma sensibilidade ótica x e uma luz de intensidade y , temos uma relação matemática constante . Quando ocorre uma oscilação é resultado da intervenção de um outro fator , que é subjetivo .

Para Frechner , toda a parte física , tanto corporal quanto psíquica , consistia numa equação . Ele era um pitagórico e acreditava que tudo poderia ser expresso numa linguagem de números . O excesso de Matemática, de quantificação, não provém do mundo lógico , científico , e sim de um esoterismo pitagórico . Frechner criou a fórmula que ficou conhecida como a Lei de Frechner , a qual , hoje sabemos , não tem um funcionamento rigoroso . Existe uma diversidade de fatores intervenientes que não são de ordem física , e portanto , em última análise , não são quantificáveis . Todavia , a Lei de Frechner , típica da Psicologia Experimental , perdurou por quase cem anos .

Um outro invento da Psicologia Experimental foi o mecanismo de associação de palavras , desenvolvido por Jung . Neste método , toma-se uma lista aleatória de palavras que não se repetem e pede-se que para cada palavra mencionada seja falada uma outra , que acabará por se repetir em algum momento , embora a lista original não se repita jamais . Pelas repetições se chegará ao núcleo de preocupações subconscientes de uma pessoa. Isto significa que a associação de palavras obedece a uma tendência repetitiva , a qual , por sua vez , está ligada a presença de determinadas emoções no sujeito .

A Psicologia Experimental também se ocupou em medir a intensidade de quase todas as sensações : por exemplo , a diferença entre o paladar de diferentes indivíduos, em diferentes circunstâncias ; a diversidade de respostas à estimulação acústica , visual , tátil , etc . Isto mostra que a psique não era observada em si mesma , ou na sua essência , mas nos fenômenos que a revelavam . O estudo científico-experimental destes

fenômenos produziu leis que expressam a regularidade do comportamento de áreas da psique , como a memória , a linguagem , o aprendizado , as sensações e etc .

Por volta do inicio do século XX , sucedeu-se uma reação contra a orientação experimentalista dominante na Psicologia . Esta reação argumentava que a psique se encontra somente nos indivíduos concretos , e portanto não existe uma psique geral . A psique se manifesta unicamente no ser psíquico , assim como a vida se manifesta apenas no organismo vivente . Onde houver algo que se possa chamar vida , temos um organismo . Nunca vemos a vida em si própria , porque ela é um conceito universal patente nos seres vivos . A psique é igualmente um conceito universal que se evidencia no ser individual , o que indica que a singularidade faz parte da natureza da psique . A Psicologia Experimental do século XIX proporcionou informações genéricas sobre a memória , as sensações e a linguagem , mas não trouxe nenhum conhecimento efetivo sobre o ser psíquico . É uma Psicologia destituída de objeto real , que só possuía um objeto ideal , a psique . Começaram , então , as objeções contra este tipo de Psicologia , até que no final do século XIX a atenção dos psicólogos se desviou dos fenômenos psíquicos , tal como entendidos pela orientação experimentalista , para o estudo do indivíduo particular .

A abordagem do individual apresenta basicamente duas direções : a primeira é histórica , ou seja , narra a evolução de um sujeito como de fato aconteceu , e procura o encadeamento das causas que o afetaram e o deixaram como está no momento . É disto que trata a Psicanálise , que é uma abordagem simultaneamente histórica e etiológica do ser humano . A segunda direção é caracterológica , que não se propõe a explicar porque alguém ficou como está , mas busca detectar a diferença entre as pessoas . A Caracterologia pretende demarcar tais diferenças e não apontar suas causas . Estas são as duas grandes direções que norteiam a Psicologia do século XX . A Psicologia Experimental, por seu lado , não parou , tendo realizado importantes descobertas com as pesquisas de Piaget.

Temos , assim , três vertentes de Psicologia : a Psicologia Cosmológica , também chamada Psicologia Reflexiva ou Racional , que define o lugar da psique no conjunto do cosmos , de acordo com Aristóteles . Esta vertente encontrou uma variedade enorme de expressões , continuando inclusive depois do advento da Psicologia experimental no século XIX . Finalmente, no século XX , surgiu a Psicologia direcionada para o indivíduo concreto .

A concepção de uma psique singular , intransferível , que constitui o verdadeiro centro da atenção , é originária do cristianismo . Aristóteles não acreditava que o indivíduo tivesse uma alma própria . Segundo ele , no momento da morte a vida biológica acaba . O que sobrevive no homem são as partes superiores da psique , isto é , a inteligência , a qual aliás é universal . Quando a pessoa morre sobra dela apenas o que é universal ; individualmente não sobra nada . É com a idéia de imortalidade da alma que , gradativamente , a psique singular ganhou proeminência . Transcorreram 1900 anos para que a alma, tal como entendida pelo cristianismo , se tornasse objeto de ciência .

O pensamento religioso falava de uma alma individual irredutível , insubstituível , totalmente diferente das demais . Em contrapartida , a Psicologia cosmológica explicava a alma sob o ponto de vista aristotélico . A Psicologia Experimental , por seu lado , enfocou uma psique ainda mais abstrata . Freud e Klages é que pela primeira vez trataram o ser humano na sua singularidade . Isto mostra que as distintas esferas da cultura não evoluem sincronicamente . Só se pode falar de uma Psicologia que seja coerente com a noção cristã de alma a partir de 1900 . A idéia religiosa de individualidade da alma havia permanecido sem consequências científicas até então . Curiosamente , nenhum dos responsáveis pela introdução deste assunto no terreno da

Psicologia eram cristãos . Freud era judeu , mas não tinha fé nem no judaísmo ; era completamente ateu . Klages era flagrantemente anti-cristão . Não deixa de ser uma ironia que ambos tenham levado para a Psicologia uma concepção que a humanidade recebeu do cristianismo , qual seja , a da irredutibilidade da alma . Isto significa que o ser humano não pode ser conhecido exclusivamente pela sua redução ao gênero ou a espécie . Se sabemos de uma pessoa tudo que a Psicologia Experimental pode informar a respeito de sua memória , sensações , etc , ela concretamente nos escapa . A síntese da individualidade vai além da soma dos elementos isolados , possuindo um fator unificante que a tudo transcende , e que é justamente o que permite ao sujeito ser ele e não outro .

Na época de Aristóteles não se admitiria que aquilo tido como singular fosse objeto de ciência . Aceitava-se apenas a ciência do genérico , pois para Aristóteles o individual só era cognoscível intuitivamente . Klages , porém , propôs um conjunto de esquemas para tornar a singularidade mais clara . Uma ciência centrada no singular não pretenderia obter leis gerais , mas sim critérios diferenciais . A Psicologia passou , assim , por uma longa evolução até se fixar exatamente naquilo que , segundo Aristóteles , não poderia ser objeto de ciência .

A Caracterologia busca , sobretudo , verificar como o indivíduo é uma unidade particular , e como ele pode se distinguir dos demais de várias maneiras . Fisicamente , por exemplo , existem variações de altura , de peso , de cor . Há uma enorme lista de princípios que pode ser ampliada quase que indefinidamente , até superar o número de indivíduos reais . Atualmente está sendo realizada uma pesquisa para se descobrir todas as combinações possíveis do ADN . É lógico que estas combinações vão além da quantidade de indivíduos existentes . Do mesmo modo , pela Astrologia se pode fazer o horóscopo de amanhã , que apresentará um conjunto de critérios diferenciais que não se manifestaram em nenhum ser humano ainda . Quando o número de critérios ultrapassa o de indivíduos , então estamos muito perto de captar a singularidade .

A Caracterologia é um sistema de classificações que longe de limitar as diferenças individuais a critérios unívocos , ao contrário , aumenta o número destes , para se aproximar cada vez mais da totalidade de distinções possíveis . A Psicologia Experimental procedeu como qualquer outra ciência , partindo da profusão de fenômenos e subordinando-os a determinadas leis . Quando se opera a redução de vários fenômenos naturais à uma única lei , como no caso da eletricidade , gravidade , etc , tal lei expressará de forma unívoca o processo causal que está presente numa infinidade de fenômenos diversos .

Se a ciência experimental restringiu a multiplicidade fenômenica à unidade de uma lei , a Caracterologia fez precisamente o oposto . Ao invés de adequar os seres humanos à tipos , como por exemplo , as raças , resumiu todas as diferenças à uma dominante . Isto significa que para a ciência experimental , a multiplicidade é um problema e a unidade é a solução . Para uma ciência generalizante como a Psicologia experimental , o que interessa é recortar um aspecto do objeto e formular abstrações que resultam nas leis psicológicas . Para a Caracterologia ocorre o inverso , pois seu intuito é alcançar uma diferenciação que permita descrever cada indivíduo , sem reduzi-lo a semelhanças com outros . Para isso deve-se , primeiramente , diminuir o número de critérios e ampliar o número de leis . Nas ciências singularizantes vários conhecimentos científicos se articulam , tendo como centro um objeto único . Ao contrário das ciências generalizantes , as singularizantes sempre procuram saber o máximo sobre um caso em particular , cruzando para isso as informações que o tornam mais específico . As perspectivas são radicalmente diversas , conforme a intenção : ajustar os casos singulares a leis , ou então observar exaustivamente um determinado caso . Nas ciências

generalizantes reduz-se o número de critérios , de maneira que os menos importantes sejam absorvidos pelos mais importantes , e os mais singulares sejam absorvidos pelos mais gerais , até se obter uma ou duas leis que expliquem o conjunto . No que se refere as ciências singularizantes , o número de critérios cresce até atingir o ponto onde não é mais necessário utilizá-los para distinguir um indivíduo , porque este já foi identificado . A idéia da Caracterologia depende da compreensão destes conceitos .

Na mesma época em que surgiu a Caracterologia , surgiram também outras tendências do mesmo tipo . Freud , por exemplo , se interessou pelo indivíduo concreto , embora tenha sintetizado sua história na expressão de uma lei , que denominou Complexo de Édipo . Mas se Freud se voltou para o aspecto particular , ele não é tão individualista quanto Klages , pois ainda manteve resquícios do enfoque experimental dentro da Psicanálise . Com Klages a ruptura foi total , porque ele não pretendeu generalizar nada , apenas estabelecer o critério conveniente para descrever , com o maior rigor , um indivíduo real .

Entre a Psicologia experimental , que é genérica , e a Caracterologia , que busca o indivíduo singular , existem escolas e correntes intermediárias , que constituem toda a gama de psicologias da personalidade que se desenvolveram no decorrer do século XX . A diversidade de teorias sobre a personalidade e o caráter tentam , em última análise , explicar aquilo que no indivíduo , é próprio dele , ou seja , é uma combinação que não se repete em nenhum outro . Aliás , pode até se repetir , mas é por mero acaso , e o que importa é realmente a diferença .

Podemos estudar o ser humano sob variados aspectos , tais como composição racial , cultural , social ou física . No entanto , sempre estaríamos reduzindo a multiplicidade à uma singularidade . Se somássemos todos os dados , poderíamos elaborar uma Tipologia mais definida , porém não responderíamos a questão da individualidade . Saber a composição racial , a classe social ou tipo físico de um indivíduo , não implica em conhecê-lo concretamente . Podemos analisar um ser humano não segundo aquilo que o iguala aos demais , mas no que ele possui de incomum , de peculiar . Usando os conceitos da ciência generalizante , ao cruzarmos as informações a somatória será de cunho genérico , não captando o individual . Quando se chega até o um , este não consiste no singular irredutível , é o um apenas casualmente . Ao partirmos de informações gerais , somente poderemos fazer uma singularização quantitativa , que apreende o sujeito enquanto integrante de grupos ou categorias . Se , entretanto , coletamos informações no sentido de particularizá-lo , devemos seguir uma outra linha de pesquisa . Se queremos conhecer uma vida , que é dotada de uma unidade biológica e temporal , e encadeia fatos numa certa ordem que não se reproduz em nenhuma outra , não iremos privilegiar a classe social ou a raça de alguém , embora possamos nos valer desses elementos como referência , não como amostra de leis gerais .

O que marca a ciência singularizante é o ângulo desde o qual ela investiga . Como a singularidade não consiste numa simples acumulação de traços gerais , quantos critérios diferenciais se deveria ter para delimitá-la ? Distinguimos a singularidade por um fator inexpressível , e é justamente aí que entra a Caracterologia . Esta é uma ciência que requer percepção e sutileza para observar nuances e uma capacidade expressiva notável . Klages detectou diferenças tão tênues , que chegou a " torcer a língua , em seu limite máximo " para poder revelá-las , e fez isso não em linguagem simbólica ou artística , mas em linguagem científica , conceitualizando tais diferenças . O mesmo esforço é exigido na compreensão de um mapa astrológico . Para se enunciar singularidades , muitas vezes esbarramos na insuficiência da linguagem ; um sujeito pode ser indizível , ou uma diferença pode ser quase imperceptível .

Sem utilizarmos a expressão literária , que é de tipo simbólico e não atende a distinções conceitualizáveis , poderíamos relacionar as peculiaridades de um indivíduo e inclusive escrever sua biografia . Se tomarmos várias biografias, que se desenrolam no tempo , e as recortarmos em quadros simultâneos , isto é Caracterologia . Muitas vezes teremos que recorrer ao instrumental das ciências generalizantes , porém com ponto de vista contrário . Devemos ressaltar que para haver uma ciência singularizante , é pressuposta a existência anterior de uma ciência generalizante . Se a Caracterologia surgiu depois da Psicologia experimental foi pelo fato desta não ser plenamente satisfatória .

O ponto que a Caracterologia atinge é o mesmo a que pretende a Astrologia ao desenhar um mapa natal , no qual se manifesta um modelo singular . No entanto , em que medida podemos obter pelo método caracterológico uma descrição de personalidade que corresponda exatamente a descrição realizada pelo método astrológico ? Se isto não for possível , então não existe Astrologia alguma . Nem toda descrição de personalidade equivale estruturalmente ao horóscopo e , portanto , nem todas podem ser objeto de comparação . Shawn Carlson , por exemplo , no teste de personalidade , avalia o coeficiente de liderança por média estatística . Isto não é viável em Astrologia , pois coeficiente de liderança não é um traço que possua correspondência no mapa natal . Precisamos de dois relatos do perfil individual , estruturalmente idênticos , um feito por meios astrológicos e outro por meios extra-astrológicos , para procedermos à comparação . A Caracterologia de Klages indicou o caminho neste sentido , porque , tal como a Astrologia , insiste na singularidade enquanto base do ser humano . Podemos até afirmar que a idéia de caráter exposta por Klages seja especialmente propícia à comparação com o horóscopo . Isto significa que , aplicando-se as categorias caracterológicas a um indivíduo , podemos descrevê-lo corretamente , sem conhecer seu mapa natal . De igual modo , examinando apenas o horóscopo poderíamos chegar a mesma descrição individual efetuada pela Caracterologia . Somente assim é possível concluir que a hipótese apresentada reveste-se de conteúdo científico .

Levantar tal questão e tentar resolvê-la sistematicamente , verificando se a investigação é viável ou inviável , este é o propósito da Astrocaracterologia . É um método trabalhoso , mas que no final sugere uma definição de caráter e , por outro lado , interpreta um mapa astrológico , realizando o cruzamento de ambos . A Astrocaracterologia prova que a Astrologia tem algum fundamento , e mostra que o horóscopo representa uma fonte de informações sobre o indivíduo , embora não tão exaustiva como os astrólogos supõem . Na realidade , descobrimos bem menos do que pretendemos , mas se as posições planetárias são significativas de um único traço de caráter , isso já é considerável . Michel Gauquelin esteve próximo de solucionar o problema , todavia não conseguiu porque se deteve no aspecto genérico . Sua pesquisa aponta a existência de um fator astrológico , o qual não exclue a possibilidade de intervenção de uma infinidade de outras variáveis . No entanto , a confirmação do fator astrológico não esclarece por qual ângulo devemos estudá-lo .

A Astrocaracterologia tenciona ser um passo adiante . Partindo do que afirmou Gauquelin , o que mais poderia ser elucidado , não só no tocante aos fatos , mas ao estabelecimento de um método próprio , que mais tarde permita avaliar a veracidade ou falsidade das alegações dos astrólogos ? Quando se diz , por exemplo , que Saturno na casa IV sinaliza dificuldades com o pai , isso é verdadeiro ou falso ? E do que depende a resposta ? Indivíduos com Saturno na casa IV podem ter ou não problemas com o pai , outros podem nem ter pai . Onde , então , se manifesta a diferença ? Qual é a importância respectiva de um fator astrológico e de um fator não astrológico ? Para abordar esta questão , teremos que delimitar o território do que é puramente astrológico

Uma ciência começa quando seleciona seu objeto , o qual não pertence a qualquer das ciências pré-existentes , constituindo uma esfera distinta do real . Existe uma faixa de fenômenos na psique humana que é genuinamente astrológica , e não pode ser explicada por nenhuma ciência . No exemplo citado , do " conflito com o pai " , isto evidentemente não é astrológico na sua essência , pois se foi a convivência com pai que o determinou, podemos reconhecer aí a interferência de outras causas . Devemos abandonar qualquer fator de composição mista , ainda que contenha aspectos marcadamente astrológicos . O resultado desta depuração é o que denominaremos de astrocaráter .

2ª AULA - 11 / 12

Tendo examinado a noção de Caracterologia , poderíamos concluir este assunto comentando três parágrafos relativos as camadas da personalidade , que integram um dos capítulos do livro " O Caráter como Forma Pura da Personalidade - Elementos para uma Astrocaraterologia " .

AS CAMADAS DA PERSONALIDADE Parte I - Preliminares

1 - " O conceito de personalidade abarca duas idéias diferentes: a da integração mais ou menos perfeita - ela é o conjunto ou o sistema de tudo o que há em mim - e a de individualidade : a forma que em mim assumem os elementos que em mim figuram me pertence propriamente e me distingue dos outros " . (Gaston Berger, " Caractère et Personnalité " , Paris, PUF, 1954, p.2) .

Aqui é mencionada a individualidade, que significa, em última instância , uma espécie de indivisibilidade . Os elementos da personalidade só podem ser separados abstrativamente . A unidade e coesão que marcam propriamente um indivíduo é , segundo Aristóteles , um composto indivisível . Isto também quer dizer que quando nos referimos a existência da carne e da alma , a carne do corpo humano é diferente da carne do animal, ou seja, tem uma forma adequada à manifestação da psique e da inteligência humanas . A individualidade se expressa, portanto , não apenas através do comportamento , mas igualmente da forma corporal. Não se pode trocar de personalidade independentemente da forma , pois, do contrário, qualquer Tipologia física seria inviável . Podemos identificar padrões corporais bem definidos que , conforme o desenvolvimento maior ou menor dos tecidos - nervoso, muscular e adiposo - ,resultariam em três tipos característicos, tanto fisicamente quanto no tocante a personalidade . O tipo sensitivo corresponderia ao nervoso; o tipo ciclotímico ao adiposo , que tende ao maníaco-depressivo ; o tipo atlético ao muscular. Delineamos, assim, tipos de corpos e comportamentos , e isto já basta para provar que o temperamento é um aspecto da personalidade , que transparece no feitio corporal .

O centro do interesse da Caracterologia é justamente a forma individual que, em princípio, só pode ser concebida intuitivamente,isto é, percebida como um todo mediante o contato direto . Ao vermos uma pessoa captamos pelo modo de sua presença uma individualidade , inconfundível com qualquer outra , o que não implica que a tenhamos apreendido por inteiro , mas sim o suficiente para distinguí-la das demais . Em que consiste a individualidade , como verbalizar isto e como dar um fundamento científico a tal diferenciação ? Nisto se resume a questão essencial da Caracterologia .

2 - Definições de personalidade :

H. Piéron : " A personalidade representa essencialmente ... a unidade integrativa do homem , com todo o conjunto de suas características diferenciais permanentes (inteligência , caráter, temperamento , constituição) e suas modalidades próprias de comportamento " . (Vocabulaire de la Psychologie , p.210) . W. Sheldon : " A organização dinâmica dos aspectos cognitivos , afetivos , fisiológicos e morfológicos do indivíduo " (cit. por Piéron , id. , ibid.) .

Esta indivisibilidade não é simples , mas composta de elementos. Quais seriam eles ? E mais ainda, podem os indivíduos se diferenciar pelas distintas dosagens dos vários elementos que entram na sua composição ? Ou ao contrário , existem diferenças que estão além da quantidade dos elementos ? A forma total , a coesão de um indivíduo, é apenas a somatória das diversas dosagens de combinações possíveis , ou existe um outro fator que é irreductível, ou seja , uma marca individual , que não se limita à diferenças nas quantidades ou nas disposições dos elementos ? Toda Caracterologia

parte do princípio que sim ; e toda Tipologia parte do princípio que não . De acordo com esta definição, fazemos uma Tipologia quando reduzimos as diferenças individuais à determinadas variações na quantidade e combinação dos elementos. Por outro lado , fazemos uma Caracterologia quando invertemos tal perspectiva e enfocamos as distintas dosagens em função da diferença individual .

A Caracterologia aspira ao singular , absolutamente inconfundível. Em termos tipológicos isto é inapreensível . A Tipologia seleciona traços que depois de observados e quantificados , resultarão em uma certa combinatória , presente em inúmeros indivíduos. A Caracterologia, por sua vez, não está interessada na multiplicação dos aspectos pelos quais se pode abordar o indivíduo, e sim na idéia de que existe uma singularidade , que combina estes aspectos de infinitas e imprevisíveis maneiras . A Caracterologia de Le Senne , por exemplo, chama-se erroneamente Caracterologia , pois na verdade é uma Tipologia . A única Caracterologia pura é a de Klages . É importante ressaltar que Caracterologia é uma totalidade única , irredutível à quaisquer combinações . A única combinação possível é a do indivíduo concreto , e se tentará dizer dele precisamente aquilo que não poderia ser dito de mais nenhum outro, ao invés de restringir sua especificidade às diferenças dos elementos que o compõem . Isto demonstra que a Caracterologia vai um passo além da Tipologia .

A Astrologia , pelo menos a Astrocaracterologia , não chega a ser uma Caracterologia . Ela constitui uma Tipologia refinadíssima , porque ainda não abrange o indivíduo concreto , que no caso é tratado como um tipo , embora muito próximo da singularidade . O único instrumento de apreensão do indivíduo particular é a evidência intuitiva , realizada pela expressão artística ou narrativa . Contar a vida de uma pessoa não é submetê-la à uma Tipologia , comparando-a com outra, mas admiti-la enquanto única , dotada de uma ordem intrínseca . Cada biografia é um modelo de si mesma , e não pode ser resumida à apenas uma variante dentro de um princípio geral . Neste sentido, cada vida pode ser considerada como arquetípica , e é necessário transpô-la à um nível de clareza para que represente algo ; tal é a arte do romancista. Este é um modo de inteligir o indivíduo ; o outro modo é pelo contato direto , que requer extremo interesse e atenção , além da capacidade de sentir o indivíduo pela sua simples presença física .

A Caracterologia de Klages é como uma ciência desenvolvida em torno da impressão imediata e da arte narrativa . Klages não chegou a ler a obra de Husserl , que resolve o problema que o próprio Klages colocou , que seria o conhecimento de um ser pela descrição da modalidade de presença dele na consciência . Normalmente , as impressões que temos do mundo são autênticas , apesar de vulgares , e as transformamos em esquemas por nós mesmos inventados . Se , ao contrário , analisássemos o que sabemos de uma pessoa , o que nos passou pela consciência , teríamos dados que em geral desprezamos. Tendemos a simplificar, categorizar , tipificar , e acabamos por perder o indivíduo concreto , que só é cognoscível de três formas : presença imediata , narrativa e fenomenológica , a qual se baseia no exame da modalidade de presença na consciência . A Fenomenologia é um método verdadeiramente eficaz , porque permite a obtenção de conhecimentos apodíticos a respeito de fatos até insignificantes . Por exemplo , as inúmeras expressões que uma pessoa apresenta é uma linguagem rica , que muda a cada segundo , na qual frequentemente não reparamos , mas se , de acordo com nosso empenho , a captamos , podemos retê-la na memória . O romancista é aquele que observa um tipo real ou cria um imaginário , conseguindo relatar cada expressão demonstrada , cada acontecimento vivido .

Como dar um fundamento científico à percepção da singularidade ? Tal foi a questão proposta por Klages . Como fazer isto sair do universo literário e adquirir validade científica ? Klages teve esta iniciativa ,que depois alcançou um desenvolvimento maior

com a Fenomenologia . É importante se notar a singularidade , e então verificar que o mapa astrológico jamais a apreende , ao se olhar para o rosto de um indivíduo se pode saber infinitamente mais do que através de seu horóscopo .

3 - Em vista de tais definições , Berger observa que " a Psicologia geral isola por abstração um certo número de funções : memória , percepção , imaginação , etc . O estudo da personalidade , ao contrário , é uma investigação concreta que se empenha em compreender como todas as funções operam juntas e reagem umas sobre as outras , num homem determinado , ou em tal ou qual categoria de homens " (op.cit. , p.3) .

A Psicologia geral vai separar determinadas funções humanas,como as sensações , a memória , a fala , os sentimentos, e assim por diante . O que for coletado sobre a memória se converterá numa generalização , que vale para todos os seres humanos . Desta maneira não se apreende o indivíduo concreto , apenas o que é genérico nele. O mesmo será feito com a percepção , a linguagem , etc . Reunindo estes conceitos gerais, se observará como as funções psicológicas se organizam nos indivíduos , e como cada uma delas afeta a outra . Por exemplo , se sabemos como funcionam a atenção e a memória , poderíamos perguntar como se interagem . Uma quantidade maior de atenção deveria , em princípio, fixar algo mais profundamente na memória, mas tal não ocorre . Por vezes , o dado que permanece é precisamente aquele no qual se prestou menos atenção .

Temos o caso da experiência com o taquestoscópio (vide apostila BLOCO I - OUTUBRO / 1992 - 3^a Aula) , que projetava , por intermédio de um aparelho , pontos que formavam certos padrões . As imagens eram projetadas em tempo variável , algumas por minutos e outras por frações de segundo , de modo que as últimas não pudessem ser percebidas conscientemente . As pessoas que se submetiam ao teste declaravam ter sonhado com as imagens , embora exatamente com aquelas que não haviam percebido conscientemente, o que significa que o dado conservado na memória foi o que se prestou menos atenção . Existe aqui uma relação ambígua , dialética , e nesse sentido poderíamos indagar também como a memória e a atenção colaboram ou entram em conflito nos indivíduos . Teríamos como resposta uma descrição baseada em conceitos gerais , o que não constitui propriamente Caracterologia , e sim uma Tipologia. É uma operação dupla, que caminha do universal para o singular , ou seja , parte dos conceitos de memória , sensação , etc., que são genéricos , e depois os reduz para que se ajustem a um caso particular , que somente assim pode ser compreendido . O geral é o contrário do particular ; o singular é o contrário do universal , pois representa cada um , considerado não como parte de um todo , mas em si mesmo .

A Caracterologia enfoca o indivíduo não pelo prisma das distinções gerais, mas busca conhecer sua forma peculiar , elegendo categorias que permitem examiná-lo . Na Caracterologia pura cada indivíduo indica , pela sua presença , pela sua vida , os aspectos pelos quais pode ser estudado , e as perguntas que podemos fazer a seu respeito , e as que não podemos . Por exemplo , para algumas pessoas a convicção religiosa é um fator central , para outras é um fator periférico . Se existe um lado no homem que é espiritual , isto pode não se revelar na sua atitude perante a religião, o que é algo completamente diferente. Não há um critério para determinar que a singularidade seja preferencialmente observada por este ângulo , e não por outro .

Cada indivíduo sugere , pela forma de sua presença , o conjunto das categorias pelo qual deve ser analisado . Em princípio uma forma é completa , captável no momento em que se evidencia, mas em alguns casos isto não se dá , o que se pode resolver por intermédio da adequação do observador à forma de uma presença . Se o selecionador de pessoal de uma empresa precisar de um gerente , vai avaliar os candidatos em função das exigências do cargo ; aqui toda informação obtida é tipológica . Caracterológico seria

ver o ser humano de acordo com a sua própria ordem de construção , segundo o que para ele é mais significativo em sua vida . Se olharmos os indivíduos pelos pontos que lhes são neutros , poderemos apreender um dado meramente social, um mecanismo inconsciente , relevante ou irrelevante . Para certas pessoas a maneira de vestir é fundamental, uma marca de individualidade , quer seja para se vestir bem ou mal, enquanto para outras tanto faz estar vestida ou não . Isto implicaria , então , que a pessoa optou por este desinteresse, ou se desinteressou por coincidência ? A sua presença mesma aponta uma hierarquia de interesses .

O relevo da individualidade é a essência da Caracterologia , da verdadeira compreensão da singularidade ; é a suprema expressão do respeito pelo ser humano . A palavra respeito vem do latim , e significa aceitar algo como realmente é. Se desenvolvermos esta intenção , constataremos o abismo que existe entre o indivíduo e o horóscopo, o qual corresponde a uma Tipologia. O caráter , no sentido astrocarakterológico , não representa a individualidade , porque um único caráter admite várias personalidades diferentes , que inclusive sofrem alterações no decorrer das etapas de uma vida. O que é redutível é a personalidade , o caráter não , pois ele é uma estrutura de base .

3ª AULA - 12 / 12

A única Caracterologia propriamente dita é a de Klages, as demais consistem em Tipologias , nas quais , assim como na Psicologia experimental , nunca se chega a conhecer indivíduos reais , somente esquemas . Por exemplo , um tipo junguiano , como o intuitivo- extrovertido, não existe concretamente, é apenas um conjunto de caracteres comuns discerníveis em vários seres humanos, que sob outros aspectos podem ser inteiramente diferentes entre si . Deste modo, dois tipos intuitivos- extrovertidos poderiam ser na Tipologia de Kretschmer, que se reporta aos tipos físicos , um viscerotônico e outro um somatotônico . Quando indentificamos alguém como intuitivo-extrovertido ou sentimental-extrovertido , não estamos afirmando nada a seu respeito . Estes conceitos se adaptam a inúmeras pessoas que , se observadas por Tipologias diversas , podem ser incluídas em séries distintas , até mesmo opostas . Por esta razão , o tipo acaba sendo irreal . Ele é como uma categoria na qual se pode inserir determinadas facetas de um indivíduo . O tipo deve ser visto não como um traço, mas como uma espécie de vazio , um jogo de quebra-cabeça , onde as peças se encaixam .

Na Caracterologia , ao contrário , temos a descrição perfeita do ser humano , que se realiza de duas maneiras : uma é através do conhecimento direto , ou seja , da presença , da convivência ; a outra é pela biografia . Os tipos seriam , por definição , moralmente neutros . Isto significa que não é melhor ser intuitivo-extrovertido ou sentimental - extrovertido . Também não há superioridade em ser um viscerotônico , um somatotônico ou um cerebrotônico , segundo a Tipologia de Kretschmer ; ou um passional ou colérico , de acordo com Le Senne . No entanto , um indivíduo singular sobre quem não possuímos julgamento moral , é justamente aquele que desperta estranheza , e perante o qual não sabemos como nos portar .

O julgamento moral , seja explícito ou implícito, representa uma parte da vida humana . Um julgamento moral positivo é fundamental para qualquer convivência , e no conhecimento individual este julgamento é inevitável . Se descobrirmos tudo com relação a uma pessoa , podendo catalogá-la à partir das Tipologias existentes , mas ao examiná-la não nos decidimos entre aprovação ou rejeição , ficamos desorientados . Isto ocorre porque captamos a pessoa sob o prisma da classificação , do seu enquadramento em certos esquemas gerais . É como se a apreendêssemos somente por comparação com outras , pois todas as Tipologias são principalmente comparativas , funcionando por amostragem .

Um julgamento com expectativa moral está sempre presente no contato com o indivíduo particular , porém ausente no estudo dos tipos , que constituem uma categoria abstrata . Sendo o tipo um ente lógico , é evidente que não se pode fazer um julgamento moral sobre ele , assim como não se pode fazê-lo sobre o conceito de triângulo . Um tipo não é autor de atos ; a ação pertence ao indivíduo concreto , e o julgamento se dirige à ele . Eventualmente podemos proceder a um julgamento coletivo , embora seja extremamente problemático quando uma coletividade erra , pois não se pode responsabilizar a todos os seus membros igualmente . O julgamento que incide sobre o indivíduo pode ser falso , no sentido de que se julgou errado , todavia é verdadeiro no sentido de que é um julgamento de fato , sobre um indivíduo real . A responsabilidade de um grupo é mais complicada de se demarcar . Não há conhecimento sobre o indivíduo singular sem enfocá-lo do ponto de vista moral . A isenção moral face a ele , seja conhecido pela biografia ou pela convivência , tornaria este conhecimento absurdo . A Caracterologia de Klages contém um forte elemento de julgamento moral , motivo pelo qual esta vertente da Psicologia permaneceu bloqueada . Os psicólogos tiveram

escrúpulos em desenvolver uma investigação que implicaria em julgamento moral , treinados como estavam a abster-se de formar juízos no plano da Psicologia geral e experimental. Na Astrocaraterologia, que é uma Caracterologia impropriamente dita , não há julgamento moral, porque se lida apenas com tipos . Mais adiante veremos que não é possível ter julgamento moral sobre um horóscopo , que absolutamente não informa se alguém é bom ou mau . Isto demonstra que o horóscopo não é individual , porque não oferece um perfil completo da personalidade . Se a partir de um horóscopo não se pode emitir nenhum julgamento , deduzimos que ele não se reveste de característica individual , mesmo que para um horóscopo só exista uma pessoa , porque não aconteceu de nascer nenhuma outra naquele exato momento .

A Astrologia em geral e a Astrocaraterologia em particular, não são , a rigor , Caracterologias e sim Tipologias, embora tão minuciosas que quase se identificam numericamente com a quantidade de indivíduos existentes . No entanto , estes indivíduos não são abordados na sua singularidade irredutível , mas na sua estrutura tipológica , apesar de haver apenas um mapa para cada qual por coincidência . Cada tipo astrocaraterológico apresenta muito menos exemplares do que os tipos junguianos , que somam oito no total .

A Astrocaraterologia se baseia numa série de conceitos criados por Klages , e tem este nome como homenagem à ele , que inventou o termo Caracterologia . A obra de Klages foi utilizada na elaboração da Astrocaraterologia , porém ficamos longe do ponto onde ele pretendeu chegar . Aliás , se Klages conseguiu realizar a captação do indivíduo , ou se parou no tipológico , ainda é uma questão por resolver . Não se pode até hoje afirmar se a Caracterologia de Klages é uma utopia ou não . Seu desenvolvimento foi impedido por várias razões , especialmente porque era uma teoria contrária as idéias dominantes na época , e que , além disso , envovia premissas de ordem metafísica . Klages acreditava que o espírito universal e a alma individual são adversários inconciliáveis . Em suma , era difícil assimilar Klages dentro do pensamento científico do início do século XX , e então ele terminou como uma figura extravagante , que todos admiraram mas não sabem como aproveitar . Sucedeu-se o mesmo depois com Szondi que , entretanto , foi absorvido mais tarde , devido ao progresso da Genética . A Psicologia de Szondi classifica os indivíduos por critérios hereditários , quer dizer , por fatores genéticos , e na ocasião em que esta tese foi lançada não havia conhecimento científico suficiente para sustentá-la . O conceito de direções da atenção empregado na Astrocaraterologia foi formulado por Klages , e pode ser identificado com as casas astrológicas . Além das direções da atenção , Klages se mencionou a orientação da atenção , que consistiria numa modalidade formalista de apreender a realidade . Tal modalidade não é igual nos seres humanos , mas surge historicamente numa determinada classe social , e se difunde com o desenvolvimento do capitalismo , no qual tudo é avaliado enquanto mercadoria . A partir daí , os processos de valoração assumem uma conotação cada vez mais abstrata , e assim a modalidade formalista gradativamente se expandiu , até se tornar quase dominante na atualidade .

A Caracterologia de Klages propõe a sistematização das inúmeras intuições que se tem a respeito de um indivíduo . A sistematização em si mesma é científica , mas a intuição é irracional ou pré-racional . O que Klages entende como ciência é o que fazemos na prática diária . Existe um conhecimento espontâneo de um ser humano para outro , e isso requer sistematização . Tal teoria não seria científica no seu todo , pois se fundamentaria em dados obtidos por métodos extra- científicos . No conhecimento inter-pessoal o julgamento moral é imprescindível . Por outro lado , não podemos agir de modo idêntico relativamente a um horóscopo , que revela apenas uma parcela do

indivíduo , a qual é moralmente neutra . O estudo astrocaracterológico , ou qualquer estudo astrológico que seja , jamais poderá pronunciar um julgamento moral .

É importante destacar que entre a Caracterologia , tal como Klages a expõe , a Tipologia e a Psicologia geral , verifica-se uma graduação de abstração . O maior nível corresponde, de fato , à Psicologia experimental que isola uma determinada função psíquica das demais , além de isolar essa mesma função do indivíduo concreto . Já a Tipologia relaciona as funções entre si, embora também as separe do indivíduo . Quando se afirma que alguém é um intuitivo- extrovertido ou um intuitivo-introvertido, como na Psicologia de Jung , cada um desses tipos equivale a uma constelação de funções operando simultaneamente . Neste caso , as funções não estão apartadas ; o sujeito é um intuitivo ou é um pensativo justamente porque suas funções se interligam de maneira específica , apesar de estarem consideradas fora da esfera real .

A Psicologia experimental pesquisa a memória ,as sensações , a linguagem , etc , de forma compartimentada e , portanto , não trata do ser humano nem enquanto gênero , e sim de funções genéricas . Não se pode imaginar , por exemplo , uma pessoa composta somente de linguagem , ainda que se possa escrever um livro sobre a Psicologia da Linguagem , o qual , entretanto , não se referirá ao ser humano real , mas a uma função concebida abstrativamente . Na Tipologia cada tipo é consequência da integração de um conjunto de funções , observadas separadamente do restante do indivíduo . Na Tipologia de Le Senne, quando um sujeito é emotivamente secundário , ou mesmo quando é emotivo, há um número de funções comprometidas na emotividade , como a memória , a atenção , a linguagem , etc . Contudo , ele é um emotivo independentemente de ser , numa outra Tipologia , um somatotônico ou um viscerotônico . A Tipologia delimita um grupo de funções que distinguem os indivíduos , e é exatamente a interação delas que produz um tipo .

Na Caracterologia o que interessa não são as funções , mas exclusivamente o indivíduo singular , o qual é captável ou pelo método narrativo ou pela sua presença efetiva . Todo conhecimento que obtivermos da Tipologia ou da Psicologia experimental jamais se converterá em autoconhecimento , sequer em conhecimento do semelhante , porque os conceitos gerais são unicamente potenciais . O caminho do conhecimento da própria alma e da alma alheia se faz através da narrativa e da intuição direta . Este é o modo de se compreender plenamente um indivíduo, ou seja , contar sua história , tecendo uma unidade , assim como um romance . Aliás , a finalidade do romance é sempre narrar uma vida humana , que não exige ser analisada em detalhe , mas globalmente , apresentando uma linha de desenvolvimento coerente e não uma sucessão de fatos desconexos .

No momento em que acompanhamos o desenrolar de uma vida, constatamos que ela nunca é igual a nenhuma outra , pode até ser parecida em certos aspectos , mas o que importa é marcar sua originalidade . Aprender isto é mais valioso do que estudar as Tipologias , a Psicologia experimental , etc . Quando tal fato é ignorado pelo profissional que se dedica a uma corrente da Psicologia , ele termina por incorrer em um desfiguramento da imagem humana , o que acarreta erros de difícil correção . Por exemplo , se não temos uma profunda simpatia pelo ser humano , se não temos habilidade para ver sua vida como um conjunto e praticamos a Psicanálise , devemos lembrar primeiramente que ela formula uma única pergunta , que é concernente ao desenvolvimento normal ou traumático da libido . Este é um prisma extremamente abstrato , que só percebe uma parte do todo que compõe um indivíduo . A Psicanálise não possui uma psicologia da linguagem, da memória ou das sensações, porque trata apenas das etapas do desenvolvimento da libido e do resultado desse processo . Isto é informar muito pouco sobre o ser humano , e somente ganha sentido se for colocado

dentro do esquema geral da vida . O desenvolvimento da libido afeta de alguma forma a trajetória de uma existência . No entanto , se não dispomos de uma visão abrangente do percurso de uma pessoa , para que serve conhecer a libido dela ? Se Freud afirmou que todos temos Complexo de Édipo, cabe-nos , então , avaliar o peso disto no contexto de uma vida .

No aprendizado da Psicologia impõe-se uma seqüência de prioridades . A chamada Psicologia literária exercida por grandes escritores , como Flaubert e Dostoievsk , supera a Psicanálise , na qual o cliente oferece uma história ao analista , mas o problema é saber se este é dotado de inteligência narrativa . Para se tirar proveito da Psicanálise é necessário ter inteligência narrativa . O próprio Freud era um leitor voraz de toda a literatura universal , e desenvolveu o senso da biografia, embora isso não tenha sido incorporado ao conteúdo explícito da Psicanálise . Já Jung tinha o senso da presença do outro , como o tinha também Dr. Muller . É preciso manifestar um destes pendores , de preferência os dois , para se entender que dentro da totalidade da vida humana , alguns aspectos podem ser acentuados , como aqueles que são abordados pela Psicanálise . Devemos saber não apenas que as pessoas possuem motivações inconscientes , mas qual o papel de um motivo inconsciente na produção de um ato . Na absoluta maioria dos casos , os motivos inconscientes representam meras peças que são conduzidas pelos motivos conscientes ; raramente vemos uma motivação inconsciente autônoma determinando um ato . Em situação de normalidade , o inconsciente funciona de acordo com os propósitos conscientes . Ademais , uma motivação inconsciente , quando não referenciada à outra consciente , não possui significado . Uma motivação inconsciente somente adquire relevância através de uma motivação consciente para contrastá- la, enquanto esta última vale por si mesma . Conhecer o indivíduo pela sua motivação consciente é conhecê-lo tal como ele próprio se explica . Atribuir tudo ao inconsciente pode levar à distorções provocadas pela inversão na ordem da observação .

É lícito se admitir uma motivação inconsciente , quando as motivações conscientes fracassaram , embora em todo ato a motivação consciente predomine por ampla margem . De acordo com Freud , existe um desvio causado pela motivação inconsciente , mas esta não suplanta a consciente . No ato falho , por exemplo, a repetição de uma palavra , quando se quer dizer outra , indica uma espécie de desvio padrão , ou seja , certas palavras são esquecidas por simbolizarem núcleos de intenso sofrimento inconsciente . O sujeito esquece uma palavra porque ela fará reviver pessoas ou fatos que ele não deseja lembrar naquele momento . Porém , isto só é considerado se acontecer um grande número de vezes .

O sentido de integridade do objeto em Psicologia é fundamental , pois este objeto que se está examinando é um ser humano , que chama a si mesmo de " eu " , que pretende ser auto- consciente dos seus atos , e que poderia ser encarado , por um terceiro, como um feixe de reflexos condicionados inconscientes . Na medida que afastamos o outro do motivo consciente , estaremos captando-o segundo o que ele não é , de tal modo que construímos um objeto suposto , que no máximo pode ser um componente da personalidade , mas nunca o centro dela . Abordagens como o Reflexo Condicionado ou a Psicanálise , não elucidam o ser humano real , tratando sim de partes que se incorporam à individualidade , a qual é compreensível unicamente pelos métodos narrativo ou intuitivo . Cabe , portanto , utilizar a Caracterologia de Klages como um instrumento auxiliar na apreensão do individual .

Em qualquer ciência o objeto de estudo pode ser destacado do investigador , mas na Psicologia em nenhum momento isto ocorre . Uma Psicologia que não se aplique de imediato ao observador não é legítima , e essa foi uma descoberta da Psicologia moderna . Na época de Aristóteles não era assim , e na Psicologia experimental também

não . No século XX chegou-se a conclusão que a Psicologia compromete quem a pratica . Ela não pode ser exercida sem uma busca de autoconsciencia ; ninguém pode propor uma Psicologia do ser humano se colocando magicamente de fora . Temos, então, de um lado a Psicologia experimental , que analisa as funções , e a Tipologia que elabora os tipos ; e de outro lado , a inteligência narrativa e a intuição da presença humana concreta . A formação adequada em Psicologia deveria se iniciar com a Psicologia espontânea , que se desenvolve através da literatura e do contato inter- pessoal , inspirado no interesse e no amor pelo ser humano. Dentre todas as correntes psicológicas , a mais plena de razão é a Psicologia espontânea , pois o conhecimento do homem pelo homem é sempre a instância decisiva . Conhecimentos psicológicos que não correspondem a uma visão real do indivíduo requerem prudência ao lidar , pois o essencial é a evidencia direta que se tem do ser humano .

No processo de autoconscientização nos tornamos uma testemunha fidedigna de nossa própria vida . Este é o dom de se perceber , contando a história pessoal como de fato se passou , sem as distorções que ajustam as recordações às conveniências do momento . Nietzsche tem uma frase famosa que ilustra bem isto : - " minha memória diz que eu fiz , meu orgulho diz que eu jamais poderia ter feito , minha memória , então , cede " . Nietzsche é um exemplo de psicólogo espontâneo , embora revelasse uma atenção obsessiva à falsidade , à maldade . Não nos referimos aqui ao esquecimento por repressão , quando estamos impedidos de lembrar determinados acontecimentos , pois isto implicaria na reativação de sofrimentos profundos . Trata-se de resistência mesmo , quando não se recorda porque não se quer .

Mais adiante verificaremos que na casa onde está situado Saturno no mapa astrológico , é difícil levar alguém a notar o que recusa , porque nessa casa se constrói todo um sistema de interpretação do mundo , e para entrar um dado novo é necessário mudar essa estrutura , o que simplesmente não é aceito . Suponhamos que uma pessoa tenha Saturno na casa IV , e se pretenda demonstrar que em uma ocasião ela foi impiedosa com outra . Isto exigirá muito tempo e terá um efeito arrasador . Se tentarmos dizer para um sujeito com Saturno na casa I que ele fez uma expressão agressiva , ele negará ou argumentará que o outro é hipersensível , ou seja , nunca admitirá que os demais indivíduos entendem a realidade de forma diferente da sua . Em tal caso seria preciso transformar a esquematização racional , representada por Saturno , que rejeita uma informação por mera preguiça de rever uma questão complexa . O estudo da Astrocaraterologia exige a assimilação existencial dos conceitos , isto é , saber discernir quando se manifestam concretamente para nós mesmos e para os outros .

Enfatizamos mais uma vez a importância da Psicologia espontânea , cuja substituição pela Caracterologia ,Tipologia ou Psicanálise , seria pura alienação da identidade específica do ser humano . Compreender o outro é ter capacidade de discriminar seus motivos , intenções e valores , comparando-os com modelos universais de uma ordem moral baseada no direito natural . Deve-se esclarecer ainda que a Astrologia jamais significou autoconhecimento . Na Astrocaraterologia isto ficará evidente , quando aprendermos que as posições planetárias são vistas com maior clareza à partir de outros enfoques . Ao contrário das técnicas astrológicas correntes , que sugerem identificação com tudo que é dito, na Astrocaraterologia não há auto- identificação . No entanto , quando se observa a pessoa desde fora sua descrição se confirma com exatidão .

TRANSCRIÇÃO / DIGITAÇÃO : CHRYSTINA MARIA FAGUNDES
REVISÃO / EDIÇÃO : SONIA DE CASTRO RAMON